

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

SIRA NAPOLITANO

**VEREDAS DO FEMININO:
DA PSICOSSOCIOLOGIA COMUNITÁRIA À FRATERNIDADE**

Franca
2006

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

SIRA NAPOLITANO

**VEREDAS DO FEMININO:
DA PSICOSSOCIOLOGIA COMUNITÁRIA À FRATERNIDADE**

Tese apresentada à Faculdade de História,
Direito e Serviço Social – UNESP/Franca-SP,
para obtenção do título de Doutor em Serviço
Social (Área de Concentração: Serviço Social
– Trabalho e Sociedade)

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Irene Sales de Souza

Franca
2006

SIRA NAPOLITANO

**VEREDAS DO FEMININO:
DA PSICOSSOCIOLOGIA COMUNITÁRIA À FRATERNIDADE**

BANCA EXAMINADORA

Presidente _____

Profa. Dra. Irene Sales de Souza

1º Examinador _____

2º Examinador _____

3º Examinador _____

4º Examinador _____

NO CÉU DE MINHA VIDA...

Era uma vez, no tempo de menina, nas tardes quentes de minha terra, eu gostava de me deitar no chão para olhar os flocos de algodão no céu, nuvens brancas no céu azul. O passatempo era descobrir figuras, coisas e pessoas no movimento das nuvens, imagens significativas que vivem comigo.

Hoje no céu de minha vida, os desenhos mais concretos tomam formas amorosas, épocas passadas e presentes, saudades apertadas dos folguedos de criança.

Nunca deixei de contemplar a natureza, nos momentos mais difíceis lá está uma nuvem, morada do papai e da mamãe, que hoje, mesmo não estando mais aqui, sinto presente todos os seus ensinamentos. Outro desenho tão procurado, figuras afetivas inscritas pelos flocos, meus irmãos, Samuel, Sérgio e Solange.

Muitos reis, muitos príncipes e muitos sapos passaram por esse céu, nenhum deles tão forte quanto o amor e a sensualidade do Magnus, que de tanta intensidade, em parceria fizemos a nuvem colorida, alegria presente que é Maysa.

Árvores e frutos, rostos e máscaras, um balão aqui, outro chapéu ali, na harmonia e desarmonia do movimento, as figuras dos meus clientes – manancial de conhecimento, meus alunos – sonho encantado. Eis que no céu, nuvens mais densas formam o Grupo Educacional Veredas, bosque de rica flora, campo fértil donde surgiu o desenho de contornos e linhas profundas, o grupo de mulheres, abrilhantando de sons e cores os meus dias.

Como nos dias quentes, nuvens pesadas e escuras também aparecem mostrando que a vida é surpreendente, faz e desfaz sonhos, flocos de algodão que de brancos se tornam violetas. Os dias nublados servem para o repouso e elaboração, sempre na esperança que num outro dia, a dança das nuvens traga aventura para o céu de minha vida.

Sira Napolitano

MINHA GRATIDÃO

No final da tarde o cansaço
Respirou fundo...
Fechou os olhos...
Num movimento se projetou...
A vida terminou e começou...
Nilton J. Ferreira

- À Prof^a. Dr^a. Irene Sales de Souza, pela oportunidade de ser minha orientadora.
- À Cida, por ter sido a “dona da casa” em minhas ausências.
- À Heloisa M. Mendes, pela doçura de nossas conversas sobre AD.
- Aos professores e funcionários que tanto me ajudaram na UNESP.
- Ao Luís Henrique V. Guiraldelli, pela preciosa digitação.
- Ao amigo Antônio C. Peron, pelo incentivo na hora certa.
- Aos professores Regina Helena Bastianini e Luiz de Oliveira Cruz , pelo grandioso trabalho com o Grupo Educacional Veredas.

RESUMO: As Universidades tem produzido muito conhecimento sobre as relações de gênero, o que não significa que essas pesquisas têm beneficiado à sociedade. Foi pensando em levar à população os conhecimentos da academia, que propus a formação de um grupo de mulheres da periferia de Franca/SP. Minha pesquisa se trata desse grupo de mulheres que, durante três anos de trabalho comunitário, vem se desenvolvendo e construindo um espaço de intercâmbio entre a universidade e a população menos privilegiada. Por meio da Análise do Discurso das mulheres, observei o fenômeno tensão fraterna, como um conjunto de procedimentos, posturas, gestos e práticas que efetivamente levam ao crescimento do espírito coletivo, fortalecendo as condições de vida comunitária e expandindo uma rede social de solidariedade. Procuro narrar a história do grupo desde sua origem, bem como apontar o “Grupo Educacional Veredas” no Jardim Recanto Elimar, como lugar privilegiado para o trabalho comunitário, e que tão generosamente abrigou a minha proposta. Penso que o conhecimento produzido pelas academias deve favorecer a quem é de direito: a sociedade, porque afinal é a promotora de nossas pesquisas.

RESUMEN – Las Universidades tiene realizado mucho conocimiento sobre las relaciones de genero, o qui no significa que estas pesquisas tiene beneficiado la sociedad. Fue pensando em llevar a la población los conocimientos de la academia, qui ofreci la formación de un grupo de mujeres de la periferia de Franca/SP. Mi pesquisa si trata de este grupo de Mujeres qui, durante tres años de trabajo comunitario viene si desarrollando y construyendo un espacio de intercambio entre la universidad y la población menos privilegiada. Por medio de la Analise do Discurso de las Mujeres, observe la fenomeno tensión fraterna, como un conjunto de procedimientos, gestos y prácticas qui efetivamente llevan al crecimiento del esprito coletivo, fortaleciendo las condiciones de vida comunitaria y expandido una rede social de solidariedad. Procuro decir la historia del grupo desde su origen, ben como apuntar el “Grupo Educacional Veredas” en el Jardim Recanto Elimar, como lugar privilegiado para el trabajo comunitário, y qui tan generosamente abrigo mi propuesta. Pienso qui el conocimiento produzido pelas academias deven favorecer la quien és de derecho: la sociedad, porque és la promotora de nosotras pesquisas.

SOMMAIRE: Les Universités ont produit beaucoup de connaissance sur les rapports de genre. Cela ne signifie pas que ces recherches aient bénéficié la société. A propos d'apporter vers la population les connaissances de l'Académie, j'ai proposé la formation d'un groupe de femmes habitant dans la banlieue de Franca/SP. Cette enquête a comme sujet ce groupe de femmes que, pendant trois années de travail communautaire, a développé et a construit un espace d'échange d'informations et d'expériences entre l'Université et la population défavorisée sans accès à l'éducation. Au travers de l'analyse du discours de ces femmes, j'ai observé un phénomène de "tension fraternelle" comme une combinaison d'attitudes, de gestes, pratiques qui conduisent à la croissance d'esprit collectiviste, revigorant ainsi les conditions pour avoir une vie communautaire et donnant des opportunités pour développer une société plus solidaire. Je raconte l'histoire de ce groupe depuis l'origine et je montre le GRUPO EDUCACIONAL VEREDAS, situé au JARDIM RECANTO ELIMAR, à Franca (ville situé dans l'État de São Paulo), comme un lieu privilégié pour le travail communautaire qui a accueilli avec générosité mon travail. Je pense que le savoir produit par les Académies se doit de favoriser ce qui est vraiment son objet: la société, qui est enfin la promotrice de nos études.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A PRIMAVERA	10
I- MEMORANDO	13
II- RECURSOS METODOLÓGICOS	33
III- OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA	53
• Tema Comunidade	55
• Tema Gênero 1	71
• Tema Gênero 2	91
• Tema Individualismo	113
• Tema Fraternidade	139
• Tema Relações Sociais de Bairro	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS: O OUTONO	190
BIBLIOGRAFIA	201

INTRODUÇÃO: A PRIMAVERA

A estação da primavera é propícia ao início de aventuras. É o momento de preparar os ânimos para receber os frutos e as flores, tempo de fertilidade. A primavera tem aqui a tarefa de anunciar e apresentar o meu trabalho de pesquisa.

No século XIX houve uma onda de esperança na fraternidade, perdida pelas desilusões políticas, científicas e sociais no século XX. No início do século XXI, nasce o “Grupo Veredas” contrariando todos os índices de uma sociedade em colapso, como projeto pedagógico na periferia de Franca/SP. Maquiavel (1469-1527) dizia que o homem sofre mais com a perda do patrimônio do que com a perda do pai, esteve errado em pelo menos um ponto, a morte do pai na Modernidade foi tão sentida, que os fios da ruptura social ainda se fazem ouvir pelos recantos das favelas, nas instituições políticas e nas famílias.

O Grupo Veredas é um “oásis no deserto”, uma jóia do Jardim Recanto Elimar, uma proposta social de correção das injustiças e da exclusão a que a população das periferias está submetida. O trabalho comunitário em toda sua profundidade, tem sido vivenciado por esse grupo que mais do que me acolheu e ao meu projeto, abrigou um grupo de mulheres que com muito esforço se formou, passou pela infância e está tentando chegar à juventude. Optei pela Psicologia Comunitária como consequência do Serviço Social. Meu olhar se ampliou com o Pós-Graduação no Serviço Social. Minha forma de ler o sujeito foi profundamente alterada com as contribuições das ciências sociais aplicadas advindas do contato com assistentes sociais na academia.

Minha tese de doutorado é o produto de uma narrativa de histórias; conto a vida de mulheres, conto as experiências discursivas de um grupo que, não por acaso, encontrou no Veredas, a chance de expor suas histórias. Desenvolvi meu trabalho no fio da emoção entre o percurso que vai de uma visita informal a uma ligação de laços fraternos. Meus objetivos, desde o princípio, se pautaram na construção de pontes extensivas entre a universidade e a população, mais tarde descobri que construí pontes

entre mim e o grupo. O tema “Relações de Gênero” foi extensivamente pesquisado no Mestrado, que descortinando um universo de minha intimidade, possibilitou pensar em viver a pesquisa produzida pela academia, nas ruas da sociedade. A academia promoveu muita teoria, possui muitas visões, infindáveis atores, é preciso protagonizar essas pesquisas nos cenários variados da sociedade.

Como mulher, procurei uma escuta diferenciada, não uma teoria, até porque desconfio que elas não dêem conta do ser humano, procurei uma escuta dialogada e partilhada com o grupo de mulheres da periferia. Encontrei muito mais que procurei, o grupo é mais que sonhei, ele é um oásis em meio ao deserto caótico de um momento difícil da sociedade. Como o projeto é pessoal, decidi contá-lo em primeira pessoa do singular, eventualmente em primeira pessoa do plural quando se trata de um referencial do grupo.

Esse não é o único traço de personalidade, a descontração, a metáfora e a forma como apresento o tema é um diferencial nesse trabalho, que longe dos moldes positivistas, percorre os lugares da subjetividade, e do diálogo com tudo que afeta o sujeito. Discuto a fraternidade como estratégia de sobrevivência social e suas possibilidades no discurso feminino, contrariando a maldição da horda primitiva no mito psicanalítico.

Na primeira parte, procurei restaurar a memória sobre a gênese e desenvolvimento do Grupo de Mulheres, localizando o “Grupo Veredas” e seus objetivos como marco geográfico e pedagógico do meu sonho de levar conhecimento às mulheres da periferia de Franca/SP. Chamei esse capítulo de Memorando, pois se trata da lembrança dos primeiros tempos do grupo.

No segundo capítulo, dispus dos Recursos Metodológicos como escolha técnica e pessoal da articulação entre Lingüística, Psicanálise e Ciências Sociais. Discuto nessa sessão a AD* Francesa e seus rios afluentes como a Ideologia e a Psicanálise, contornando o sujeito da pesquisa nas várias abordagens teóricas. O grupo de mulheres como unidade significativa, como destaque investigativo, mereceu receber o nome de estudo de caso, organizado para sustentar os instrumentos da AD, uma vez que meu interesse foi me aproximar dos discursos.

* Análise do Discurso (AD): abreviatura utilizada pelos lingüistas.

Sigo para o terceiro capítulo, apresentando os temas que foram trabalhados com o Grupo de Mulheres. Exponho os enunciados, analiso, provoco debates e estratégias de ação que já se efetivaram no campo ou cenário. Os temas foram assim dispostos:

- **Comunidade** → conceitos e contribuições da Psicologia/Sociologia/Filosofia. Localização do Grupo Educacional Veredas. O grupo de mulheres como comunidade.
- **Gênero** → em duas etapas, discuto o conceito de chefe de família e o filme “Pão e Tulipas”, pretextos e ilustrações, como espaço de reflexão sobre as Relações de Gênero.
- **Individualismo** → sua localização nas sociedades modernas, a história e seu antagonismo nos grupos sociais. O grupo em contato com sua ambivalência, se descobre no discurso individualista.
- **Fraternidade** → a partir das experiências de solidariedade do grupo, penso a alteridade como o que vem antes da solidariedade e a fraternidade como categoria fundamental, estratégica dos grupos sociais.
- **Relações Sociais de Bairro** → na observância comunitária, busco, enquanto grupo, romper com as paredes do lugar de conforto para se encontrar com outras comunidades. O bairro é a referência, primeiro espaço, além do ponto comunitário.

Esclareço ainda que esse trabalho não tem capítulos de pesquisa bibliográfica, tampouco a abordagem de teorias. Meu recorte é a pesquisa de campo, minha interação dialógica com o grupo. Optei por essa sistematização para que pudesse expressar, testando minha capacidade em conjugar os conhecimentos obtidos de uma vida dedicada aos estudos. Nesse sentido, não se trata de um trabalho convencional, mas uma criação e elaboração da prática comunitária. Espero nesse instante quebrar a solidão da confecção do texto, comunicando o amor,

... e assim, quando mais tarde me procure, quem sabe a morte, angústia de quem vive, quem sabe a solidão, fim de quem ama, eu possa me dizer do amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure (VINÍCIUS DE MORAIS).

I- MEMORANDO

A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.

Gabriel Garcia Márquez

Lembrar e contar um momento especial é como reviver e atualizar aquela experiência. Lembrar é esculpir a pedra bruta, trabalhar o pensamento, localizar os desejos, as imagens e encaminhá-los ao conhecimento. Lembrar exige um espírito aberto, coragem diante dos fatos vividos, porque é repetição diante das dificuldades, senão de outro modo a realização de um sonho.

Há um tempo para fazer e um tempo para recordar. Vivo agora o tempo da lembrança do início de um trabalho, é a narrativa da história de um projeto que se tornou pouco a pouco a história de vida de um grupo de mulheres.

A função social da memória é o relato dos mistérios do universo, das riquezas e diversidades que se deram a conhecer por meio das experiências. Quando a sociedade fica vazia de significados, empurrando as pessoas para uma perda do sentido da vida, a lembrança de tempos melhores se converte em retomada do caminho. A vida ganha uma finalidade, encontro com projetos e ressonâncias com o presente e o futuro (ECLÉA BOSI, 1983, p.39-40).

A finalidade de tratar a memória como fenômeno social e emocional é reconstruir ou estudar os princípios que me levaram a trabalhar com um Grupo de Mulheres da periferia de Franca/SP. Esse tratamento da lembrança não seria possível sem o substrato da percepção, da consciência e da memória, revelação daquilo que sobrevive em mim do fascinante convívio com aquelas mulheres.

No ano de 2002 terminei o mestrado com o intrigante tema das relações de gênero; não fosse pela certeza de que o fim de um trabalho significa mais e mais perguntas que respostas, teria levado a minha inquietação para o sentido da tristeza. Sobrou daquela dolorosa vivência, um forte desejo de caminhar da academia para a sociedade, realizar as teorias acumuladas em torno da imensa bibliografia, enfim agir sobre os apontamentos que tão comumente fazemos aqui no Pós-Graduação com nossas pesquisas. Escolhi realizar o trabalho com mulheres da periferia porque são elas

que têm menos oportunidade de educação e informação; não fosse também o desejo de deselitizar a profissão, já seria um grande motivo conhecer a vida dessas mulheres.

Minhas considerações extraídas da pesquisa no mestrado que teve como tema Gênero, Educação e Preconceito, não deixaram dúvidas sobre o porquê trabalhar com um grupo de mulheres.

Pode-se constatar nos últimos anos que a mulher fez grandes progressos em vários segmentos da sociedade, onde surgiram novos estilos de vida e novas formas de relação. A mulher com a consciência de suas potencialidades de sujeito, capaz de contribuir com o mundo muito além das fronteiras privadas do lar e da maternagem, vem construindo um caminho sólido de ações políticas, sociais e emocionais. A mulher de posse do seu próprio espaço como pessoa e cidadã, foi e é capaz de ser, apenas em sua autorização e, não mais no pedido de permissão ao homem. A mulher que sabe e compreende o que quer, deixa de ser mistério para a Psicanálise, para o homem e para ela mesma, pois saber e compreender a si é partir para uma inscrição no mundo como alguém que tem condições de se relacionar consigo e com o outro, aspiração mais nobre de toda humanidade, aceitando e respeitando as qualidades e limitações inerentes à condição humana (NAPOLITANO, 2002, p.123).

O despertar continua sendo necessário, a educação tem que continuar seu ciclo, até porque muitas transformações têm ocorrido no mundo, uma nova inscrição mundial pede discussões sobre as relações de gênero, sem falar que nossas pesquisas sobram nas prateleiras das academias sem chegar ao conhecimento da maioria das mulheres pobres de nosso país.

Na ocasião tive conhecimento de que um conjunto de profissionais atuava no bairro Jardim Recanto Elimar com o objetivo de desenvolver atividades educativas e culturais, melhoria da qualidade de vida comunitária, procurando promover a interação entre trabalho social e político, oportunidade de lazer e desenvolvimento de oportunidades, cujo nome sugestivo para esse fim é “Grupo Educacional Veredas”.

A instituição foi construída no ano de 1997, em regime de mutirão e conta ainda hoje com a participação de professores, advogados, médicos, dentistas, engenheiros, funcionários públicos, psicóloga, estudantes universitários da Unesp – Franca e moradores do bairro, sem vínculo religioso e/ou partidário. Não é um projeto de política pública da administração municipal nem tampouco da iniciativa privada de empresas, a proposta é o trabalho educativo solidário.

Ressalto aqui alguns objetivos fundamentais do Grupo Veredas que se traduzem certamente em formas de atuação e detalhamento de estratégias para a eficácia do trabalho, presentes no estatuto do grupo:

- Contribuir para que todos os interessados desenvolvam o domínio da cultura letrada como meio de compreender e atuar no mundo, com os cursos de alfabetização de adultos, biblioteca com 6000 volumes e plantão de professores.
- Promover a disseminação de conhecimentos científicos básicos indispensáveis à saúde física e mental, com as conferências, cursos e biblioteca.
- Propagar a diversidade cultural brasileira, no que diz respeito às diferenças e estimular a produção literária e artística por meio de cursos de dança, teatro e filosofia.
- Contribuir para a valorização da educação como instrumento de desenvolvimento pessoal e social e como forma de justiça social nos cursos de datilografia, computação, espanhol, kung-fu, desenho e pintura, grupo de mulheres, curso de inglês e orientação para a higiene bucal.
- Promover para que as pessoas tenham acesso ao saber, oportunidade de desempenhar de forma consciente seu papel na sociedade, debatendo na busca de soluções para os problemas locais, relacionando-os aos problemas nacionais.

O projeto conta com a prestação permanente de serviços desses vários profissionais conscientes da sua função de responsabilidade social, alicerçados na certeza de estarem cumprindo um dever de cidadania, um compromisso consigo e com o outro, devolvendo à sociedade as oportunidades e privilégios que ela mesma oferece.

O espaço de trabalho comunitário possui um prédio próprio disposto em cinco salas, um anfiteatro, biblioteca com 6000 volumes, cozinha, dois banheiros e almoxarifado. Os anos de esforços trouxeram as condições necessárias para fazer um jornal que circula por todo o bairro e algumas adjacências com o propósito de ser a divulgação dos serviços que o Grupo Veredas oferece, bem como informar a

população local dos assuntos relevantes para a comunidade. Inicialmente tentaram alcançar os habitantes do Jardim Elimar, a médio prazo a intenção é estender o trabalho para outros bairros.

Quando tomei conhecimento de toda essa estrutura, me encantei com a grandiosidade desse projeto, vindo à minha compreensão a mais viva nitidez de que lá existem de fato práticas de intervenção social, que se afastam das ações assistencialistas baseadas em dependência e reprodução de padrões viciosos de comportamento. Lá se prioriza a educação que desamarra a pessoa da ignorância e da falta de oportunidades. Esse oásis veio de encontro aos meus anseios, veio me ofertar um lugar para trabalhar aquela proposta de sair da universidade, da teoria e dos textos para agir sobre quem é de direito e interesse que é a população. É claro que não sabia das dificuldades que viria a enfrentar, afinal tinha em minha pasta, além dos papéis, somente sonhos e desejos.

Nunca acreditei no trabalho social sem o respaldo da educação, penso sim nas ações comprometidas em levar o sujeito a pensar, sentir e fazer por si. Penso que o trabalho realizado na comunidade do Veredas tem em sua base a troca justa, a consciência de que cada um de nós deve fazer sua parte para termos uma outra sociedade. Lá, não se distribuem cestas básicas, nem auxílio financeiro, cada um dos membros participantes oferece uma parte de seu tempo livre e do seu conhecimento formando uma rede de informações e interação social. Percebi desde logo que a iniciativa desses profissionais vai muito além de não esperar do Estado as providências necessárias aos projetos sociais, a iniciativa caminha em direção à idéia de que o Estado somos nós, principalmente os que conseguiram sobreviver, evoluir dentro dos espaços das instituições públicas, lugar aliás em que a mulher tem estado presente só há bem pouco tempo (SAFFIOTI, 1980, p.60-61).

Sei que parece obsoleto falar da anti-caridade já que esse é o termo dessa academia, é o mínimo que se espera para uma faculdade de Serviço Social, porém destaco que essa prática ainda se perpetua pelos trabalhos comunitários, a mentalidade do assistencialismo é fato, e creio ser muito difícil se descolar desse modelo, uma vez que a mudança começa de dentro para fora de cada humano, na solidão de nós

mesmos, de nossa realidade psicossocial, construída histórica, social e emocionalmente a partir de interações conosco e com o outro, esforço diário.

No Congresso Latino Americano das Entidades de Psicologia, na Costa Rica, em março de 2005, esteve em pauta o tema referido e, não sem surpresa o quanto, os ditos agentes sociais, continuam atuando de forma a reproduzir comportamentos totalitários, massificadores e inconscientes. Percebi que as escolas discursam sobre o social sem penetrar no narcisismo de cada um de nós, sem trabalhar nossa vaidade e a sedução do poder. Somos facilitadores dos benefícios que a população tem direito, sem entender que devemos ser facilitadores comprometidos com a reflexão e a consciência crítica, primeiro de nós, depois do sistema que organiza a realidade social.

Fazer Psicologia Comunitária é estudar as condições da atividade humana (internas e externas) que impedem o homem [e a mulher] de serem sujeitos e, as condições que os fazem sujeitos numa comunidade, ao mesmo tempo que, no ato de compreender, trabalhar com esse homem [e essa mulher] a partir dessas condições, na construção de sua personalidade, de sua individualidade crítica, da consciência de si e de uma nova realidade social (GÓIS, 1994, p.69).

No entendimento de que essa é a missão e, de que essa é a trajetória do Grupo Veredas, por meio do jornal local e das mães que levam seus filhos para a higienização bucal, convidei as mulheres do bairro para formarmos um grupo de reuniões aos sábados pela manhã. O começo tímido, sem jeito, com quatro mulheres apenas se deu em outubro de 2002, ficando acordado de que os nossos encontros aconteceriam quinzenalmente de 8 às 9:30 das manhãs de sábado. Rapidamente a notícia percorreu o Jardim Elimar, trazendo mais e mais mulheres para o Grupo e com elas os primeiros problemas; queríamos coisas diferentes, algumas delas buscavam uma terapeuta, outras, uma bombeira, e ainda outras, uma benfeitora, e eu de forma simples queria oferecer dinâmicas de grupo, práticas lúdicas, temas variados sobre gênero para serem dialogados e ainda mais, desejava transformar minha pequena experiência em um projeto de doutorado. Quanta ingenuidade!

É preciso lembrar como disse então Ecléa Bosi (1983), da memória dos problemas, das pedras no caminho; houve muita frustração, muita dissidência, e em meio aos destroços, sobrou mais que o colar de Harmonia na tragédia de Sófocles,

“Sete contra Tebas”, sobrou o projeto de doutorado admitido pela Prof^a. Dr^a. Irene Sales Souza, o que foi motivador para que buscasse a literatura necessária para trabalhar com grupos e a psicologia comunitária. A boa vontade não basta, é preciso ter equipamentos, estruturas para manter e fazer funcionar um grupo. O preparo implica percorrer um caminho de sortilégios que vai desde a compreensão das primeiras noções de grupo como família, escola, até os grupos mais complexos por sua multiplicidade de pessoas e valores como o Estado, os Grupos Comunitários, Sindicatos, Organizações Públicas, Partidárias e Religiosas (ZIMMERMAN, 1997, p.123).

Outro aspecto conceitual me pareceu relevante para a compreensão desse trabalho, sendo ele o referencial teórico sobre comunidade, marcadamente entendida como lugar que reúne pares, ela é um agente social capaz de realizar a teoria crítica por meio de um movimento de resistência e reivindicação. O objeto da comunidade é promover a transformação da consciência de classe em si para consciência de classe para si, sendo que nessa medida, não é um espaço de organismos homogêneos, ou de visão de que todos os homens e mulheres são iguais em desejos e necessidades, mas que têm algo em comum que são interesses em militar a favor da superação das adversidades (SAWAIA, 2003, p.46).

Uma das grandes contribuições no rastreamento desses instrumentos para trabalhar com o Grupo de Mulheres foi me encontrar com a Psicanálise de Grupos, uma abordagem nova para mim que tive no trabalho individual a prática de uma vida inteira, não podendo me esquecer da riqueza da psicologia social e da filosofia que se constituíram verdadeiros alimentos promotores do meu crescimento. Da soma dessas diversas áreas, extraí o saber de que, a experiência social e emocional oferece aprendizagem em diferentes planos:

- 1- O sujeito que conhece a si mesmo.
- 2- O sujeito que conhece o outro por meio dos vínculos com os grupos (família, escola).
- 3- O sujeito que conhece a si e se encontra com a sociedade.

A trajetória que percorre o sentido individual, grupal e social deve permear a política de ação social e ser mais que compensatória para a população menos

privilegiada, deve ser o espaço para o crescimento de gente que tem direitos e responsabilidades, mas que tem, sobretudo, que ser despertada para sua realidade interna e externa. Compreendi que minha função, mais do que ter essa visão ampla e ser uma profissional que opera com esses dados, é buscar a visão humanística interativa, integradora, me preparando melhor e a essas mulheres para os desafios do dia-a-dia.

Aprendi que a frustração é parte da constituição dos grupos, como qualquer aspecto da condição humana é uma lei dentro do seu modo de funcionamento obedecendo a extremos como coesão e distanciamento, interesses comuns e divergentes, um perfeito laboratório de vida. Portanto, deveria lidar com ela como meio ou material, e não como fim em si mesmo, deveria enfrentá-la e não me desmotivar com ela. É verdade que nossa tendência, característica absolutamente humana, mas discutível, inclina-se para uma pressão no sentido da uniformidade, como consequência o grupo rejeita aquilo que se desvia de um padrão de valores e interesses. Meu papel então, a partir dessa consciência, teria que ser a formulação de um parâmetro para discutir o novo e o diferente como solucionador de problemas, como contribuição para pensar sob outro ângulo, um assunto que poderia, inconscientemente, ser comum; daí o esforço para unir as várias pontas, os vários interesses, as diversas determinações (LAPASSADE, 1983, p.71).

Investi tempo e afeto após as férias do grupo em 2003; o “Grupo Educacional Veredas” encerra suas atividades duas vezes por ano, coincidindo com as férias escolares de julho, dezembro e janeiro, temporada de reuniões, avaliação do trabalho comunitário, discussão de estratégias e resultados, mas também um recesso de descanso, afinal a disposição necessária para essa finalidade é muito grande, exigindo um envolvimento custoso e permanente.

Com o desejo afinado com o querer, como diria Jorge Forbes (2004), parti para a comunidade me convidando a incrementar nossas reuniões com a tentativa de abrigar os muitos movimentos do grupo, fazendo e desfazendo desejos, tratando de dar um sentido, uma cara e um corpo para as angústias e alegrias trazidas na esteira dos fios de nossas conversas. Propus muito trabalho, sobretudo empenho, nenhuma solução milagrosa, já que sempre foram inúmeros problemas, pensar e escutar umas às

outras poderia ser uma saída para quem queria que eu apagasse rapidamente o incêndio, para quem desejava pleitear uma cesta básica, ou leite, ou mesmo para quem queria uma psicóloga para si ou para o filho por não estar conseguindo uma pelas vias públicas.

Quem fez grandes investimentos pessoais na conquista de algum intento, sabe o que estou querendo dizer; quando apresentei as dificuldades e sacrifícios que seriam necessários para dar andamento ao grupo, minha verdade, já que era uma das únicas coisas que poderia oferecer naquele momento, chamou a atenção das mulheres, que percebendo meu envolvimento, abraçaram o propósito, fazendo com que se agregassem ao grupo 16 mulheres, com presença assídua. Foi um voto de confiança, uma tentativa de entrega; apesar do nosso difícil começo, eu havia insistido e ainda mais, estava verdadeiramente convencida de que uma de nossas riquezas, ponto de partida para o convívio seria a contradição,

cada um sabe agora que constituí um signo de elevada cultura, saber suportar a contradição... Mas saber contraditar, o sentimento da boa consciência na hostilidade contra o habitual, tradicional e sagrado – é aí, mas que no resto, que está aquilo que nossa cultura possui realmente de grande, de novo e surpreendente, é o progresso por excelência de todos os espíritos liberados (NIETZSCHE, 1981, p.194).

A contradição é pois, um alicerce, uma manifestação de nossa humanidade, tem a ver com nossa condição psicossocial, assim como é psicossocial a participação comunitária que envolve pessoas que se reúnem em busca de algo comum, que tem a ver com desejos e necessidades de viverem melhor, de serem atendidas algumas reivindicações, impensadas de outra forma. Da reunião surgem mesmo várias contradições, uma vez que há uma expressão de valores colhidos de uma vida de relacionamentos. Disso nasce presumivelmente uma força que Salvador Celia (1997) chamou “energia social” como somatório das participações individuais, que melhor se situam, melhor se organizam, provocando em contrapartida maior interação. Muitos de nós individualmente não conseguiria sobreviver, por isso precisamos da reunião de várias potências para conseguir um pouco ou grande parte do que queremos da vida.

Foi esse o painel de algumas de nossas reuniões durante o primeiro semestre de 2003. Muitas vezes estive insegura de estar ou não tomando o rumo certo, minha

escuta cunhada em conhecimentos livrescos teve por vários momentos a certeza de que a prática com grupos é delicada e obedece a uma dinâmica própria, aquém de toda teoria. Ao término de algumas reuniões saí perdida em meio a sentimentos confusos, marcas de minha interioridade que ora encontrava, ora desencontrava com os sentimentos do Grupo de Mulheres, o poeta Mário Quintana (1995) escreve: “A arte de viver é simplesmente arte de conviver... simplesmente, disse eu? Mas como é difícil?”.

As imagens poéticas me ajudam a buscar nessas lembranças o sinal mais ou menos nítido da minha ousadia, em começar um trabalho de tanta responsabilidade, de tantos percalços sem me dar conta. O primeiro ano de doutorado, mais os meus encontros com a orientadora me deram a exata medida de que seria preciso assumir um posicionamento diante daquela realidade, só admitida por mim em sonho. Lidar com as resistências próprias e as do grupo levou tempo; ainda hoje com o amadurecimento do grupo, com as novas determinações, isso se constitui um desafio a ser enfrentado.

Ainda durante o ano de 2003, segundo semestre, surgiu do encaminhamento próprio das mulheres um pedido pela visita, palestras e reflexões de outros profissionais para a complementação e engrandecimento das informações que eram compartilhadas em nossos encontros. Organizei então um ciclo de palestras e debates com duas ginecologistas, uma dermatologista, um advogado e uma dentista, agendado mensalmente de maneira a que:

- 1- As médicas ginecologistas trabalhassem esclarecimentos sobre sexualidade feminina e masculina, cuidados e prevenção de gravidez e doenças.
- 2- A dermatologista informasse sobre cuidados pessoais, como higiene, segredos caseiros de beleza feminina, para os cabelos, pele e unhas.
- 3- O advogado falasse sobre direitos do consumidor.
- 4- A dentista discorresse a respeito da saúde bucal e do cuidado com os dentes, com a gengiva e prevenção de cáries.

Houve um pedido também pela visita de um assistente social para ouvir sobre o assunto Conselho Tutelar e Previdência Social, mas infelizmente na época não foi possível em função da pesquisa. Entramos em uma fase, no ano de 2004 após exame de qualificação no Pós-Graduação, de que o grupo passaria por um período de coleta

de dados mais específico, no caráter do objeto de minha investigação, o que levou ao fechamento do ciclo de conferências, para serem retomados em um futuro bem próximo.

Disse às mulheres que faríamos um intervalo de suspensão na dinâmica das reuniões para que eu pudesse trabalhar alguns temas de interesse de minha tese de doutorado. Elas concordaram, visto que, retomariamos o processo de palestras e cursos no futuro.

Ao apresentar às mulheres o meu projeto de pesquisa, elas se dispuseram a contribuir com os depoimentos, e obtive uma aceitação integral. Conteí e conto ainda hoje com a colaboração delas, com a participação ativa e comprometida do grupo. É claro que a concordância veio após o esclarecimento de que seriam resguardados segredos de identidades e nomes. Houve até um sentimento de importância em saber que suas falas serviriam para análise de pesquisa.

Meu primeiro pensamento em realizar investigação científica por meio de um grupo de mulheres, teve como indicativo a minha experiência como psicóloga clínica que me mostrou ao longo de tantos anos que o trabalho com o indivíduo, indiscutivelmente promove a saúde e o desenvolvimento do raciocínio e da convivência. Era o momento de verificar um outro lado, desejei saber das possibilidades minhas e de um grupo de viver e produzir desenvolvimento comunitário. Como disse antes, acredito que é preciso viver os conceitos, o material elaborado ao longo da história, de tantas pesquisas realizadas em torno do tema das relações de gênero.

Com a convivência e intimidade com as mulheres da comunidade, outros motivos vieram fazer parte da pesquisa e, deles novos projetos, novos conceitos. Muito material foi produzido nesses três anos, cheguei a ter dúvidas de qual o melhor sentido e o melhor objeto a ser detalhado para a academia. Sei que nossas pesquisas, embora a ciência positivista torne irrelevante esse aspecto, obedece a disposições a priori de nossa interioridade, somos levados por vezes inconscientemente a conhecer mais profundamente aquilo que de alguma forma faz ressonância com nossa história de vida, com anseios ocultos, com emoções ainda por elaborar. Procurando então, ser congruente com essas forças íntimas, decidi por privilegiar entre todo o material a

fraternidade e os sentimentos contraditórios vividos no interior do grupo de mulheres, o que acabou por resultar no objeto Tensão Fraternal.

Se precisei me preparar para entender o modo de funcionamento dos grupos, buscando teorias que ainda não conhecia, deparei-me também com conceitos análogos à fraternidade em outras áreas do conhecimento. Se fratria foi pensada pela Psicanálise de Freud, a solidariedade foi entendida pela psicologia social, enquanto que a alteridade e humanidade são idéias eminentemente da filosofia. Ora, são campos variados, o que pode ser um problema na pesquisa científica, porém creio ser uma semente fertilizada em áreas do conhecimento complementares. Não gostaria de desprezar a bagagem que consegui fazer na trajetória do esclarecimento, antes prefiro conversar na perspectiva dialética, procurando ampliar o saber, como no sentido kantiano, favorecendo a pesquisa, procurando contornos mais consistentes para o objeto.

Um outro esclarecimento me parece fundamental, quando penso a fraternidade e/ou a solidariedade como categoria investigativa, não me reporto ao campo religioso e, tão pouco aos laços consangüíneos entre irmãos. É bastante conhecido que esses conceitos são trabalhados pelas religiões que os articulam com a caridade, enquanto que a biologia que rastreia as indicações da natureza também tem seu modo próprio de entender a fraternidade. Minha maneira de abordá-la está no lugar das ações psicossociais, no modo como convivemos, ou como alguns grupos se organizam hoje, fenômeno preponderante da humanidade, como dizia Agnes Heller (1985) um valor invencível, enquanto houver história, enquanto houver ser humano, haverá substancialidade, o que corresponde a dizer que a fraternidade tanto quanto a humanidade está no ser, indício de desenvolvimento e crescimento das relações sociais.

Certamente são muitos os problemas sociais e os problemas do bairro onde vivem as mulheres do “Grupo Veredas”, os possíveis caminhos de soluções são material constante nos discursos, sendo essa a oportunidade que lhes é apresentada para falar e reivindicar os benefícios, um recurso que bem poderia servir como objeto dessa pesquisa. Com certeza o mapeamento do bairro e sua estruturação vai surgir embutido nos depoimentos que aparecem nesse trabalho que mais adiante se revelará.

Eles são parte promissora na forma como recebemos e como nos relacionamos com o semelhante. A falta, a decadência, o descaso, o abandono das condições de moradia se constituem como que ciladas para a fragilidade e qualidade dos vínculos, mas podem servir também de alavanca para aprender melhor o convívio.

A narrativa que fizeram do Jardim Recanto Elimar foi a de um bairro sem farmácia, sem escola para os filhos, sendo o posto de saúde mais próximo há 3 quilômetros, sem supermercado, fazendo com que os mercadinhos coloquem preços altos para os seus produtos. O bairro fica há mais ou menos 8 km do centro da cidade (Praça da Catedral), o que torna os moradores dependentes de ônibus coletivo. O bairro Jardim Aeroporto I está bem próximo do Elimar, intercambiados por serviços, e os seus habitantes constantemente descem de lá para participarem dos trabalhos comunitários do “Grupo Educacional Veredas”.

As mulheres que são participantes desse grupo que coordeno vivem nesses dois bairros, são trabalhadoras domésticas, donas de casa, operárias da indústria calçadista de Franca, costuram sapatos em casa na informalidade. Algumas são analfabetas, outras semi-analfabetas e apenas uma conseguiu fazer a escola de normalista, no entanto, não trabalha como professora, apenas como cuidadora em casa dos filhos de algumas vizinhas. São pessoas que embora tenham uma casa própria, não têm minimamente atendidas suas necessidades básicas de saúde, alimentação, lazer e cultura. Assisti com frequência falarem da carência da mesa de refeições que não raras vezes era só de arroz ou de arroz e feijão. Presenciei o constrangimento de muitas delas por mal conseguirem assinar o próprio nome.

As queixas variam entre violência doméstica, falta de emprego, intolerância com os filhos, discussões com vizinhos, inapetência sexual, agressividade delas e do marido, dificuldade na educação dos filhos, precariedade financeira e fome, chegando aos casos de estupro. Foi preciso muitos meses de conversa para que contassem suas tristes experiências. Cheguei a escrever em um artigo do jornal, a gratidão que sinto por ser depositária da confiança e das esperanças dessas mulheres, costumo pensar que ao contrário do que esperava, na doce ilusão, acredito que eu mais aprendo, que eu mais recebo do que dou a essas mulheres. Qualquer coisa que é levado para a comunidade, um texto, um artigo, uma história, um filme, é recebido por elas com

carinho, mesmo em presença dos sentimentos e atitudes ambivalentes de raiva e amor, a devolutiva é sempre positiva.

Procurei empenhar a palavra de que a verdade deveria ser a nossa marca, da mesma forma que seria permitido dizer tudo, tudo também poderia ser ouvido, só assim se dá efetivamente o desenvolvimento. Um autor da psicologia social, Cartwright (1950) diz que as relações sociais devem ser uma extensão da auto-percepção individual, uma ponte entre o “eu” e o “nós”. Poder falar e poder ouvir representa um processo de aprendizado que implica em alteração de valores e a compreensão de que algumas pessoas podem mudar e outras não, mas que é fundamental começar por tentar articular o que sai da boca e do que entra no ouvido. A boa comunicação nos influencia, nos pressiona ao entendimento, nos ingressa na comunidade.

Um dos grandes desafios em se tratando do quanto algumas pessoas resistem ou não às mudanças, é a insistente inclinação humana ao narcisismo/solipsismo (eu como única realidade). Desistir do egoísmo, afastar-se da primazia de nós mesmos, faz da Tensão Fraterna a alma desse grupo que por tantas vezes experimentou a dicotomia dos sentimentos, enfrentando hostilidades, rancores, mágoas presentes e passadas. Aceitar o semelhante sendo diferente, receber o outro que é uma pedra no sapato, escutar aquilo que não se quer, respeitar que as pessoas têm opiniões e histórias que divergem das nossas, fizeram parte integrante das reuniões, foram vividas emoções que vão do choro ao riso e vice-versa, matamos e ressuscitamos gente para que houvesse uma única chance de nascer ou sobreviver, comemos juntas o azedo e bebemos juntas o amargo e juntas tratamos de fazer o doce.

Na base de nossa estruturação como sujeitos está o semelhante, por mais que o outro nos traga desconforto, por mais que a sensação seja de invasão, o único acesso à cultura e à civilização é uma outra pessoa. Não é tarefa fácil discutir o lugar do outro em nossas vidas, aliás esse outro tem sido constantemente alvo de discriminações, exploração e tanta desconsideração. Entendo que um dos entraves na discussão do termo fraternidade, afora ter um sentido religioso, é a associação da cena política da Revolução Francesa no século XVIII. Juntamente com a Igualdade e a Liberdade, a Fraternidade fez parte dos ideais liberais da burguesia ocidental que se instalou no

poder como único sistema factível de levar a humanidade ao progresso, e à organização social-econômica.

A igualdade na literalidade da palavra é a negação das diferenças, contrariando as formações psíquicas que se completam no social, na entrada e admissão de outrem em nosso mundo particular. Isso para não dizer que os ideais do liberalismo burguês se tornaram penosos espinhos para a enorme massa de gente que mal consegue sobreviver na grande aldeia global (OCTAVIO IANNI, 1997). Progredir do individualismo para a fraternidade parece requerer mais que criticar o capitalismo ou as hierárquicas danosas da sociedade, requer fazer uma interlocução entre ciência e realidade, perscrutando a subjetividade das mulheres que comigo tentam interligar os retalhos de si e do que sobra de toda revolução de costumes, valores e emoções advindas das transformações sociais, históricas e culturais do século XX.

Como tornar coisas belas, atraentes e desejáveis quando não são? Para Nietzsche (1844-1900) só sendo artistas e poetas diante de nossas vidas, diante das pequenas coisas do cotidiano, sutil justificativa do trabalho comunitário que planta flores no deserto, semeia solidariedade em terra árida, forja água da pedra. Extrair em outro ângulo dos olhos acostumados ao feio é como desparcializar a visão, potencializar os sentidos para tornar no plano fático, as mudanças no mundo interno e externo.

Se de um lado a minha formação em Psicanálise ofereceu condições de entender as tramas narcísicas do sujeito implicado nos modos mais subjetivos e inconscientes, que por sinal dificultosos de se trabalhar, o Serviço Social me despertou para conceitos como indivíduo social, criatividade e produção material, que alinhavados determinam o desenvolvimento social. O indivíduo social é historicamente determinado de acordo com condições e relações sociais particulares que criam a sociedade, ou seja, as formas de sociabilidade são como que criações, jeito de sobreviver e dar sentido às necessidades. Entendi que produção material é o substrato de todo trabalho feito pelo homem e pela mulher envolvendo criatividade, de modo que se alcance desenvolvimento (IAMAMOTO, 2001, p.38).

O Grupo de Mulheres é um organismo vivo e pulsante dessa produção, sinto que nele se confirma essa e a idéia do poeta Novalis (século XVIII) de que o ser

humano, mesmo em sua individualidade, é uma sociedade, na medida em que é um conjunto de relações e interações nos mais variados campos da vida social. Cada mulher, cada história que é exposta no grupo, traz a marca individual e coletiva, traz junto a família, a religião, os amigos, a escola, a comunidade e todas as pessoas da sociedade. Costumo dizer que nossa sala fica povoada, parece que nos tornamos uma multidão, tão grande é a extensão dos laços sociais.

O narcisismo é, pois reconhecidamente um empecilho ao crescimento da sociedade, mas o indivíduo social, produtor das diversas saídas, infinitas capacidades e possibilidades há de encontrar por meio do pensamento e da atividade os equipamentos para lidar com tudo que o ata. Por isso, uma das bases do trabalho comunitário está pautada na consciência, na clareza do conhecimento, na pureza das mais íntimas resistências, naquilo que se tem e do que não se tem, mas sobretudo do que resta de tudo isso, para poder escolher/fazer/realizar ou não a ordem do que está posto por essa realidade.

Na observação e interação cotidiana com as mulheres da comunidade, vejo o quanto é verdadeira a idéia de que o indivíduo está isolado, não é raro perceber que os discursos tendem às soluções e estratégias individualizantes como na lenda do Barão de Münchansen que passeando imponentemente com sua farda e cavalo branco caiu num lamaçal, sendo que a solução para de lá sair foi, segurando sozinho por sua própria cabeleira e pela crina do cavalo, conseguindo tirar os dois do meio do pântano. Recorri a essa imagem algumas vezes para ilustrar que o nosso sistema social desde o século XVIII tem produzido pessoas para darem respostas individuais aos problemas da cotidianidade, somos comumente preparados para conseguir resultados particulares, portanto temos dificuldades em pensar junto com outras cabeças a melhor forma de conseguir resolver a realidade. Não estamos desprendidos dos grupos a que pertencemos, e um grupo é mais que o conjunto de pessoas reunidas como disse Zimmerman (1997), é o conjunto de laços afetivos, sociais e históricos que dão respaldo à nossa vivência, portanto se pertencemos a grupos, nada mais certo que criar e organizar em parcerias.

Uma outra mensagem significativa veio como produto das relações materiais do século XVIII, passagem de época, experimentada pelo Grupo de Mulheres e, objeto

de estudo do meu doutorado. Tivemos um tempo em que a vida esteve orientada por um Pai, na atualidade nenhum padrão universal sobreviveu, mais do que antes fica evidente a distância entre as pessoas. A globalização provocou distanciamentos não só em quem participa dela, mas de quem ficou de fora também. Já não temos como antes a figura ainda que simbólica do Condutor/Pai/Governante, é a era da ausência, cada um por si. Isso é angustiante, já que não aprendemos a viver assim. A angústia é sentimento do sopé da existência, tem que ser com ela que a comunidade vai abrir a porta de entrada para o mundo solidário, para os grupos fraternos, a união criativa dos grupos comunitários.

Falar do que é fraterno é procurar refletir o lugar do Pai na civilização ocidental por meio da obra de Freud “Totem e Tabu” (19/12/1913). De forma bem sucinta, na narrativa metafórica sobre a origem da sociedade, Freud pensou que a fratria teria nascido do desamparo vivido entre os irmãos, habitantes de uma horda, que cansados do lugar de destaque e poder ocupado pelo Pai tirano, matam-no, libertando toda a população vivente da horda, da imposição e privilégio desse pai. No mito, após a morte do pai, houve uma festa de regozijo e posteriormente um sentimento de perda da proteção, um desalento causado pela falta. O resultado foi um pacto entre os irmãos de que haveria sempre entre eles um símbolo do pai, uma lei que os colocasse à convivência, nascendo assim, a civilização, a sociedade. O *socius* se estabeleceu através das regras, divisões de tarefas, funções, hierarquias e leis que garantiram a harmonia da fratria.

Desde então, nossa sensação de desamparo produziu nossa necessidade de sermos guiados ou mantidos por um Pai/Governante/Estado Provedor. Muito longe de Freud, que acreditava na sociedade feita de sentimento de culpa, sendo a cumplicidade criminal a responsável por intensificar os laços afetivos, penso no aspecto humanístico da fratria, na ontologia da existência que, como dito anteriormente, cria condições, mesmo entre a barbárie, de sacudir os percalços e fazer cumplicidade pela percepção de que a vida é maior. É mais do que urgente transpor o aspecto da natureza biológica e os laços entre irmãos consangüíneos como base para a fraternidade, é preciso recorrer então ao que o ser humano tem de igualdade que é a capacidade humanística, conviver com o semelhante sendo diferente.

Freud teve sua formação forjada na sociedade industrial européia, bem como no Judaísmo, religião reconhecidamente Patriarcal. É fato que mais tarde se mostrou pessimista na capacidade do homem de se encontrar em uma comunidade solidária, em função de ter vivido os primeiros sinais do Nazismo. Em o “Mal Estar na Civilização” (1930), as investigações com a pulsão de morte mostraram a derrota do pacto civilizatório feito entre irmãos. A eminência humana da auto-destruição, do desejo de aniquilamento não o fez crer nos instrumentos que a humanidade poderia criar para não sucumbir a tragédia. Pena não ter ligado a tragédia com a função catártica como Aristóteles (século IV a.C.), possibilidade de viver a morte e a finitude das formas para que desse ponto o ser humano possa contemplar, pensar e transformar a vida.

Em 1962, em um texto intitulado “A Integração do Ego”, D. W. Winnicott procurou interrogar-se sobre a participação da Mãe na estruturação psíquica, uma vez que S. Freud havia descrito o papel do Pai. Esse artigo de Winnicott coincide com a mudança de status da mulher, feito a custa de muita luta pelo reconhecimento de um lugar nas instituições públicas. Para o psicanalista inglês, a Mãe/Matriz/Geradora teria a missão, que foi conferida inclusive pela sociedade e pela cultura, de educar os filhos; ela é responsável por apresentar o mundo à criança, que de uma dependência absoluta na tenra idade pode se tornar independente e conhecedora das próprias potencialidades. O lugar da mãe é o de ser “suficientemente boa”, sendo aquela que provê experiências de ilusão e desilusão, que sustenta o sim e o não, uma mãe que tem falhas, que é, portanto, humana. A mãe tem a função de preparar o caminho para o desenvolvimento de indivíduo para sujeito social.

Se no mito de Freud, a gênese da cultura manifesta um crime, em Winnicott, essa mesma agressividade pode ser percebida e transformada criativamente, colocando as fronteiras daquilo que pode e do que não pode na experiência com o mundo, tornando salutar as frustrações ou os encaminhamentos que são feitos aos vários sentimentos antagônicos.

Essa mãe não necessariamente precisa ser a genitora, pode ser um cuidador ou quem quer que auxilie o crescimento da criança. Na atual conjuntura esse esclarecimento é mais que necessário pelas transformações e novas configurações da família. Inúmeras vezes, os lares não contam mais com a figura de um dos genitores

ou de nenhum dos dois, fazendo com que os filhos sejam cuidados por outros parentes, vizinhos, amigos ou instituição.

O tempo em todo seu movimento, em toda transitoriedade não é o mesmo. A sociedade em sua situação social, cultural, econômica e histórica vive hoje a “Morte de Deus” aclamada por Nietzsche (1885), o afastamento e desligamento do “Pai nas Organizações Neoliberais”. O símbolo do Pai não se encontra nem mesmo na espreita do melhor momento. Se o Pai está morto, Orestes mata a Mãe, ela deve ser eliminada. É como se ela também não representasse mais segurança e acolhimento, mas corrupção e abandono, uma vez ter sucumbido às teias do mercado de trabalho, empurrada a participar da economia, não educa mais. Estamos vivendo os tempos da opacidade de papéis de pais e mães, falta autoridade, condutores educativos, uma política que ofereça condições para o pleno desenvolvimento das pessoas (J. F. COSTA, 2004); as instituições mostram precisar de reformulações, testemunham as mulheres do grupo, cujo desenho é traçado na dolorosa vida de cada uma delas.

Ouçõ algumas vezes que a solidariedade é maior entre os pobres, sei do grupo, não sei onde não estive. Acredito que seria necessário fazer uma pesquisa comparativa entre outros segmentos para afirmar isso. Sei do ir e vir dessas mulheres, pretendo mostrar nessa exposição da pesquisa o quanto sustentar um posicionamento, uma atitude, uma solidariedade, custa caro, trabalho de uma vida. No movimento próprio do grupo, na carência de uma figura forte, houve inúmeras tentativas de me colocarem a cumprir o papel de mãe ou de pai. Inevitável! Compreendo que a reprodução de comportamentos obedece a padrões próprios de necessidades, comumente se busca em variadas fontes a saciedade dos ansiosos desejos. Tive que lutar comigo mesma para contrariar essas expectativas, mostrando que poderíamos usá-las como material para torná-las mais cõscias de si. Atuar como provedora seria o mais fácil, de alcance desastroso, embora pedregoso o caminho tem que ser o de lidar de outra forma com a sensação de desamparo, terá que ser o da criação de companheirismos, de cada uma e todas juntas guiarem o trem desgovernado do sentimento de ausência, de falta e de se sentirem despreparadas para buscar o novo.

Sustentar esse lugar oferecido pelas mulheres do grupo me colocou e ainda coloca por vezes em situação de exposição. Meu verniz não resistiu às constantes

solicitações, fui chamada a comparecer como pessoa, fui convidada a deixar a postura de pesquisadora ou de coordenadora para ser uma delas. Pude dizer, não sem penúria porque é muito atrativo poder palpitar, aconselhar e dizer faça assim e não de outro jeito, que minha contribuição é poder pontuar algumas falas, entender e acolher outras, criticar com fundamentação aquilo que é preciso, modo como posso contribuir ou oferecer elementos ao grupo, o que se constitui por si me revelar e me mostrar. Na geografia de um grupo, engana-se quem pensa que o lugar da coordenadora é privilegiado ou de fácil esconderijo. O lugar é de participação o mais consciente possível, aprendizado a custo de riscos e desordens íntimas e do grupo.

Nesse esquema o conceito auxiliar de alteridade foi de grande valia. A filosofia e as ciências humanas e sociais aplicadas oferecem um amplo espaço para inscrever a alteridade como a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro não sendo o outro. Está posto que no interior dos trabalhos em grupo, a alteridade aparece comumente em função de ser um produto da interação entre atores, um produto psicossocial feito do encontro, do respeito e da sensibilidade entre humanos.

Tudo estaria em pleno funcionamento não fosse pela intervenção de Denise Jodelet (2002) com a demonstração de que a alteridade traz um outro aspecto, o da exclusão social. Está impresso na alteridade o selo da diferença, seja física ou de pertencimento a um determinado grupo ou de classe social e cultural, podendo ser fonte de mal-estar e ameaças. Não raras vezes corremos o risco de excluir, deixar de lado o diferente. Ora, novamente a diferença no meio do caminho, outra vez as forças contraditória é parte integrante dessa minha prática, confirmando o objeto Tensão Fraternal.

Para além desse destaque, a dica de Jodelet (2002) me colocou a revisitar o meu lugar no grupo porque é evidente a diferença que há entre mim e essas mulheres, evidente as oposições entre os conflitos, negar seria condenar o trabalho ao fracasso, exacerbar essa diferença coloca em choque os valores do grupo nos colocando em lados competitivos, é preciso assumir a diferença como Goethe (século XVIII) “a igualdade nos faz repousar, enquanto que é a diferença que nos torna produtivos”. Cuidar para não oprimir, desorganizar ou dominar o grupo de mulheres tem sido o que

procuro afugentar de mim, o que a pesquisa logo adiante vai dizer se tenho conseguido.

Um último relato dessas lembranças fica por conta da ludicidade. Tenho muito prazer em estar com o Grupo de Mulheres, nós nos divertimos muito. Meu objetivo com o trabalho nunca foi de que fosse terapêutico, note porém, que ele serve a muitos propósitos alheios aos meus. Em uma manhã de muito sol, estávamos reunidas como de costume quando após uma conversa, fim da reunião, demos muitas risadas. Um marido foi buscar a esposa que estava participando do grupo e ouviu nossas risadas altas e exageradas. Depois perguntou à mulher: “Que gargalhada alta era aquela?”, no que prontamente ela respondeu: “A gente ri dos problemas, num sabe?!”. Saber que os problemas não são apenas dramas, mas atalhos para mudar a forma como o encaramos é certamente motivo de riso!

II- RECURSOS METODOLÓGICOS

Julgais que as ciências ter-se-iam formado e ter-se-iam tornado grandes se os mágicos, os alquimistas, os astrólogos e os feiticeiros não as tivessem precedido, eles que deveriam criar pelas suas promessas e convites enganosos, a sede, a fome e o gosto de potências ocultas e interditas? Acreditais que não foi necessário prometer infinitamente mais do que se poderia ter algum dia no domínio do conhecimento?

Nietzsche

O conhecimento científico tem sido uma aventura no sentido de que, a pesquisa se me apresentou como um processo contínuo e permanente de abertura de novos problemas e novos desafios pelo carácter da produção de idéias, pela complexidade do cenário e diversidade de diálogos entre as teorias.

Nossas pesquisas em ciências humanas e sociais aplicadas enfatizam e nos colocam a pensar as condições do pesquisador como sujeito e o quanto nossas reflexões produzem o conhecimento. Porém, penso que mais que um problema, o exercício de produzir idéias se constitui um dos aspectos mais envolventes de uma pesquisa, mesmo que isso traga inúmeros questionamentos por parte da comunidade científica.

Esclareço que na trajetória do conhecimento e feitura dessa pesquisa, muitas teorias, muitas metodologias estiveram ao meu alcance. Não acredito em uma melhor orientação teórica, creio nas implicações pessoais, nas alianças entre teoria e prática, história e organização social, estrutura da cultura e subjetividade. Assim, procurei cuidar para que as teorias escolhidas não enrijecessem aquilo que foi fruto da descontração das conversas produzidas no interior do Grupo de Mulheres, tratei de esquecer os esquemas únicos e fechados, para me encontrar com a beleza dos discursos, sem contudo me esquecer que sou o produto de minha formação, que minhas elaborações são penosas e muito menos porque procurei ao longo dos anos me cercar de referenciais teóricos que me auxiliaram a passar melhor por esse grandioso trabalho que é fazer uma tese.

Os fatos e acontecimentos mundiais no século XX trouxeram descobertas de novas dimensões do objeto de estudo das ciências, obrigando-nos a pensar, identificar

e satisfazer as necessidades epistemológicas assumindo então, que o conhecimento é uma construção humana, uma arte por excelência, relação do humano com a realidade.

Heráclito de Éfeso (~ 500 a.C), o pensador da Grécia Antiga, nos diz:

De nada adiantaria se as coisas acontecessem ao homem exatamente como ele deseja. A menos que você espere o inesperado, jamais encontrará a verdade, porque é difícil descobri-la e é difícil chegar até ela. A natureza ama ocultar-se. O senhor cujo oráculo está em Delfos, não revela nem esconde, ele nos envia sinais (2003, p.13).

O universo por onde transitam a Psicologia e o Serviço Social é o espaço das relações humanas, trabalhamos com o indivíduo social, concreto por produzir a sua vida material e emocional. Não distante desse princípio, talvez complementar, a Psicanálise de S. Freud (1856-1939) apresenta o estatuto de sujeito permeado por aspectos conscientes e inconscientes que se dão a conhecer por meio do discurso. A linguagem empregada no trabalho comunitário, tanto quanto na coleta de material para essa pesquisa, é o discurso.

Minha pesquisa é o resultado do convívio com as mulheres que agregam o grupo, sendo uma dinâmica de relações pessoais e interpessoais. Tudo que o grupo produz são discursos, modos de dar sentido às experiências com o mundo, fazendo com que ele seja “unidade significativa do todo” (CHIZZOTTI, 1998) porque retrata uma determinada realidade, promove um conhecimento, fundamenta o meu interesse na investigação localizada no contexto de vida e expressão das mulheres que vivem na periferia de uma cidade do interior, procurando verificar a Tensão Fraternal como alternativa e caminho de intervenção e transformação.

Nessa perspectiva, esse trabalho é um estudo de caso conceituado como

uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos, a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-lo analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora (CHIZZOTTI, 1998, p.102).

O estudo de caso pode ser suficiente para fundamentar um conhecimento tanto quanto propor uma intervenção. O Grupo de Mulheres é considerado um marco

de referência das condições sócio-culturais que envolvem sua situação de vida no bairro e na sociedade, retrata uma realidade e revela a multiplicidade de aspectos da vida dessas mulheres. Elas são sujeitos psicossociais e históricos, são dinâmicos e reflexivos, agem no universo e não apenas são levados por ele.

Em um estudo como esse, fica claro a impossibilidade de se fazer generalizações, tampouco chegar a construções gerais por meio de aplicação imediata e objetiva de teorias que caracterizam o desenvolvimento de uma pesquisa com amostras grandes e quantificáveis. O valor do caso é a sua singularidade, resultado das relações humanas inscritas no grupo, cujos critérios para sua definição deixam de ser correlacionais, de caráter repetível ou de padronização. O estudo de caso se define pelo alcance das construções produzidas pelos protagonistas da pesquisa, que aqui são as mulheres que frequentam o “Veredas” (REY, 2002).

O trabalho com o grupo é de natureza interativa, o que implica considerá-lo não como soma de indivíduos, mas como um sistema feito de subjetividades grupais, sendo sua especificidade diferente de um contexto, por exemplo, que expressam indivíduos em separado. O grupo de mulheres representa um caráter social e psicológico, sendo o diálogo e as relações momentos essenciais do processo construtivo do conhecimento. O grupo não é, portanto, uma amostra, apenas a emergência de um fenômeno significativo.

Ressalto aqui que a interação, o diálogo e a exposição por meio dos discursos foi possível pelo favorecimento da formação de um espaço, de um lugar comum onde gerasse uma cultura propícia para tanto

o trabalho com grupos na produção de conhecimento pressupõe a entrada do pesquisador no campo em que o grupo se manifesta e atua socialmente: a comunidade, a família, a escola, a instituição trabalhadora. A presença do pesquisador no campo deve começar com o estabelecimento de vínculos formais e informais com os segmentos da população que estudará, por meio dos quais consegue encontros de maior profundidade com grupos e pessoas que fazem parte dessa população, mas que podem ter diferentes naturezas, segundo os objetivos do pesquisador (REY, 2002, p.170-171).

O grupo não se formou da noite para o dia, sabia que seria preciso insistir com minha presença na comunidade, escutar demandas, propor encontros e diálogos, buscar a confiança mútua, estabelecer laços afetivos. O primeiro ano de trabalho em

2003 se caracterizou pela formação de vínculos, em sua gênese e condição de desenvolvimento com entradas, permanências e evasões de várias mulheres. Ao final desse ano já éramos um grupo, com acordos e contratos de nosso trabalho bem discutidos e, constantemente retomados.

Um grupo pode ter a proposta de prestação permanente de serviços, ou pode ter a duração do tempo de sua existência, ou seja, acontecer por um determinado tempo, enquanto tiver objetivos e demandas para os encontros (ZIMMERMAN, 1997). Penso que um dia o grupo será desnecessário para cada uma de nós, o crescimento implica em voar para outros céus, por enquanto, nossa relação se ata e desata nesse espaço, penso que por nossos vínculos e necessidades, precisamos umas das outras, por isso faz todo sentido a existência firme e forte do grupo.

Para que um estudo de caso possa servir à pesquisa acadêmica, Chizzotti (1998) prevê o detalhamento de três fases:

1- Seleção e Delimitação do Caso:

Se não saís de ti, não chegas a saber quem és.
José Saramago

O Grupo de Mulheres é composto por 16 integrantes com idade entre 25 e 46 anos, moradoras do bairro Jardim Recanto Elimar e adjacências da cidade de Franca/SP. São mulheres que têm companheiros e filhos, sendo trabalhadoras do lar, domésticas, operárias da indústria calçadista, comerciantes e cuidadoras (profissão de cuidar de crianças enquanto as mães trabalham).

Desde sua formação em outubro de 2002, o grupo destaca-se por uma infinidade de possibilidades de trabalho, demanda de muitas necessidades e assuntos colhidos de nossas discussões e reflexões. Diante de tanto material analítico, um estudo exploratório das possibilidades e condições de se trabalhar uma pesquisa científica, me levaram a eleger vários temas como cidadania, inclusão educacional, qualidade de vida e, sexualidade. Embora fossem temas variados, o estudo de caso indica a fronteira ou limitação de um elemento significativo. Nascido de nossas relações contraditórias e ambivalentes, um aspecto de particular relevância me chamou

a pensar a tensão fraterna como um meio propiciador de desenvolvimento de vida das mulheres. Essa tensão, mais que um clima, é um fenômeno do grupo, um equipamento vigoroso dos discursos.

Assim destacado, decidi trabalhar as possibilidades reais dessa Tensão Fraterna ser de valor significativo para a conscientização crítica de suas realidades, saída estratégica de sobrevivência e encontro com o outro em um mundo cada vez mais individualizado.

Minha compreensão do estudo de caso me leva para uma coleção de problemas e variáveis que explicita diferentes aspectos dos discursos, sendo meus referenciais teóricos a Psicanálise, a Psicologia Social, a Filosofia e a Sociologia, campos úteis de interpretação que serão logo adiante expostos, no momento em que tiver sendo feito a análise do material.

Participo do grupo na perspectiva de procurar facilitar a convivência, questionar, dialogar e proporcionar espaço para os conflitos, oferecendo material reflexivo por meio de textos, histórias, filmes e dinâmica de grupo. Procuramos pensar as questões de gênero, as dificuldades cotidianas, a comunidade, as saídas para os problemas, provocando uma interação entre as mulheres. Na observância de múltiplas formas de viver e pensar de cada pessoa e mobilizada pela exigência de um projeto de pesquisa, destaco alguns problemas do trabalho, na certeza de que se constitui requisito marcante de uma investigação, sendo a somatória dos aspectos internos e externos do pesquisador: “Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído” (BACHELARD, 1996, p.18).

- Como as mulheres do grupo vivenciam os sentimentos fraternos e hostis?
- O que o Grupo de Mulheres conhece por fraternidade?
- Como o Grupo de Mulheres enfrenta os problemas sociais do bairro?
- Quais as reivindicações que o Grupo de Mulheres faz para sua comunidade?
- Qual a relação entre fratria e grupo?
- A Tensão Fraterna é um meio que possibilita o Grupo de Mulheres ao encontro consigo e com o outro?
- Qual a relação entre gênero e fraternidade?

Minha escuta rastreou muito mais questionamentos, imagine quantas questões e desafios se me apareceram em três anos de trabalho comunitário. Mas, o embate, as disputas, as diferenças tomaram uma proporção que não foi possível descartar essas perguntas. A demanda das mulheres inúmeras vezes foi pelo pedido de uma solução para a dificuldade do relacionamento, legitimando, senão pelo meu desejo de pesquisar, dar um sentido e uma voz às inúmeras insatisfações com o bairro, a comunidade, com o outro e/ou com elas mesmas.

Penso que o enigma que melhor resuma todas as questões levantadas seria, como aproveitar da tensão fraterna como estratégia e alternativa para uma vida comunitária, para um encontro com o outro, como solução para o individualismo e o egoísmo? Se a empreitada parece ser pretensiosa, o Grupo de Mulheres revelou a urgência de um encaminhamento a esse propósito.

O projeto de criação de um grupo de mulheres teve por primeiro objetivo, levar as pesquisas da academia e discuti-las com a população da periferia de Franca, pois são elas, as mulheres que têm menor acesso à cultura, são elas, portanto, que necessitam usufruir dos benefícios de nossas pesquisas. Com a abertura do espaço e a oportunidade de trabalhar, dividir e pensar os desejos, necessidades e conflitos, foram se agregando novos objetivos, até porque o objeto da investigação foi melhor se definindo, com contornos mais consistentes. Veja que essa sistematização foi possível em função de uma história; o grupo tem uma história de conquistas internas, de elaboração de discursos, de acertos e erros.

No conhecimento dessa jornada, para mim se torna desnecessário expor os objetivos dessa pesquisa, ele já está desvelado pela experiência, pela participação, pelo engajamento e, principalmente, pelo recorte do objeto. Porém, mesmo sem seguir os padrões tradicionais de uma tese, procurando imprimir uma marca pessoal ao trabalho, o cartesianismo que nos ensinou a organizar com clareza nossas idéias, vence o espontaneísmo porque destacar os objetivos pode esclarecer mais do que a comunidade científica, aqueles pesquisadores que precisam cumprir todos os passos de um projeto para concretizar uma investigação. “Para que um método de pesquisa tenha seu emprego adequado, é preciso saber se ele responderá aos objetivos da investigação científica que queremos empreender...” (TURATO, 2003, p.143).

Sendo assim, defino minhas metas:

- Analisar os sentimentos fraternos e hostis das mulheres do grupo.
- Conhecer o que as mulheres do grupo pensam sobre fraternidade.
- Compreender como o Grupo de Mulheres enfrenta os problemas sociais do bairro em que vivem.
- Conhecer as reivindicações que as mulheres do grupo fazem para sua comunidade.
- Analisar a relação entre fratria e grupo.
- Pensar se a Tensão Fraternal pode ser um meio de melhorar a convivência com o outro.

Percebo que um objetivo esteve sempre presente desde o princípio, sendo notadamente insistente em muitos momentos do desenvolvimento do trabalho, destacável não só porque faz parte de minha pesquisa, mas, sobretudo, pelo caráter social, pelo alcance de um aprendizado para a vida toda: colaborar para que o grupo de mulheres possa ser um espaço de conhecimento das contradições e também de aprendizado de tolerância às diferenças.

Fazer um estudo de caso com o grupo de mulheres abrange uma infinidade de aprendizados, sei que não sou a mesma, para além dos problemas, dos objetivos ou delimitações do caso, não sou a mesma. “Tento reconstruir na minha imaginação quem eu era e como era quando por aqui passava... Não me lembro, não me posso lembrar. O que eu era então! Ora, era outro...” (FERNANDO PESSOA, 1888-1935).

2- O Trabalho de Campo/O Cenário da Pesquisa:

Mesmo uma verdade se torna uma mentira se entrar em você pela porta errada. A verdade precisa entrar pela porta da frente, pelos olhos. A verdade é uma visão, precisa ser vista com seus próprios olhos.

Osho

O trabalho de campo visa agrupar e organizar um conjunto de informações. A coleta de informações exige negociações prévias e cooperação dos informantes para que possam ser documentadas a fim de servirem ao relatório do caso, que será, via de regra, objeto de análise crítica (CHIZZOTTI, 1998).

A minha inserção ao “Grupo Educacional Veredas” aconteceu com a autorização dos membros da Diretoria Administrativa nas figuras de Luiz de Oliveira Cruz e Regina Helena Bastianini, que de modo favorável acolheram meu projeto em outubro de 2002. Durante o primeiro mês de trabalho comunitário, duas integrantes dessa diretoria fizeram parte do grupo, provavelmente com o propósito de conhecer as minhas intenções e, de que maneira seriam conduzidas as reuniões. A partir do segundo mês, conduzi as reuniões com o grupo sem a presença da administração, entendendo que houve uma aprovação e admissão do trabalho.

Ganhamos uma sala e alguma privacidade, digo alguma porque o trânsito no local é intenso aos sábados, data em que ficou acordada para acontecerem nossos encontros. Nesse dia o fluxo de cursos, visitas e consultas ao acervo da biblioteca são grandes.

Houve e ainda há algumas vezes um empecilho às reuniões, que são os filhos das mulheres que agregam o grupo. Como nossas reuniões começam às 8 horas, às 7:30 as crianças tem higienização bucal com a supervisão de uma dentista, assim, os filhos ficam por ali enquanto as mães participam do Grupo de Mulheres, mas o motivo também fica por conta de não terem com quem ficar em casa; os maridos nem sempre cooperam e, como criança é naturalmente curiosa, querem entrar em nossa sala, chegando a atrapalhar a reunião. Tive que ser firme não permitindo a presença de crianças porque, afinal, as discussões eram íntimas, sigilosas e fora da compreensão delas.

Com o transcorrer do tempo consegui que uma adolescente que participa dos serviços do Grupo Veredas ficasse com a recreação para os filhos das mulheres em uma outra sala, o que facilitou que elas tivessem tranquilidade para usufruir do Grupo. Porém, é inevitável que aquelas bem pequenas não consigam permanecer na recreação por muito tempo, vindo solicitar a mãe. Tivemos que ter tolerância quanto a isso.

O “Grupo Educacional Veredas” está situado à Avenida João Batista de Paula e Silva, 2441, do bairro Jardim Recanto Elimar. Segundo os mentores do grupo a escolha por esse bairro tem como causa o fato de ser próximo aos bairros do Aeroporto, que são muito carentes e de classe média baixa. Acreditam que o trabalho comunitário não consegue êxito onde a miséria é grande porque as necessidades e

privações impedem o desenvolvimento educativo e acabam por facilitar o assistencialismo. O fato é que para o meu projeto, esse centro é adequado e, tem sido promissor.

Além de poder contar com uma sala, posso usufruir da biblioteca, do jornal local e de toda infra-estrutura de uma referência comunitária como é o Grupo Veredas que, se mantém graças ao apoio de vários profissionais principalmente do professor Luiz Cruz e, de algumas campanhas para arrecadar fundos para pagar luz, telefone, materiais em geral e o asfalto que chegou há pouco tempo.

Recentemente aconteceram algumas modificações na estrutura administrativa do Grupo Veredas. Por motivos pessoais e de saúde, ficou inviável para o presidente Luiz de Oliveira Cruz continuar assumindo o projeto sem apoio de nenhuma instituição. Em reunião do Conselho ficou decidido que abririam o Grupo Educacional Veredas para uma parceria, sendo o Jornal Comércio da Franca o órgão a demonstrar interesse. A viabilização dessa cooperação ainda está sob negociação e, ocorrendo será um importante suporte. Esclareço que os profissionais da diretoria e o corpo voluntariado permanecerão na ativa com os trabalhos já realizados.

Durante o período de trabalho não contei com a ajuda de monitores, como foi minha intenção na fase de coleta de informações/discursos, antes porque não precisei, depois com a necessidade de registrar depoimentos não consegui a permissão das mulheres que argumentaram que se sentiriam expostas e sem liberdade para falar. Tentei gravar, porém o barulho, as interferências e interrupções se constituíram como que obstáculos ao entendimento daquilo que estava sendo dito, sem falar que elas se constrangiam em saber que um gravador estava ligado para registrar o que falavam.

Procurei adotar uma alternativa que apesar de trabalhosa foi o que restou, fiz anotações e relatórios descritivos ao final dos encontros. Creio que posso ter perdido muito com as transcrições, mas os anos de prática clínica me proporcionaram boa escuta e a compreensão de que apesar de sermos seletivos com aquilo que ouvimos, o que foi retido pela memória é de grande valia para uma análise. Por isso, tenho um vasto material que foi colocado em uma pasta e um arquivo confidencial, sendo um produto fecundo para ser analisado. Sei que uma pessoa não envolvida na dinâmica do grupo pode registrar os dados de forma a dar objetividade à pesquisa, contudo penso

como W. R. Bión (1897-1979), que uma epistemologia hoje deve privilegiar todos os sujeitos de uma investigação, os dois lados da pesquisa, como se todos fossemos protagonistas do espetáculo, pesquisador e pesquisado são duas faces de um mesmo sistema que se encontram na relação e no diálogo.

Aquilo que consegui reter na memória foi transcrito e representa via de regra a nossa relação. Em algumas ocasiões, pedi para que escrevessem um texto sobre suas experiências de fraternidade, o que será utilizado como enunciado para análise oportunamente.

Sou consciente de que o sucesso de um trabalho que envolve pessoas, depende de contratos e acordos prévios sobre o seu *modus operandi*. As negociações foram feitas e refeitas sempre que o momento exigiu, somos seres humanos em mudança, sendo que no devir as alianças podem merecer revisão. Com o grupo, acordamos pelas anotações do material trabalhado, pela verdade de que representa um espaço de investigação científica, promessa de sigilo de nomes e assuntos que pudessem trazer constrangimentos. O respeito ao contrato sempre pautou esse trabalho, sua quebra poderia resultar em fracasso e desmotivação. Não foi possível então, desalinhar tudo que foi firmado, impondo monitores ou gravadores. Sinto-me em condições de entender as palavras de Paul Ricoeur (1976) “sou você quando falo de você, mas sou eu quando você fala de mim”.

O trabalho de campo se fez por meio de uma elaboração constante, intensa, produção de idéias advindas das anotações e do curso do meu próprio pensamento, integrando uma rede de teorias e práticas que para mim, resultou em relevância para a pesquisa. Procurei cultivar e conservar a disposição de mudar as idéias, reavaliar posicionamentos, trocar teorias e leituras da realidade.

Na pesquisa em psicologia social, o processo de construção da informação se orienta pelo trabalho de campo sendo

um processo permanente de estabelecimento de relações e de construção de eixos relevantes de conhecimento dentro do cenário em que pesquisamos o problema. A informação que se produz no campo entra em um processo de conceitualização e construção que caracteriza o desenvolvimento do momento empírico (REY, 2002, p.96).

O campo é, portanto, uma via que estimula a iniciativa e o crescimento intelectual porque exige uma rede de comunicação em vários aspectos que não só na relação com o grupo pesquisado, mas também com o material informado, com a escuta e com os meus próprios questionamentos.

No início da formação do grupo não tinha limitado nenhum tipo de problema, nem tampouco hipóteses. O trabalho de campo me fez seguir o caminho singular do grupo de mulheres no contexto da expressão de suas palavras. Quando me inseri na periferia, sabia que o meu interesse era me encontrar com as mulheres da comunidade. É verdade que houve armadilhas epistemológicas, afinal fui para esse encontro de forma inexperiente. O que favoreceu minha insistência diante das dificuldades, penso ter sido os anos de metucioso preparo para acolher o novo, no trabalho clínico ou mesmo na docência universitária. O inusitado não é só impactante, é também uma maneira de rever as nossas próprias convicções e pré-concepções. Encerro esse parágrafo com o pensamento de que

o trabalho de campo permite integrar informações procedentes de fontes e contextos diversos e, fazer construções que seria impossível edificar sobre a base de dados comprometidos com uma lógica linear... Nesse trabalho, o pesquisador está exposto permanentemente a defrontar com o novo, motivo pelo qual se vê obrigado a desenvolver conceitos e explicações que dêem sentido a novas experiências para incluí-las no processo de construção do conhecimento (REY, 2002, p.101).

3- Organização e Redação do Relatório

Não fiques nos baixios. Não subas às alturas. O mais belo mirante do mundo está no meio da encosta.

Nietzsche

Essa terceira e última fase do estudo de caso pressupõe uma pasta por onde circula todo o material da pesquisa. Creio que organizar e redigir um relatório é percorrer os caminhos e as teorias que elegi para serem as ferramentas de análise da pesquisa, viabilizando a exposição didática dos resultados que consegui de minhas elaborações a partir da prática com o grupo de mulheres.

Como os sujeitos são a maior expressão da pesquisa em ciências humanas e sociais aplicadas, a metodologia necessariamente nos impõe definições e conceitos que auxiliam o entendimento e compreensão desses sujeitos, bem como os temas que abordam ou circulam sua realidade.

Tem sido comum, na teia fragmentada do conhecimento científico, o surgimento de grupos teóricos defensores dessa ou daquela filosofia. Não raras vezes presenciei a dicotomia de que se o sujeito é determinado social e historicamente, parece não poder ser fruto de mecanismos emocionais e inconscientes e vice-versa. Para mim, a razão dos desafetos é a nossa profunda limitação epistemológica, não transitamos em campos variados do saber. Isso não se constitui uma defesa do ecletismo, nascido da superficialidade, não é o caso, isso é uma constatação de que há efetivamente um intercâmbio no vasto corpo teórico e metodológico, pensando que tudo afinal afeta o sujeito em toda sua complexidade.

Assim, é importante sublinhar e conceituar o sujeito em duas áreas de conhecimento:

1º) O Sujeito na Sociologia:

Iamamoto (2001) articula o sujeito à idéia de indivíduo social, produto histórico, fruto de condições e relações sociais. Segundo a tradição do materialismo histórico de K. Marx (1808-1882), no livro “A Ideologia Alemã” as condições materiais, reais e concretas de vida do sujeito, determinam então, os modos de pensamento, criação e discurso do indivíduo. Sendo assim, o sujeito ocupa um lugar em determinada formação social de acordo com seu contexto, levado pelos modos e condições de produção social e isso determina sua consciência. É importante destacar a centralidade da categoria trabalho diferenciado de labor por K. Marx, uma de suas grandes contribuições. O homem quando transforma a natureza, tornando-a meio de produção, transforma-se a si mesmo.

Utilizei essa definição da autora, porém quero ressaltar que há outras definições de sujeito em outros campos da sociologia.

2º) O Sujeito na Psicanálise:

Kehl (2000) apóia o pensamento de que o sujeito se constitui, se estrutura por meio da relação com o outro, sublinhando o caráter necessário, não contingente, da participação do semelhante no processo humano de tornar-se sujeito. Sem a presença e efetiva participação de uma outra pessoa no universo do indivíduo não há sujeito, tampouco relações sociais. Na proposta psicanalítica de S. Freud (1856-1939), o que existe antes da entrada desse outro é o narcisismo/solipsismo, um profundo e único envolvimento consigo, uma situação de individualismo. A Psicanálise possui como ponto central de sua teoria o conceito de inconsciente, um dos vértices do aparelho psíquico, responsável por acolher o material que foi reprimido de todas as relações sociais. O inconsciente é uma parte de nossa psique, cujo acesso pode ser feito na relação com outro. A conquista da consciência de quem somos ou fazemos promove conseqüentemente sermos sujeitos e não objetos do inconsciente.

Apesar de haver diferenças filosóficas e epistemológicas, entre as teorias citadas, em meu modo particular de interpretá-las, são complementares, não excludentes. Destaco ainda que, o ponto de convergência de idéias se dá quando a primeira pressupõe podermos definir um sujeito a partir de suas relações com a natureza, e um sujeito definido em termos de um vir a ser, ou tornar-se, o que não é antagônico à segunda. Ambas defendem um sujeito constituído, composto nas relações sociais.

A Psicanálise nasceu inegavelmente no interior da prática clínica, para ser um instrumento de esclarecimento sobre a realidade afetivo-emocional de uma pessoa. Mas, desde suas primeiras noções, foi um modelo de metapsicologia do inconsciente, da cultura e, dos indivíduos,

com ou sem ideologias consumistas ou cientificistas, os sujeitos elaboram imagens de si, dos outros, do desejo, do prazer, do sofrimento ou da alegria com base em uma economia inconsciente que – até segunda ordem – tem

que se apoiar no material cultural disponível para se exprimir fenomenologicamente. É ingênuo pensar que podemos criar sintomas ex-machina ou atravessar a neblina cultural para chegar ao Eldorado do psiquismo sem cultura [sem história ou sociedade]. Não nascemos sendo; somos o que nos tornamos e, salvo exceção, nos tornamos o que a cultura permite que venhamos a nos tornar (COSTA, 2000, p.10).

O sujeito da clínica, do grupo, da família, da escola, da comunidade, do estado, é o sujeito do cotidiano da história e da cultura. As teorias em toda sua provisoriade têm então que lidar com as transformações desses sujeitos históricos e culturais para melhor operacionalizar nossas práticas. Por isso, penso, fazemos ciência e pesquisa, por isso reavaliamos ou criamos novos parâmetros de visão de mundo, por isso investigamos o homem e sua relação com os mistérios do universo. Não teria sentido fazer uma tese se o entendimento do ser humano e todas as metodologias auxiliares a essa compreensão fossem imutáveis e fechadas em torno de teorias da vida inteira. É verdade que novas idéias e teorias assustam, checam a capacidade da plasticidade humana. Sem falar na velha mania de eternizar pensamentos.

Acredito que com esforço procuramos ser sujeitos, uma vez que construímos cotidianamente pontes para isso. Nosso equipamento é o discurso, expressão daquilo que buscamos, queremos e reivindicamos.

- **A Análise do Discurso:**

Entro agora na proposta metodológica dos equipamentos utilizados para inscrever a pesquisa em um modo didático que esclareça a Análise do Discurso.

A Análise do Discurso é uma disciplina que teve origem na França na década de 1960 tendo como representantes Jean Dúbois e Michel Pêcheux, sendo o primeiro um lingüista e o outro um filósofo envolvido com os debates em torno do marxismo, da Psicanálise, e da Epistemologia. O que há de comum entre os dois é a preocupação política sobre a luta de classes, a história e o movimento social (MUSSALIN, 2001).

O projeto da Análise do Discurso nasce em um momento de crescimento da Lingüística e com um objetivo político. A linguagem, segundo Mussalim (2001), exprime posições de classe evidenciando os mecanismos responsáveis pela reprodução das relações de produção social. A Lingüística oferece então, uma orientação e um

entendimento do modo de funcionamento da realidade social, ela oferece meios para compreender o sentido da palavra escrita ou falada.

Para o filósofo Pêcheux, o estudo do discurso deve contemplar questões relativas ao sujeito e a ideologia

é como se houvesse uma máquina discursiva, um dispositivo capaz de determinar, sempre numa relação com a história, as possibilidades discursivas dos sujeitos inseridos em determinadas formações sociais... alianças ou antagonismos entre as classes sociais de uma comunidade (MUSSALIM, 2001, p.106).

Desde o princípio a AD (abreviatura utilizada pelos lingüistas) é assunto de lingüistas, historiadores, sociólogos, filósofos, e de psicólogos preocupados com uma reflexão sobre as bases da construção de um discurso. Na França, o contexto intelectual e a longa tradição literária favoreceram um aprofundamento das questões filosóficas, políticas e epistemológicas desse campo do saber.

Penso ser necessário esclarecer que Maingueneau (1997) diz que, a Análise de Conteúdo percorre os textos para codificá-los enquanto que a Análise do Discurso exige uma técnica que explique o sentido oculto de um texto para que ele possa ser captado, sem o que, permanece inacessível.

A AD constrói procedimentos que expõe a ação estratégica de um sujeito, a saber, o sujeito que fala e ou escreve,

o desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal. Dito de outra forma, a análise do discurso depende das ciências sociais... (MAINGUENEAU, 1997, p.11).

O sujeito da AD é heterogêneo para esse autor, é aquele que ocupa posições sociais ou em conjunturas históricas. Um sujeito que constantemente é atravessado pelos embates subjetivos e sociais, quando fala e/ou escreve traz no discurso outros discursos, múltiplos fenômenos que são mais que uma rede de propriedades formais de uma língua, embora a língua seja o veículo por onde se inscrevem os sujeitos de uma sociedade.

Toda a produção de linguagem pode ser considerada discurso, embora alguns especialistas se oponham aos contornos de outras áreas que não a Lingüística. Porém, é preciso repensar o sonho de alguns pesquisadores de libertar a língua de todos os seus enunciadores e de todo peso social. Importante é considerar que o discurso modifica-se de acordo com o campo de exame e interpretação de cada disciplina. Assim, é compreensível que a Análise do Discurso seja uma espécie de “coringa” para um conjunto variado de quadros teóricos (MAINGUENEAU, 1997).

Consegui entender por meio desse autor que posso optar pela AD privilegiando a Lingüística, sem que seja de forma exclusiva e, que os textos podem ser objeto de abordagens com propósitos diversos. Como é o caso da Psicanálise que fez parte das construções da metodologia da Análise do Discurso ao lado da Lingüística.

Para os lingüistas, antes da fala não há nada, não há sujeito porque tudo é constituído no discurso e pelo discurso. Na pesquisa de campo, por exemplo, o objeto de investigação vai sendo desenhado a partir da palavra escrita e ou oral, mas sem eleger categorias de análise, pois impediriam a manifestação dos discursos, limitando a liberdade de expressão dos sujeitos. Entendi que seria como que antecipar algo que ainda não existe (os discursos).

No meu caso há uma história que foi pouco a pouco sendo construída, o conhecimento de uma realidade que não estava pronta tampouco foi dada, embora isso não estivesse claro a principio para mim. Desse modo, a AD me permite trabalhar com temas que são assuntos relacionais como, por exemplo, em uma reunião nossas discussões foram em torno da idéia de comunidade, não sendo uma categoria previamente eleita (quando o grupo se formou), mas surgiu do discurso das mulheres que por sua vez também indicaram o objeto.

As teorias e interpretações que serão utilizadas na análise são frutos da história do grupo, mas também de estudos, de elaboração teórica e prática, de minhas experiências com várias áreas do conhecimento. Creio que a Lingüística veio acrescentar e me preservar do fechamento teórico, cuidando para que eu possa ler o inusitado nos discursos.

Faltou dizer então, da inserção da Psicanálise na AD. Jacques Lacan (1901-1981) trabalhou a linguagem como teia de significados e significantes por onde se estrutura o inconsciente. Apoiado por dois mestres da Lingüística como Saussure e Jakobson, Lacan discute a idéia de que a estrutura discursiva é regida pelo inconsciente, sendo o discurso a via pela qual o sujeito se revela. Esse discurso não é só do sujeito, é o discurso da família, dos grupos, da comunidade, do estado, da escola, portanto ele não é livre, está de alguma forma comprometido com o lugar social e emocional que ocupa.

Em 1900, com a obra “A interpretação dos sonhos”, 1905 com “Os chistes e sua relação com inconsciente” e 1901 em “a Psicopatologia da vida cotidiana” Freud discute que o discurso possui conteúdos manifestos e latentes em sua teoria sobre os atos falhos, lapsos de linguagem ou esquecimentos, quando o sujeito fala ou conta uma anedota, por exemplo, ou mesmo quando acorda e narra um sonho. Fica caracterizado que há um discurso inconsciente, há um outro significado por trás daquilo que é enunciado, algo mais para além da palavra pronunciada. Creio que o diálogo, a conversa expressa conjunturas históricas e sociais, no entanto sofrendo pressões, inquietações, conflitos internos ao individuo social.

Destaco um exemplo de como me utilizei desse instrumento. Anotei um comentário de uma mulher do grupo (nomeada aqui como S1).

- EU ADORO SER MULHER MAIS NÃO QUERIA TER FILHA MULHER

Há diferentes formas de interpretar esse enunciado. Vou descrever algumas reflexões. Posso pensar que se a S1 adora ser mulher, na segunda parte do enunciado há uma negação, S1 nega o desejo de ter uma filha. O não atualiza duas vozes (uma voz que afirma e outra que nega a primeira). Pelo funcionamento da nossa língua o não de S1 parece indicar uma ambigüidade porque se adorasse mesmo ser mulher não se importaria em ser mãe de uma filha. Essa ambigüidade, na verdade, pode ser traduzida por heterogeneidade, característica constitutiva de todo discurso. Um discurso se constrói por oposição a outros.

Em Linguística, um p mas q (regra sintática) indica o argumento mais forte, dessa forma podemos interpretar a sua (de S1) dificuldade em lidar com o gênero.

Posso pensar na condição da mulher em nossa sociedade que, ainda hoje trata de forma desigual homens e mulheres no trabalho, na educação, nos direitos e, que por isso, influencia o pensamento, o querer e a expressão dessa mulher.

Posso pensar ainda que ela mesma discrimina outra mulher cuja restrição esta claramente verbalizada. Posso pensar que tampouco S1 tem consciência de que ser mulher para ela não é tão adorável assim.

Esse enunciado revela a baixa escolaridade de S1 pela expressão popular “filha mulher”, marcadamente usada pelo lugar social que ocupa, moradora da periferia, doméstica e certamente mulher que sente os embates de pertencer ao gênero feminino, tanto que é necessário marcar o gênero de forma redundante.

No trabalho de campo, na prática de coordenar o Grupo de Mulheres, procurei não ser psicoterapeuta, usando de interpretações e análises o tempo todo. Contudo, fiz intervenções, indiquei contradições, expressei meu pensamento, como no caso relatado acima. Procurei dialogar e levar a reflexão de que, falar da mulher é falar de gênero, palavra mais adequada porque desaloja a identidade do sexo biológico. Gênero é social e culturalmente construído, ser mulher, por exemplo, para a autora francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) não é algo que está pronto quando nascemos com o sexo feminino, mas um conjunto de atos, aquisição gradual de comportamentos, um projeto a ser construído cotidianamente na relação com o parceiro, no trabalho, com os filhos, vizinhos, na igreja, na comunidade. A importância desse conhecimento e dessa definição pode torná-las diferentes daquelas mulheres que foram ideologicamente determinadas pela cultura (SAFFIOTI, 1979).

Entre outros pensamentos procurei lembrar que a mulher precisa ter consciência do lugar que ocupa no mundo, que tem existência própria e, que se muitas de nós deseja aquilo que os homens sempre tiveram, não o pênis como pensava Freud, mais o lugar social e político, o status de reconhecimento, não há mal nenhum nisso. Ter poder para mudar aquilo que pode ser mudado é algo que constitui a grandiosidade do humano (NAPOLITANO, 2002).

É bem possível que haja mulheres que encontrem satisfação em educar ou ser mãe de mulher, que encontrem prazer em ser dona de casa, esposa e mãe apenas, sem que isso traga ameaça ou baixa-estima. Restringir a opinião de que as mulheres não se dão mais a esses papéis é no mínimo acreditar que o jeito certo de viver é o que é traçado por um sistema vigente. A liberdade de poder escolher a maneira e a forma como se quer viver, responde a expectativa de finalmente alcançar tão desejada emancipação (KEHL, 1998).

Minha pretensão não é esgotar o assunto que me é tão instigante, tão envolvente. Mas, penso ter feito uma pequena ilustração de como quero trabalhar a AD por meio do enunciado de uma mulher que participa do grupo comunitário e de como se dá minha presença no grupo. Oportunamente quando estiver apresentando a pesquisa, não farei só como aqui, destacando um único enunciado, mas selecionei vários diálogos em torno de temas.

Minha disposição faz parte de um ideal que fica próximo daquilo que Walter Benjamin (1996) chama de “O narrador” alguém que possui a faculdade de intercambiar experiências, experiências que passam de pessoa a pessoa; segundo o historiador há dois grupos de narradores, aqueles que viajam e tem muito o que contar (os marinheiros comerciantes) e, aqueles que trabalham honestamente sua vida sem sair do seu país e conhece suas histórias e tradições (os camponeses sedentários). Minha narrativa fica em torno do segundo grupo, desejo contar a história e a cultura de um grupo de mulheres que mesmo sem sair do lugar geográfico, percorreu longas distâncias em três anos de peleja.

Minha escolha pela AD teve como ponto de partida a sugestão da banca no exame de qualificação e, hoje se justifica ainda mais por ter encontrado nessa ferramenta a possibilidade de inserir em minhas interpretações as ciências sociais, a filosofia e a Psicanálise que tem sido minha orientação teórica e prática de quase vinte anos. A Psicanálise ajudou na composição da AD francesa, sendo esse caminho aquele que teria que percorrer.

É preciso reconhecer que há outras Escolas de Análise do Discurso como:

- Escola Anglo-Saxã – dominada pelas correntes interacionistas e etnometodológicas que tem como objeto essencial a conversação cotidiana, a linguagem oral e propósitos comunicacionais.
- Escola de Vertente Bakhtiniana (Russa) – expõe a necessidade de uma abordagem marxista da filosofia da linguagem, o que é uma tentativa de aplicar o método sociológico em Lingüística tratando das relações entre linguagem e sociedade, signo e estrutura social.

Gostaria de terminar minha explanação tendo comigo a razão do Solitário de Nietzsche (1886). “Detesto conduzir tanto quanto ser conduzido. Obedecer? Não! Governar: nunca! Quem não tem medo de si, não pode infundi-lo a ninguém...”. Não é tudo o que existe, é apenas um olhar, uma forma, já que a realidade é tão mais ampla.

III- OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA

Viver é um negócio muito perigoso... porque ainda não se sabe, porque aprender a viver é que é viver mesmo.

Guimarães Rosa

De uma didática de exposição depende o sucesso da leitura e compreensão da pesquisa. A experiência de trabalho iniciada em 2002, no município de Franca-SP, surge como fruto de uma concepção de universidade comprometida com a sociedade. Entendo que a universidade possui uma dimensão social de participação ativa e crítica na realidade e, deve ser um centro de reflexão e ação sobre a própria sociedade.

O crescimento urbano industrial de Franca não é diferente de outros grandes centros, traz como conseqüência a formação de uma população que, vivendo na periferia da cidade, enfrenta toda sorte de dificuldades e necessidades não satisfeitas. Aqui em nossa cidade, as mulheres que pertencem ao “Grupo Veredas”, aparecem como oferta de mão de obra em casa, no bairro ou na indústria calçadista, com mínima possibilidade de usufruir dos bens e serviços oferecidos pela cidade e, com nenhuma participação na universidade ou no conhecimento que ela produz.

A ausência de canais de expressão efetivos acaba configurando a existência de simples moradoras da cidade, ou seja, aquelas que lutam para garantir um mínimo vital para sua sobrevivência em termos meramente individuais. Torna-se fundamental então, que essa população possa ter uma alternativa de organização, de solução para seus problemas de participação e opção ativas no contexto urbano.

Assim, a idéia de assumir um trabalho junto a essas mulheres configura-se para a universidade, como que uma empreitada, obrigando-nos a buscar formas concretas a fim de que se crie espaço para expressão, viabilizando a transformação das atuais condições de sua existência.

Por outro lado, a Psicologia no Brasil tem sido acusada de prática elitista e despolitizada, servindo mais à classe dominante do que de interesses da maioria da população brasileira, tema da palestra da Prof^a. Dr^a. Raquel Guzzo no último Congresso de Psicologia Social na Costa Rica, em novembro de 2005. Para mim, trata-se, em vista disso, de poder pensar novos espaços de atuação, novas técnicas e

elaboração de um saber científico capaz de responder à altura dos problemas da ausência de políticas públicas. Nesse processo tem-se mostrado de fundamental importância a minha inserção às ciências sociais por meio do Pós-Graduação em Serviço Social, ponto de referência para informações políticas e históricas, somando elementos de coerência teóricos e práticos.

Quero apresentar o percurso da pesquisa no Grupo Veredas esclarecendo que os temas que aqui serão expostos, são produto da evolução de nosso relacionamento, foram surgindo de várias reuniões, de momentos significativos do convívio. Sem dúvida, procurei sinalizar esses temas a partir do objeto, mas procurando deixar “as falas” surgirem espontaneamente. Os temas são certamente o pano de fundo, o pretexto, a cena principal são os discursos e o resultado deles, a informação, a leitura e o conhecimento que procurei levar para o grupo.

Pode parecer que, a teoria, o conhecimento que foi ofertado e a didática de exposição, dão a idéia de uma sala de aula ou de relação professor/aluno, embora tenha o sentido educativo, o clima das exposições sempre foi de troca, de interação, tentando imprimir mais que um conteúdo, pensar a vida e as experiências a partir de outros prismas, com teorias sim, mas com aproveitamento do senso comum, do modo como cada uma delas enxerga a realidade.

O material da pesquisa foi coletado em duas etapas:

- 1- Tema/Discussão do Tema/Transcrições dos Enunciados.
- 2- Reflexões sobre o Tema/Informações/Teorias/Textos/Filmes.

Na apresentação desse material estão presentes, além das duas etapas da pesquisa de campo, uma terceira fase que é da Análise do Discurso, com o auxílio da Lingüística.

As duas primeiras etapas foram feitas em dias diferentes para que eu tivesse tempo de preparar o assunto, buscando dinâmicas de grupo, teorias e textos adequados ao tema. A última etapa então, não faz parte da pesquisa de campo, portanto material não disponível às mulheres do Grupo; representam minhas elaborações pessoais com a ajuda da professora de Lingüística, Heloisa M. Mendes.

Para preservar a identidade das mulheres, adotei a letra S com acréscimo de números (S1, S2, S3,...) para dispor dos enunciados de maneira que fique claro que são diferentes discursos. Quando se trata dos maridos, adotei a letra H acrescida dos números (H1, H2, H3,...). As referências S1, S2... não serão as mesmas em cada tema, porque na dinâmica das reuniões, a ordem dos enunciados varia.

O grupo é composto de 16 mulheres, porém aqui não vão aparecer 16 enunciados dispostos em cada tema; tive que fazer uma seleção para que não ficasse muito extenso ou repetível. O caminho da exposição da pesquisa terá o seguinte percurso:

**Apresentação do Tema → Enunciados → Análise do Discurso →
Propostas Reflexivas**

Creio ser relevante ainda contar que os enunciados trazem o vocabulário e a forma como são empregadas as palavras nos discursos, senão por ordem da Lingüística, pela certeza do poeta Alcântara Machado: “A vida não me chega pelos jornais nem pelos livros. A vida vem da boca do povo, na língua errada do povo”. Não há língua errada, há um discurso forjado pelo meio social, há um vocabulário influenciado pelo lugar de origem, todavia repleto de sentidos.

TEMA – COMUNIDADE

Apresentação do Tema: Gostaria que a discussão de hoje fosse em torno do tema Comunidade.

O que é comunidade? O que vocês pensam que seja comunidade?

S1 — Acho que é uma reunião de muitas pessoa. Eu participo da comunidade de casal da igreja. Nós reunimo pra falá du casamento. É assim ó, na comunidade é só casal, tem a leitura do evangelho e depois discutí os poblema da família. Tem um coordenador que não é padre e o resto do grupo é marido e mulher.

- S2 — Comunidade pra mim é um grupo de pessoa pra aprendê várias coisa. Por exemplo, nós temo o centro comunitário pra gente resolve os problema daqui do bairro, só que o centro ainda num feiz nada. A comunidade, eu acho, que é pra resolvê problema, num é?
- S3- — Eu acho que não é só pra resolvê problema, é pra gente si sintí unida, num ficá sozinha. A gente sozinha num consegue nada, numa comunidade é mais fácil.
- S4- — Sira, o grupo aqui num é uma comunidade?
- Perguntei o que elas achavam da pergunta de S4. Nosso grupo é uma comunidade? Por quê?
- S2- — É uma comunidade porque é um grupo.
- S1- — Acho que é uma comunidade, mais é diferente da igreja. Aqui nós num falamo de Deus e nem só do casamento. Nós falamo de nós. Lá nu grupo de casal, nós falamo bem do casamento, aqui nós às veiz falamo mal do marido (risos gerais).
- S5- — Comunidade eu acho que é um lugar pra discutí os problema como já dissero, agora eu acho que num pode só discutí, tem que solucioná tamém. Esse negócio de só falá, num resolve nada não.
- S6- — Comunidade tem que sê um lugar santo, não pode tê briga. As pessoa tem que si dá bem.
- S1- — Que lugar santo qui nada. Onde tem gente tem briga, mesmo na igreja nós brigamo, discordamo. Onde tem santo? Só no altar (risos).
- S6- — Eu não quis dizer santo di num tê pecado, mais tem qui sê um lugar do bem. Cê entende o que eu tô quereno dizê, né? Uma pessoa faiz parte do grupo, mais fala mal do otro, briga por qualquer motivo. Eu acho que num pode sê assim. Cê me entende, né?!
- S1- — Quando duas pessoa discuti num qué dizê que é ruim. Pode sê só uma manera de mostrá o que pensa i vai serví depois pra aproximá.
- S7- — Eu acho a família da gente quando si reuni, tamém é comunidade.

Temos aqui vários sujeitos dialogando o Tema Comunidade. Considerando as opiniões aqui levantadas, posso pressupor, de acordo com Dino Preti (1982), que há uma variedade lingüística que abrange dois campos: variedade geográfica e variedade sócio-cultural. A primeira ocorre como linguagem comum, fala local e, a segunda, como linguagem específica, influenciada por fatores ligados ao enunciador ou à situação em que vive.

Os discursos mostram sujeitos que vivem em um bairro que possui igreja e centro comunitário (linguagem comum), mas também discursos que mostram opiniões próprias divergentes que dependem, portanto, da história de vida pessoal e da situação sócio-cultural de cada uma.

Pelos enunciados fica claro que há apenas uma vaga idéia do que seja comunidade, mostrando a falta de informação e oportunidade de pensar sobre o assunto. A forma como usaram as palavras e o parco vocabulário revelam serem moradoras da periferia e a baixa instrução (suprimem r e s ao final das palavras).

O que foi enunciado sobre o Tema, indica um saber empírico, fruto da participação comunitária, S1 frequenta o grupo da igreja, S2 conhece o que deveria fazer o centro comunitário do bairro, S3 sabe que a comunidade é um lugar para não se sentir só, S4 acredita que o nosso grupo representa uma comunidade, S5 acha que a comunidade é lugar de ação, enquanto S6 a tem como lugar ideal (santo e do bem), S7 identifica a família como comunidade, ou seja, seus discursos são produtos históricos e sociais, aprendidos e/ou construídos nas relações e nas experiências.

Há no diálogo entre S1 e S6 um embate. S6 parece ter uma idéia sobre comunidade que é bem contrária às outras, prontamente indicada por S1 com uma contrariedade veemente e ironia. Pode ser um diálogo provocativo (acentuado pelo comentário irônico), mas pode ser uma mensagem que S6 faz para as constantes discussões entre elas, no grupo e na igreja que freqüentam juntas.

O riso aqui pode ter o sentido da ironia, mas anteriormente surgiu como momento de descontração e chiste. Ironia ou piada, para a Psicanálise ele (o riso) é uma linguagem que expressa mais do que aparenta. Quando S1 pontua a diferença entre o grupo da igreja e o grupo de mulheres, maliciosamente pressupõe a contradição que existe tão cotidianamente na vida.

Para Freud, o chiste é a mais social de todas as funções mentais e que objetivam a produção de prazer, mesmo que tenha um conteúdo agressivo ou de reprovação como no caso de S1 (Onde tem santo? Só no altar);

As palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisas. Há palavras que usadas em certas conexões, perdem todo seu sentido original, mas o recuperam em outras conexões (FREUD, 1976, p.49).

O chiste é um exemplo então, de resposta pronta, um pensamento expresso na forma lingüística de um trocadilho, uma piada ou um comentário irônico.

Existe em Platão o pensamento de que podemos descobrir mais sobre uma pessoa em uma hora de brincadeira do que em um ano de conversa, o que não está em desacordo com a Psicanálise que crê que a descontração nos coloca à vontade, libertos de resistências e muito mais propensos a nos revelar ou desnudar.

Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês, fez um estudo sobre o risível e publicou uma obra, “O Riso”. Para ele, o riso possui um caráter social

para compreendermos o riso é preciso colocá-lo em seu meio natural, que é a sociedade, é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é a função social da comicidade e do movimento (1900, p.6).

Em dois enunciados, S6 provoca risos do grupo promovendo com certeza um movimento, uma ação espontânea nas pessoas. É o que Sírio Possenti (1998) nos apresenta como sendo a surpreendente característica da língua que, ao contrário do que esperamos, ocorre algum erro, algum vacilo, como que uma “brecha” no discurso possibilitando brincar com uma falha inesperada de todo um corpo lingüístico estruturalmente organizado.

Bergson ainda distingue a comicidade que a linguagem exprime da que a linguagem cria. A primeira pode ser traduzida de uma língua para outra, enquanto que a segunda é intraduzível porque tudo o que ela é, deve-se à estrutura do enunciado ou à escolha das palavras. No caso de S6, a comparação parecia tomar uma direção e caminhou para outra, houve uma transposição de idéias, o que pode provocar, então, com que a expressão seja cômica.

De qualquer modo, embora discordantes, há uma preocupação em buscar entendimento e harmonia entre S1 e S6, sabem na convivência que fazer parte de um

grupo é navegar por mares nem sempre calmos ou serenos, mas enfrentar os percalços das diferenças. Afinal, são sujeitos heterogêneos que falam e procuram se fazer entender. S6 mesmo divergindo, se importou que a outra (S1) a entendesse.

Tem sido comum que nos encontros uma ou outra integrante do grupo manifeste atenção em relação ao sigilo das conversas, aos ataques e alfinetadas que são tão naturalmente empreendidos; houve sempre uma preocupação com o “falar mal dos outro”, sendo esse outro, um vizinho, amigo ou conhecido de alguém presente. Quando S6 faz seu enunciado, é também para nos alertar a todos do compromisso de que comunidade é lugar de respeito para com o outro, mesmo quando há divergências (como pontuado por S1).

O enunciado de S3 contém a proposta de união, da busca pelo outro e, de como sozinhos não conseguimos nada. Penso que ela está falando de um grupo, do fortalecimento das idéias, das ações e de sua vida no lar. Do ponto de vista psicossocial,

o que constitui um grupo é a existência, ou não, de relações... se não há relação nenhuma entre pessoas, jamais se poderá falar em grupo. As pessoas têm que ter algo em comum e, esse comum é a relação (GUARESCHI, 1996, p.85).

Essas relações podem ser de tipos diferentes e intensidade maior ou menor. Elas podem ser tão intensas que se tornam coesas e unidas. Para mudar ou transformar um grupo, é preciso começar por transformar as relações existentes nesse grupo.

O grupo de S3 possui aspectos comuns, são todas mulheres, residentes de um mesmo bairro, com mesma situação financeira, todas têm um companheiro e filhos, a maior parte delas tem pouca escolaridade, uma particularidade bem interessante que parece ser a vontade de mudar, e a necessidade de dividir os pensamentos, idéias e problemas, pois são frequentadoras do Grupo de Mulheres do Veredas. Isso poderia cadenciar união, mas para que seja unido, esse grupo precisa estreitar vínculos, estabelecer elos de ligação como a confiança, o sentimento de pertencimento, a solidariedade, a sensibilização e o desejo sobretudo de estar em comunidade.

Posso dizer que esse grupo está tentando com muita tensão, porque como visto nos discursos, os impasses são constantes, por muito pouco, uma crítica é recebida como ataque pessoal. São muitos os maus entendidos – S6: “cê entende o que eu quero dizê, né?”.

O não estar só é muito importante para S3, que tem uma história de abandono. Estar em grupo para ela tem o sentido da chance de ser alguém, de ser ouvida, de fazer parte. Assim de fato, é mais fácil mesmo estar em comunidade.

A pergunta de S4 me introduz como sujeito na situação. Isso acontece com frequência. Sou uma ponte entre elas e o conhecimento, nossa relação é uma conquista diária para que não seja uma relação de domínio, de condução ou paternalismo. Está explícito que temos diferenças marcantes, até conversamos sobre essas diferenças. Uma distinção, para início do esclarecimento, me parece importante: trata-se de distinguir dois aspectos nas relações grupais, o poder e a dominação.

- **Poder:** “É a capacidade de uma pessoa, de um grupo, para executar uma ação qualquer, ou para desempenhar qualquer prática. Nesse sentido, todas as pessoas têm algum poder, na medida em que ‘podem’ fazer alguma coisa” (GUARESCHI, 1996, p.90).
- **Dominação:** “É a relação entre pessoas, entre grupos, ou entre pessoas e grupos, através da qual uma das partes expropria, rouba, se apodera do poder (capacidade) de outros. Portanto, é uma relação desigual, assimétrica e injusta” (GUARESCHI, 1996, p.90).

As diferentes formas de dominação, econômica, religiosa, política, cultural, afetiva, profissional, são a contramão da via que poderia nos conduzir à uma sociedade democrática e participativa, são práticas avessas à comunidade que queremos, basta pensar em toda a trajetória feminina na história. Isso foi e é explicitado no grupo. Meu papel não é de dominação, mas de poder, posso estar com as mulheres, posso discutir teorias, posso escutá-las, posso acolhê-las, eu me preparo para essa atividade semanalmente há três anos. Agora, não tem como, por enquanto talvez, não ser um apoio, um referencial como no enunciado de S4. Embora o meu saber seja diferente, não quer dizer que elas não tenham nenhum, antes, todas temos capacidades (poderes) distintos e complementares.

Não faço trabalho comunitário para me redimir ou ajudar os pobres, faço por intercâmbio, por extensão universitária, tendo em mente aquilo que o psicanalista David Zimmerman chama de garantir autonomia do grupo, auto-gestão comunitária,

quem vai por um tempo, prestar um serviço, partilhar seu saber, não pode retirar das comunidades a prerrogativa fundamental de liberdade e autonomia. A auto-gestão é o ápice de relações genuinamente democráticas, onde há participação de todos (1997, p.78).

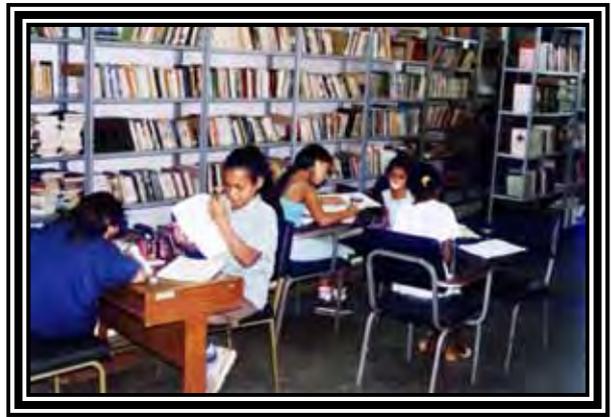
Outro aspecto me parece relevante diante desse tema, surgiu no cenário dos discursos a força de duas instituições, a religião e a família, como formadoras de opinião, como parâmetro na produção da idéia do que seja comunidade. Mesmo que não haja um saber livresco do que venha a ser o conceito, o conhecimento enunciado é recorrente ao fato de pertencerem de alguma maneira a essas instituições, a isso nomeia-se sócio-lingüística, os níveis da fala, dos discursos, do saber advém da vida em sociedade, das experiências institucionais.

PROPOSTAS REFLEXIVAS

Na seqüência, abordei o Tema Comunidade iniciando a reunião com minhas anotações do dia anterior. Comunidade é... no quadro:

- Igreja
- Grupo/Reunião/Grupo de Mulheres
- Centro Comunitário
- Família
- Lugar de União
- Lugar Santo

Pensei então, que um caminho, antes de conceituar, seria fazer uma sessão de fotografias sobre o Grupo Veredas. Elas não conheciam a história do Centro Educacional, não sabiam como foi construído (mutirão) e nem o trabalho que foi conseguir levantar as paredes da sala que ocupamos. Ver fotografias é sempre motivo de lembranças e histórias para contar. Era o momento de descobrirmos o significado e origem da palavra comunidade. As fotografias eram apenas ilustrações daquilo que elas mesmas apontaram na última reunião.



1- APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

- a) A Comunidade, seja geográfica – um bairro, por exemplo – ou religiosa, a igreja e todos os fiéis, outro exemplo, é o lugar em que grande parte da vida cotidiana é vivida (FREITAS CAMPOS, 1996).
- b) A Comunidade é um tipo de estrutura centrada na união, amizade e em relações de solidariedade. Possui um papel importante no desenvolvimento do indivíduo (DURKHEIM, 1855-1917).
- c) A Comunidade se caracteriza pelo sentimento dos participantes de construir um todo, mudar ou transformar alguns aspectos da vida cotidiana (WEBER, 1864-1920).
- d) A Comunidade é um lugar de organização e intervenção social e educativa (GÓIS, 2005).
- e) A Comunidade é um grupo que tem como condição primeira, o conhecimento da realidade comum, a auto-reflexão e, por outro lado, a ação conjunta e organizada/consciência e atividade (SÍLVIA LANE, 1996).
- f) A Comunidade é um agrupamento de pessoas que vive em uma determinada área territorial (rural ou urbana) cujos membros têm alguma atividade, interesse, objetivo ou função em comum, com múltiplas concepções ideológicas, culturais, étnicas e econômicas (CASTILHO PEREIRA, 2001).

Esses estudos demonstram que o quadro de opiniões destacado no início corresponde em alguma medida ao que alguns teóricos conceituam como Comunidade. Apenas o último item (lugar santo) traz um valor, um ideal pessoal que corresponde talvez às expectativas particulares do que deva ser uma Comunidade. Só não podemos nos esquecer que somos humanos, erramos, acertamos, amamos e odiamos. Todos esses sentimentos surgem quando estamos reunidos em uma Comunidade. Aqui mesmo ocorre todos esses sentimentos.

A sessão de fotografias teve como objetivo fazer uma entrada marcante sobre o tema da discussão, conhecer como tudo começou (Grupo Veredas) é no mínimo

ilustrar as características de uma comunidade, sua formação, seus projetos e dificuldades. A reunião de profissionais e moradores do bairro no mutirão de construção é uma comunidade, nosso grupo é uma comunidade, a equipe do grupo de dança é outra comunidade, o grupo de recreação dos filhos é uma comunidade.

O que me parece destacável em uma comunidade é o caráter transformador de seus propósitos. Quando pertencemos a um grupo, as trocas e as relações devem proporcionar mudança primeiro em nós, depois em nosso meio. Sei que as mudanças não são fáceis, mas elas começam com a insistência em fazer parte de um sistema ou de um grupo e de muita força de vontade. Porém, uma coisa é fundamental, a consciência, saber ou conhecer quem somos, o que podemos, como fazer e onde agir, nos dá as condições necessárias para optar ou escolher como queremos viver.

O trabalho comunitário tem sido um referencial analítico na psicologia social que tem uma perspectiva de prática profissional realizada fora de consultórios e instituições. Ela interpreta o mundo por meio da compreensão das relações sociais, com a intenção de transformar a sociedade (SAWAIA, 1996). Isso é o que justifica meu trabalho, que me fortalece na coragem de enfrentar o campo.

A descoberta da comunidade não foi um processo específico da psicologia social, fez parte de um movimento maior de avaliação crítica do papel das ciências sociais nas décadas de 70 e 80 do século XX. Para entender melhor essa avaliação crítica, é preciso recorrer à história, cuja musa é Clio, memória de todos os fatos, feitora de contextos.

2- CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS

O desenvolvimento industrial e a conseqüente ascensão da burguesia no século XVIII culminaram na Revolução Francesa, levando a sociedade a um ideal de Liberdade, Fraternidade e Igualdade, próprios do Iluminismo Francês e do “Contrato Social” de J. Jacques Rousseau (1712-1778). Muitos problemas sociais e humanos foram reduzidos em sua gravidade, porém outros problemas foram criados. A apologia da razão técnica, do novo homem inserido no estágio positivo da sociedade (ordem e

progresso) com A. Comte (1798-1857), provocou uma onda de entusiasmo e expansão do Capitalismo, como grande sistema resolvidor das agruras do homem.

Tudo parecia ir bem quando a Primeira Guerra Mundial e a depressão econômica de 1929 revelaram a fragilidade e a violência desse sistema político e econômico, resultando de um lado a desorganização social, a miséria e a injustiça de outro. As graves contradições do sistema capitalista que não nasceu para oferecer Liberdade, Igualdade e Fraternidade, não demorou a surgir, provocando necessidades e problemas sociais e humanos de toda ordem.

Para dar suporte a tensão social que crescia assustadoramente, foram criadas, primeiro nos Estados Unidos, visando consolidar o sistema capitalista e, depois em toda América Latina, várias respostas educativas e assistenciais, tais como campanhas recreativas e associações. Dessas primeiras experiências, surgiu a utilização do trabalho de grupo pelas assistentes sociais, centrado em uma nova fase de organização e desenvolvimento de comunidades, caracterizado por serviços básicos de educação, saúde, bem-estar e recreação. No Brasil, o movimento assistencial atingiu práticas de reivindicação de melhorias dos serviços públicos e idéias de mudança com a psicologia social.

As duas primeiras dessas práticas foram a missão rural ao município fluminense de Itaperuna, coordenada em 1949 por Lourenço Filho e Irineu Cabral, com o objetivo de fomentar a solidariedade e a educação comunais, e a Comunidade Educativa da Fazenda Rosário, criada em Minas Gerais por Helena Antipoff, em 1949, com o objetivo do desenvolvimento de comunidade mediante uma educação participativa, na qual já se considerava a inteligência como algo socialmente construído (GÓIS, 2005, p.23).

A zona rural foi certamente um pólo comunitário importante na década de 40 no século XX. Nessa época, os centros sociais deram origem aos atuais Centros Comunitários. Todo apoio era feito pela Igreja Católica, assistentes sociais e órgãos governamentais, responsáveis por organizar grupos locais de proposta basicamente educativa. Em pouco tempo, porém, esses grupos se desfaziam, pois a postura era paternalista, mas com um discurso desenvolvimentista. A igualdade social não brota automaticamente amenizando conflitos, a integração social não se faz com práticas assistencialistas.

A aquisição de consciência crítica se faz por meio de uma educação formal e informal, que leve o sujeito a participar ativamente dos centros comunitários, a fim de resolver os problemas locais, do bairro, opinar e reivindicar as melhorias não só para si, como para toda a comunidade. Para isso, as lideranças locais comprometidas com esse padrão de qualidade são fundamentais até os grupos poderem caminhar com autonomia, no conhecimento de suas capacidades.

Na década de 1950 outros trabalhos comunitários vão surgindo como a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) e as “Ligas Camponesas”, associações de trabalhadores rurais criadas com a colaboração do Advogado Francisco Julião e com a finalidade de se lutar pela Reforma Agrária no Nordeste.

Pelos anos de 1960, temos os movimentos sociais como Movimento de Educação de Base (MEB), o Programa de Alfabetização de Adultos do MEC (coordenado por Paulo Freire), a Operação Mutirão, realizada pela população e Igreja Católica, com o objetivo de ajudar os pobres do Rio de Janeiro, as Creches Comunitárias e Clube das Mães, a Educação Popular, realizada em várias partes do país pelo Centro Popular de Cultura (CPC), órgão da União Nacional dos Estudantes (UNE), entre outros.

No tempo da ditadura militar (década de 70), por meio de órgãos de ação social, o governo implantou programas assistenciais de aproximação dos jovens universitários e da população pobre, pretendendo criar um clima favorável e amigável do regime. Os programas mais importantes foram o Projeto Rondon, ação de assistência à saúde e educação feita por estudantes universitários junto às comunidades pobres do interior do país; Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL – voltado para o combate ao analfabetismo, fazendo uso de uma pedagogia “bancária”, tradicional, segundo Paulo Freire; e o Movimento Universitário de Desenvolvimento Social – MUDES, serviço de extensão universitária junto à população. Nessa época, os movimentos sociais democráticos estavam proibidos de atuação (GÓIS, 2005).

Em 1984 assistimos ao fim da era militar, com o grito popular por “Diretas Já”, luta por eleições para Presidente da República. Nessa década, temos a reconceituação do Serviço Social, que passa a optar pela classe trabalhadora e como

consequência uma práxis de abordagem marxista, luta por igualdade social, reivindicação dos direitos dos trabalhadores, e afastamento das práticas assistencialistas. Na Psicologia, uma pequena parcela de psicólogos sociais e comunitários colaborava com os movimentos populares na perspectiva de mudanças sociais e políticas mais profundas, além da construção de uma psicologia crítica e libertadora, entre eles Sílvia Lane, Abib Andery e Cezar Góis.

É uma verdade que a Psicologia ainda tem um longo caminho a percorrer no alcance e sentido do trabalho comunitário hoje no Brasil, travessia percorrida por alguns estudiosos e pesquisadores como Fátima Quintal, da Pontifícia Universidade Católica de Curitiba; Raquel Guzzo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas; Cezar Wagner de Lima Góis, da Universidade Federal do Ceará; Sílvia T. Maurer Lane, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que incansavelmente batalham por uma Psicologia Comunitária crítica, solidária e não assistencialista. No ano de 2001, presenciei algo novo no grupo de estudos de Psicanálise de Ribeirão Preto, quando inseriram em sua agenda anual de estudos o tema Psicanálise Comunitária. Foi uma abertura importante para socialização da Psicanálise, tornando-a mais próxima, pelo menos em tese, dos estudantes e interessados nesse campo.

A psicologia social tradicionalmente teve uma preocupação com estudos de grupo e questões da conduta, atitudes, estereótipos e relações interpessoais, sem vincular a pesquisa ao contexto histórico-cultural, sem questionar a ideologia e as relações de classe. A partir da década de 60, pouco a pouco um movimento no interior da psicologia social inicia um questionamento fecundo no sentido de confrontar os modelos tradicionais com os valores sociais e humanos, marcando temas e preocupações antes impensadas. Grande mudança se fez no panorama do trabalho de pesquisas, dentre os temas mais tratados: alienação, representação social, identidade social, sentido psicológico de comunidade, grupo popular, realidade socialmente construída, pesquisa-ação-participante, sujeito histórico-social, consciência crítica, conscientização, etc (LANE, 1996).

Esses passos foram fundamentais, por exemplo, para que o meu trabalho, com essa comunidade de mulheres, tivesse o respaldo teórico-prático necessário para o seu andamento.

Na América Latina quero destacar os nomes de Ignacio Martín Baró (hispano-salvadorenho); Maritza Montero (venezuelana); Ignacio Dobles (costarricense), alguns dos nomes aclamados por suas práticas comunitárias no último Congresso Internacional de Psicologia Social na Costa Rica em novembro de 2005; trabalharam e ainda trabalham em comunidades pobres, indígenas e rurais da América Central, procurando se desvencilhar dos padrões do assistencialismo, do paternalismo, numa perspectiva libertadora. Nas palavras de Ignacio Dobles, “esse mundo necessita mais do que remendos; necessita de um outro jeito de funcionar”.

Procurei expressar a história dos movimentos comunitários priorizando os acontecimentos pós-Revolução Francesa. Porém, minha inserção no campo da Filosofia me impele a fazer justiça aos precursores ocidentais de toda literatura sobre o Tema Comunidade. Platão (428-348 a.C.) com a obra “A República” e Aristóteles (384-322 a.C.) com o livro “Ética a Nicômaco”, mergulham em idéias como comunidade de guerreiros, comunidade de civis, comunidade de anciãos ou mesmo o homem é zoopolitikon (animal político), prefiro falar em ser político, que não deve estar só, mas viver em contato com outros homens; o ser humano se humaniza quando encontra-se com o outro, adquirindo a dimensão social e política. Nesse encontro, formam-se os grupos, o grupo familiar, o grupo da escola, o grupo da igreja, do trabalho, do bairro, etc. É na relação com o outro que o ser humano constrói sua história e seu discurso.

Idéias que já estavam dispostas lá na era clássica nos dão indícios de que esse tema tem passagem intermitente na história das idéias e pensamentos. Ele aparece e desaparece das reflexões de acordo com o contexto histórico e em consonância com os valores coletivos e individuais.

Nesse momento a história revive ou recria o conceito de comunidade como que para enfrentar o processo de globalização, considerado inimigo da vida em comum, porque o planeta passou a ser visto como um único organismo, sem fronteira ou singularidades. Mas, é preciso cuidar para que a comunidade hoje apelada não seja a utopia desse início de século, saudosista do passado, espécie de lamento da perda dos primórdios da humanidade, modelos de comunidade que desapareceram,

devido à diversidade de significado, e ao uso demagógico da palavra Comunidade... é preciso refletir esse conceito, nas suas múltiplas significações e esclarecer o enfoque adotado sob pena de cometer falhas e interpretações falsas, especialmente hoje, quando a maioria dos profissionais das ciências humanas dizem estar trabalhando nas e com as comunidades (SAWAIA, 1996, p.36).

Encontrei nessas palavras um alerta, um chamamento para que eu pudesse superar o localismo, o idealismo que não fará com que o grupo cresça na perspectiva almejada.

O ponto de partida foi sem dúvida o bairro Jardim Recanto Elimar e o Grupo Veredas, mas nosso trabalho, das mulheres que vivem ali e o meu, que moro em outro bairro, deve ultrapassar as barreiras geográficas para alcançar uma realidade mais ampla, temos que, por meio de nossas ações, nos associarmos a outras comunidades, outros grupos, ampliando o universo de conquistas e relacionamentos.

Dizem que o nosso tempo hoje é o da comunidade, em uma dinâmica de acontecimentos rápidos, novos valores foram introduzidos na era da globalização. Mas a sociedade vive paradoxalmente dificuldades imensas de comunicação, de relacionamentos e de convivência, sinal de que todas as transformações ocorridas no século XX ainda não contribuíram para melhorar a relação entre seres humanos. Um modo de poder enfrentar esses desafios da modernidade é para Salvador Celia (1997), a inserção comunitária,

participação comunitária envolve um grupo de pessoas que se reúnem em busca de algo comum, que tem a ver com seus desejos, suas necessidades, para exercerem e viverem melhor seu estado de cidadania, sua qualidade de vida. Dessa reunião, deste encontro de idéias, valores e cultura, nasce uma força que deriva da própria emergência de seus potenciais... (1997, p.103).

Esse sentido, posso garantir, foi levado por mim na reunião reflexiva do grupo. Penso que esse pensamento é grandioso demais para dizer que conseguimos alcançá-lo, mas a idéia foi transmitida. Não sei bem descrever o que vi ou vejo em seus rostos durante minhas colocações, percebo algumas vezes atenção e outras, dispersão, às vezes choro, outras, aflição. O persistente mesmo é a esperança, porque elas voltam ao grupo, mesmo quando penso estarem indo para não aparecerem mais.

Procuro salientar que o meu papel deve ser e é o de facilitar diálogos e informações, cuidando para não ser a condutora ou manipuladora das mudanças. O papel principal da comunidade é delas, a estampa final será produto do que elas fazem com os elementos que são oferecidos.

Ao final da reunião reflexiva, convidei o grupo para uma dinâmica. Pedi que ficassem de pé em pares, uma de frente para a outra. Disse para se observarem bem, detalhes físicos e também emocionais (expressão da face, olhar, sentimentos). Dei dois minutos para a coleta de informações sobre A Outra. Após esse tempo, sugeri que cada uma detalhasse o que viu (claro que durante os dois minutos houve risos).

Tivemos uma experiência interessante, porque é muito emocionante ouvir alguém falando de nós, pontuando detalhes, descobrindo sinais, flagrando emoções. Após as exposições, comecei a mostrar o sentido da brincadeira.

Lembrei o quadro inicial onde S4 enunciou que comunidade é lugar de união para não se sentir só. Lembrei da história de Esopo, “O Homem e Seus Filhos”, é a história dos irmãos que brigavam até que o pai lhes mostrou que um feixe de gravetos é mais forte que um graveto sozinho. Lembrei que estar unido é reconhecer que há um Outro, que sabemos e damos espaço a esse Outro. Lembrei que temos Umas às Outras e, que hoje nos conhecemos e reconhecemos um pouco melhor depois de nos observarmos.

Encerrei como faço sempre, agradecendo a presença delas e marcando a próxima reunião.

TEMA – GÊNERO 1

Ah! Se eu nem sei quem sou, como posso esperar que venha alguém gostar de mim?

Cecília Meireles

Iniciei a reunião propondo que o assunto fosse Gênero, que elas se sentissem à vontade para falar sobre a Mulher e/ou sobre o Homem.

Lembro, no entanto, aos leitores que já houve anteriormente uma definição de Gênero, discutida não só como exemplo nessa tese, como também no Grupo de Mulheres.

Esse tema foi e é ainda motivo de muitas reuniões, em função de ser assunto do interesse delas afinado com o meu. Farei então um relato de algumas dessas reuniões, esclarecendo que se trata de material selecionado, enunciados transcritos após a reunião com o crivo daquilo que me pareceu mais relevante. Vou procurar partir de uma pergunta, apenas como provocação, não necessariamente foi essa a única maneira usada.

Pergunta: Quem é o chefe de sua família? Por quê?

- S1 — Meu marido, porque ele ganha mais. Apesar que quando a gente tem um problema, a gente senta e discuti a decisão qui tem qui tomá.
- S2 — Na minha casa eu que mando, o salário do H1 vem todinho pras minhas mão. Tem que sê assim, ele bebe, fica pros buteco e num sobra nadinha pras minhas fia, então eu pego o salário da fábrica e quando ele qué bebê, ele pede um real.
- S3 — O chefe na minha casa é o H2. Ele tem mais grana. Dinheiro na minha mão é perigoso, eu gasto sem medida. Ele fala pra manerá, o que eu faço hein, coisinha? Eu precisava pará de arrumá dívida.

- * A coisinha sou eu. É assim que ela se refere a mim muitas vezes. Digo apenas que vamos conversar depois sobre isso porque agora gostaria de escutar as outras companheiras.
- S4 — Em casa é os dois, apesar di qui meu marido ganha mais que eu. Acho que isso não importa muito não, ele ganha mais, mas eu tamém faço muito na casa. Nós dois trabalhamos, nós dois fazemos o serviço de casa, o H3 lava os trem enquanto eu lavo o banheiro, em casa num tem esse negócio não.
- S2 — Lá em casa meu marido veio com esse negócio qui trabalha e dá todo dinheiro dele, num quiria fazê nada, só assisti televisão, só durmí. Um dia preguê-lhe a mão (risos), fiz ele me ajudá.
- S5 — Que isso S2, precisava batê? (risos).
- S2 — Tem homi que é folgado, eu fui criada pra num dá mole. Si a gente dexá, eles que bate na gente. Agora ele é mansinho. (risos).
- S5 — Na minha casa a gente conversa. Num tem essa de chefe. Às veiz o H4 é machão, vem dá de dizê que eu tenho que emagrecê, sê mais vaidosa, eu acho qui é um toque, mais acho tamém ele tá olhando outra mulher e tá me comparano.
- S3 — O H2 me manda é pará de comprá feiti, sê menos arrumada. Isso eu acho que é machismo tamém, porque ele tem medo de alguém me olhá e eu gostá. (risos).
- S6 — Eu acho que o chefe da casa é o que põe mais dinheiro em casa, intão é meu marido. Mais ele num é orgulhoso por causa disso, ele é bom, a gente conversa sobre o dinheiro que tem, mais os filho ele fala pôco, acha que eu qui tenho qui educá.
- S7 — Lá em casa quem manda é o F. (Risos, porque ela está se referindo ao filho pequeno). O F só faiz o que qué. Meu marido acha qui tem que dexá. Quando eu peço, F varre a cozinha pra mim. Ele nem me olha. Meu marido fala que é pra dexá porque si não ele pode virá gay.

S3 — Lá em casa tem isso tamém dos minino virá viado si lavá louça. Eu acho que num tem nada a ver não, eu falo pra eles que isso tá ultrapassado, num é coisinha?

Apenas aceno que sim com a cabeça.

S8 — Na minha casa nem um dos dois é chefe, a família decide junto as coisa.

S9 — Meu esposo é o chefe porque eu num trabalho fora.

S10 — Meu marido fala mais e tem mais autoridade.

S11 — Em casa ninguém é chefe, somo de comum acordo. Um fala otro cala.

S12 — Eu num sô submissa, nós caminhamo junto com a família. O H4 num tem muita ambição não, é tranqüilo, dexa as conta vencê, mas a gente qué uma vida melhor. Hoje eu consegui que ele bebesse só em casa i não no bar mais. Ele num isquentá cum nada não. Agora qui ele bebe a cervejinha em casa, o dinheiro custuma dá mais.

S13 — Até uns dois meis atrás era ele, agora sô eu. Antes eu num trabalhava, ele achava no direito di mi disfazê, brigava cumigo, mi tratava cum falta de educação. Agora não, eu trabalho. O grupo aqui me ajudô, eu consegui trabalho, num dexo ele me colocá lá im baxo como ele fazia. Si ele me largá hoje, eu tenho meu sustento. Si ele gritá cumigo, eu grito mais alto.

S11 — S13, cê não acha que tá seno radical? Por que que é o salário que vai te dá esse poder, cê tá descontano o que ele te feiz?

S13 — Não é, é que eu fui muito humilhada. A família dele sempre achô que eu era culpada de tudo que acontecia. A gente veio pra Franca cum'ma mão na frente, otra atrás. O trabalho dele paga mal. A gente foi entrano em dívida mesmo, pensa bem, duas criança e eu sem trabalho. Pedimo dinheiro emprestado pra família, eles emprestaro, mais agora fica cobranço e achano que eu que sô culpada. Meu marido fica nervoso i acha que pode descontá im mim. Agora eu num vô dexá mais. O qui eu mais quiria era um emprego, eu consegui, vô mandá im casa sim, num vô abaxá pra ele nem pra família dele.

S11 — Ao invés de ficá cum rancor, por que cê num agradece o emprego, melhora sua vida, acho que assim cê vai pagá as dívida.

S13 — Acho que cê tem razão, eu preciso agradecê o trabalho, mais é difícil esquecê os poblema, eu num perdô.

S3 — Eu sei que mágoa não é fácil, mais Deus vai te ajudá.

S10 — Cê trata de perdoá sim, si não cê é castigada. Como cê fala assim (levanta o dedo para S13 como se estivesse indicando lição). Cê não sabe que isso é pecado, como cê vai na igreja sem perdoá o irmão?

* Algumas pessoas do Grupo vão em auxílio à S13 que começa a chorar. Tentam confortá-la.

S5 — Por que cê falô isso S10? Que dedo levantado é esse? Cê é bem falsa mesmo. Nós num somo ninguém pra julgá a S13, num é Sira? Cê é ruim mesmo, hein? Cê pensa que é quem?

* “Gente, eu quero falar agora. Vamos nos acalmar!”.

Lembrei-lhes que em outra ocasião, aconteceu situação semelhante e que discutimos que podemos dizer tudo, mas cuidando da forma como dizer. S10 foi hostil e agressiva com sua companheira de grupo. Todas nós deveríamos pensar no acontecimento, procurando uma solução.

S10 — Eu não fiz por mal. Cê me discurpa, viu? Eu só acho qui se a gente num perdoa, a gente vai carregá culpa.

S2 — Culpa ela vai tê com o que cê falô.

* Olha, para encerrar queria dizer que nós podemos não aprovar o que a outra pessoa pensa, mas temos que respeitar. Insisto que até para dizer que não concordamos ou aceitamos, temos que pensar em como dizer isso, o que você falou carrega agressividade e acho que temos que pensar porquê.

Desde a formação do grupo, S10 está presente e desde o princípio é o elemento desarticulador. Penso ser importante caracterizá-la antes do detalhamento dos discursos. Ela (S10) me inspirou muitas reflexões, por seu caráter inusitado, repentino, chegou a ser intrigante a sua função no grupo. Seus enunciados quase sempre são morais, possuindo um sentido doutrinário, de cunho religioso, lembra muito o que Maingueneau (1997) chama de discurso “atravessado”, que é a influência do contexto religioso, uma moral internalizada, um sujeito submetido às idéias e pensamentos de outrem.

Eu a percebo fundamental para o grupo, pois seus diálogos e entradas são para desconcertar o que já foi feito, desalinhar ou desarticular aqueles discursos montados, certinhos, até previsíveis.

S10 costuma ser agressiva no modo como usa suas palavras, tem o hábito de literalmente colocar o dedo nas feridas de suas companheiras, provocando discussões, choro e até desistência. Houve uma ocasião em que depois de uma dessas invasões hostis, uma das mulheres do grupo (aquela que foi o alvo da agressividade) deixou a reunião para não voltar mais.

A história que traz é a vida de uma mulher, dona de casa, que não vive bem com o marido, com dificuldades também no relacionamento com as filhas. Sente-se inferiorizada no lar, as filhas maiores têm o respeito do pai, enquanto ela, como esposa e mãe, é muito criticada. Não mede suas palavras em casa ou com vizinhos, e, não seria de se esperar que no grupo comunitário fosse diferente. Está sempre muito envolvida com uma filha pequena que tem problemas de saúde (lábio leporino e fenda no palato). Vai muito à igreja do bairro, bem como ouve rádio com atenção nas simpatias e superstições (imaginário popular). Sente falta da vida de solteira, pois para ela o casamento trouxe uma vida ruim. Já manifestou não gostar de sexo ou carinho do homem; suas filhas mais velhas foram criadas sem afeto, o mesmo não acontece com a menina mais nova que precisa e recebe os cuidados e o carinho da mãe.

O sofrimento a fez amarga provavelmente, sua agressividade é a expressão da sexualidade mal vivenciada. Sexualidade entendida como o conjunto de todas as dimensões prazerosas do sujeito, tudo o que afeta o ser humano, provocando satisfação (ASSOUN, 1997).

Sua religiosidade, sua mentalidade supersticiosa são lenitivos, um anteparo contra a dura realidade. A vida imaginária é rica em aspectos, emoções e sensações, mas precisa de um sistema simbólico que possibilite a comunicação com a realidade. Esse sistema simbólico é a capacidade de pensar, falar e agir, é o que dá, por exemplo, condições de transformar a natureza ou fazer história. Com S10, o sistema simbólico está silencioso, não há bom intercâmbio com a realidade, pouco uso da capacidade de pensar, sua comunicação em casa ou com as companheiras do Veredas é difícil, seu universo de informações, limitado (Igreja e Rádio).

O trabalho com ela tem que ser na perspectiva da construção de um existir, traduzido por auto-percepção, edificação do ser. Minha conduta tem sido a de mostrar a repetição do comportamento dela, a fala confusa e hostil, mas também a recebo bem, procuro integrá-la dando importância ao que enuncia. Sou uma das pessoas que a incentivou a participar da alfabetização de adultos.

O detalhe pontual disso tudo é que por mais que haja caras e bocas, raiva e até indiferença (é muito comum ser escanteada), nunca houve uma exclusão patente, uma rejeição a ponto de eliminá-la do grupo, tampouco ela parece se sentir incomodada ou compelida a deixá-lo. Sem dúvida fico pensando que sua permanência ali deve ter sentidos ocultos que vão além de buscar conhecimento ou fazer parte de uma comunidade ou ainda solucionar as adversidades cotidianas. O que parece é que há uma razão para a continuidade desses encontros e desencontros nas duas partes (o grupo e ela).

Pensar a interação entre elas favorece a inserção da sócio-lingüística como análise. Goffman (2002) afirma que, em qualquer encontro face a face, as pessoas propõem ou mantêm mensagens que organizam o discurso e os orientam no sentido da situação interacional. O autor introduz o conceito de *Footing* que

representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do eu de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção... caracteriza o aspecto dinâmico da mensagem e a natureza discursiva (2002, p.107).

Ou seja, o modo como nos portamos ou enunciamos diante das mais diferentes situações sinalizam aspectos pessoais e papéis sociais. Analisar as

interações significa olhar para o desempenho das identidades sociais e lingüísticas dos participantes engajados em uma situação de interação: como essas identidades emergem, como se constituem ou se alteram no fluxo dos discursos e como afetam a ação.

Nessa linha de raciocínio, a meta mensagem contida nessa relação que, embora desgastada pelas brigas, tem se sustentado, parece ser o surgimento das identidades, uma brecha para emergir onde, quando e como elas são. Alguma vantagem estariam levando, que mesmo em face da intolerância, arranjam os discursos de uma forma que a interação continua.

Minha fala tem sido repetitiva em dizer da forma como falar da agressividade, do tom provocador e desafiador, mas parece que isso ainda não fez efeito, promovendo mudanças. Ela (S10) parece ficar impactada quando percebe o que fez ou falou, pede desculpas, tenta consertar o dito, para dali a bem pouco tempo repetir o enredo. Freud, em um artigo, “Recordar, Repetir e Elaborar”, de 1914, escreve que uma técnica favorável à compreensão de nossa realidade interna é a observância do caráter repetível da conduta. Repetimos gestos, palavras, comportamentos, inibições e atitudes inúteis, como apego a um modo de ser. Com o cuidado de não sermos como a ninfa Eco, fadados a eternamente apenas repetir um padrão, precisamos de uma relação que nos chame a enxergar, é preciso dar chance, abrindo espaço para o Discurso, ocasionando a consciência da repetição e que ela se constitui empecilho a pensar e atuar o novo.

Parece ser de consenso a relação entre chefiar a família e ter maior salário. O que caracteriza a autoridade é o trabalho e o rendimento. O eixo central da atividade do sujeito são as condições, meios, formas materiais e sociais assumidas. O trabalho, princípio da humanidade dos indivíduos sociais, constrói respostas às necessidades humanas, indicando projetos a se realizar, transformando o sujeito e a realidade (IAMAMOTO, 2001).

No primeiro enunciado, S1 afirma ser o marido o chefe da família para em seguida, partilhar com ele o papel de tomar decisões. O discurso de S1 atualiza duas vozes, a saber, a de quem detém poder econômico é chefe e a de quem é chefe quem detém o poder de decisão. S1 enuncia, ora de um lugar social, do qual se pode e deve

dizer que quem mantém a vida material, tem maior poder sobre os assuntos da família, ora de um outro lugar social, lugar este que permite um discurso “novo” sobre o chefe. A heterogeneidade discursiva é marcada pela conjunção *apesar*, que introduz um argumento produzido no interior de uma formação discursiva que amplia a participação feminina no seio familiar, a mulher é vista como esposa, mãe e também como alguém capaz de decidir.

S2 atualiza um discurso machista às avessas. Ela repete o discurso enunciado por S1 (é chefe quem detém o poder econômico), mas agora o gênero que ocupa o lugar de chefe é o feminino. O discurso de S2 deixa entrever que, em sua casa, o homem está condenado às coerções que antes (em outro período histórico) pertenceram à mulher, dado que pode ser comprovado nos enunciados: “quando ele qué bebê, ele pede um real”; “um dia preguê-lhe a mão”.

S2 apresenta um discurso de autoritarismo quando se apropria do salário do seu companheiro ou mesmo quando, mais a frente, assumi tê-lo agredido fisicamente. Sua história é bem peculiar, é mais velha (mais ou menos 10 anos) que H1, ambos não têm família na cidade, são de muito longe. Ele, além de alcoolista, teve problemas de saúde, sendo ela a pessoa que o apoiou em momentos difíceis. Parece que depois disso, ele se entregou aos cuidados dela. S2 sente-se apropriada de seu lar e de sua família, resolve tudo e decide tudo a ser feito. A mãe dela sofreu de maus tratos e violência sexual, morreu sem assistência, sem amparo, quando S2 tinha 10 anos. É uma história triste, que ela contou várias vezes com muita emoção.

Foi muito pouco à escola, só consegue assinar o nome, fez todo tipo de trabalho até conhecer esse companheiro com quem vive até hoje. Penso que a maneira como o trata tem correspondência com essa história materna – “fui criada pra num dá mole pra homi”. Seu discurso, sua atitude está comprometida com as defesas que precisou criar para sobreviver a essa história. No Nordeste (região por onde passou na adolescência) viu mulheres diferentes de sua mãe, fortes, destemidas e que enfrentavam seus homens; esse modelo ela adotou. Sua ternura e sensibilidade aparecem quando fala das filhas, sua alegria e incentivo. Creio que não sucumbiu aos tradicionais papéis socialmente construídos, de que a mulher que não trabalha fora, não tem voz ativa na família, ou é vista apenas como mãe.

A consequência da aquisição desse modo de ser, figura o modo como fala e age – “um dia prego-lhe a mão”, tão distorcido quanto à experiência de ter presenciado o tratamento que a mãe recebeu do pai, resultando o uso de violência com o companheiro. Não sei se ela bate no pai, por tabela no marido, ou se se defende do homem sentido como ameaça. De qualquer maneira, ela tem o respeito das mulheres do grupo, que mesmo com surpresa – “Que isso, S2, precisava batê?” – e recriminação, acolhem-na com todo jeito. Os risos são por conta de que ela se faz de brava, acentua sua capacidade com palavras e gestos engraçados – “tem homi que é folgado...”.

Noto que o discurso de S3 também é enunciado a partir do lugar social de que é chefe quem detém o poder econômico, no entanto, S3 não estabelece com esse discurso, uma relação de oposição, mas de aliança. Para ela, o fato do marido ser chefe da família porque ele tem mais “grana”, não a incomoda, atitude de quem se adaptou ao sistema. S3 também atualiza os discursos do consumismo e da vaidade. O primeiro se materializa em enunciados como – “eu gasto sem medida”, e o segundo, na aparência “infeitada” que chama a atenção, por várias vezes, escutei o Prof. Luiz Cruz a chamando de “Maria Bonita”, o que lhe dá muito prazer.

Ela faz um pedido, com insistência esse tem sido seu pedido: dar um jeito em sua compulsão por gastar e comprar. Dona de casa desde que foi viver com H2, tudo que faz além dos afazeres domésticos, é ouvir rádio e assistir à televisão. Na infância miserável passou muita fome, necessidades básicas também de afeto. Sonha muito com comida, supermercado e churrasco. Já conversamos de um buraco interior muito fundo que está dentro, insaciável, que a pede por nutrição. Com ela, me lembro da música dos Titãs, “Você tem fome de quê? A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte...”.

Penso que ela é uma vítima desse sistema capitalista, que se sacia de nossas insatisfações, que tem um discurso de apologia ao consumo exagerado, que modifica o caráter (SENNETT, 2005), que tem leis próprias que não estão de acordo com as leis sociais e humanas, que apregoa a universalização da dependência em relação às coisas materiais

dependência essa mediada pelo dinheiro como poder privado, que passa a representar a comunidade universal, autonomizada dos indivíduos. Essa sociedade da mercantilização universal tende ao mais alto grau de expansão das forças produtivas humanas e ao desenvolvimento das disposições, capacidades, habilidades e atividades realizadas de forma limitada, porquanto alienada. A elaboração plena do humano aparece como esvaziamento pleno do indivíduo... (IAMAMOTO, 2001, p.17/18).

Nesse contexto, a ênfase será os objetos, as mercadorias entendidas como úteis e de valor com a falsa idéia de que consumir compulsivamente traz liberdade, sensação de pertencimento e prazer.

Costumo sentir que “coisinha”, maneira como se refere a mim, pode ter o sentido da impessoalidade, como que um lastro de distância, possibilidade confirmada pela vida bem fechada que tem com o marido e os filhos. Não recebe vizinhos ou visitas, procura sair só acompanhada da família. Frequenta o Veredas com os meninos (filhos) que recebem o flúor da dentista.

O discurso de S4 revela de que é chefe quem detém o poder econômico, apesar de tentar imprimir-lhe um outro tom. Ao enunciar – “im casa é os dois, apesar di qui meu marido ganha mais qui eu”, a conjunção *apesar* é responsável pela reiteração do discurso oficial que ainda aparece em pesquisas sobre gênero e trabalho que retratam, com frequência, a população economicamente ativa constituída em sua maioria por homens, cujos salários são maiores do que os pagos às mulheres em cerca de 10,9%. A tentativa de imprimir a seu discurso um outro tom, talvez um tom que lhe eximisse de tamanha subordinação, é o da divisão de tarefas no lar, situação que emerge de uma formação discursiva de cunho feminista, verificável em “em casa, num tem esse negócio não”. A negação atualiza a afirmação de que em casa tem esse negócio e simultaneamente a refuta, nesse sentido, a palavra “negócio” poderia ser substituída por “di eu fazer as tarefas de casa sozinha”. A negação pode apagar a memória discursiva sobre a submissão feminina nas tarefas domésticas, mas não dá conta de apagar a memória reiterada em todas as falas analisadas até agora, aquela que coloca o gênero masculino como chefe e cujo posto é definido em função de seu salário.

Na seqüência, em seu discurso, S5 associa chefe com machão. Não há chefia da família, mas parece haver chefia do marido para com ela, que não consegue se

decidir se é cuidado ou comparação, se é bom ou ruim que ele chame sua atenção para os cuidados pessoais (emagrecer e vaidade). Não raras vezes, ela enuncia aborrecimentos com o corpo, a baixa estima por estar acima do peso. É bem fácil que ela se compare a outras mulheres e que monitorea seu marido em função dos ciúmes que já admitiu ter. É difícil saber ali, quem controla quem, indícios das dificuldades na relação de gênero.

No enunciado de S6, surge a noção de que seria natural que o homem, ganhando mais e sendo o chefe da família, poderia apresentar altivez (orgulho), coisa que ela trata logo de descartar. P mas Q então, atualiza duas vezes, uma que indica a soberba masculina e a outra que a nega em seu marido.

Um outro ponto do discurso parece ter o tom da reclamação, quando diz que ele não participa da educação dos filhos, aspecto comumente vivenciado pela sociedade Patriarcal, onde o homem é o provedor e a mulher, a cuidadora e educadora dos filhos. Ela tem um bom homem, mas com alguma ressalva – “mas ele fala pouco, acha que eu que tenho que educá”. Os papéis na relação de Gênero necessitam maiores condições de reflexão e discussão para que possa, então, diminuir os embates, aproximar e parelhar homens e mulheres.

Na família de S7, outra dificuldade na compreensão dos papéis e das funções, notadamente explicitado por um estereótipo, de que meninos não devem se entregar aos afazeres domésticos com pena de prejuízo para a sexualidade, semelhante é o que vive S3 em sua casa. A educação de meninos e meninas se constitui um problema da ordem do comportamento por meio da transmissão de uma ideologia que discrimina e cria estereótipos desse tipo. Nesse caso, há um duplo preconceito: o agir como se tarefa doméstica fosse prerrogativa da mulher e, de outro modo, impedir que o menino não se homossexualize, tido culturalmente como um problema, quando não como doença.

O discurso de S7 também pode ser pensado como o discurso antropocêntrico com uma variante diferente daquela já apresentada. O chefe da família não é simplesmente um filho pequeno, mas o filho pequeno do sexo masculino. Pode-se asseverar, a partir de então, que ser chefe é poder fazer o que se quer, autonomia que é dada discursivamente ao indivíduo do sexo masculino. Ela (S7) não me parece ter vida

própria, autonomia, segurança para opinar, espaço para ser. No grupo, ela vem tentando se olhar, enxergar-se como uma pessoa, não a sombra do filho, do marido ou da mãe (muito dominadora). No último ano, mudou a aparência física e voltou a trabalhar fora, porém ainda há muita dificuldade em mudar o panorama familiar.

Interessante notar que S3 também formata um discurso de que filho que faz tarefas domésticas pode se tornar homossexual, e seu posicionamento aparece marcado por muitas negações – “eu acho que num tem nada a ver não”, que são responsáveis também pela enunciação do discurso de que tem a ver alguma coisa. Sendo S3 um sujeito que estabelece uma relação de conluio com o discurso já sedimentado pelo sistema, é fácil depreender sua aliança com o discurso da homossexualidade, uma vez que depende da concordância de um outro sujeito, visto como aquele capaz de ponderar sobre as funções de cada gênero, em: “num é, coisinha?”.

S8 e S12 têm um enunciado de concordância de que não há um chefe familiar, mas uma conjugação de gênero, aparentemente uma relação de acordos, com a diferença de que S12 afirmou não ser submissa, o que quer dizer que é conhecido o fato de que a mulher tem sido apontada na sociedade como sendo submissa.

S12 também procura descrever o marido, apontá-lo com predicados do tipo “num tem ambição, é tranqüilo com as conta, bebe a cervejinha im casa”, indicando possivelmente as dificuldades que teve ou tem na sua relação com H4.

De forma bem visível, está indicada uma contradição no universo de S11: ninguém é chefe de casa, só que quando um fala, o outro cala. Ela não parece ter consciência do que escapou por entre suas palavras. Se alguém fala sem a entrada de um outro, não há relação, se não há relação, então não há comum acordo como o que foi enunciado. O inconsciente se manifesta abrindo uma fenda contraditória no discurso, importante material subsidiário ao conhecimento. A contradição, base de nossa humanidade, é o veículo por onde nos revelamos indícios dos desejos, das influências culturais e sociais com as quais nos aliamos e nos escondemos. O discurso, então, não é só nosso, como com S11, é de todo um aparato institucional, por onde perpassa a educação. É provável a ausência de relações de gênero na casa de S11.

O enunciado de S13, como apontado anteriormente, foi alvo de críticas e desavenças no grupo. A história dessa mulher, um pouco narrada por ela, é de muito

lamento. É verdade que o emprego veio da indicação de uma companheira do grupo, depois de quase um ano tentando encontrar, a mesma que aconselha a agradecer e esquecer a mágoa, como também é uma verdade que sentia-se oprimida por depender financeira e emocionalmente do marido.

É do conhecimento, o histórico processo de poder e autoridade masculina na sociedade de classes, hierarquizada, sobretudo em função de que o homem sempre teve domínio sobre o trabalho, a propriedade sobre o lar, o dinheiro do sustento familiar. Neste tipo de relação, a mulher sempre foi mais um objeto dentro do vasto campo de movimentação do homem. É fato também, que desde que a mulher foi convocada pelo sistema capitalista a enfrentar o mercado de trabalho, isso significou para algumas mulheres a conquista de poder, de libertação, como enunciado por S13 (SAFFIOTI, 1979).

Ela queria muito trabalhar porque isso tem o sentido para ela de fim da humilhação, da degradação sentida, da inferioridade destacada nas entrelinhas de seu discurso. O calor de suas palavras chamou a atenção do grupo, que em nenhum outro momento dessa reunião foi tão impelido à participação, várias companheiras opinaram, manifestaram acolhimento, entendimento como também discordâncias (como S10). Fico pensando se o que se suscitou questionamentos não foi o tema da opressão feminina ou do quanto pode gerar culpa, fazer algo para mudar aquilo que está estabelecido, quebrar regras ou paradigmas.

Posso destacar que os discursos enunciados pelas mulheres do grupo de mulheres, na reunião sobre o Tema Gênero, podem ser interpretados como o discurso do grupo, discurso que emerge de uma formação bastante peculiar, sujeita às coerções financeiras, históricas, psicológicas e próprias do gênero. Não poderia ser diferente, o discurso de que é chefe da família quem ganha mais (o homem é o responsável na maioria dos casos), é regular nas falas de todas elas e aparece entrecortado por discursos oriundos de outras formações discursivas (midiáticas, feministas, etc.), deixando entrever que o campo discursivo abriga na maioria dos casos, uma luta ideológica que encontra terreno fecundo nas casas de cada uma e no convívio familiar que cada uma pode estabelecer.

PROPOSTAS REFLEXIVAS

Na reunião de Tema “Gênero”, ficou indicado:

- Relação entre chefe de família e maior salário.

Embora de forma singular, tenha havido diferenças e a introdução de outros assuntos. Destaco que nossa comunidade não é e não precisa ser unidade consensual, homogênea, lugar de um único sujeito, mesmo que os desejos possam ser que todas as pessoas sejam iguais em necessidades. Lembro a dimensão negativa e injusta de considerar as companheiras como um prolongamento de nossa visão e medida do mundo.

Voltei a falar da questão agressiva das palavras, do cuidado com juízos morais e da facilidade como transmitimos valores e conceitos sem pensar se são nossos, ou da religião, do governo ou de nossa família de origem. Procurei falar do meu desejo: que o grupo pudesse ser lugar de convívio e manifestação das mais variadas idéias. Freud, em 1912, na obra “Psicologia de Grupo e a Análise do Ego”, procurou falar que, só com muito esforço, nós vamos desistir de uma parte de nossa felicidade pessoal para viver em comunidade.

Conto duas histórias como metáforas do conteúdo da reunião:

- Leito de Procusto:

Procusto era um assaltante que ficava entre as cidades de Megara e Atenas, e se interpunha entre os viajantes para assaltar-lhes. Não satisfeito em tirar suas mercadorias, Procusto os colocava em seu leito. Aqueles que eram menores, ele esticava até que coubessem, aqueles maiores, cortava-lhes a perna (JEAN PIERRE VERNANT).

- Lenda de Turandot:

Célebre princesa chinesa, prodigiosamente bela, fria e cruel, impõe a todos os que pretendem a sua mão uma prova que comporta três enigmas. Se o pretendente conseguisse resolver os enigmas, obteria a mão da princesa e o trono da China. Mas se fracassasse, deveria morrer. Mulher de gelo, gosta de inflamar os homens e conduzi-los à morte. Decapitando os amantes, ela ameaça a monarquia. Seu pai, o imperador, está muito velho. Só um novo imperador poderia trazer sua paz. Turandot é ao mesmo tempo a sede da

exuberância das paixões mortais. Inflama sempre os homens e os faz decapitar. Quando antes de responder ao terceiro enigma, o último pretendente, Calaf, hesita, ela o ironiza: “Qual o gelo que pode incendiar?”. Ela se enche de ódio quando Calaf responde: Turandot (ENRIQUEZ).

A primeira tem o sentido de buscar uma única medida para todas as coisas e a segunda, o abuso do poder, o uso da violência, a necessidade de ter domínio sobre o outro. Articulei as narrativas aos acontecimentos da outra reunião: a doutrina de S10, a violência de S3, o sentido de revide que tem o trabalho de S13. A solução para essas questões, elas mesmas deram no dia quando acudiram em atitude de solidariedade à companheira S13.

Grupo → Não é um lugar vazio. Em determinados contextos ou ocasiões, se enche de diferentes significados. Serve para acontecer relações, fazer vínculos entre múltiplos (diferentes) seres humanos (ADORNO, 1903-1969).

1- APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

O IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas e Agrárias faz um relatório sobre o Desenvolvimento Humano no Brasil, de tempos em tempos. Sua última publicação no ano de 2000 aponta alguns índices, a saber:

- O que caracteriza o ser chefe de uma família, entendida como unidade de consumo, é o trabalho e o salário porque oferecem sustentação a esse consumo. O chefe, então, é aquele que mantém economicamente a família. O que está em acordo com o que foi enunciado pelo Grupo de Mulheres.
- No Brasil, hoje há muitas famílias monoparentais – chefiadas por apenas uma pessoa. Fruto das transformações sociais, econômicas e culturais no século XX que mudou o perfil da família, proporcionando novas configurações.
- Das famílias monoparentais, 66%, então a maioria, são chefiadas por mulheres. Realidade diferente do Grupo, cujo modelo familiar ainda é o nuclear, formado por pai, mãe e filhos.

- É o sistema econômico quem define, por meio de uma política de mercado e demanda de trabalho, quem é o chefe da família.
- Nas famílias chefiadas por mulheres é maior a chance de serem pobres, principalmente se se tratar de mãe pouco escolarizada.
- Em média, o trabalho da mulher é menos valorizado que o do homem. O salário das mulheres equivale a 63% do salário dos homens. Em geral, as mulheres ocupam funções de baixo salário e baixo prestígio.
- As mulheres representam 92% da força de trabalho como empregada doméstica remunerada.
- A maioria das mulheres no Brasil acumula funções dentro e fora de casa.
- Grande parte da população brasileira é pobre. Parte dessa população é homem e parte mulher; se os homens pobres estão excluídos da aquisição de bens de consumo, quando se trata da mulher, tem menos autonomia para adquirir moradia, alimentação, serviços de saúde, lazer, roupas e demais objetos de uso pessoal.

Creio ser necessário refletir a categoria Trabalho e o seu valor para a mulher. Entre os maiores sonhos, o trabalho sempre foi um dos mais importantes do ser humano (FORRESTER, 1998).

A mulher já foi responsável pela produção de quase 100% do alimento do planeta. Um tempo em que a lavoura e a agricultura eram parte das tarefas femininas. Hoje, com o êxodo rural, a expansão dos centros urbanos, a mulher continua produzindo alimento, só que de forma diferente, como responsável pelo preparo da comida da família. Esse fato parece ser muito pouco notado ou valorizado, mesmo da parte de mulheres. Costuma-se pensar invariavelmente que trabalho doméstico não remunerado não é trabalho ou não tem valor. Em decorrência desse tipo de pensamento, a mulher sofreu historicamente um processo de inferiorização que lhe custou retraimento, sentimento de incapacidade, internalização de valores maternos, dóceis e sensíveis (MURARO, 1993).

Pelas informações do IPEA, configuramos uma divisão social e sexual do trabalho, favorecendo o caráter de desigualdade de condições entre mulheres e homens. É bastante conhecido o androcentrismo, o homem é o centro do universo e

todas as demais coisas estão ao seu serviço, configuração não mudada mesmo após a inserção da mulher no mercado de trabalho. Um dos acontecimentos importantes para a mulher no século XX, dando-lhe oportunidade de expansão de atividades e maior autonomia, foi a pílula anticoncepcional (na comunidade, quase todas fazem uso de algum método contraceptivo).

O que vai de fato ampliar as conquistas femininas é a consciência dos papéis sociais, pensar a questão de Gênero numa perspectiva analítica semelhante àquela de classe social: ambas as categorias atravessam as sociedades históricas, trazem à luz os conflitos e definem as formas de representar a realidade social e de intervir nela (MURARO; BOFF, 2002).

Pensar, discutir, ter a liberdade para expressar, como na reunião desse tema, as questões de Gênero, compreende ir além do sexo biológico, buscar do lugar que ocupamos como mulheres, inscrever o nosso ser, a pessoa que somos ou queremos ser. Tudo que foi enunciado, contraditório ou não, consciente ou não, foi a partir de uma posição, que certamente não é a melhor, é a que se tem, porque ainda se luta muito por emprego e salários dignos, se luta muito para não passar fome, se luta por casa própria ou por escola para os filhos, então está longe de ser o melhor, a posição é a que a condição social e econômica as possibilita.

Seus discursos evocam o padrão de vida imposto pelo sistema, embora isso não significa que sejam assujeitadas ou irremediavelmente passivas diante do contexto, afinal fazem comunidade como saída para os mais diferentes problemas. Penso que mesmo certa de haver um aspecto inconsciente na personalidade, não são seus joguetes, são seres que no contato e vínculo com outro, conhecem a realidade, nem de outra forma são presas do lugar de origem, fadadas a enunciar, sem escape, a pobreza e a ignorância. Para escrever novas páginas nesse livro, recuperando pouco a pouco as falhas, a discussão de Gênero deve ser enredo garantido.

2- CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS:

Não penso ser necessário escrever as teorias sobre a história da mulher desde a Antigüidade, não só porque foi a trajetória percorrida em minha dissertação de

mestrado, mas porque aqui ficaria cansativo e material repetido de tantos trabalhos acadêmicos.

Vou me ater a narrar os pontos que foram cuidadosamente transmitidos ao Grupo de Mulheres; trata-se de situar a mulher nas várias épocas históricas:

- a) A Mulher na Civilização Greco-Romana/Atenas, Esparta e Roma.
- b) A Mulher na Idade Média/A Visão da Igreja, Educação e Filosofia.
- c) A Mulher na Modernidade/Educação/Discriminação/Sexualidade.
- d) A Mulher na Época Contemporânea/Educação/Trabalho/Política.
- e) A Luta pelo Voto no Brasil.
- f) “O Segundo Sexo” /Feminismo.
- g) As Conquistas/Controle de Natalidade/Trabalho e Política.
- h) A Importância da Conjugação de Gênero/Pensar Diferença e Desigualdade.

Para encerrar, distribuí a letra da música de Zé Ramalho – “Cidadão”. Pedi que ouvíssemos a música, acompanhando a letra:

Tá vendo aquele edifício moço
 Ajudei a levantar
 Foi um tempo de aflição, era quatro condução
 Duas pra ir, duas pra voltar
 Hoje depois dele pronto
 Olho pra cima e fico tonto
 Mas me vem um cidadão
 E me diz desconfiado
 Tu tá aí admirando ou tá querendo roubar
 Meu domingo tá perdido, vou pra casa entristecido
 Dá vontade de beber
 E pra aumentar meu tédio
 Eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer
 Tá vendo aquele colégio moço
 Eu também trabalhei lá
 Lá eu quase me arrebento
 Fiz a massa, pus cimento, ajudei a rebocar
 Minha filha inocente veio pra mim toda contente
 ‘Pai vou me matricular’
 Mas me diz um cidadão:
 ‘Criança de pé no chão aqui não pode estudar’
 Essa dor doeu mais forte
 Nem sei porque eu deixei o Norte

Eu me pus a me dizer
 Lá a seca castigava, mas o pouco que eu plantava
 Tinha direito a colher
 Tá vendo aquela igreja moço, onde o padre diz Amém
 Pus o sino e o badalo, enchi minha mão de calo
 Lá eu trabalhei também
 Lá foi que valeu a pena, tem quermesse, tem novena
 E o padre me deixa entrar
 Foi lá que Cristo me disse:
 ‘Rapaz, deixe de tolice, não se deixe amedrontar
 Fui eu quem criou a terra
 Enchi o rio, fiz a serra, não deixei nada faltar
 Hoje o homem criou asas e na maioria das casas
 Eu também não posso entrar”.

Ao terminar, liguei a música com a explanação sobre a história. O objetivo de transmitir teoria é contextualizar as lutas e dificuldades da mulher quanto ao reconhecimento de sua cidadania (pertencer à cidade, à vida social e política). Mesmo uma dona de casa, como algumas dessas mulheres presentes, tem uma função social e política, são cidadãs, ajudam a construir o mundo. O fato de não terem atividade remunerada não pode deixá-las fora dos assuntos da família, da sociedade ou da política.

A música do Zé Ramalho é uma mensagem do quanto o sistema de trabalho pode ser desumano e excludente, o que quer dizer que a política é a única coisa que pode melhorar esse quadro. A política não é só aquilo que os políticos fazem, mas também o que nós fazemos para mudar o nosso pequeno espaço por onde transitamos, a família, a escola dos filhos, a igreja que freqüentam, a comunidade que participam.

Agradeço à presença, marcamos o próximo encontro.

A reunião sobre a história da mulher suscitou muito interesse, muitas perguntas foram feitas. Levei cartazes coloridos com gravuras que ao final elas levaram para casa. Reagiram com surpresa às mortes femininas na era moderna, não sabiam da dificuldade que o gênero feminino teve que enfrentar para conquistar alguns direitos. Foi uma reunião bem participativa. Escolhi um enunciado como síntese:

- **Os antigo fala qui tempo bõo era antigamente. Qui nada! Si a gente que é mulhé sofre hoje em dia, imagina antes quando num podia saí di casa. A mulhé num pode dexá o homi fazê o qui ele qué cum ela, homi que agridi mulhé, tem qui í pra cadeia, num é?**

Todas concordamos.

TEMA – GÊNERO 2

Dor é vida exacerbada. O processo dói: vir-a-ser é uma lenta e lenta dor boa. É o espreguiçamento amplo até onde se pode esticar!

Clarice Lispector

Visando dar continuidade ao Tema Gênero, levei um filme para que o grupo assistisse. Como não dispomos de televisão e videocassete no local, emprestei a fita para levarem para casa. Uma das participantes ofereceu a sua casa para que todas vissem juntas o filme. Assim foi feito.

Informações sobre o filme:

- Título: “Pão e Tulipas”
- Procedência: Itália
- Diretor: Sílvio Soldini
- Ano: 2000
- Atores: Lícia Magliotta e Bruno Ganz
- Objetivo: continuar discutindo as Relações de Gênero

No retorno à reunião, sem apontar ninguém, pedi que falassem a respeito do que viram, do que sentiram ou do que chamou a atenção no filme.

- S1 — Eu até tava comentano que um dia a gente cansa de sê tratada como escrava em casa e aí então chuta o barde. Tem muito cara que precisava vê esse filme pra dá valor na mulhé que tem. Achei tamém que a Rosalba salvou ela e o homi que ela encontrou. Eles tinha que dá certo porque a gente tem que ficá com quem trata bem a gente.
- S2 — Eu achei que o que ajudô tamém foi o lugar que eles si encontraro. Que lugar bonito, hein! Eu falo que quando a gente sai de casa pra passeá, a gente vê tudo diferente. Se eu pudesse, ia vivê viajano. Agora no filme mostrô uma grande força. Bem feito pra família da Rosalba, eles num dero

valor nela. As veiz a gente só dá valor depois que perde, num devia sê assim.

- S3 — Eu já tive vontade de saí andano pelo mundo. Mas e o medo de acontecê alguma coisa! Si eu soubesse que fosse qui nem o filme, porque deu tudo certo pra ela. Quando ela voltô pra casa, mi deu uma raiva, achei que ela fosse voltá pra aquela vida de sê traída, de sê empregada do marido. Depois ficô bom, porque ela percebeu que o vaso tava quebrado mesmo. Quando o vaso quebra, num adianta que num conserta.
- S4 — Pra mim o filme tá mostrano que a gente pode mudá de vida. A oportunidade aparece, é a gente que tem que agarrá. Quanta coisa boa a Rosalba fez depois que dexô a casa dela, num é?
- S5 — Eu achei o filme legal, mas num entendi porque Pão e Tulipa.
- S2 — Tulipa é uma flor, num é? E o pão é o que eles comia. Pra mim, ela escolheu vivê de pão e flor. Antes decerto ela tinha só pão, depois a flor.
- S1 — Eu acho isso tamém.
- S6 — Cês viram que homi safado? Lembra aquela veiz que veio aqui a Su (uma mulher que freqüentou o grupo por pouco tempo) que contô que o marido tava traino com a melhor amiga, ela pegô os dois e ainda ficô com ele. Por isso que eu tenho medo de levá amiga pra minha casa. Homi já sabe né, num pode vê um par de perna. (Risos). É gente, a gente tem que tomá cuidado.
- S5 — A mulher que tem culpa do marido traí.
- S6 — Num sei não, no filme que culpa a mulher tinha? O homi é que era safado mesmo.
- S5 — Eu falo isso porque tem mulher que num é carinhosa, que num trata bem o marido na cama.
- S1 — Ah, eu acho que o homi tem que entende a mulher, num tem essa de já í procurano outra, não.
- S3 — Eu tamém acho.
- S7 — Em casa, se o H1 quisé arrumá outra, ele pode í, só que em casa ele num fica, eu largo na hora, eu já avisei.

- S8 — Eu acho assim que tem dia que a gente num tá bem, num tem vontade de fazê sexo, o marido tem que entendê. Olha pra vê, eu fico o dia intero cuidano de mininu, lavo ropa, fico estressada, como que de noite vai tê clima. O homi que num entendê isso, como faz não é?
- S2 — Teve uma época que eu fiquei assim sem querê nada. Achei até que eu tava doente, eu deitava e fazia por obrigação de medo dele num mi querê mais.
- S9 — Ih mia fia, eu faço pro obrigação sempre. Eu já falei pro cês que eu nunca gostei. Se fosse assim, hein, o homi já tinha me largado, hein!?
- S10 — É o fim sê esquecida como a Rosalba. Num dá nem pra imaginá si fosse comigo. Do marido esquecê o dia do aniversário dá raiva, a gente fica si sintino a última, imagina num notá que ela tinha ficado pra trás. Isso mostrô que ela num era importante, que nem os filho gostava dela, Deus me livre de passá por isso.
- S11 — Eu achei tamém forte a história do homi lá que aluga o quarto pra ela. Eu pensei que ele ia fazê alguma coisa com ela.
- S8 — Fazê o quê?
- S11 — Sei lá, parecia que ele ia matá ela.
- S8 — Ele tinha uma cara feia, um jeito estranho, mas era por causa do poblema que ele tinha. Ele ajudou ela a encontrá um caminho melhó. Talvez ela já queria í embora e num tinha corage. Ele deu corage pra ela.
- S12 — Cês tavam falano di homi, num é só a mulher que tem que tratá bem, o homi tamém tem que tratá bem a esposa. Num adianta a mulher sê submissa, fazê tudo e o outro lá no bem bom, fazeno miséria por tráis. Carinho tem que sê assim, um pra lá otro pra cá, não é mesmo?
- S6 — É, mas e quando o homi num consegue sê delicado, dá carinho? Tem que parti às vezes da mulher.
- S12 — A mulher é mais sensível, tem mais jeito pra resolvê uma discussão, eu acho que até mais inteligente, porque ela sabe como levá o homi. Num sei se porque lá em casa eu que procuro tê cuidado com o jeito que eu falo, procuro mostrá que ele precisa dá um passo que num sô só eu.

- S6 — Quando tem que acontecê, acontece, mesmo quando a mulher faiz tudo direito. Tem mulher que faiz tamém, num é só homi que trai, uma mulher quando dá pra sê sem-vergonha...
- S10 — No filme, num si trata só de traição, eu acho que é amor e sê bem tratada como mulher, a Rosalba num voltô pra casa porque encontrô amor, alguém que tratava ela como ela queria decerto.

Obs.: Nessa reunião, por várias vezes, pedi silêncio para que todas pudéssemos ouvir as participantes. Elas têm o hábito de falarem em duplas quando o assunto é muito estimulante. Procuo dizer do respeito que deve haver quando alguém está falando. Cada uma tem sua vez de falar, basta pedir ou esperar o momento adequado.

Antes de encerrar, propus que falassem como tinha sido a sessão de vídeo na casa de S6. Fizeram elogios, gostaram da experiência de encontro fora do Veredas.

Fácil perceber como o filme deu chance para que falassem de assuntos como sexo, amor, traição, por consequência, das Relações de Gênero.

Os enunciados tratam do filme “Pão e Tulipas” numa visão íntima de si mesmas. Percebo que o que se aplica à história de Rosalba se aplica também a elas. Essa narrativa mais ou menos ordenada delas mesmas proporciona um ambiente rico, de variados sentidos. “Pão e Tulipas” é a metáfora de uma mulher comum, dessas mulheres que facilmente encontramos no cotidiano, sobretudo nos bairros mais afastados. Uma mulher do lar, que esquecida em uma parada do ônibus de excursão (estava com a família que não nota de pronto sua ausência na condução), oportuniza uma mudança de vida. A aventura de Rosalba é o saldo de uma pessoa que, acostumada a ver uma única paisagem, quando enxerga a planície mais além, não aceita voltar para o mesmo jardim.

Porque será que a traição do marido teve tanta ênfase nos enunciados? Muito pouco surpreendente é o fato de que algumas delas manifestam insegurança, medo de que possam ser trocadas ou enganadas. Não vejo que essa preocupação seja

particularidade das mais jovens, mas daquelas que, não tendo remuneração pelo trabalho, perdem com facilidade o seu referencial de valor. Não quero dizer que isso seja uma regra geral, destaco que é uma característica das mulheres desse grupo.

A vida íntima do casal é assunto de considerável interesse, motivo de surpresas, improvisos e muita conversa. Os segredos da vida privada não são partilhados fora do grupo, o que aumenta a sensação de que o momento de encontro entre elas deve ser aproveitado, até com certa ansiedade, pois como indiquei anteriormente, é fácil que elas se agrupem aos pares, em conversas paralelas, embora tenha aí também uma outra interpretação, que em momento mais oportuno mostrarei.

S1 enuncia do lugar social de uma mulher que, não tendo valor para seu homem, se rebela e vai procurar quem a trate bem! Ela está falando da mulher doméstica que “chuta o barde”, dito popular que indica ruptura com o estabelecido, transformação, desordem. O rompimento com a estrutura montada é o que S1 parece almejar tanto quanto a protagonista do filme fez. Ela tem um relacionamento fraterno com o marido, no sentido de viverem como irmãos, conta aceitar viver sem a intensidade da relação homem/mulher. Seus cuidados para com ele não passam de cuidados caseiros como arrumar os objetos de uso pessoal, preparar a refeição ou lavar suas roupas – “a gente cansa de sê tratada como escrava em casa” – não seria o seu caso?

A postura de S1 sempre pareceu ser de resignação acompanhada, por mim, com certa desconfiança, já senti alguma frustração em sua forma dura de manifestar opinião sobre os relacionamentos das participantes e, nesse enunciado, surge a força de quem se desprende das estruturas para se encontrar com uma outra vida.

Noto com certa freqüência nos enunciados, a expressão “a gente” – um modo de não falar da singularidade, mas do coletivo, um modo impessoal de falar de coisas próprias. Ao analisar essa expressão, pensei que é estranho falar de um “eu sem ser eu”, um eu contrastado por vozes ou outros eus. Conectei esse pensamento ao conceito de identidade, entendido como

sentimento de ter os objetos externos dentro de nós e/ou nos virmos refletidos neles. Passando por um longo processo de introjeções e projeções, cada indivíduo vai apresentando uma configuração pessoal mais ou menos

singular, a despeito da influência do meio que o marca com certos traços comuns (DULCE DANTAS, 1974, p.43).

Essa configuração pessoal é como se pedaços das pessoas e dos objetos que vão passando pela vida fossem se agregando ao modo de ser. A identidade é um estado de ânimo, uma autêntica experiência com o meio.

No desempenho de papéis em busca de uma identidade, nos vinculamos criativamente aos outros, descartando a primeira pessoa do singular (eu) e enunciamos “a gente”. O problema consiste na possibilidade de surgir uma linha evolutiva, conservando a integridade das características singulares, evitando ser mais uma peça do sistema social, mero reproduzidor de vozes, alheio de si mesmo.

L. V. Vygotsky (1896-1934) entende a linguagem como sistema simbólico dos grupos humanos que fornece conceitos e formas de organização do real. A linguagem é o que faz com o que o sujeito se relacione com o objeto, compreenda o mundo e aja sobre ele. Nessa direção existe uma “fala socializada”, que nos insere nos mais variados contextos, promovendo comunicação entre indivíduos. Essa comunicação tem o propósito da relação, processo de criação e recriação da cultura. A linguagem adotada pelo grupo de mulheres comunica, não só as experiências anteriores de vida, como a relação que estabelecem nessa comunidade, entre elas.

Na narrativa de S2, a terminologia da paisagem aparece legitimando o espetáculo da imagem, o quanto a imagem cinematográfica ou televisiva prende a atenção. As telas de televisão, cinema e computador são descendentes do êxtase dionisíaco, fazendo com que a massa dos cidadãos entre em um devaneio ébrio. O sonho teleguiado, segundo Sautet (1997), não deixa de ter suas virtudes, uma vez que oferece os préstimos de um veículo com desempenhos que, em princípio, estão fora do alcance da maior parte das pessoas. Se S2 enfoca o júbilo da Itália, cenário do filme, com suas belas praças, palco de muito romantismo, difundido como cultura de massa, mesmo distante de poder presenciar esse espetáculo, por um baixo custo, o cabo que liga cada casa ao distribuidor (TV ou videocassete), possibilita o acesso a lugares insonháveis de outra forma. Dentre os aspectos negativos desses instrumentos, se destaca o fato de que podem adiar o confronto dos cidadãos com a realidade. Sonhar é fundamental, buscar a realização dos sonhos é vital para a sobrevivência – “se eu

pudesse ia vivê viajano” – um desejo de deixar a realidade e refugiar-se no enlevo das imagens.

O mesmo instrumento poderia servir para despertar a consciência, acordar para uma compreensão de tudo que ocorre de fato no mundo. O propósito da interação do filme segue essa linha, permitir o contato com elas mesmas, o drama fictício despertar o drama real.

O trocadilho de S2 – “a gente só dá valor depois que perde” – é comum na linguagem coloquial, com um tom de saudosismo, algo como se, na ordem temporal dos acontecimentos, primeiro vem a ação (não dar valor), depois o pensar (perder). Seria bom se as atitudes fossem produtos da reflexão, de um pensamento elaborado, como não são, tocamos a vida com frases de efeito como essa. O peso do cotidiano leva à mesmice, que impede uma avaliação justa das relações e da vida.

Também é de S2 a brilhante explicação de que Rosalba, no início, só tinha Pão e, que após a reviravolta de sua vida, passou a ter também a Tulipa, mostrando a sensibilidade diante da metáfora profunda do filme. É fato que a personagem contava com o básico, para não dizer o mínimo, antes de conhecer..., que acrescentou a ela, sofisticação, música, poesia, dança e calor. É verdade que Rosalba “escolheu vivê de pão e flor”. Creio que a liberdade de escolher e desfrutar das escolhas é o ponto chave da trama, aquisição que depende de importantes conquistas na dimensão social e dimensão emocional, situação pouco experimentada pelos moradores daquele e de outros bairros de Franca. Conhecer outra realidade leva a uma ampliação da percepção, uma diferente avaliação da própria vida.

Já com S3, o desejo de liberdade, de poder sair pelo mundo, arrebentar com a vida até ali, vem acompanhado de medo, insegurança, declarada dificuldade de encarar a incerteza. S3 se projetou para a história do filme, tanto que teve raiva quando supostamente a personagem se rendeu aos pedidos do marido e volta pra casa. É a sua (de S3) história de inércia, de rendição que a incomoda. O vaso enunciado não é a peça decorativa das residências, onde se coloca flores, é a vida em linguagem simbólica. Não há conserto para uma vida “quebrada”, esfacelada. Parece dizer que a única saída é buscar outro vaso (vida), o que estaria condizente com o desejo de poder sair pelo mundo, ter outras experiências.

Para S4, o filme teve a mensagem da mudança, do aproveitamento das oportunidades, associadas às boas coisas que podem acontecer para quem agarra uma chance de mudar de vida, tanto que reforça seu pensamento, buscando aliadas (termina o enunciado com uma pergunta, “num é?”), como que para enfatizar sua idéia e acentuar o caráter dialógico e participativo com o grupo.

Em S5, há uma fala da sensualidade que dá colorido à relação homem-mulher quando enuncia – “eu falo isso porque tem mulher que num é carinhosa, que num trata bem o marido na cama”, mas também discursa o machismo quando diz: “a mulher que culpa do marido traí”, como se fosse responsabilidade única da mulher ter que dar conta da sexualidade do casal. A mulher no discurso da eficiência, nos dotes sexuais, atualiza uma memória de que tem que agradar ao homem.

A participação de S6 foi feita trazendo um depoimento que muda a direção do diálogo, desfoca o filme, colocando no centro da reflexão a traição. Para ela, um homem não é confiável, desperta suspeitas e não tem controle diante de outra mulher. Idéias que correspondem a um conhecimento que veio da educação, mas, sobretudo das experiências. De fato, a história que lembra foi vivida no grupo de mulheres. Recordo-me que, quando Su apareceu com seu dilema de traição, o grupo não se manifestou, senão para dizer da atenção que a mulher deve ter com amigas ou vizinhas muito próximas. Su frequentou a reunião duas vezes. Foi-se embora. O que foi buscar em nossa companhia, certamente não encontrou ou encontrou tanto que não foi preciso voltar.

Percebo insegurança e distorções na Relação de Gênero de S6. A imagem da virilidade masculina foi tão enfatizada que provocou risos, seu jeito afetado para enunciar, parece um equipamento de controle contra a insegurança. Penso que se destacou o fato de Su ter ficado com o marido depois da traição não tem tanto efeito quanto o fato de ter sido com uma amiga, então a traição importa menos do que a amiga. Não seria porque a rivalidade, a competição com outra mulher estaria embutida nesse enunciado? Tomar cuidado com quem? Com o marido ou com as amigas? Pode ser que a traição faça mais mal para a vaidade do que para o coração.

De outra forma, de que mulher fala S5? De Su, dela mesma, ou daquela produzida por todo um sistema ideológico? A culpa tem sido um conceito difundido,

talvez de forma mais contundente, pela cultura judaico-cristã, que atualiza e justifica as penalidades que são imputadas às pessoas. Paul Ricoeur (1976) chama atenção para o aspecto de que todo discurso é um evento e, o evento é alguém falando. As línguas não falam, só as pessoas, por isso a semântica, o sentido daquilo enunciado pelo locutor, é a resposta, nesse caso, o falante se dá a conhecer pelo que fala e, fala para si ou para alguém. S5 fala, então, de Su, dela e da mulher forjada pelo processo social de conceituar sujeitos. Ela fala da mulher que a cultura admitiu responsável pela culpa da humanidade, ela fala de Eva e suas descendentes.

S6 escuta a proposição de S5 com certa desconfiança, trazendo à razão que se toda mulher é culpada pela traição do marido, com Rosalba não é o que acontece; cai por terra a universalidade inútil do pensamento de sua companheira – “a mulher que tem culpa do marido trai”, embora opte pela safadeza tendenciosa dos homens, que bem poderia ser também universalizar o comportamento. Ambigüidade ou não, o hábito de tornar o pensamento uma regra, me parece inútil no sentido de que a condição humana, em todos os seus assuntos, é tão mais ampla, tão maior, que a padronização do comportamento pode ser um reducionismo que obstaculiza o conhecimento de quem seja o ser humano.

Esse diálogo serviu, entre outras coisas, para uma tomada pública de posição. Algumas mulheres quiseram e puderam participar da temática como quem procura seu lugar nessa confusa realidade (S1, S3 e S7). Penso que se posicionar diante desse grupo polêmico, inquisidor, provocador, é algo corajoso e louvável, conquista de alguém que já caminhou nas Relações de Gênero.

O posicionamento sincero e autêntico ocorreu também com S8, S2, S9 e S5 em uma exposição da intimidade; sexo precisa ter clima e circunstância para S8, período de ausência de desejo sexual passado por S2, sexo por obrigação de S9 e, a necessidade da mulher não perder a sensualidade em S5. É uma luta conseguir interagir bem com o corpo, sustentando um longo processo de educação desigual, as inúmeras distorções nas relações humanas, o sentimento de inferioridade histórico e psicologicamente forjado, as pressões quanto às respostas que a mulher tem que fazer como mãe, amante e dona de casa quando não é obrigada a contribuir para a economia do lar, um sistema que as empurram a ter que dar conta dos apetites do homem.

S9 se sente obrigada, mas como não se sentir obrigada quando assumidamente diz ter uma vida pior como esposa que quando solteira. Como não se sentir obrigada, se o casamento foi uma imposição do sistema familiar, que a educou para o casamento, afinal era pobre, única saída para alguém de sua condição.

A desinformação é tão grande que S2 pensou estar doente com seu periódico afastamento do desejo sexual, não lhe ocorreu pensar em dialogar com seu parceiro; antes preocupou-se com ele – “eu deitava e fazia por obrigação de medo dele num mi querê mais”.

A baixa libido é uma queixa de algumas mulheres, que na ocasião da visita de uma ginecologista, foi motivo de muitas perguntas. Esse tema terá que fazer parte das futuras reuniões, em função de suas implicações e da profundidade do assunto. Quero ressaltar que em meu particular modo de entender o assunto, essas mulheres com baixo apetite sexual sintomatizam sua dificuldade histórica e psicológica em lidar com o corpo e com o gênero masculino, próprios de sua educação. É conhecido o longo processo de repressão sexual sofrido pelas mulheres, somado ao acúmulo de tarefas a que vêm se submetendo nas últimas décadas. Todos esses ingredientes combinados com aspectos inconscientes, e talvez particulares, poderiam estar resultando a baixa libido. Certamente esse tema merece algum cuidado e tempo para ser explorado.

Quando a reunião parecia tomar uma outra direção, S10 volta para a análise do filme. Para mim foi como um corte em assunto delicado e pessoal como estava. É comum a mudança quando o assunto vai tomando uma proporção intolerável pelo grupo (ZIMMERMAN, 1997). A intolerância, nesse caso, pode ter sido pelo conteúdo pessoal e sexual que foi despertando nos depoimentos. Afinal, era disso que se falava. Inúmeras vezes ocorreu essa mudança brusca nos diálogos.

S10 fala em seu discurso de algo que ela quer que Deus a livre: não ser importante para o marido e para os filhos, coisa que a faria se sentir “a última”. Está nas mãos de Deus o destino de S10, que não quer nem imaginar ser esquecida como Rosalba, é como se imaginar fosse acontecer. Pensamento mágico e Deus traçam o destino, são idéias de quem ainda não percebeu que tem responsabilidade marcante nos acontecimentos da realidade. Para não se sentir “a última”, vai logo dispensando a imaginação e buscando a proteção de Deus.

No enunciado de S11, uma incógnita: “Eu pensei que ele ia fazê alguma coisa com ela” – captada por S8, que pergunta: “Fazê o quê?” – o predicado oculto dá idéia de que estava com medo, assustada, tanto que escondeu as palavras que poderiam esclarecer sua dúvida. A interlocução de S8, a seguir, confirma o sentimento de medo: “Ele tinha uma cara feia, um jeito estranho...”.

As palavras de S12 trazem o tom do retorno à análise filosófica sobre o Tema Gênero, quando enuncia estar atenta ao que estava sendo dito pelas mulheres: “Cês tavam falano di homi”. Fazer e dar espaço para que o outro faça é algo fundamental nas Relações de Gênero, que hoje precisam avançar na questão de que não há submissão possível e sustentável no convívio, não pode haver lugar para as aparências: “fazeno miséria por trás”. Uma relação precisa ser entre pessoas.

No entanto, logo depois da lição feita com letra legível, S12 sectariza o jeito de ser de mulheres e homens, “A mulher é mais sensível, tem mais jeito pra resolvê uma discussão, eu acho que até mais inteligente...”. Não há como não pensar que essa é a voz da tradição que, ao longo do tempo, segregou o comportamento feminino e masculino. A mim parece que S12 fala de si, do uso estratégico que faz disso em sua relação com o marido, sendo uma atitude política.

Na proposição de S10, surge um outro tema: o Amor, assunto que certamente está aliado às Relações de Gênero. Penso que S10 aponta de forma discreta, que o amor é o motor das transformações. É como se Rosalba não tivesse tomado a atitude de abandonar a vida sem graça que tinha, não fosse pelo amor a um homem, “alguém que tratava ela como ela queria decerto”. Creio que o que está dito em outras palavras é que não foi por ela mesma e nem pela traição do marido a guinada em sua vida, mas porque se sentiu segura que alguém a queria, encontrou um outro homem que deixou suas potencialidades florescerem.

PROPOSTAS REFLEXIVAS

Na reunião de discussão sobre o filme, “Pão e Tulipas”, houve destaque para alguns subtemas:

- Traição

- Amor
- Sexo
- Amizade

Cada um desses assuntos, com certeza, dariam livros, teses, conversa para uma vida. Penso que todos esses conceitos foram mais ou menos apontados pela obra cinematográfica, fazendo um enredo simples, mas fascinante da vida cotidiana de Rosalba.

De forma muito particular, houve algo no filme que, embora não apontado diretamente na reunião de discussão, faz diferença em uma reflexão mais profunda. Os filmes, as peças de teatro, as histórias que contamos, os passeios que fazemos, os livros, não foram feitos só para o entretenimento, têm o objetivo de ensinar, sendo talvez o principal deles, ensinar a tomar a vida nas próprias mãos, desfrutar para aprender. É claro que podemos só nos divertir, mas porque não aprender um tipo de mensagem enquanto, por acaso, brincamos? Muitas vezes quando não consigo dizer uma coisa importante e não encontro palavras, busco uma história, um filme, ou mesmo um acontecimento do dia-a-dia, farto de sentidos, sensível pelo conteúdo e, que toca lá naquele ponto, favorecendo a compreensão, que nem toda racionalidade humana, em sua capacidade discursiva, conseguiria dizer. A compreensão, o esclarecimento, podem entrar pela via do sentimento, sentir também é uma forma de conhecer, daí podem ser dispensáveis as palavras do espectador, do ouvinte ou do leitor.

No filme “Pão e Tulipas”, há um detalhe que favorece todo o desenvolver da história, detalhes sem palavras: entre o não seguir viagem com o grupo de excursão e todo o resto da história, no vazio, no espaço mínimo de estar só, Rosalba pôde pensar – a grandiosa experiência de pensar, que para mim tem o sentido de gostar da própria companhia. Quem gosta de ser companhia para si? Não falo de egoísmo, do fechamento em torno de si, mas de estar consigo para desfrutar dos pensamentos encaminhando-os à uma reflexão, estar em posição de ser aprendiz, escutar o som, o movimento de si próprio.

Rosalba, protagonista do filme, tinha uma vida de perfeita dona-de-casa, que por “acidente”, mudou radicalmente seu percurso. Gostou de ter deixado o lar, teve

alegria em retomar antigos gostos como tocar acordeom, mudar roupas e penteados, dançar e observar a beleza das flores. Encontrou amor, drama e um enorme desejo de provar mais do que a comida trivial. Em tempo mínimo, suficiente para que pensasse, foi fazendo uma outra vida, cheia de charme, sensualidade e esperança.

Pensar é uma das experiências mais ricas do ser humano, na atualidade menos prestigiada. A velocidade e a pressa tão cobradas, o escasso tempo para coisas essenciais, a tensão pelo resultado e pelo sucesso, tal exigência parece não permitir que os indivíduos sociais consigam desenvolver a capacidade de pensar, para citar Platão, a dianóia é o diálogo da alma consigo mesma, dialética que permite o surgimento das esferas elevadas de compreensão da realidade.

A revelia do que a história da humanidade mostrou, que sempre foi a história dos homens, a mulher possui capacidade de pensar, se usar dessa capacidade pode tomar a vida nas próprias mãos, dar o sentido que quiser aos seus sonhos.

Vou me utilizar dos subtemas enunciados como pontos de referências no seguimento teórico:

1- APROXIMAÇÕES TEÓRICAS:

Houve um tempo em que vida de mulher era monótona, limitada, triste, virou até frase famosa: a personagem Diadorim, mulher travestida de homem para enfrentar o mundo, enuncia – “Mulher é gente muito infeliz”. O predomínio era invariavelmente as linhas predeterminadas de uma vida como esposa, dona-de-casa, mãe, adereço do lar, com uma certa sensação de segurança. Claro que a segurança é uma ilusão, não existe imutabilidade das coisas nem eternidade na condição humana.

A autora Bardwick aponta que parte da sensação de segurança da mulher veio do casamento conceituado

como uma união sexual, econômica, freqüentemente procriativa, vista como permanente, simbolizada por uma cerimônia e abarcando uma ampla estrutura social de laços legais (ou não) e de sangue entre duas famílias. Como o compromisso é público e, presumivelmente permanente, determina em grande medida, quem somos e onde nos situamos (1981, p.123).

O contrato enfatiza a seriedade do relacionamento, esperança de que a intimidade não resulte em traição. Não estou falando aqui só do casamento legal, até porque as uniões informais são cada vez mais admissíveis. No grupo de mulheres predomina a união informal. Estou falando do quanto o encontro entre duas pessoas pode resultar na sensação de segurança, sobretudo para a mulher.

A segurança está nos benefícios de ter alguém que lhe tome conta, o status de ter conseguido um homem, estar amparada nos períodos de crise. Em nome dessa segurança, muitas mulheres suportaram e ainda suportam o pior.

Muitas mudanças ocorreram desde a idéia de que o universo feminino era o reduto privado do lar, resultado de contestação, questionamentos, reformulação de valores que fizeram com que as prioridades existenciais tivessem considerável transformação. O lar, antes lugar tranquilizador, mudou e muda de mil maneiras todos os dias, fazendo com que haja uma constante reavaliação dos compromissos, dos contratos, dos papéis e das posições.

Mesmo que a realidade tenha hoje uma outra cara, é comum observar a dificuldade na admissão de um novo jeito de ser, temos um tempo em que ser homem ou ser mulher pode estar intimamente ligado ao nosso desejo, mesmo que a cultura indique lugares, posições, deveres e traços identificatórios, mesmo que o discurso seja diferente daquelas determinações mais interiores. Maria Rita Kehl pensa que

identidade feminina e identidade masculina são composições significantes que procuram se mostrar distintas, e nos quais se supõe o alistamento dos sujeitos, de forma mais ou menos rígida, dependendo da maior ou da menor rigidez da trama simbólica característica de cada sociedade (1998, p.33).

Saber do desejo, dos ideais, das posições pessoais, é que vão pouco a pouco conduzindo para que sejamos esse homem ou essa mulher, embora isso não esteja muito claro para cada um de nós. No grupo de mulheres é grandioso o trabalho, por exemplo, de construir esse outro jeito de ser. Quantas vezes o discurso foi direcionado para um determinado sentido, enquanto a ação veio apagando toda aquela construção. Quantas vezes pensamos querer algo que a atitude desmente, indicando, sem que tenhamos consciência, de que o desejo é outro.

Estamos todos, aí sim indistintamente, mulheres e homens, impregnados dos aspectos psicológicos e sociais, que nos fazem variar o comportamento de acordo com esses desígnios. O casamento como auto-realização, enquanto segurança ou como solução para os problemas, não tem lugar mais no tipo de sociedade que temos hoje. Conciliar os valores tradicionais com exigências de um mercado cada vez mais exigente é tão improvável quanto pressupor que as pessoas se unem para sempre. É preciso acreditar e viver como se assim fosse, que as pessoas ficam juntas enquanto acharem bom. A monogamia, queiramos ou não, é uma imposição e, eventualmente, uma opção e não uma regra da natureza.

Nas reuniões do grupo, foi constatado que muitas mulheres enfrentam risco psicológico se não tiverem interesses importantes fora do âmbito familiar. Dependendo do marido ou parceiro para sentir-se participante do mundo, ou basear a identidade nele ou no trabalho dele não é uma estratégia existencial. Isso traz entristecimento, perda do sentido da vida, tédio, intolerância, pouco ou nenhum desejo sexual, sintomas comumente expostos no grupo, principalmente no início quando vinham com uma urgência em solucionar os problemas.

Uma das barreiras à mudança desse quadro é o fato de que ainda se tropeça muito ante o fato do parceiro ter um trabalho melhor e ganhar mais. As mulheres que desejam conquistar mais do que a vida do lar podem fazê-lo, buscando não só trabalho, mas também educação. Ninguém tem o direito de limitar o desenvolvimento e as realizações de outrem. A união deve estar baseada em um tipo de vínculo em que, além de amor e afeto, haja respeito.

O respeito que deve ser mútuo repousa nos fatores, a saber:

- “A mulher ter a clara percepção e confiança de que seu crescimento não ameaça a união.
- A mulher sentir que tem condições de ter uma profissão ou maior autonomia quando se sentir incomodada em só cuidar da família.
- A mulher ser capaz de se revelar ao parceiro como alguém que tem diferentes necessidades” (BARDWICK, 1981, p.133).

Não se trata de pensar que assegurado esse respeito, o diálogo na relação, se está livre da traição. Os acidentes de percurso acontecem, a vida com toda sua

dinâmica não pode garantir que o respeito dê conta do peso de uma história masculina ou dos imprevistos que não raras vezes nos surpreendem. Trata-se de criar alternativas, de conhecer aquilo que está inconsciente, se colocando como obstáculo, encontrar-se com seu próprio discurso, saber de suas nuances, revertendo a favor e não contra o desenvolvimento.

Penso que pode ser destrutivo se acomodar no pensamento de que sexo é obrigação, de que só é bom para o homem ou que a mulher por natureza é fria. Essa mentalidade teve seus dias fortes, felizmente houve uma conquista, uma liberação sexual, está explícito isso nos ambientes sociais. Há uma diferença entre intimidade e sexo, sendo a intimidade a possibilidade de revelar, necessitar, ouvir e doar, envolve a questão de dar e receber, expondo a dependência e a vulnerabilidade de cada um, mas tornou-se um problema hoje em dia, porque tem sido grande a dificuldade de se revelar, se mostrar, de falar o que se sente ou se pensa. Parece um paradoxo, conseguimos a liberação sexual, mas não a abertura para vivê-la intensamente com intimidade (BARDWICK, 1981).

A dificuldade de entrega no sexo, de usufruir da relação sexual, entre outros fatores, pode estar na adoção do diálogo, da conversa esclarecedora. A mulher precisa se apropriar do seu Ser, sentir que é sujeito do discurso, que pode mais do que aquilo que a cultura inscreveu para si.

A questão sobre a traição, que representa um medo para algumas mulheres do grupo, tem sua base na dor da rejeição, no sofrimento narcísico de ser trocada, risco de ferir a vaidade, aguçando as defesas a um tal ponto que fica difícil até ter amigas. Esse medo não é prerrogativa só da mulher, a vaidade é coisa de quem é humano. Uma das maneiras de se trabalhar a vaidade afetada, a Psicanálise indica, é poder influir sobre a imagem que temos de nós mesmos – Ideal de Ego – apreço pelo que somos e não pelo que gostaríamos de ser ou que esperam que sejamos (KEHL, 1998).

Para conviver com a precariedade das relações, com as inúmeras fragilidades, só com muito investimento afetivo, sem falar que as possibilidades de crescimento aumentam quando percebemos que nenhum dos sexos necessita mais do que o outro de vínculos, compromissos e pertencimentos. Reconhecer a paridade de sentimentos, sensações e necessidades, pode ampliar os laços de bem-estar mútuo. Do contrário, o

que esperar de uma relação quando um se sente vulnerável e o outro não? O que antecipar de uma relação que, pelo medo da rejeição, se presta a qualquer coisa, até ser anulada e manipulada?

A Psicanálise descreveria esse tipo de interação em termos da necessidade pessoal de afeto do tipo materno, que descreve que há uma área hipotética entre a criança e o cuidador, chamado Espaço Potencial, criado pela necessidade de que a criança seja um fenômeno separado, o objetivo é que a criança alcance autonomia! Algumas pessoas podem não conquistar esse Espaço Potencial, adotando, então, uma postura ou disposição de viver, ajudado em alguém que fica então, com a obrigação de satisfazer as necessidades afetivas daquela mãe-cuidadora que se afastou (WINNICOTT, 1971).

De outro prisma, a psicologia social pensa uma resposta a esse questionamento em termos do poder. É uma questão de adquiri-lo, exercê-lo, proteger-se contra ele ou manipular os que parecem possuí-lo. As mulheres podem reagir a sua impotência, evitando a intrusão dos outros em suas vidas, o que constitui a fundamental coerção do poder. As relações de poder, quando não vivenciadas como capacidade para a ação construtiva, pode esmagar qualquer possibilidade de maturidade no relacionamento (BARDWICK, 1981).

Um assunto que deve ser explanado ainda é o subtema da Amizade, destacado de forma sutil pelos enunciados das companheiras do grupo. Minhas inclinações são bem parecidas com o dicionário de filosofia, penso que o contato com o outro faz da vida uma soma de conhecimentos, obtida mediante uma relação que pode ser amigável.

Em Abbagnano (2000), a amizade é um hábito, uma disposição ativa e compromissiva de uma pessoa, semelhante a uma afeição e reciprocidade de duas pessoas que se conhecem.

Como exemplo, temos a comunidade, os laços de amizade construídos permanecem essencialmente unidos a despeito de todos os fatores que os separam. Esperamos uma das outras, simpatia e ajuda, confiança e parceria. Já pensaram que miséria seríamos se não nos abrissemos para as amizades? Que tristeza olhar para o outro como se fosse nos roubar algo? Não é, portanto, o caso de Su, que fará com que nossas amizades ou vizinhas se comportem como tal. A despeito de todas as histórias

de desavenças ou traições, somos um grupo que dia após dia tenta a difícil arte de “amigar”.

2- CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS:

O início do século XXI tem como certeza que as relações entre homens e mulheres, aquilo que chamamos relações amorosas ou eróticas, é uma receita trazida como herança do Movimento Romântico no século XVIII. O Romantismo abrangeu toda a civilização ocidental, renovando a cultura em geral. Ele se iniciou na Alemanha como contraponto aos ideais do Iluminismo, que aprisionava o homem no calabouço da racionalidade, impedindo a dimensão espiritual de se manifestar. Houve a necessidade de romper com a imposição do sistema filosófico, econômico e social que acabou por resultar em uma variedade de conhecimentos em diferentes áreas:

- Poesia, Literatura e Filosofia → Goethe, Schiller e Novalis.
- Música → Beethoven, Brahms e Chopin.
- Artes Plásticas → Escola de Berlin e Frankfurt/Movimento Impressionista.
- Filosofia → Schelling/Ficht/Hegel

O ser humano não é só razão, é um ser de sentimentos. As palavras do dia passaram a ser misticismo, anseio, natureza, introspecção (volta para si em atitude meditativa). O que se passa dentro do homem, no Eu, é que devia ser levado em consideração no processo de aquisição do conhecimento. O Romantismo assim, quebrou a educação cristalizada, fundamentada apenas no desenvolvimento da razão, temos o direito de fazer a interpretação pessoal do mundo, de ter uma filosofia de vida.

A arte passou a ter muita importância no processo de conhecimento e crescimento humano, ela nos liberta do concreto, atingindo a interioridade, os sentimentos, as esferas celestes. Os filósofos desse movimento se aproximaram de autores como Spinoza, Plotino e Giordano Bruno, cujas obras mostravam uma sensível forma de ver o mundo.

A natureza é vista como grande rede viva de relações, fazendo surgir um mundo social em que a realização emocional é a coisa mais importante a ser conseguida. Em nome dessa realização, as mudanças se fizeram na intimidade, nas instituições e nos vínculos pessoais. Surge nesse contexto, com vestígios em nossos dias, o amor romântico,

a ascensão do amor romântico proporciona um estudo de caso das origens do relacionamento puro. Durante muito tempo, os ideais do amor romântico afetaram mais as aspirações das mulheres do que dos homens, embora é claro, os homens também tenham sido influenciados por elas. O ethos do amor romântico teve um duplo impacto sobre a situação das mulheres. Por um lado, ajudou a colocar as mulheres “em seu lugar” – o lar. Por outro,... pode ser encarado como um compromisso ativo e radical com o “Machismo” da sociedade moderna (GUIDDENS, 1992, p.10).

O autor quer dizer dos prejuízos que a idéia de amor trouxe, sobretudo para as mulheres que ficaram ainda mais presas ao lar, à família e a vida centralizada na reprodução. Propostas como, “Eu te amarei para sempre, eternamente!”, fizeram e ainda fazem parte do imaginário, no qual o amor erótico construiu suas raízes. Houve muito controle sexual dos homens sobre as mulheres, em franco declínio hoje. Porém, à medida que esse controle começa a falhar, gera também um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres.

Outro acontecimento histórico da maior relevância para as Relações de Gênero, concomitante ao Movimento Romântico, foi a Era Vitoriana, um tempo de conveniências, auto-censura, diligentes e tensas preocupações morais, padrões de comportamento que foram adotados, principalmente pela classe média européia no século XIX. Época de muito recato

a era vitoriana, mais talvez que em qualquer outra, os limites entre a expressão e a reserva erótica eram mutáveis, problemáticos, quase impossíveis de mapear com algum sentido de finalidade (GAY, 1990, p.9).

A Burguesia desenvolveu um apego, uma ansiedade por uma procura em saciar os desejos terrenos, a solução foi o amor e o casamento. Os registros das relações nesse tempo foram feitos por cartas, diários, sonhos e livros romanceados.

Após atravessar esse período, a humanidade desenvolveu agudo voyerismo (sentir prazer em olhar e ver cenas íntimas), segundo Peter Gay (1990) como escape às proibições sistemáticas.

O fato é que para a mulher, não houve reivindicação possível ao prazer sexual, com tanto controle, tanta privacidade, mulher de família, preparada para ser mãe. No diário de Carol Adams, estava enunciado “Depois do casamento, minha querida, coisas desagradáveis vão-lhe acontecer, mas não tome conhecimento delas; eu jamais tomei” – era comum a mãe dizer assim para a filha, sobre os impulsos sexuais indesejáveis dos homens e, tinha de ser suportado. Muitas mulheres adoeceram, enquanto outras lutaram por organização e mudança.

No Grupo de Mulheres do Veredas, é possível identificar as sombras desse passado, quando falam da obrigação e tolerância ao sexo indesejado. Algumas delas sofreram de abuso sexual e violência doméstica por conta de uma mentalidade que elas são objetos de diversão do homem, propriedade adquirida com o casamento. Muitas se convenceram de que “Amar é Sofrer”, jargão tão cantado pela música, contado pelos romances e, tão adotado pelas mulheres.

Para Jurandir Freire Costa (1999), três afirmações sustentam o credo amoroso dominante:

- O amor é um sentimento universal e natural presente em todas as épocas e culturas.
- O amor é um sentimento surdo: voz da razão e incontrolável pela força da vontade.
- O amor é a condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar.

Uma espécie de bula de exigência com competência mínima dos candidatos ao exame do amor.

O amor romântico quando e onde nasceu, trouxe experiências criativas e enriquecedoras, sem dúvida, no presente, o contexto mudou, o romantismo é mais uma moda junto com o sexo e o consumo. Os ideais de felicidade estão longe de serem os mesmos do século XVIII e XIX, porém vivemos como se fossemos iguais, muitas vezes grudados em modelos e histórias que já não correspondem mais à realidade.

Hoje, é de bom tamanho perguntar se o amor que sonhamos, pode sobreviver ao desmoronamento do sistema patriarcal, se vamos suportar a volatilidade das coisas, se esse mesmo amor sonhado antes de nós, mas adesivo por nós, vai conseguir superar as sensações, a música barulhenta das *raves* que inviabiliza a conversa.

Minha reflexão sobre o tema das Relações de Gênero me fez buscar alguns autores importantes na história do pensamento como contribuição ao conhecimento do assunto Amor, Sexo e Felicidade:

- A prática que pode fazer com que o ser humano supere o egoísmo e os instintos naturais é o Amor *Philia* (Amigo, Amizade). A partir dessa prática, desenvolvemos os sentimentos nobres, virtuosos com vistas à felicidade, já que ser feliz é o maior dos desejos humanos (ARISTÓTELES, 384-322 a.C.).
- A felicidade consiste em saber como prever e evitar o mal em todas as suas instâncias. Só com trabalho e aprimoramento pessoal e racional adquire-se tranqüilidade. Em vista de todos os sentimentos humanos, a amizade é o mais importante. É preciso administrar os desejos com sabedoria e virtuosismo para assim, exercer a liberdade de escolha por meio de opções que sejam satisfatórios aos sentidos e salutar à alma (EPICURO, 352-270 a.C.).
- Não pode haver liberação sexual em um mundo alienado, política e economicamente. A satisfação sexual foi relegada pelo desempenho na sociedade capitalista, racionalizada e organizada em torno do consumo, antagonismo entre sexo e utilidade sexual. A sexualidade, coisificada pelo regime de mercado, tem que ser combatida em nome de uma Razão Sensual (MARCUSE, 1898-1979).
- Amor e sexo não se vinculam, só se juntam por uma moral, por uma ideologia atrelados aos interesses de classe ou de grupos sociais. A verdadeira liberação significa conhecer a si mesmo, o que ocorre por intermédio de um grupo. A amizade é o que transcende, supera a tensão que existe entre o indivíduo e a sociedade, promovendo sentimentos coletivos (FOUCAULT, 1926-1984).

- As proibições e permissões são interiorizadas por inúmeros procedimentos sociais, como a educação, ou são expulsas da consciência quando transgredidas porque podem trazer dor, sofrimento e culpa que desejamos esquecer ou ocultar. É a cultura que normatiza ou associa Amor, Sexo e Felicidade, emoções que podem ser separadas, dependendo de como queremos tratar ou viver o assunto (CHAUÍ, 1984).

Esses pensamentos traçam um retrato significativo de algumas coisas que foram produzidas em torno do assunto, correspondência entre passado e presente. O futuro, temos que fazer.

No término da reunião, sugeri que, por meio de uma sacolinha plástica que havia sido providenciada, cada uma, em uma dinâmica, simbolicamente pudesse pensar em algo que poderiam retirar dali para ser levado às suas relações com os parceiros.

A sacola foi passada de mão em mão e, como num faz de conta, retiraram de dentro do plástico. Pedi, então, que aquelas que se sentissem confortáveis, poderiam falar em uma palavra o que estavam levando para casa e para o seu relacionamento. Todas disseram, com alguma reprise:

- Respeito
- Paciência
- Compreensão
- Amor
- Carinho
- Um pouco de alegria
- Vontade de conversar
- Paixão.

Agradei, lembrei que se esforçassem para levar de fato esses elementos às suas relações. Encerrei com a música “Sonata ao Luar” de Beethoven. Marcamos o próximo encontro.

TEMA – INDIVIDUALISMO

Quando os astronautas foram à lua/que coincidência eu também estava lá/fugindo de casa, do barulho da rua/prá recompor meu mundo bem devagar/que lugar mais silencioso/Eu poderia no universo encontrar/Que não fossem os desertos da lua/prá recompor meu mundo bem devagar.

Biquíni Cavado

Em uma reunião anterior à coleta dos enunciados, pedi que trouxessem para a reunião uma curiosidade, algo que tivessem aprendido, uma dica caseira, ou algo que fizeram e deu certo. A curiosidade seria compartilhada e eu traria uma pessoa para avaliar as curiosidades, escolhendo uma para ganhar um presente (levei uma toalhinha de bandeja).

Na reunião seguinte, foi feito o combinado, convidei uma jovem que fazia aulas de datilografia da Prof^ª. Zelma (no Veredas), dessa dinâmica saiu uma vencedora. Muita farra, muitas brincadeiras, muitas contribuições e muita competição.

Quando terminamos a brincadeira, eu perguntei o que havia acontecido ali. As respostas de pronto foram de que a situação era de competição. Pedi, então, que contassem como foi a experiência de competição:

- S1 — A gente fica querendo ganhá. A competição faiz a gente querê sê mais que os otro. Quando eu vi a S2 trazê aquele sachê, eu pensei, gente ela levô a sério.
- S2 — Num é qui eu levei a sério, eu só achei que podia ensiná uma coisa qui eu aprendi. Pra falá a verdade, eu nem pensei no prêmio, que ia competí.
- S3 — Pra mim, si eu tenho que concorrê cum alguém, já stresso. É ruim sabê que tem alguém melhó, que cê pode perdê. Aqui num foi tão assim, porque é uma brincadeira, num era nem um concurso, nem um emprego.
- S4 — Pra mim, competição é quando um sai vencedô no final. A S2 ganhô, então teve uma competição, só qui nós é tudo colega aqui, num dá nem pra ficá mal porque uma ganhô.

- S5 — Eu acho que a coisa dura da competição é a disputa, um querê sê mais que o otro.
- S6 — É verdade, tem pessoa que qué sê melhó, e até faiz alguma coisa pra prejudicá a otra. Eu tenhu uma conhecida que me contô que a fulana, sabe né, a amante do marido, feiz ele bebê sangue da menstruação dela pra tomá o marido da otra.
- S7 — Minina, como que cê acredita nisso?
- S6 — Nu rádio vive dano receita pra isso e aquilo, é verdade, essa conhecida minha ficô sabeno. Olha a fulana ficô mesmo com o marido dela.
- S7 — Num é possível. Como que cê vai na igreja e acredita nessas bobage?
- S6 — Num é bobage. Eu fiquei sabeno. Num é prejudicá o otro? É fazê ruindade com o próximo.
- S8 — A competição que nós fizemo foi legal, mas e quando fica uma contra a otra? Hoje num aconteceu, mas de vez em quando acontece. A S4 falô que nós é tudo colega, só que fica uma contra a otra.
- S9 — Si as pessoa qué sê mais que as otra, cria individualismo, as pessoa fica egoísta, aí num tem jeito, uma fica contra a otra, porque qué ganhá a parada.
- S10 — A gente pode fazê uma coisa melhó que o otro, só que isso num sê individualidade.
- S9 — Individualismo (corrige S10).
- S10 — É isso. Já pensô, eu assisto muito a televisão, aprendo a fazê uma coisa boa num pograma, uai eu vô fazeno um dia fica melhó que o seu, e aí? Eu pratiquei mais, fico em casa mais tempo, e aí? É egoísmo quando eu num passo a receita que cê mi pede, faço segredo do que aprendi.

Obs.: algumas disseram concordar com S10.

- S11 — Tem gente que tem interesse de sempre querê tê mais que o otro. Eu num vim aqui hoje com espírito de competí, eu queria participá e brincá, só isso.
- S12 — Já percebi que na competição tem sempre bens material, eu lembro que meu pai gostava de jogá e vinha sempre a bebida junto. Ele falava que um

dia ia ganhá dinheiro, voltava pra casa carregado, quando num vinha machucado. As pessoa tem vontade de sê mais, de si sentí importante, o dinheiro ajuda. Nóis passava muita dificuldade, daí ele queria ganhá dinheiro, chegava dizê que cum trabalho a gente num ganha dinheiro.

- S5 — O que que ele jogava?
- S12 — Jogava baralho, snuke, teve até galo de briga. Ele queria é jogá, num importava o quê.
- S13 — O mundo tá assim, cada um pur si. Eu evito falá pra alguém da família, que eu comprei alguma coisa, otro dia eu precisava dum liquidificador, nós compramo, mais eu demorei a mostrá. Eles fica pensano que a gente tá ganhano dinheiro. Eu num gosto.
- S14 — Eu num vô falá qui eu num queria ganhá a toalhinha, porque num é verdade. Eu queria, mas tudo bem, a S2 trouxe uma novidade que agradô, qui qui tem ela ganhá!
- S15 — Pra mim foi normal a brincadeira, e competição é quando uma pessoa faiz de tudo pra si sobressaí no meio das otra. Às veiz, o importante não é nem vencê. Muita das veiz, ela tá mais a fim de aparecê e si mostrá.

Agradei a participação e encerrei a reunião.

Para mim, a competição emerge do Grupo de Mulheres como um discurso individualista. De um modo comum, as mulheres se dignaram a enunciar e descrever como é a postura de competição, houve até quem nomeasse o assunto como individualismo – S9: “si a pessoa qué sê mais que as otra, cria individualismo, as pessoa fica egoísta”.

Minha intenção foi provocá-las, esperando que algo surgisse da dinâmica. Não tinha, nesse caso, o tema bem delimitado, esperava sim que, por meio da competição, pudessem falar dos sentimentos ou da experiência vivenciada na dinâmica, pensava que pudessem surgir as contradições presentes na competição. O

que ocorreu algumas vezes com S1, S2, S3, S4, S8, S11, S14 e S15 foi que fizeram alusão à dinâmica, mas também discursaram sobre o individualismo.

O discurso do grupo é recorrente ao momento histórico que a sociedade atravessa, palavras como bens materiais (S12), pessoas que querem prejudicar as outras (S6), querer ser mais que a outra (S1), concorrência estressa (S3), disputa (S5), ficar uma contra a outra (S8), egoísmo (S9), o mundo está cada um por si (S13), estão em todos os lugares sociais, influência de uma estrutura econômica que tem provocado o isolamento, o fechamento do homem em torno de si mesmo. A economia de mercado faz com que haja mais valor naquilo que se tem do que na condição de cidadania, alavancando um fenômeno que, longe de ser uma novidade do nosso tempo, é sem dúvida, nesse tempo que faz os maiores estragos.

Cada uma das mulheres enuncia o individualismo como que para trazer para a nossa reunião a realidade de que o mundo se tornou um varejão, roleta de quem paga mais, qual pessoa deve ficar fora das prateleiras, na gôndola dos produtos, quem vence a disputa tem mais chance de sobreviver. O grupo fala desse fenômeno sem muita emoção, coisa de quem já internalizou que “o mundo tá assim, cada um pur si”, enunciado por S13, lugar onde os sonhos morrem. Não senti indignação nem mesmo com a minha proposta, pois em nenhum outro momento de nossa história, eu havia feito um jogo, ou colocado uma contra a outra (pelo menos não de forma consciente) oferecendo prêmios.

A surpresa e a crítica só vieram com o enunciado de S6, “a amante do marido fez ele bebê sangue da menstruação dela pra tomá o marido da otra”, que tem um grande repertório de rituais do imaginário popular, que embora fazendo parte de uma cultura, para mim não deixa de ser um mecanismo de defesa, uma forma de conseguir poder para lidar com suas incapacidades, uma maneira de se aparelhar contra as ameaças da realidade, como na música de João Sérgio: “... a cigana leu o meu destino, eu sonhei... o realejo diz que eu serei feliz...”.

No primeiro enunciado, há uma sutil alfinetada de S1 na companheira que teve a preferência da convidada. Quando diz: “a competição faiz a gente querê sê mais que os otro”, em seguida fala de S2: “gente, ela levô a sério a competição”, indícios de que a vencedora da competição quer ser mais que as outras. Senti de S1 uma certa

inveja, “a gente fica querendo ganhá”, sentimento que depende da introjeção de valores que existem em uma sociedade que banca a disputa, que espezinha as falhas e aponta o ganhador.

Jurandir Freire Costa (1999) cita as emoções como artefatos culturais, não universaliza ou as coloca independentes do contexto. Descarta as percepções ou opiniões que dizem que os sentimentos são fatos naturais. A inveja, por exemplo, tem que ser analisada de acordo com os costumes sociais, incrementando que na atualidade existe um meio propício para a sua manifestação.

S2 nega que tivesse levado a sério, para em seguida, enunciar que se preocupou em levar algo que aprendeu. Penso que ela quis passar a idéia de acaso, como se não tivesse feito nada para ter a preferência. Para a Psicanálise, a negação, quando não está ligada aos usos cotidianos da língua, ou formas de expressão informal, esconde a afirmação, ou seja, quando digo sim, posso estar dizendo não, quando digo não, o sim seria o discurso. Por ser um mecanismo de defesa, enunciamos aquilo que nos permitimos, colocando em segurança a integridade de nossas posições ou lugares sociais. Isso também acontece na AD. Enunciar “não” é atualizar a afirmação. A heterogeneidade é constitutiva de todo discurso.

O discurso de S3 é ansioso. Seu jeito explosivo, sua forma impulsiva de falar, declara com eficiência os sintomas tradicionais de stress e ansiedade, tomada pública de posição: não gosta de perder, se estressa diante da competição, acha ruim saber que há alguém melhor. O planeta sofre de ansiedade, profundamente arraigada ao fenômeno da globalização, da corrida desenfreada por emprego, da pressa em fazer e acabar ou ainda da apatia, do tédio diante de tanta luta. Incapacidade, baixa estima ou ansiedade, S3 toma uma posição pública, escancara suas feridas, mesmo que o seu discurso seja do ansioso que se rendeu às garras individualistas. Tomar posição é um ato político!

Algumas coisas chamam minha atenção no enunciado de S4. Ela afirma ter tido uma competição com a brincadeira que propus, porque uma pessoa venceu no final, que todas elas são “colegas”, não tem como ficar mal porque uma venceu. Fiquei pensando se “colega”, teria o sentido da camaradagem entre elas, são parceiras que torcem umas pelas outras, ou se está falando do coleguismo como convívio entre

pessoas que passam por uma mesma situação, mas sem o traço da personalidade ou da amizade, como se elas só fossem conhecidas. Depois, refletindo o enunciado, percebi que após ter aludido a “colega”, S4 diz que “não dá nem pra ficá mal porque uma ganhô”, o que quer dizer que falou em tom de companheirismo, embora possa não ter o caráter da amizade.

O grupo pode inspirar-lhe um clima de parceria que não lhe permite, por exemplo, ficar mal por ter perdido para alguém que participa de um mesmo grupo que ela, mas que não necessariamente sejam amigas. Não é que não tenha claro que colega é diferente de amiga, porque houve ocasião em que pudemos discutir o assunto. Elas têm noção dessa diferença.

Creio que S4 já desenvolveu um passo importante quando se propõe a não encarar como rivalidade o fato de S2 ter ficado com o “prêmio”, fica apenas a dúvida se por estar integrada ao grupo, ou se pelo fato de ser religiosa, o que a desautorizaria a reprovar o ganho da outra.

A disputa que leva “um querê sê mais que o outro”, é a competição que leva à frase “eu não sou bom o bastante”, ou então, “existe alguém que é mais que eu”. A vida tem estado implacável com o fracasso. S5 discursa sobre o individualismo, é como se não houvesse recompensa para todas, uma é sempre mais que o outra. Logo que escutei esse enunciado, pensei no sentimento de inferioridade tão presente nessas mulheres. Certa vez, S5 nos contou na reunião que, quando menina, estava precisando muito de trabalho (aos 13 anos), estava passando fome com a família, assim que chegou à casa daquela que seria sua patroa, tinha uma mesa posta para o almoço, não foi convidada a comer, ficou com fome até o final da tarde, mas não achou que tinha alguma coisa errada, porque afinal, chegou suja demais, era preciso tomar banho, como isso só acontecia mais tarde, ficou sem comer até então.

Lembro-me que quando naquela época falei do sentimento de inferioridade, houve um silêncio generalizado na sala. Silêncio de quem consente, de quem enfrenta essa emoção. Lembro-me que disse ser muito difícil não sentir inferioridade em um tempo em que todos nós temos obrigação de provar que somos alguém, que somos bons, que servimos para alguma coisa nessa vida. Sem falar no sentimento religioso de ser merecedora da alegria, da felicidade ou das coisas boas.

Recordei que quando se trata então de mulher, a desgraça é maior. A intelectualidade, as instituições políticas e religiosas, com muito esforço, reconheceram algum valor na mulher, e não é sem muita luta que conseguiremos mais da sociedade masculina. O progresso não pode ter o preço de vidas humanas e da lei “quem pode mais, engole o outro!”.

O enunciado de S6 se liga ao anterior – “É verdade, tem pessoa que qué sê melhó e até faiz alguma coisa pra prejudicá a otra”, trazendo inclusive, uma experiência recebida com indignação pelo grupo. Suas credices são pontuais e causam muito tumulto. Quando conta suas histórias, tende a arregalar o olho, empina o corpo como se estivesse falando a coisa mais séria do mundo. Reitero que essa postura não amedronta o grupo, mas provoca, sem dúvida.

S7 procurou interagir com S6 esboçando reagir às credices, enuncia um “minina”, expressão muito comum no Brasil. Ela (S7) é uma mulher muito ponderada, religiosa e emotiva. Todas a têm como referência, não só no grupo como no bairro. Tem sempre uma palavra de conforto e é a que mais chama S6 à razão nos momentos de embate. Seu discurso cordato mostra a instituição religiosa e toda moral nela contida. Seu enunciado, “como cê vai na igreja e acredita nessas bobage?”, parece ter um duplo sentido: a igreja que faz crer as bobagens (superstição), e a igreja que condena as bobagens (superstição).

Minha leitura do que seja essa instituição se orienta pelo caminho de que ela é contraditória. S7 enuncia inconscientemente a ambivalência da doutrina religiosa, que se de um lado condena certas atitudes, de outro, as estimula, tem um discurso de solidariedade e fecha as portas para o homossexual. É o velho paradoxo produzindo relações conflitantes. Se ficasse no conflito para se abrir às mudanças, seria ótimo, o problema é que o soluciona com regras intransgredíveis.

S6 cita o rádio como transmissor das notícias e das “receitas milagrosas”. Habitualmente quem ouve o rádio nessa sintonia são as classes populares, as donas de casa ou as pessoas que trabalham nas residências. O rádio, como meio de comunicação de massa, tem responsabilidade pela formação das mentalidades, participa dos rumos da sociedade na medida em que se constitui um canal de expressão da ideologia. As frases feitas, as receitas de simpatias, as notícias de como fazer um “nó em pingo

d'água”, ideologias que perpetuam a debilidade e a ignorância. Claro que para ouvidos mocos, afinal é conveniente também aderir ao aceno do lenço colorido do poder. Infelizmente, nesse caso, aquilo que seduz é o que aprisiona. O discurso latente de S6 é a sua franqueza, seu sentimento de impotência, o que a faz recorrer a um manual de instrução de como conseguir se proteger do mundo.

O enunciado de S8 traz uma reflexão mais profunda sobre o grupo, pautando seu caráter competitivo, individualista: “A S4 falô qui nós é tudo colega, só que fica uma contra a outra”. Sua comunidade não é um jardim de flores, é lugar de gente contraditória. Ela traz para a discussão aquilo que é o centro de minha proposta, aliás, é desse ponto que mais tarde farei as reflexões. Grandiosa contribuição.

Como num jardim nem tudo é flor, S8 enuncia uma negação que prejudicou que S6 e S7 percebessem que estavam conflitando – “hoje num aconteceu, mais de vez em quando acontece”. Tinha acontecido pouco antes. A negação atualiza uma fala que admite que no grupo há um confronto entre elas, e uma fala que não reconhece o confronto que tinha acabado de acontecer. Empregamos esse tipo de linguagem como que para revelar nossa heterogeneidade, o quanto nos constituímos de vários segmentos, de um lado ela aponta a contradição, e de outro, mostra que conflita com essa contradição, uma sociedade rica do ponto de vista sócio-cultural.

Com S9 aparece a palavra temática individualismo, que mostra conhecer como egoísmo, até interrompe S10 para corrigir não ser individualidade, mas individualismo o que estava enunciando. Ela está certa de que lugar onde há competição, pode haver individualismo – “aí num tem jeito, uma fica contra a outra, porque qué ganhá a parada”. Não é uma surpresa em se tratando de ser S9. Ela tem mais escolaridade, é cuidadora de várias crianças do bairro, tem vontade de ler livros, frequenta a biblioteca do Veredas, dá muita importância à sua participação no grupo.

Sinto seu discurso meio pronto, está quase sempre certa no que enuncia e um comportamento estudado. Participa do grupo porque tem muitas dificuldades em casa, principalmente na relação com as filhas. É penoso “ser mãe das mininas”, como fala, seu bloqueio está em como administrar o fato de ser mulher e se reconhecer como alguém que tem forças para superar os problemas. A oportunidade de estudar (é normalista), não lhe garantiu melhores condições de vida emocional, tampouco um

bom português. É a que ganha mais por trabalho realizado em comparação com as participantes do grupo, tem mais informações, mas tem uma aparência triste. De longe é a que mais fala sobre o seu sofrimento, tendo conseguido o respeito de suas companheiras.

S10 trata de encaminhar a discussão para um outro ponto de vista. Procura “tirar as máscaras”, como diz Paul Ricoeur (1976), há uma dialética entre explicar e compreender. Um texto, uma escrita, um enunciado verbal não é uma entidade sem mundo; o que S10 faz é levar sua explicação para dentro do recinto (discussão), a fim de se fazer compreender, justificando o seu olhar, que no momento, é diferente das mulheres do grupo – “a gente pode fazê uma coisa melhó que o otro, e isso num sê... individualismo”. Apela para o lado positivo de alguém que se destaca por fazer bem alguma coisa, que é diferente do egoísmo – “quando eu num passo a receita que cê mi pedi, faço segredo do que aprendi”.

Creio que S10 está enunciando que a competição tem dois lados, um que é positivo e o outro, negativo. Em cada conceito, parece haver um feixe de relações, jogos de linguagem que combinam elementos múltiplos que carregam as influências da realidade em que vive o sujeito. Isso está para ser descoberto nos enunciados. S10 discursa a sua situação de empenho em tomar uma posição, explicar e ser compreendida. Sua posição foi tão convincente que conquistou a concordância das ouvintes.

De outro modo, quem teria ido para a reunião com espírito de competição? S11 enuncia diferentes interesses, há quem quer ter mais que o outro, há quem queira só participar da reunião e brincar (ela mesma). O que não deve saber é que suas palavras indicam oposição, uma das funções da competição.

A participante S12 surge com um enunciado que é mais um desabafo do que uma análise da competição. Aproveitou da oportunidade para dizer do pai, do vício de jogar, do sonho de ganhar dinheiro para ser mais. Não é muito difícil encontrar quem acredite que o trabalho não traz dinheiro. O sistema capitalista quando vivido na posição do operariado ou subemprego, não tem quase nenhuma chance de ganhar dinheiro que dê para viver uma vida digna e confortável. Jogar é um vício que tem

uma dinâmica de competição, que do ponto de vista psicológico, faz com que o pai de S12 “escolha” jogar e não outra coisa.

A sociedade moderna tem uma peculiaridade que é a superficialidade. As pessoas sentem falta de relações humanas constantes e objetivos duráveis. As qualidades humanas foram degradadas, registrando inquietação e angústia com o presente (SENNETT, 2005).

O pai de S12 talvez tenha sucumbido a essa superficialidade, tenha ficado sem saber o que fazer com a inquietação e angústia, a não ser beber e jogar no sonho remoto de conseguir mais com a sorte e menos com o trabalho.

O discurso de S12 é o da memória dolorosa dos tempos difíceis. Em nossa dinâmica, acionou as lembranças para enunciar a voz da modernidade – “Já percebi que na competição tem sempre bens material”. No caso do pai de S12, um perdedor, fica a aposta de que será escolhido, suspendendo a realidade, a espera de que seja um eleito da vida. O discurso de S12 é do pai, um pai que como o sistema político vigente, não provê, mas espera que os seus criem estratégias de jogo para o sucesso.

No enunciado de S13, o sinal individualista vem em forma de deslocamento, se o mundo está cada um por si, então ela se esconde, evita se mostrar até para a família – “o mundo tá assim, cada um por si. Eu evito falá pra alguém da família que eu comprei alguma coisa...”. Esse é o discurso de quem já internalizou as regras do individualismo, que teme a exposição do que tem para não ter que dividir as conquistas, para não despertar a inveja também.

Outro aspecto relevante me parece ser o reverso do que a estrutura econômica mundial estimula, é o fato de S13 esconder o sucesso, ter dificuldade em mostrar que está melhorando, que é capaz, por exemplo, de adquirir bens de consumo. Reflito se isso não é o problema de não poder superar a família, ou sentir culpa por ser capaz de progredir, enquanto que os demais membros da família de origem, não. Penso que o que ela evita mesmo é assumir sua nova condição.

S14 enuncia o sentimento que as pessoas experimentam quando perdem um jogo: o desapontamento. Sua contrariedade encontrou a conformação junto com uma dúvida: se a aceitação é a expressão de sua racionalidade ou se é fruto do coleguismo comunitário. Assumir o desejo é um importante feito para o crescimento tanto quanto

usar de bom senso para aceitar os movimentos da vida que tantas vezes desapontam nossos interesses.

A indiferença que S15 enuncia – “Pra mim foi normal a brincadeira”, está condizente com o conhecimento que tenho dela. É difícil saber o que a toca, está sempre distante, pouco revela sua intimidade. Quando é convidada a se manifestar, não se esquivava, mas se restringe a poucas palavras. Oportunamente cheguei a pensar que tinha desprezo por suas companheiras, que de uma forma sutil, encontrava um jeito de dar uma mensagem nem sempre agradável. No seu enunciado aparece – “muitas das vezes ela tá mais a fim de aparecê e si mostrá” – ela quem? Está falando para S2 (que ganhou o prêmio), de outra pessoa do grupo, ou de alguém hipotético? De qualquer forma, direciona seu discurso para alguém que em sua visão – “faiz de tudo pra si sobressaí no meio das otra”, alguém para quem a vida é uma vitrine.

PROPOSTAS REFLEXIVAS

Foi apontado por S8 que, embora no grupo se pareçam colegas, uma fica contra a outra. Em seguida, S9 falou de individualismo. Gostaria de começar por aí.

Quero esclarecer que a dinâmica da curiosidade foi uma provocação, uma maneira de observá-las melhor, conhecer o comportamento de cada uma diante de uma competição, porque foi uma competição.

O que emergiu na reunião foi o tema Individualismo. Dessa vez, eu não levantei o tema, propus a “brincadeira”, esperando que algo surgisse de nossa interação com o desenvolvimento da dinâmica. O que se destacou foi um fenômeno muito estudado nas sociedades modernas que é o individualismo.

O individualismo é uma ação exagerada da individualidade, que são características particulares de cada indivíduo, como veremos mais adiante. Nosso grupo foi referenciado como competidor. Quero dizer que há de verdade oposições. Não há o que temer ou se envergonhar em reconhecer que há embates aqui, que dígladiamos por idéias, pensamentos, disputas, invejas, ciúme e todos os sentimentos

humanos. O poeta Cartola (1908-1980) tem um poema musicado em que fala mais ou menos assim: “Ouça-me bem, amor/preste atenção/o mundo é um moinho/vai triturar teus sonhos tão mesquinhos/vai reduzir as ilusões a pó...”. Penso que é importante sobremaneira, reduzir as ilusões a pó.

Nosso grupo não é um lugar sem movimento, paradisíaco, balança para todos os lados de acordo com o vento. Não podemos nos iludir que não teremos mais problemas de relacionamento, nem oposições, discussões ou dissabores. Para que seja possível conversar sobre o individualismo, é preciso primeiro, dispensar o ideal. Podemos chegar a uma construção, a um crescimento juntas e, cada uma individualmente retirar dessa experiência o que quiser, mas sem pensar no ideal de perfeição. Para mim, o ideal está morto, porque está em outro plano ou dimensão que representa o sonho inatingível para o ser humano. Torno a dizer que isso não significa que possamos chegar a níveis de desenvolvimento almejados. A esperança está dentro e não fora de nós, a Pandora e sua caixinha ficam nos recantos de nossa alma e não entre nuvens.

Em nossa seara uma fica contra a outra como expressão da intimidade, como busca de aprender a conviver, como Zygmunt Bauman (2003) diz, aproximação de um pouco de “segurança existencial”. A segurança hoje é um privilégio para poucos. Nós nos juntamos para ter chance de sobreviver, apesar do individualismo nas ruas, nas casas e no nosso grupo.

Devemos preservar a individualidade como marca de auto-estima e de auto-apreço. Sei que é uma luta não se render ao grude que tentamos fazer com o outro, porém a individualidade será aquilo que vai nos encaminhar à consciência de que podemos ser nós mesmas no convívio com o semelhante.

Existem várias visões sobre o Individualismo, para a Sociologia, a Psicanálise, a História, cada área aborda de uma maneira. Aqui, vou discutir o tema utilizando alguns referenciais. Lembro apenas, que há outras formas de fazê-lo.

1- APROXIMAÇÕES TEÓRICAS:

Conceituar é disponibilizar um repertório de informações que possa esclarecer e orientar a compreensão.

O Dicionário de Filosofia de Abbagnano (2000) traz:

- **Individualidade** → Termo de origem medieval: o modo de ser do indivíduo, aquilo que são as características próprias do indivíduo.
- **Individualismo** → Atribuir ao indivíduo um preponderante valor, esse valor pode ser infinito. Esse termo é próprio do Liberalismo que tem como meta o desenvolvimento das atividades econômicas, segundo as diretrizes do interesse privado. Quando surgiu na Modernidade, abriu caminho para o Absolutismo Estatal. O termo pode também ter o sentido de egoísmo.

Para o historiador Jean-Pierre Vernant (1988), há três momentos no processo de conscientização humana: indivíduo, sujeito e pessoa. É como se fosse um processo de conhecimento que foi ocorrendo com o homem em sua relação com a história. O individualismo seria o apego às estruturas individuais, produzindo egocentrismo ou fechamento em torno de si. Assim, o homem não consegue ser pessoa, que é conciliar os interesses individuais ao interesse comum ou coletivo.

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) enuncia:

Como conceito nominal, o individualismo entrou em uso no ano de 1858.

- **Individualidade**: identidade, singularidade, ser humano, indivíduo. (p.247).
- **Individualismo**: tendência a considerar apenas os valores e os interesses individuais. (p.247).

Na sociedade, há diferentes interesses, costumes ou formas de interação. Em grande parte, os sujeitos perseguem interesses privados, sobretudo após a Revolução Industrial na era Moderna, um dos princípios do que chamamos, em nosso tempo, de individualismo. As situações sociais, em que está inserido o indivíduo social, desenvolvem valores e destrói outros, como ato político, como exercício predominante das possibilidades (HELLER, 2000).

O ser humano é individual, singular, feito de suas particularidades. Nesse caso, a atuação no mundo está orientada para a satisfação de impulsos e necessidades, que apesar de serem socialmente construídas, estão voltados para si próprio. Será o “processo civilizatório” a moeda com que se troca os interesses privados, por

interesses coletivos, ou seja, deve-se renunciar aos instintos para conseguir o valor de segurança pessoal, é preciso socializar para não sucumbir (FREUD, 1921).

Com o outro podemos viver prazer, falta, finitude e drama. Não é fácil ver no outro uma outra singularidade e não como instrumento de nossa satisfação. A conquista da aceitação do outro leva em conta dois sentidos: a realidade concreta e a realidade fantasiada de que os outros são modelos, objetos, apoio e adversário.

O individualismo surge no desequilíbrio e desvinculação entre esses dois sentidos, o que foi feito no calor da expansão do sistema capitalista, na hegemonia dessa estrutura econômica. Os modos de produção, os grupos e seus confrontos, a dimensão do tempo, os laços fortes e as qualidades de caráter que ligam os seres humanos são negados, provocando no comportamento a superficialidade, a recusa às questões difíceis e pessoais. É muito trabalhoso o encontro, sem falar que não há tempo para desenvolver as relações sociais, sem o que não se consegue confiabilidade. O Eu é o centro das preocupações e a gana de vencer é o motor social.

A preocupação mais comum da sociedade moderna é o fracasso que

não é mais a perspectiva normal apenas dos muito pobres ou desprivilegiados; tornou-se mais conhecido como um fato regular nas vidas da classe média. A dimensão decrescente da elite torna mais fugidia a realização. O mercado em que o vencedor leva tudo é uma estrutura competitiva que predispõe ao fracasso grandes números de pessoas educadas... A própria oposição de sucesso e fracasso é uma maneira de evitar aceitar o fracasso. Essa simples divisão sugere que, se temos suficientes indícios de conquistas materiais, não seremos perseguidos por sentimentos de insuficiência ou incompetência (SENNETT, 2005, p.141-142).

De outro modo, também é esmagador e cerceador da liberdade ter vergonha ou culpa por ter conseguido progredir na vida material. Parece ser uma ponte que leva a lugar algum.

A história do desenvolvimento do indivíduo se desenrola por habilidade e luta, esforço organizado a longo prazo. Um dos remédios é ter consciência das aptidões, do que desfavorece a evolução, do que se está fazendo da vida.

Refugiar-se em si mesmo traz algum prazer momentâneo, mas a realidade da família, da igreja, da comunidade, vai chamar para um encontro, se isso

trouzer muita angústia é sinal que o caminho está correto, pois nenhum indivíduo se faz ou se encontra de verdade senão na condição social (MILLS, 1970, p.196).

O Grupo de Mulheres não é uma exceção na enorme teia social, se constitui um caso especial do sistema social, um microcosmo da sociedade. Apresentam em miniatura aspectos como individualismo, meios de troca, prestígios, desavenças, ideologias, mitos, práticas religiosas, etc. É só verificar. Conversar e poder manifestar esses assuntos pode ser um meio eficiente de pensar a respeito do sistema social e, se esse for o desejo, modificá-lo.

Um dado significativo para a comunidade é que ela tenha condições da expansão das relações emocionais, o que significa que uma pessoa tenha capacidade de ultrapassar o princípio do prazer (que seja capaz de adiar satisfação imediata de suas necessidades e responder às necessidades de outros), respeitar o código pessoal e o código dos outros participantes. Apreciar os objetivos coletivos pode favorecer a dissolução do individualismo tão próprio dos nossos meios.

A dissolução do individualismo depende da transformação de uma orientação narcísica (cujo objetivo é a nutrição apenas do Eu), para uma orientação generativa (cujo objetivo é estimular as capacidades do eu, de outros e do grupo) (MILLS, 1970).

Essa passagem me lembra um estágio da infância quando a criança vai pouco a pouco se dando conta de que o mundo é maior e que está além dela, a questão é conseguir alcançar a maturidade com ternura e interesse por si, como pelo outro. De uma situação centralizada no Eu, podemos ir ao encontro de algo diferente do Eu, confronto salutar para o desenvolvimento da sociedade. O individualismo é, nesse sentido, uma etapa do desenvolvimento afetivo-emocional para a Psicanálise, bem como um processo que pode ocorrer conosco, dependendo do momento e da circunstância de vida.

Falei um pouco antes no pólo narcísico como uma característica da personalidade, uma face do modo de funcionamento humano tão presente nas relações e em estreita conjugação com o individualismo. Falar de Narciso (figura mitológica) é falar de individualismo,

a figura mitológica de um Narciso sutil como uma borboleta a voejar pelos bosques gregos, apaixonado por si mesmo e condenado a jamais celebrar a sua doida paixão, não é mais coisa de literatura. O mito de Narciso está vivendo agora o seu momento antipoético, tamanha é sua realidade. O belo Narciso entrou no curso do mundo convertido em uma nova espécie antropológica e urbana virtualmente ameaçadora no seu profundo e vazio amor de si (CARONE, 1997, p.13).

A história de Narciso contém, ainda hoje, a profecia da desgraça contemporânea: superficialidade, individualismo, violência, descaso político. O narcisismo deixou de ser uma fase do desenvolvimento infantil para ser uma variação da estrutura de um adulto. Está nos lares, nas escolas, nas comunidades, no Estado e nas instituições religiosas. A imagem de Narciso é o reflexo das águas do sistema econômico.

O Mito de Narciso foi narrado e poetizado por muitos autores na história da cultura ocidental:

- Clemente de Alexandria/Cristianismo Primitivo/Filosofia
- Ovídio/Poeta Latino – século I/Literatura
- Plotino/Cristianismo Primitivo/Filosofia
- Francis Bacon/Era Moderna/Filosofia da Ciência
- Milton – século XVII/Literatura
- Oscar Wilde – século XX/Literatura
- Rainier Maria Rilke – século XX/Literatura
- Machado de Assis – No Brasil – início do século XX/Literatura
- Guimarães Rosa – No Brasil – século XX/Literatura
- Freud (1856/1939) – cuja expressão “Narcisismo” foi amplamente debatida como uma de suas grandes contribuições para a Metapsicologia Individual e Social.

Muitos obstáculos foram colocados entre a vida social e os interesses individuais, tornando o sujeito cativo de si mesmo, mutilado e incapaz de fazer intercâmbios e verificar interesses mútuos. Assim, surge o narcisismo como

expressão psíquica de fetichização total da cultura, como resultado último da identidade auto-conservadora entre o particular e o universal. Uma configuração psicológica que associa o máximo de individualismo, de acordo com o qual mantém-se uma relação instrumental com o mundo, com

a destruição do próprio indivíduo, ou melhor, de seu Eu, privando o Narcisismo – concebido essencialmente por Freud como um processo universal e necessário à constituição e formação egóicas – de seu objeto primordial de investimentos (AMARAL, 1997, p.17/18).

Nos estados capitalistas houve regressão do espírito e profundas modificações antropológicas nos indivíduos. A irracionalidade do poder, dimensão insalubre da política no Brasil de agora, é o resultado dessa regressão. A cisão entre sujeito individual, próprio do meio institucional, e o sujeito social, todos os esforços dos movimentos organizados, traz um modo de compreensão das tensões entre a diversidade dos campos psicológico e social.

De um lado as emoções, os sentimentos, os apelos interiores, de outro o sacrifício, as disputas, a pressão por eficiência e homogeneidade. Isso marca a decadência do indivíduo e a conseqüente incapacidade de pensar. Um dos sinais visíveis da regressão é o aumento da violência, que analisada sob diferentes aspectos, tem como um deles a “incapacidade das pessoas de reconhecer a si mesmas na sociedade” (ADORNO, 1967).

Se não há como se reconhecer na sociedade, a barbárie (um dos atos regressivos mais desumanos) tende a invadir não só as favelas e os guetos pobres, mas qualquer lugar social, qualquer lugar onde haja indivíduos sociais.

Estou falando, não só de um lugar distante, de situações hipotéticas, de algo que está longe daqui. Estou falando, de preferência, do lugar que é nossa comunidade, do lugar que vivemos, da sociedade a que pertencemos, bairro, cidade, centros comunitários. Percebo a dificuldade que a comunidade tem em silenciar no momento em que uma companheira toma a palavra. Que dificuldade em evitar as conversas paralelas, quando tantas vezes peço atenção para ouvir o que está sendo dito por outra participante. Que dificuldade em esperar a vez ou não ser o centro.

Essa dificuldade está bastada em uma rigidez porque penso, a exposição oral de uma mulher do grupo não é desinteressante, a não ser que haja uma falsa idéia de que as “minhas contribuições sejam melhores que a de meus ouvintes”. Sei que experimentam sentimentos de estranhamento, como se o mundo fosse por um momento estrangeiro, não foram poucos os momentos em que chegaram de casa para integrar a reunião com a mudez estampada na voz e no rosto. Sei que o olhar nem

sempre foi conciliador, isso faz parte; mas a rigidez de fazer um retorno a si no espaço e tempo que é do outro, é um individualismo que deve ser conhecido e avaliado.

2- CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS:

W. F. Hegel (1770-1831) fez despertar a consciência histórica na modernidade, conseguindo aprimorar o conceito de história como uma rede de pensamentos e acontecimentos, cujos elos não se ligam por acaso, mas por meio de algumas regras, sendo a principal delas, o fato de que o tempo em toda sua dinâmica é responsável pela construção do conhecimento.

O contexto histórico, os fatos ocorridos em qualquer parte do mundo, se tornou desde então, critério e método de análise sobre a realidade. O passado se liga ao presente não como determinismo, como destino nefasto, mas como valor de compreensão do desenvolvimento da humanidade.

Um grande salto no entendimento da realidade foi dado com Hegel quando, por meio do processo histórico, pensou a oposição de forças sociais, aquilo que chamamos contradição. Saber das contradições é entender o caráter heterogêneo no ser humano em contínuas colisões consigo e com a sociedade.

As tensas relações, em diferentes ambientes, podem favorecer a tomada de consciência dos mecanismos sociais e a conseqüente humanização. Quando foi levantado por uma mulher de nossa comunidade que, se aparentemente são companheiras, há também muito confronto de forças, o que longe de ser negativo, pode se transformar na base do trabalho comunitário, perceber as individualidades com respeito e trabalhar o individualismo.

É sabido que a Grécia tem sido a matriz do pensamento ocidental, nesse sentido a história dessa civilização pode indicar como se deu o processo de conscientização antropológica, questão de como nasceu, historicamente, a consciência de indivíduo (VERNANT, 2002).

A consciência de indivíduo está em estreita relação com o individualismo moderno, não só por uma questão etimológica (origem da palavra), mas porque muitas idéias que se legitimaram por todo o ocidente têm sua base no modo como os gregos

construíram sua política, economia e sociedade, com ressalvas de que o contexto social de hoje apresenta peculiaridades nem sonhadas pelos gregos. Falo dos indícios intelectuais, das teorias e do modo de pensar e transmitir os acontecimentos, até que possam traçar um paralelo com esse individualismo atual.

- **Período Antigo** – ~ século VII ao século V a.C. – aumento da população, surgimento das cidades-estado (pequenas comunidades com ou sem autonomia política e econômica), expansão colonial e mercantil para o oriente e ocidente. A sociedade nesse período tinha como principal base para as relações, a família (Genos), surgindo uma nobreza agrária. O sistema era aristocrático (aqueles que eram os “melhores” – os reis) de regime escravista. Nesse sistema, o poder era do homem (patriarcalismo) identificado na figura do Pai de família que tinha o direito sobre a vida e a morte de seus membros. Não havia nessa época uma idéia de indivíduo como unidade ou singularidade, indivíduo era alguém inserido nessa constituição familiar.

Perto do século V, surge a *Pólis* (cidade) articulada a um novo sistema social – a Democracia (participação do povo nos assuntos da cidade/política). Com a democracia, pouco a pouco o indivíduo vai se voltando para a cidade (cidadão) e deixando a família como base de sustentação e ordem social (CHAUÍ, 2002).

- **Período Clássico** – século V ao século III a.C. – apogeu da cultura, arte, economia, política, medicina, técnica e os ofícios de Atenas (principal cidade grega), fortaleza militar, educação modelo, sentimento de orgulho do cidadão. Do ponto de vista antropológico (homem) brota uma consciência de indivíduo (consciência de si). A divisão social de classes já não se fazia por famílias, mas por fortunas individuais.

O cidadão (homens livres e gregos) tinha três direitos essenciais: liberdade individual/igualdade de lei perante outro cidadão (isonomia)/direito de falar em assembléia (isegoria). O indivíduo é responsável por manter a vida pública. Há indícios já nesse período do individualismo por causa do sentimento de auto-suficiência e competição.

A democracia dessa época era participativa/hoje nossa democracia é representativa (elegemos nossos representantes pelo voto). As instituições sociais conferem ao indivíduo (cidadão) um lugar central nessa sociedade.

Nesse período surge o famoso pensamento: “O homem é a medida de todas as coisas”, elevando o indivíduo a ser o portador das decisões, levando-se em consideração a relatividade dos valores. Se cada indivíduo for a medida, não há lugar para a conciliação dos interesses coletivos, o que pode ser um perigo para a vida social (CHAUÍ, 2002).

- **Período Helenístico** – século III a I a.C. – Atenas perde sua autonomia política ficando cativa/colônia da Macedônia/período de apogeu de Filipe e depois Alexandre, o Grande da Macedônia (356/323 a.C.) e depois do Império Romano. Desenvolve-se o pensamento cosmopolita (reino universal), idealização de Alexandre que queria transformar o mundo em um único lugar, sem singularidades, cuja base era a educação e a cultura grega (que era vista como um modelo perfeito). O sistema social não era mais a democracia, mas a volta da monarquia (reis e nobreza).

Surge a idéia de emancipação do indivíduo, entendida como ampliação das características peculiares de cada um, uma individualidade. O novo regime passou a proporcionar oportunidades individuais, carreiras, profissão. Surgem os princípios técnicos, qualidades administrativas que o indivíduo poderia alcançar no sentido de incorporar uma identidade autônoma. Os estrangeiros e “bárbaros” foram admitidos na sociedade e misturados aos gregos que antes não se permitiam a essa prática (NISBET, 1982).

O Epicurismo, importante movimento filosófico e educativo da época, foi responsável por trabalhar o pensamento de liberdade como tomada de consciência de que o indivíduo deveria dirigir a própria vida, encarar o desafio de se auto-governar, buscando independência.

- **Período Antiguidade Tardia** – século I ao IV d.C. – o nascimento do Cristianismo/apogeu e queda do Império Romano do Ocidente/época de desencanto pela ética e política gregas/cai definitivamente a idéia de auto-suficiência do indivíduo, autonomia ou independência, ascende valores como humildade, dependência do homem para com Deus, e nenhuma participação do indivíduo na política (ROBERTS, 2001).

- **Período Medieval** – século V ao século XIV – época em que a economia, cultura, política e sociedade mundiais estavam voltadas para a religião (Cristianismo, Islamismo e Judaísmo). No Ocidente, o sistema foi o Feudalismo, enquanto que no Oriente, o Mercantilismo (expansão comercial). Os principais elementos dessa época foram a hierarquia social, o homem como animal racional, criado à imagem e semelhança de Deus, que deixaram o indivíduo em sentimento de profunda contemplação. Toda a vida terrena estava pautada pela conquista de uma vida divina. Nessa época, a arquitetura das casas passou a ter paredes, quartos, dando uma noção, pouco a pouco, de privacidade, resguardo e intimidade.

O patrimônio de valores sociais que vivemos hoje tem muito de medieval, como podemos ver no Individualismo, a valorização da pessoa em si, independentemente de sua colocação nas hierarquias social, política, econômica e cultural. O indivíduo que, apesar de obviamente ser parte de diversas coletividades, mantém sua personalidade, conserva os direitos pessoais, mesmo que as hierarquias institucionais não lhe garantam esse direito (FRANCO JÚNIOR, 2002).

- **Período Moderno** – século XV ao século XVIII – época em que o Sistema Feudal no Ocidente recua para dar lugar ao Mercantilismo (conquistas marítimas, expansão do poder europeu, conquista das Américas). O Sistema Monárquico era a forma de governo na Europa. A consciência antropológica de indivíduo se deu, sobretudo, no século XVIII com o advento da Enciclopédia, que foi um movimento educativo em superar a ignorância por meio do estudo da natureza humana, a fim de controlar e aperfeiçoar o indivíduo. Houve uma confiança no conhecimento científico racional como sistema capaz de libertar o homem da miséria da época medieval. As Revoluções Francesa e Industrial, com seus ideais de Liberdade e Felicidade, favoreceram o surgimento de um novo sistema político-econômico: o Capitalismo, com base na ascensão da Burguesia (pequenos e grandes comerciantes) e a queda da Monarquia. Aqui se constrói as primeiras formas de individualismo moderno, como fechamento de si, competição e alheamento social (NISBET, 1982).

- **Período Contemporâneo** – século XIX até nossos dias – Tempo das conseqüências da mudança de sistema, divisão social em classes, expansão da tecnologia, surgimento da reforma sanitária, com a conseqüente melhora nas condições de saúde mundial (conquista que as classes mais pobres ainda não tiveram). Houve o empobrecimento da classe trabalhadora e sua conseqüente perda de autonomia, dependência em relação ao emprego, subordinação ao patrão (dono dos meios e modos de produção).

Momento difícil nas relações humanas e na natureza em geral/escassez do petróleo e água potável, aquecimento global, desmatamento da nossa floresta amazônica, violência nos mais variados sentidos, crise de produção e de sociabilidade, falta de emprego, redução da idéia de produção como mecanismo econômico e competição. O funil é a degradação do humano, o egoísmo, a queda dos valores humanos.

Há alguns movimentos no mundo, no sentido de conter a deterioração humana, mas o que tem sido feito ainda é pouco, há que se ter um desenvolvimento de política por parte dos países para enfrentar a crise, soluções que começam pelas nações mais ricas, mas que tem que ter a participação daquelas com mais dificuldades. Até porque o que é bom para o Norte, pode não ser bom para o Sul, o que quer dizer respeito às características próprias de cada lugar e às suas necessidades.

O individualismo é o consumidor, mão-de-obra, unidade relativa do capitalismo, por isso a lógica seria a vivência individualista, o mal-estar social, as fobias sociais, o tédio, o pessimismo e a atitude competitiva (NISBET, 1998).

Como último recurso, apresentei duas ilustrações:

- O Caso do Espelho:

Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata.

Um dia precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora. O homem abriu a boca, apertou os olhos.

Depois gritou, com o espelho nas mãos:

— Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui?

— Isso é um espelho – explicou o dono da loja.

— Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato de meu pai.

Os olhos do homem ficaram molhados.

— O senhor... conheceu o meu pai? – perguntou ele ao comerciante.

O dono da loja sorriu. Explicou de novo. Aquilo era só um espelho comum, desses de vidro e moldura de madeira.

— É não! – respondeu o outro. — Isso é o retrato do meu pai. É ele sim! Olha o rosto dele. Olha a testa. E o cabelo? E o nariz? E aquele sorriso meio sem jeito? O homem quis saber o preço. O comerciante sacudiu os ombros e vendeu o espelho, baratinho.

Naquele dia, o homem que não sabia quase nada entrou em casa todo contente. Guardou, cuidadoso, o espelho embrulhado na gaveta da penteadeira. A mulher ficou só olhando.

No outro dia, esperou o marido sair para trabalhar e correu para o quarto. Abrindo a gaveta da penteadeira, desembulhou o espelho, olhou e deu um passo atrás. Fez o sinal da cruz tapando a boca com as mãos. Em seguida, guardou o espelho na gaveta e saiu chorando.

— Ah meu Deus! – gritava ela desnorreada. — É o retrato de outra mulher! Meu marido não gosta mais de mim! A outra é linda demais! Que olhos bonitos! Que cabeleira solta! Que pele macia! A diaba é mil vezes mais bonita e mais moça que eu!

Quando o homem voltou, no fim do dia, achou a casa toda desarrumada, a mulher chorando sentada no chão, não tinha feito nem a comida.

— Que foi isso, mulher?

— Ah, seu traidor de uma figa! Quem é aquela jararaca no retrato?

— Que retrato? – perguntou o marido surpreso.

— Aquele mesmo que você escondeu na gaveta da penteadeira.

O homem não estava entendendo nada.

— Mas aquilo é o retrato do meu pai!

Indignada, a mulher colocou as mãos no peito:

— Cachorro sem-vergonha, miserável! Pensa que eu não sei a diferença entre um velho lazarento e uma jabiraca safada e horrorosa?

A discussão fervia feito água na chaleira.

— Velho lazarento coisa nenhuma! – gritou o homem ofendido.

A mãe da moça morava perto, escutou a gritaria e veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha chorando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar pra casa.

— Que isso, menina?

— Aquele cafajeste arranhou outra!

— Ela ficou maluca! – berrou o homem de cara amarrada.

— Ontem eu vi ele escondendo um pacote na gaveta lá do quarto, mãe! Hoje depois que ele saiu, fui ver o que era. Tá lá! É o retrato de outra mulher!

A boa senhora resolveu verificar o tal retrato. Entrando no quarto, abriu a gaveta, desembulhou o pacote e espiou. Arregalou os olhos. Olhou de novo. Soltou uma sonora gargalhada.

— Só se for o retrato da bisavó dele! A tal fulana é a coisa mais enrugada, feia, velha, caduca, torta e desdentada que eu já vi até hoje!

E completou, feliz, abraçando a filha:

— Fica tranqüila. A bruaca do retrato já está com os dois pés na cova! (RICARDO AZEVEDO).

Obs.: Rimos muito com essa história.

- O Mito de Erisícton:

Erisícton era um homem grosseiro. Certa ocasião resolveu profanar com o machado um bosque consagrado a Deméter. Erisícton não desistiu de seu crime e afinal a árvore, atingida por repetidos golpes e puxada por cordas, caiu com estrondo e esmagou sob o seu peso grande parte do bosque.

As dríades, muito tristes com a morte de sua companheira, pediram a Deméter que Erisícton fosse castigado. A deusa acedeu ao pedido, imaginando um castigo tão cruel que despertaria piedade se acaso tal malvado merecesse piedade: entregá-lo à Fome.

A Fome obedeceu às ordens da deusa e avançou velozmente pelos ares até a morada de Erisícton, entrou no quarto do criminoso, que encontrou adormecido. Envolveu-o com suas asas e penetrou ela própria pela sua respiração, destilando veneno por suas veias.

Ao acordar, a fome o devorava. A todo momento, queria ter diante de si iguarias de qualquer espécie, e queixava-se de fome, mesmo enquanto comia. Quanto mais comia, maior era sua fome.

Seus bens diminuíram rapidamente em face das incessantes exigências de seu apetite, mas a fome continuava insaciada. Afinal gastou tudo o que tinha. A fome o obrigou a devorar seus próprios membros e procurou destruir o corpo para alimentar esse mesmo corpo, até que a morte o libertou da vingança de Deméter. (OVÍDIO)

Obs.: Ao contrário dos risos, essa história despertou indignação e repulsa.

As ilustrações tiveram como objetivo fechar a reunião cujo Tema Individualismo foi debatido como deformidade e desvio da sociabilidade. O caso do espelho, um conto lúdico sobre como o desconhecimento de si, a falta de consciência identitária pode trazer confusão. No processo de vir-a-ser humano é recorrente nos reconhecermos como indivíduos que têm particularidades, o que chamamos individualidades, preservando características próprias, o que faz com que S4 seja a S4, por exemplo. Enaltecer as peculiaridades em demasia pode levar ao individualismo, barreira aos vínculos, empecilho a enxergar o outro como possibilidade de vida social. Na história do espelho, tivemos uma família inteira, cada uma de seu lugar mostrou ignorância quanto aos elementos singulares de si, tanto que diante do espelho, acreditavam ver outro rosto, outra pessoa.

No mito de Erisícton, a chance de degradação humana diante do sistema foi muito grande. A onipotência, a arrogância diante de certos limites, que nada mais é que confrontar com o que serviu de modelo para si, com uma estrutura que é interface dessa mesma onipotência e arrogância, leva a um esgarçamento da consciência social,

favorecendo o fechamento e o alheamento. O individualismo é auto-consumo, é amor próprio vivido narcisicamente. Vamos tentar ser como na música de Lulu Santos: “Eu dou a volta, pulo o muro, mergulho no escuro; sarto de banda. Na minha vida ninguém manda não. Eu vô além do sonho”. O sonho é o de levar o indivíduo a ser sujeito e, depois, pessoa.

Elas elogiaram essa reunião, gostaram das histórias e pediram para que eu as contasse mais. Agradei. Despedimo-nos marcando o próximo encontro.

Encontrei uma gravura de Simone Martini (1328), que talvez seja a primeira reprodução artística do individualismo na Idade Média, a seguir:

figura

TEMA – FRATERNIDADE

Uma história é capaz de iluminar nossa relação com os outros, de fortalecer nossa compaixão, de transformar o olhar com quem contemplamos os nossos semelhantes, confirmando a crença de que estamos todos juntos na tarefa de viver.

Ruth Stotter

Levei como texto de reflexão e discussão, um caso de solidariedade, narrado como história – “Não há amor maior”.

Qualquer que fosse seu alvo inicial, os tiros de morteiros caíram em um orfanato dirigido por um grupo missionário na pequena aldeia vietnamita. Os missionários e uma ou duas crianças morreram imediatamente e várias outras crianças ficaram feridas, incluindo uma menininha de uns oito anos de idade.

As pessoas da aldeia pediram ajuda médica de uma cidade vizinha que possuía contato por rádio com as forças americanas. Finalmente, um médico e uma enfermeira da marinha americana chegaram em um jipe apenas com uma maleta médica. Determinaram que a menina era a que estava mais gravemente ferida. Sem uma ação rápida, ela morreria por causa do choque e da perda de sangue.

Uma transfusão era imprescindível e era necessário um doador com o mesmo tipo sanguíneo. Um teste rápido revelou que nenhum dos americanos possuía o tipo correto, mas vários dos órfãos que não haviam sido atingidos tinham.

O médico falava um pouco de vietnamita simplificado e a enfermeira possuía uma leve noção de francês aprendido no colégio. Usando essa combinação, juntos e com muita linguagem de sinais improvisada, eles tentaram explicar para a jovem e assustada platéia que, a não ser que pudessem repor uma parte do sangue perdido da menina, ela com certeza morreria. Então perguntaram se alguém estaria disposto a doar um pouco de sangue para ajudar.

Seu pedido encontrou um silêncio estupefato. Após longos momentos, uma mãozinha lenta e hesitante levantou-se, abaixou-se e levantou-se novamente.

— Oh, obrigada – disse a enfermeira em francês – qual é o seu nome?

— Heng – veio a resposta.

Heng foi rapidamente colocado em um catre, os braços limpos com álcool e uma agulha inserida em sua veia. Durante toda a penosa experiência, Heng permaneceu tenso e em silêncio.

Depois de algum tempo, ele soltou um soluço trêmulo, cobrindo rapidamente seu rosto com a mão livre.

— Está doendo, Heng? – perguntou o médico.

Heng balançou a cabeça, mas após alguns instantes, outro soluço escapou e mais uma vez ele tentou esconder o choro. Novamente o médico perguntou se a agulha o estava machucando e novamente Heng balançou a cabeça.

Porém agora seus soluços haviam dado lugar a um choro constante e silencioso, seus olhos apertados, o punho na boca para abafar seus soluços.

A equipe médica estava preocupada. Algo obviamente estava muito errado. Nesse momento, uma enfermeira vietnamita chegou para ajudar. Vendo o sofrimento do pequeno, ela falou rapidamente com ele em vietnamita, escutou sua resposta e respondeu-lhe com a voz reconfortante. Após um instante, o paciente parou de chorar e olhou interrogativamente para a enfermeira vietnamita. Quando ela a sentiu, um ar de grande alívio se espalhou pelo rosto do menino.

Olhando para cima, a enfermeira contou calmamente para os americanos:

— Ele achou que estava morrendo. Entendeu errado. Achou que vocês haviam pedido que ele desse todo o seu sangue para que a menina pudesse viver.

— Mas por que ele estaria disposto a fazer isso? – perguntou a enfermeira da marinha.

A enfermeira vietnamita repetiu a pergunta para o menino, que respondeu simplesmente:

— Ela é minha amiga (JOHN W. MANSUR, 1998, p.29-31).

Terminado de ler o texto, as mulheres enunciaram:

S1 — Que amizade linda, hein?

S2 — Pra mim, além de amizade, é solidariedade.

Expliquei que era mesmo um caso de amizade e solidariedade. Perguntei o que sabiam sobre o assunto, se já passaram ou não por uma situação de amizade e/ou solidariedade.

S1 — Eu já passei pur isso, cum certeza. A minha vizinha quebrô o braço, eu fui limpá a casa dela, lavá ropa, até dei banho nela.

S2 — Eu ajudei uma pessoa que tava passano fome.

S3 — Acho que quando a gente ajuda o próximo é sê solidária. É difícil contá alguma coisa, mais ajudei sempre qui pude.

S4 — Eu adoro sê solidária, acho que é pur causa do meu signo, isso é forte. Eu sô de caranguejo. Eu cuidei do meu sogro quando ele ficô duente. Todos os otro parente num queria, meu sogro tava só, ele teve um derrame muito raro chamado derrame seco, perdeu os movimento de tudo. Eu e meu marido cuidamo dele na cama. Eu limpava a sujera dele.

- S5 — Pra mim tê disponibilidade de ajudá quando alguém precisa, sem pensá nada em troca, é solidariedade. Uma vez uma amiga tava em crise, eu ouvia ela, ajudava cum palavra.
- S6 — Uma amiga minha tava passano por dificuldade financera, aí eu falei pra ela que todo mundo passa por isso, que era pra ela tê fé em Deus, confiá que tudo ia dá certo.
- S7 — Já ajudei, mais fui ajudada tamém. A S8 me imprestô força (energia) quando precisei, nós era vizinha, eu pagava aluguel, foi uma época difícil. Quando ela precisô, né S8, eu emprestei a força pra ela.
- S8 — É verdade, acho que a gente tem que sê prestativa, ajudá na medida du pussível. Que nem um dia eu tava andano no ônibus circular, tinha uma pessoa cum cartão vincido, fiquei cum pena e paguei a passagem pra ela sigui viagem.
- S9 — Eu ajudei duas pessoa que tava separano dos marido, eu aconselhei a procurá um médico, i depois um confessor. Eu ouvia uma, ouvia otra. Otra vez foi na fábrica, uma colega foi despedida, eu ajudei, falano que o Kissol tava fazeno ficha. A gente tem qui sê uns pelos otro.
- S10 — Minha vizinha ficô muito doente, eu cuidei dela. Eu tive um impulso, parecia que eu quiria tirá um poco do sofrimento da Su. Ela foi perdeno a beleza, os cabelo longo, perdeu quasi a pele toda, foi ficano em carne viva (indignação geral do grupo). Eu fiquei com muito medo, a gente num sabia o que ela tinha. A Santa Casa de Franca recusô, parecia “fogo selvage”, depois os médico dissero que num era. Nas Clínica de Riberão, descubriro que era “Penfico Vulgar”. Nós aqui passano remédio sem sabê que num podia. Era só dá banho de permanganato. Ela ficô quase dois meis internada nas clínica. Eu vi a dor da Su, ninguém tinha corage de por a mão nela, eu coloquei luva, tive um impulso, puis máscara, o chero era insuportável, ninguém agüentava, puis a mão na massa, lavei a bunda, lavei as firida. Eu dexei a minha casa, as minha filha, o marido dela num dava conta daquilo, os filho dela eu levei pra minha casa. Eu num quero que ninguém pensa que eu queria ficá como a boa. As vizinha me elogiario,

eu num queria. Foi num impulso de pensá que podia tirá o sofrimento dela. Eu pensei que aquela mulher divia sê melhó que eu porque eu reclamo da vida, ela ficô calada suportano tudo em silêncio.

- S4 — Eu num tive corage de visitá a Su. Cê foi muito boa pra ela, S10. Nem irmã faz isso, qui dirá vizinha. Só de ouví cê falá da Su, eu arrepiei.
- S11 — Eu tamém ajudei uma família, uma mulher de 9 filho, sem emprego, passano fome, ouvi ela contá que o marido tava preso, mandei procurá cesta básica nu Eroporto, dei o endereço. Cê num acha que eu tamém fui boa? Eu sofri com aquela gente.
- S6 — Eu acho que cês foi boa, agora num tem comparação as história. A S10 feiz uma coisa que eu acho muito difícil, eu num sei si eu faço.
- S10 — Faiz, quando precisa a gente faiz. Só que tamém tem que sê nu impulso, sem pensá muito. A Su tava si acabano, os médico nem sabia o que fazê cum ela.
- S6 — Por que que ela teve isso?
- S10 — Vai sabê, os médicu disse que é baxa resistêcia, otros dissero que é du emocional. Ninguém sabe direito. Hoje ela tá bem.
- S12 — A gente tem que ajudá no material e no espiritual. Um dia acordei, era 5:45 da manhã, liguei o rádio e ouvi uma mulhé dizê qui quiria vendê uma barraca e um vídio-gueime pra comprá alimento prus filho. Peguei o endereço, fiquei pensano o dia todo, cheguei do trabalho, montei uma cesta de mantimento, chamei meu irmão que tem carro, fomo visitá a família, vimo que realmente as criança tava sem comida, dexamo as coisa, o leite e viemo imbora.
- S13 — Já durmi em hospital de acompanhante, si precisá, alguém daqui, eu tô pronta. Eu fico acordada a noite toda, eu sirvo de companhia.
- S14 — Tem muita gente necessitada nesse mundo, a solidariedade tem que existí. Quando tá no alcance, a gente tem que ajudá.
- S15 — Pra sê solidária, num precisa sê rica, basta tê bom coração. Eu acho que o que a gente qué pra nós, tem que querê pros otro. Tem qui aceitá o próximo com os defeito e as qualidade.

- S3 — Uma coisa que atrapalha a gente é o egoísmo. Talvez até tem condição de ajudá, mais a gente pensa que precisa mais que o outro.
- S11 — Eu acho qui eu preciso mais às veiz que ocês tudo.
- S6 — Isso é demais.
- S10 — Sabe de uma coisa, cê é miserável mesmo, pra dizê isso só pode sê.
- S11 — Ceis sabe que eu soffro, a minha vida num é fácil.
- S6 — A vida di ninguém aqui é fácil, eu acho que é muito egoísmo achá qui cê precisa mais.
- S3 — Eu num falo, qui o egoísmo num dexa vê que por mais difícil a vida, a gente pode ajudá uma pessoa?
- S11 — Eu ajudo, eu sô cristã. Eu disse que eu sô carente. (de forma bem alterada).
- S12 — Todo mundo é carente, ô S11. (em tom que acompanhasse a alteração de S11).
- S11 — Já reparô que as pessoa tem um caso de solidariedade pra contá, mais lá na rua fica de conversinha, fica no portão fofocano? (falando bem alto).
- S12 — Eu num acho. (tom alterado).
- S10 — De quem cê tá falano, porque eu num conheço ninguém daqui que fica de fofoca cum vizinha, só si for'ocê. (alterada).
- S4 — Até porque a gente pode sê solidária e sê fofquera, num tem nada a vê uma coisa cum otra. (alterada).

Nesse momento, faço uma intervenção para depois encerrar.

- Gente, o assunto é delicado, será que dá pra pensar que as necessidades são diferentes, mas também podem ser iguais a outras? É comum pensar que as nossas necessidades são maiores que a do outro, afinal a visão que temos das coisas é parcial, diz respeito a uma parte, a nossa parte. Costumo pensar, que mesmo que seja comum, estamos aqui para ampliar nossa visão, poder pensar de outro jeito, o que implica perceber que somos semelhantes. Uns mais, outros menos carentes, o que importa é que somos todos carentes. É verdade que existe uma relação entre solidariedade e a nossa capacidade de reconhecer que

temos algo para ser doado. Só é capaz de fazer uma doação quem se reconhece tendo o que ofertar. Nós voltaremos a isso em outra oportunidade. Obrigada pela presença, até a próxima.

S11 — Eu queria pidi desculpa pra S10.

S10 — Por que pra mim?

S11 — Pelo jeito que eu falei.

S10 — Pra mim não, eu acho que tem que sê pra todo mundo.

S11 — Gente, cês mi discurpe então.

O grupo se despediu sem dizer se desculpava S11. No outro dia, após essa reunião, as mulheres chegaram contentes, trataram muito bem a companheira S11, que por sinal levou um pacote de biscoito para dividir com as participantes. Foi bem acolhida em seu gesto. Comemos o biscoito. Estava tudo bem novamente.

Por mais que pareça surpreendente, esse tem sido o movimento do grupo. Depois de uma discussão ou desavença, os ânimos voltam ao lugar. Mal-estar e conciliação, dúvida e aliança possivelmente sejam os processos que sustentam o funcionamento de nossa sociedade, e não apenas o Grupo de Mulheres.

O texto que ofereci como iniciação ao tema mostrou-se eficaz na medida em que, por meio de uma história que tendo como pretexto a amizade, traz mais que isso, revela uma prática do que chamo Fraternidade. Não lhes ocorreu esse termo, ficaram com a solidariedade que ora discutiremos nos enunciados.

S1 mostra um discurso solidário como se tivesse extrapolado o sentido quando enuncia – “Até dei banho nela”. Penso que ela (S1) fez além do que era previsto ou podia, mas também pode ser pensado que ser solidário é fazer pelo outro aquilo que ele não pode fazer sozinho. Fazer mais que as possibilidades é bastante comum na condição humana, que tão corriqueiramente se acha em dificuldade de dizer não. Negar um pedido, um favor, uma ocasião, uma oferta, significa quase sempre se mostrar limitado, incapaz de dar conta de tudo, o que não é desejado. Eis uma das

características da solidariedade questionáveis, um dos campos de força e também de crítica.

Enuncia – “Eu já passei por isso, com certeza”, como se isso fosse natural em sua vida, tanto que afirma “cum certeza”, como que para garantir sua ação, não deixando dúvida de que pratica a solidariedade, e não deixando dúvida de que as ações solidárias são frequentes, melhor, que a solidariedade ou a amizade não são temas específicos para as histórias, mas são temas da vida “comum”, assumindo o discurso de um Estado que ameaçado pela crise, tem apelado para a sociedade civil a fim de acudir as situações de risco social. De forma bem particular, é o caso de S2 que se sensibiliza diante da fome e ajuda, é como se ela tivesse admitido, como sociedade civil, as responsabilidades por amparar os mais necessitados. Com relação à fome, podemos perceber que o discurso de S2 é recortado pelo discurso oficial que, durante a campanha Fome Zero, recorreu à participação da sociedade civil, alimentos foram doados em instituições bancárias, por exemplo, discurso assistencialista.

S3 imprime o lugar social religioso que ocupa quando enuncia – “Acho que quando a gente ajuda o próximo, é sê solidária”, conjugando próximo (termo simbólico) à solidariedade (ação de ajudar). O discurso religioso aí presente, pressupõe suas implicações na atitude e forma de conceituar. O peso de ter que ser solidária, quase que uma obrigação para quem é levada a pensar no próximo, aparece quando enuncia – “É difícil contar alguma coisa, mais ajudei sempre que pude”, como não lhe ocorreu uma situação naquele momento, arranjou uma maneira de justificar, com a conjunção *mas*, que foi solidária sempre que pode, aliviando sua parte do fato de não poder contar uma história.

O discurso de S4 pressupõe um sujeito, que tendo assimilado que o comportamento é algo que depende da natureza, do enquadramento de um signo – “Eu sô de caranguejo”, desenvolve ações de acordo com a tabela do Zodíaco – “Eu adoro sê solidária, acho qui é por causa do meu signo”, fazendo com que cuidasse do sogro quando ninguém queria, por exemplo, conseguindo “limpá” a sujeira dele.

A necessidade de explicar como conseguiu cuidar do sogro doente, fez com que encontrasse no signo (nascimento) algo que fortalecesse sua ação. Penso que as fraquezas, a necessidade de controlar ou prever os acontecimentos, talvez por

dificuldade de esperar pela novidade ou pelo curso natural do tempo, são responsáveis pela tentativa de perseguir explicações para esse ou aquele modo de ser. Um outro aspecto presente no discurso de S4 é o fato de que à mulher coube, culturalmente, o papel de ser cuidadora, inclusive nos hospitais ou instituições de saúde, onde a grande maioria do voluntariado é de mulheres. Ela enuncia – “Eu e meu marido cuidamo dele”, mas quem limpava a sujeira dele era ela, materializando o discurso da cultura.

S4 possui também uma diversidade lingüística que é um recurso de comunicação do dia-a-dia, no sentido de que numa conversa, os interlocutores enunciam eventos, mostram intenções, embasados em conhecimentos e estereótipos relativos às diferentes maneiras de falar. Essa diversidade é crucial para o envolvimento dialógico e para o uso de estratégias persuasivas (GUMPEZ, 2002). Talvez explique a riqueza de possibilidades e detalhes em seu enunciado – “Eu adoro sê solidária”; “Eu sô de caranguejo”; “Ele teve um derrame muito raro chamado derrame seco”; “Eu limpava a sujera dele”.

Percebo que para S5, a solidariedade é mais que ajudar quem precisa, é ajudar “sem pensá nada em troca”, emergindo aqui também o discurso da religião que tão comumente prega a gratuidade, o que está congruente com a ação de ajudar a amiga com escuta e palavra. A idéia da gratuidade tem sido motivo de reflexão, não só pelos fiéis de cada religião, como também por parte de especialistas na área do amor ou das relações. Minha preocupação em relação à benevolência toca o sentido da caridade e, como consequência, o assistencialismo, práticas insustentáveis, verdadeiros obstáculos ao processo de autogestão. S5 já manifestou algumas vezes concordância às práticas comunitárias como “Casa da Sopa”, “Pãozinho de Nazaré”, e doação de cestas básicas; muitas vezes ouvimos uma participante do grupo enunciar sua busca por essas casas de amparo, que com frequência tem a anuência de S5. Fazer sem esperar em troca pode ser cristão, mas profundamente onipotente, mesmo porque esperamos ser lembrados por nossa benevolência na outra vida, aquela que costumamos pensar ser melhor que essa, o que equivale a dizer que há interesses nas chamadas boas ações.

Não muito diferente é o discurso de S6 no sentido de ter o mesmo lugar religioso. É um discurso otimista com um tom de conformismo, ambíguo, não? Solidarizar é oferecer uma palavra de conforto e esperança no pai. O paternalismo

pode trazer perpetuação da infantilidade, reforço da fragilidade irremediável, outra marca do assistencialismo, sem falar nos laços estreitos de dependência. Nem S6 e nem muitas dessas mulheres não sabem o que são direitos e deveres, não tem noção da força que têm e, justamente por desconhecerem, não usufruem dela. Esse bem poderia ser um discurso de gênero, aquele em que a mulher impotente apela para forças divinas como escape e sobrevivência emocional, não bastasse pela conjuntura social que hoje estampa o colapso das instituições, o estrangulamento em vários setores da sociedade, a mulher tem sido obrigada a cumprir um itinerário e dar conta do trabalho dentro e fora do lar.

Quando S6 enuncia – “Uma amiga minha tava passando por dificuldade financeira, aí eu falei que todo mundo passa por isso”, confirma a crise sócio-econômica, bem como a saída de apelar para Deus, por que esperar a solução de quem, não é mesmo? Impotente parece estar “todo mundo”. Não é fácil para algumas mulheres do grupo ter fé em si mesmas, até porque desconhecem suas capacidades, não sabem ainda que o socorro pode vir do meio externo, porém a maior força é a de dentro. Um pouco depois, mostra admiração pela ajuda de S10 em situação extrema, revelando então que desconhece de fato sua força.

S7 comunica um discurso comunitário, tem com S8 uma paridade que extrapola as fronteiras do grupo e alcança as relações sociais de bairro. Ela denuncia uma prática ilegal, é fato – “A S8 me emprestou força (energia) quando precisei”, justificado por um – “Eu pagava aluguel, foi uma época difícil”, que serve como uma voz que estabelece um conluio de que o que é ilícito recebe absolvição, quando se trata dos apuros existenciais. Quando enuncia – “Já ajudei, mais fui ajudada também”, centraliza a consciência de quem sabe que a solidariedade é uma via de dois sentidos, reconhece que necessidade é algo mútuo, tanto que precisou da confirmação de que era verdade – “Quando ela precisou, né S8, eu emprestei a força pra ela”, o “né S8”, serviu como testemunha de que não errou sozinha, não tem dificuldade sozinha, pertence a um sistema recíproco. Esse é o típico discurso do “jeitinho”, um sistema que maquina uma forma de burlar os caminhos legais, em favorecimento próprio, eis que retomamos o tema do Individualismo, que se liga ao “jeitinho” numa voz egóica – “Eu posso”.

Não fosse por três palavras mágicas – “fiquei com pena”, o discurso de S8 seria um evento bem favorável. O sentimento de pena ou dó tem o cunho maledicente da superioridade. Introjetar o padrão de que as pessoas em circunstâncias desfavoráveis merecem piedade, é atualizar as hierarquias sociais e econômicas como legítimas representantes da casta mais importante. A piedade, no caso de S8, reforça que ter é mais que ser, como a pessoa do ônibus não tinha como pagar o bilhete, mereceu sentimento de pena de S8 que notou ali alguém inferior.

É verdade que não raras vezes, sentimos um enorme prazer em despertar um sentimento de dó no outro, talvez buscando com isso a apreciação de alguém. Como também, é verdade que chamamos a atenção ou existe um alvo quando o sentimento de dó é nosso. De qualquer modo, penso que essa emoção está em oposição à fraternidade, o que merece que nos ocupemos disso como prerrogativa do trabalho comunitário.

O enunciado de S9, é revelador do discurso de que mulher que se separa tem problemas de saúde – “Eu aconselhei a procurá um médico”, e problemas de culpa – “i dipois, um confessor”. O tom é de solidariedade, mas o que há por detrás é o estereótipo. S9 enuncia – “A gente tem qui sê uns pelos otro”, mas parece que ela não faz alianças com seu próprio gênero, uma vez que condena suas amigas à neurose e à expiação.

Podemos não sentir afeição por todas as mulheres, como não sentimos por todos os homens, mas considerar que os compromissos mais importantes da mulher são os homens ou que sem eles o universo feminino é doentio, é mais que não apreciar o gênero, é assimilar o discurso masculino de que a mulher é neuroticamente incompetente, ansiosa e insegura, por isso precisa de remédio (médico) e de um padre (confessor).

Aparentemente as palavras de S9 pareciam não ter nada de extraordinário, porém para os olhos em profunda sintonia com a escuta, é capaz de ler nas entrelinhas a presença do discurso machista. S9 costuma ser cordial com suas companheiras, toma sua defesa quando precisa, tem por hábito cooperar, pode ser que viver com o marido como irmã, a faça se distanciar da comunhão com seu gênero, de forma muito sutil.

O discurso de S10 é polissêmico, indício de uma heterogeneidade lingüística. Lembro-me que quando contou sua história de fraternidade, fiz a imagem de uma mulher forte, capaz de enfrentar adversidades, mulher que já tendo trilhado a ladeira da dor, foi capaz de gesto tão nobre de cuidar da enfermidade da vizinha. Lembrei de Madre Teresa de Calcutá com os leprosos. Essa imagem está congruente com a fraternidade, o que não quer dizer que seu enunciado não traga pontos importantes a ser analisado.

No início, S10 enuncia “Eu tive um impulso, parecia qui eu quiria tirá um poco de sofrimento da Su”, que pressupõe um poder, como pode alguém tirar o sofrimento de alguém? Esse poder pareceu ser passageiro, porque foi um impulso, revelando que em outra ocasião, talvez não fizesse – “Eu fiquei cum muito medo, a gente num sabia o que ela tinha”. O “impulso” enunciado mais de uma vez, tem o sentido da capacidade alterada para mais, alguém que não sabe de si nas condições normais.

Quando enuncia – “O marido dela num dava conta daquilo”, é a voz que discursa do lugar social e cultural de que homem não serve para cuidar, mas a mulher sim, tanto que deixa seu marido e filhas para operar como cuidadora, profissão aliás, que ela tem (cuida dos filhos de várias mulheres enquanto trabalham). O discurso sexista está bem enfronhado na sociedade que sectariza em funções e papéis o gênero masculino e feminino. Como também é a palavra da cultura que diz – “os filho dela eu levei pra minha casa”, como se o marido de Su (sua vizinha) não fosse capaz tampouco de administrar a educação dos filhos, na ausência da mulher.

“No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho”, como no poema de Drummond (2000), bem no meio do enunciado de S10 há uma negação que, como disse anteriormente, é um sinal de ambivalência – “Eu num queria qui ninguém pensasse qui eu queria ficá como a boa”, seguida de – “As vizinha me elogiara, eu num queria”, e volta a dizer que foi num impulso que fez o que fez. Nessa hora, eu pensei que o desejo dela é ser boa, queria sim o elogio das vizinhas, e torna a enunciar uma força sobrenatural, como se tudo que tivesse feito estivesse além dela. Ora, a fraternidade tem seus dias de renúncia, até pelo anúncio de humildade em – “Eu pensei que aquela mulhé divia sê melhó que eu porque eu reclamo da vida, ela

ficô calada suportano tudo em silêncio”, imprimindo um caráter tenso, discurso de oposições e concordâncias, feitos heróicos e humanos da fraternidade. Percebo que S10, proclamando o heroísmo de Su que suportou o pior em silêncio, declara-se também heroína com o discurso de humildade, a maior virtude humana desde o advento do Cristianismo.

No fim da Análise do Discurso da companheira S10, emerge a figura de Antígona, que mais do que heroína, é mulher que luta entre o privado e o público, a lei de dentro e a lei de fora, entre a família e a sociedade. Penso nessa abordagem como sendo a peleja feminina no século XX. Antígona optou pela fidelidade aos seus, que o gênero feminino possa, enfim, vislumbrar no século XXI a opção condizente com suas aspirações. S10 exprime Antígona no impasse entre a força e a impotência, entre a capacidade e a subordinação, voz, jeito e ação de quem é, sobretudo humana.

O leitor deve estar confuso quando troco Solidariedade por Fraternidade, ou o contrário. O esclarecimento da analogia virá em tempo, por ora, aviso que farei essa substituição outras vezes ainda.

S4 interage com S10 por meio de um discurso de dúvida de que haja relações solidárias entre vizinhos, como que para confirmar a grandeza do gesto de S10 – “Nem irmã num faiz isso, qui dirá vizinha”, é como se dissesse que vizinha é incapaz dessa ação, imprimindo um elogio que serve de evento para marcar o enunciado de S11. S4 é o eixo, nesse momento, que interliga os diálogos, fazendo movimentar e orientar os discursos, tornando conhecido a individualidade e aquele contexto.

Creio que o discurso de S11 é de alguém que se incomodou com a bondade de S10, penso que por inveja. O enunciado – “Cê num acha qui eu tamém fui boa?”, pressupõe incerteza e comparação. Incerteza por se tratar de uma pergunta, e a conjunção “tamém” indica que se inclui no rol da boa ação. O caso da vizinha doente fez com que S10 se tornasse o centro de atenções do grupo, uma história que não conheciam inteiramente nos detalhes, como o enunciado mostrou. S4, no diálogo anterior, pontua o ato de bondade da companheira, para em seguida, S11 bem depressa enunciasse um fato na pretensão de receber o reconhecimento do grupo. O que a incomodou foi a evidência de S10 que colheu admiração ainda maior do que já tem, do seu grupo comunitário.

A história possui uma infinidade de situações em que se efetivou o sentimento de inveja, Iago por Otelo, Salière por Mozart, são bons exemplos. No caso de S11 por S10, a inveja se materializou outras vezes, e observo que isso se deve por sentimento de inferioridade, incapacidade, mas, sobretudo por não se reconhecer respeitável, por não conseguir se unir às outras mulheres do grupo na idéia e fortalecimento de que os problemas são mútuos, sendo a diferença entre elas um detalhe que soma e não diminui a relação. S11 se sente muito desprezada em casa, onde as filhas mais velhas têm mais espaço, mais voz ativa. Pela atitude no grupo, S11 não deve ter um temperamento fácil, que possivelmente apareça na dinâmica familiar, que está longe de ser uma instituição com uma única vertente, a família é um conjunto de alianças e desavenças, tanto quanto o grupo.

Meu pensamento seguiu a direção da história pessoal de S11, como indicativo de um caminho, um parâmetro de conhecimento sobre a valoração da inveja. Há outros pontos de vista como o mundo da concorrência, do exibicionismo, sinal marcado em seu enunciado. A concorrência entre mulheres é tão destrutiva quanto a de mercado, ambas favorecem o isolamento, o rompimento com traços identitários e, especificamente no caso feminino, a desorganização de classe e o fortalecimento do machismo (SAFFIOTI, 1979).

O embate das mulheres do grupo são mais ou menos constantes, não vejo problema, o confronto que leva à depreciação, ao rebaixamento da outra, é a reprodução dos moldes masculinos, tradição que procuro apontar como insalubre às conquistas que todas nós, individual e coletivamente, temos que alcançar. O discurso de S11 não é bom para a relação entre elas, porque as afasta da fraternidade feminina, do companheirismo, e do valor da união.

A voz que pacifica os ânimos, a cordialidade que sutilmente revela um outro campo de análise, tem sido o discurso de S6, que interfere no enunciado de S11, desalinhando o mal-estar instalado, mostrando o erro de se comparar histórias tão diferentes. De uma forma menos agressiva, enunciou o meio termo, de um lado as duas (S10 e S11) são boas, de outro lado, uma delas (S10) fez algo além do que ela mesma acredita não fazer. Não quero escutar nisso nenhuma contradição, só reiterar que S6 é mais uma entre essas companheiras que não tem consciência da

potencialidade da riqueza que tem, embora seja a pobreza que lhes garanta esse lugar de impotência. Quando se vêem diante de posturas e ações admiráveis, a explicação fica por conta de uma força estranha, o impulso.

É o que se aproxima da resposta que S10 deu à S6 – “Faiz, quando a gente precisa, a gente faiz. Só qui tamém tem qui sê num impulso, sem pensá muito”. O jargão “Quem pensa, não faz”, é o padrão típico do mundo do trabalho braçal, aquele das fábricas, das máquinas, muito próprio da realidade das trabalhadoras do grupo. Hoje, S10 não vive como operária da indústria calçadista de Franca, porque é cuidadora, mas já trabalhou, donde provavelmente introjetou o jargão.

A seguir, os diálogos tomaram a direção das narrativas fraternas, com S12 uma tocante história de partilha, com S13 alguém disposta a fazer companhia no momento da doença. No tocante a S14 o discurso tem o tom da sociedade civil que toma para si a ajuda humanitária, talvez porque tenha compreendido ou desistido de esperar do Estado a política de assistência.

S15 enuncia – “Pra sê solidária, num precisa sê rica, basta tê bom coração”, que expressa a tentativa de equiparação entre os lugares sociais, no aspecto fraterno, um discurso de quem sabe das diferenças econômicas, culturais e sociais. Para ela, a solidariedade é prerrogativa de quem tem bom coração, não de uma população de maior condição financeira (os ricos). O antagonismo do sistema de bens e serviços entre as mulheres do grupo e as mulheres ricas, chega a um ponto crucial quando S15 enuncia – “Eu acho qui o qui a gente qué pra nós, tem que querê pros otro”. Nesse discurso estão agregados valores de desigualdade, segregação do status social, divergências na ordem social estabelecida. Penso que aí também tem um locutor que se dirige a mim, de forma direta, já que para a sócio-lingüística, todo discurso é orientado para um alvo. Não sou insensível às enormes diferenças que temos, escondê-las seria negar o fato de que tenho um lugar social mais privilegiado que o grupo. Sinto-me acolhida entre elas, espaço que conquistei, mas que está longe de ser a superação dos antagonismos. Procuro pontuar, sempre que ocorre de ser o alvo do discurso, que a solução para a oposição não está comigo, está no grupo e na condição de praticar a consciência que juntas vamos criando.

Na ponta do discurso de S3 (que volta à cena com seu enunciado), há o tema do individualismo para estimular um embate. Nesse momento, a participação de cada mulher já se concluíra, era a oportunidade de fazer barulho. As palavras “Talvez até tem condição de ajudá mais, e a gente pensa qui precisa mais qui o otro”, foram endereçadas à S11 que sincronicamente respondeu a provocação. Poderia pensar que S3 enunciou aleatória, de forma solta e imprevisível, se eu não conhecesse os passos desse grupo. Poderia pensar que foi o caso típico de “vestir a carapuça” o discurso de S11, se eu não soubesse dos caminhos e descaminhos do inconsciente, cozendo o tempo todo de forma silenciosa algum propósito excuso. O grupo tem três anos de convívio, sabem dos arranjos e das polêmicas, era o momento favorável, lembrando que foi um pedido insistente para que respeitassem os enunciados de todas as companheiras, as manifestações sobre o assunto estavam encerradas. Como no conto de Shakespeare, “A Tempestade”, o marinheiro encontrou-se com o mar e o sonhador encontrou-se com a própria fantasia.

Sinto que, embora seja uma discussão, o que se sucedeu foi a Tensão Fraternal, sem que tivesse naquele instante consciência disso. Deixei passar no ato a possibilidade de mostrar alguns elementos. O trabalho com grupos comunitários consiste na cegueira visionária, no consolo de que o tempo conserta os erros, a oportunidade pode voltar e ser então aproveitada. Fiz a leitura do encaminhamento do grupo para a tensão fraternal, em outra reunião. Conviver é um ato montanhoso, repleto de pequenos e grandes horizontes, nesse chão escorregadio vai se praticando e materializando os projetos.

S11 enuncia – “Eu acho qui eu preciso mais às veiz qui ocêis tudo”, que ocupa não só o lugar da carência, mas de alguém que se coloca apartada do grupo. É legítimo que S11 se sinta assim, afinal está invariavelmente nas confusões, e apontada como o “problema”. Seu discurso carrega os traços da exclusão com o detalhe que, na curva da esquina, o sol continua a brilhar. Alguma vantagem Maria leva, que não posso deixar de pensar que é a tentativa de viver e experimentar a condição humana, marcar presença no mundo, estabelecer vínculos, que não se fazem senão por meio das lutas. No discurso, não deixa de ser arrogante, emoção que desafia o encontro, na promessa de um entendimento que veio mais tarde quando se retrata diante do grupo

(traz um pacote de biscoitos para comerem), na receptividade acompanhada de partilha (dividiram e comeram os biscoitos).

De vítima – “Ceis sabe qui eu soffro, a minha vida num é fácil”, S11 se transforma em agressora – “Já reparô qui as pessoa tem um caso de solidariedade pra contá, mais lá na rua fica de conversinha, fica no portão fofocano?”, interfaces heterogêneas atualizando emoções defensivas, invejosas, provocadoras e audaciosas que desarrumam o grupo, confundem as participantes que acompanham S11 na alternância do calor e da altura dos enunciados. Poder quebrar a ordem é um privilégio que S11 exprime, mesmo expondo os seus problemas. É possível pensar o enunciado de S11 como aquele que apresenta uma nova definição de solidariedade: ser solidário não é ser fofoqueiro.

Quando finalizei a reunião, o mesmo processo das desculpas, com a ressalva de que a intencionalidade de S11 foi atingir S10, estampado pelo que enunciou – “Eu quiria pedí desculpa pra S10”, que desviou-se do enfoque, apontando a comunidade como a receptora dos desatinos. Gesto que tem um duplo sentido: formar uma unidade orgânica com o grupo, compatível com as melhores aspirações, e a negação de que teve participação na desventura de S11, deslocamento da responsabilidade. No soneto de Cecília Meireles (1973), uma fonte de inspiração – “Não acuso. Nem perdôo. Nada sei. De nada. Contemplo”. Que ilusão pensar que fraternar é só encantar. No desencanto é que me encontro com a comunidade.

Considerando os rumos da reunião, proponho pensar algo que tem sido motivo para mim de muitas reflexões, com meus estudos com a Psicanálise, a filosofia e a psicologia social, proponho pensar aquilo que o grupo intitulou como solidariedade, termo usual na psicologia social.

Tem sido corriqueiro falarmos do tempo como se estivesse alterado, a impressão é de que está passando depressa demais. Os ponteiros do relógio estão trabalhando como sempre, o dia continua a ter vinte e quatro horas, meses e anos, o mesmo número de dias e horas. Então, por que a noção de tempo mais curto tem sido

tão apontada? A velocidade dos acontecimentos, a avalanche de informação produzida pelo processo de mundialização, provocaram mudanças nas relações espaço, tempo e causalidade, o que significa desde a Filosofia de I. Kant (1724-1804) que esses conceitos só têm sentido se referenciado a um sujeito, ou seja, são parte de uma estrutura do sujeito e só tem razão de ser por meio da relação com o mundo – o Sujeito (Eu), o Mundo (Outro). Não há, segundo Kant, sujeito sem objeto, entendendo aqui objeto como outro, não algo que está lá simplesmente, mas que é reconhecido como o que pode ser conhecido dentro de certos limites.

Para que a linguagem possa ficar menos filosófica (até porque não é esse o meu vocabulário no Grupo de Mulheres), podemos pensar que o objeto é o que está fora do sujeito, e para ser Outro precisa ser reconhecido pelo sujeito como algo diferente dele mesmo, por isso todo objeto é um mistério, não no sentido de que não pode ser conhecido, mas que não pode ser conhecido na totalidade, o que significa que o reconhecimento do outro enquanto realidade a ser conhecida dentro de alguns limites, é favorável ao entendimento do que significa a sensação de encurtamento do tempo. Se o sentido espaço/tempo/causalidade depende de uma relação Eu/Mundo, a caduque do tempo tem sua explicação no estrangulamento dessa relação, que de forma bem visível está em uma velocidade alopada. Não é o tempo e o espaço em si que estão em desproporção, mas a forma como nos relacionamos com o mundo, com a vida, com o meio ambiente e também com as pessoas.

A mundialização envolve homogeneização, a negação das diferenças, das heterogeneidades, da singularidade (ser humano como ser único, irrepitível). O mundo parece uma massa disforme, cópias perfeitas. As conseqüências da situação mundial, como discutido em outros momentos, é o aumento da desigualdade, o individualismo, o desemprego, o surgimento dos regionalismos, nacionalismos e racismos, a problemática do meio ambiente colocando em pauta as discussões sobre a relação do ser humano com a natureza (eu/mundo). A sofisticação do mundo é tão grande, que a vida tem sido redirecionada para objetivos ilusórios e transitórios. As relações humanas e a maneira de encará-las teriam, diante desse quadro, que estar modificadas de forma considerável. (ARRUDA, 2002).

Como articular essa reflexão a solidariedade, se constitui o termo por onde a Psicologia e outras áreas do conhecimento têm que palmilhar para que as pesquisas avancem em seus conteúdos, mas, sobretudo nas práticas. Minha missão de socializar conceitos tão complexos se aloja no desejo, talvez pretensioso, de abrir pequenos furos nos espaços intersubjetivos, entendendo subjetividade como toda realidade contida no sujeito. Abrir espaços intersubjetivos nada mais é que o encontro com o Outro, reconhecendo que é com o Outro que me construo. A imagem que vislumbro é a do girassol que incessantemente busca pela luz do sol, imagem poética que não é a busca pelo astro, pelo pai ou pelo deus, mas o reconhecimento de que há no mundo mais do que o meu mundo.

1- APROXIMAÇÕES TEÓRICAS:

Fechemos os olhos por alguns segundos, vamos imaginar uma vida sem objetos (coisas e pessoas). Falo por mim, a sensação é de estranhamento, de não existência, encapsulamento irremediável. Pensar a vida sem objetos é considerar a impossibilidade da vida. Entre os prazeres de mulheres e homens está o de contar e reproduzir a história, sem os objetos não há história, nem tempo, nem figuras, há um sujeito na mais completa solidão.

Os primeiros anos de uma criança é um solipsismo, entendido na perspectiva de um Eu como única realidade, um mundo sem objetos. A criança tem que percorrer um longo caminho entre o solipsismo e a solidariedade, que vai desde uma situação de indiferenciação até a aceitação e adoção da diferença. Esse universo é todo permeado pelo processo de conhecimento das várias realidades, tecendo e desmanchando relações, fazendo pontes e as destruindo no projeto de encontro. O processo não se dá por si só, mas tocado pela educação e pelo desejo de conhecer para crescer, promoção de

um laço profundo entre os saberes, os afetos e as paixões. Relacionar-se com a diferença envolve desejo, e é a natureza dessa condição desejante que também define a forma como uma sociedade se engaja na rede de relações humanas que permite tanto a construção dos saberes como dos sentidos, eles próprios atividades cruciais para sustentar a formação de identidades, sentimentos de pertença e o sentido de comunidade (JOVCHELOVITCH, 2002, p.74).

Um sujeito isolado, sem desejo de conhecer-se e a outros, não se materializa, não estabelece vínculos. É possível se relacionar estando isolado, por agir e pensar como alguém que não tem nada a ver com os outros. Não é dessa relação que falo, mas de um fluxo em que a relação com o outro tem tudo a ver. E tem a ver porque no cotidiano vamos nos deparando com várias pessoas que trazem inúmeras contribuições, mesmo que sejam existências fortuitas (objetos que aparecem e desaparecem), algumas dessas existências passam a morar conosco. Muitos aspectos das mulheres do Veredas vivem em mim. Suas linguagens, suas histórias, seus odores, os gritos e os risos.

Como sou uma leitora fiel dos dicionários, penso que seria importante conceituar a principal palavra destacada pelas mulheres em seus enunciados: Solidariedade. A inserção conceitual poderá favorecer as alianças que gostaria de estabelecer entre a não existência (mundo sem objetos) e a solidariedade (categoria fundante do encontro). O Dicionário Filosófico enuncia:

- **Solidariedade** – Termo de origem jurídica, em função do sentido moral e ético, que na linguagem comum e filosófica, significa inter-relação ou interdependência/Assistência recíproca entre pessoas (ABBAGNANO, 2000, p.918).

O dicionário aponta a origem na Filosofia do Direito, mas outros campos do conhecimento adotaram, pesquisaram e fazem uso desse vocabulário como a Sociologia e a Psicologia Social. De um modo bem singelo, a solidariedade é uma ação, uma prática social, um Eu lançado para fora.

Obs.: Após essa conceituação, convidei o grupo a uma atividade. Pedi que agachassem na posição de cócoras, abraçando as próprias pernas, de cabeça baixa. Depois, lentamente pedi que fossem se desembrulhando, até ficarem de pé. Em seguida, olhassem as companheiras, num gesto de reconhecimento de cada uma. Houve risos. Sugeri que se alongassem, num longo espreguiçamento, e voltassem a se sentar.

A atividade foi uma representação do Eu lançado para fora, é como se uma realidade passasse a existir, a realidade do grupo. O que fizemos toca o grupo, a comunidade de mulheres, mas é preciso atingir mais que o espaço até ali percorrido, a projeção deve ser feita também para longe, na família, no bairro, nas reuniões sociais, em todos os lugares públicos. Lembro-me que quando algumas companheiras deixaram o grupo, após um período de intensas trocas, houve protestos e tristezas. Lembrei que o sentido maior de uma comunidade deve ser buscar a autonomia. Deixar o grupo é parte da evolução pessoal e social, enquanto que a dependência ao grupo, algo temporário, isso não quer dizer que seja o fim, é apenas mais uma etapa em direção ao desenvolvimento. Sentir a falta das mulheres que se foram é salutar, querer que fiquem quando já não faz mais sentido, é se interpor no caminho como obstáculo ao crescimento da outra. Um pensamento me parece de bom senso para sintetizar como deve ser encarada a passagem pela comunidade.

Os valores comunitários devem ser interiorizados como projeto individual para se transformar em ação. Devem ser pensados e sentidos como necessidade. A expressão tão cara à prática comunitária, conscientização, deve ser ampliada para abarcar não só a tomada de consciência, como também a tomada da inconsciência, pois ninguém é motivado por interesses coletivos abstratos e não se pode exigir que o homem [e a mulher] abandone a esfera pessoal da busca da felicidade, pois bem-estar coletivo e prazer individual não são dicotômicos e o consenso democrático não é conquistado necessariamente à custa do sacrifício pessoal (SAWAIA, 2003, p.49).

Todos esses ingredientes favorecem a prática de solidariedade, que mesmo mobilizadas por interesses diversos, respaldadas pela religião ou pela conscientização, as mulheres do grupo mostraram atuar.

Pensei na solidariedade até aqui como práxis, no entanto a reflexão filosófica antecede a ação quando propõe outras questões sobre o tema. Primeiro, a solidariedade depende da alteridade, segundo, quando falamos de Outro, temos que defini-los.

- a) **Alteridade** → ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro (ABBAGNANO, 2000, p.34).

O primeiro autor a falar de alteridade foi Aristóteles na “Metafísica – livro IV”. A alteridade tem o sentido de vir antes da prática, é a capacidade de se colocar no lugar do outro, não sendo o outro, ou seja, ser o outro preservando as características de

individualidade, identidade e singularidade. A alteridade é uma possibilidade humana, é uma construção, não uma realidade dada ou pronta, enquanto capacidade deve ser estimulada, incentivada a ser desenvolvida para que no vir-a-ser da existência, a solidariedade possa ser efetivada. Em potencial, temos uma variedade de características que a nossa história vai possibilitando desenrolar, sendo uma delas a alteridade. Permanecendo no campo filosófico, Heller discute o patrimônio de valores humanos por meio de uma análise daquilo que está em possibilidade nas mulheres e homens, uma substancialidade sempre presente, condição do agir,

nem um só valor conquistado pela humanidade se perde de modo absoluto, tem havido, continua a haver, e haverá sempre ressurreição. Chamaria isso de invencibilidade da substância humana, a qual só pode sucumbir com a própria humanidade, com a história. Enquanto houver humanidade, enquanto houver história, haverá também desenvolvimento... (2000, p.10).

Enuncia ainda que mesmo em face dos desencantos, desesperos, decadência, indignação, fuga ou retrocesso diante dos conflitos, a essência está lá para tornar-se. A condição imprescindível da explicitação da substancialidade é o desenvolvimento, a percepção, aceitação e entrega a um mundo pleno de objetos.

Discuti anteriormente o tema do Individualismo, cuja base pressupõe a idéia de indivíduo. Na tradição filosófica, indivíduo é alguém que é uno, indiviso em si mesmo, mas separado de todo o resto. Nessa concepção, o ser humano responde à visão de que é o responsável único por tudo que lhe acontece. Cada um cuida de si, deixando que a sorte ou Deus cuide de todos.

De outro modo, existe aquela concepção de ser humano como máquina, mais uma peça de uma grande engrenagem. O preponderante nessa visão é a idéia de totalitarismo, cuja marca é a dominação, o imperialismo, sendo a humanidade uma categoria inferior na escala de valores.

Há também a concepção de ser humano como pessoa. Diferentemente das anteriores, ser humano é alguém que não pode ser sem os outros. Alguém que tem muitas dimensões que são manifestas e construídas na relação, alguém que longe de ser só um indivíduo, totalidade fechada, auto-suficiente, é iniciativa e criatividade expressa no mundo. Sua substancialidade/alteridade edifica por meio de ações

conscientes a solidariedade. A alteridade é, portanto, o oposto da não existência, é o contrário de narcisismo, é avessa à justiça social.

Enrique Dussel, filósofo latino-americano, tem um tratado ético muito significativo para a discussão da alteridade:

Na totalidade fechada, há a-versão ao outro; o homem [e a mulher] perfeito é o que tem-mais. Na alteridade, dá-se a con-versão ao outro; o homem [e a mulher] perfeito é o que é-mais. Um põe seu triunfo no possuir, e a propriedade é sua medição; o outro põe sua realização no serviço; e a justiça é o seu modo de ser. A totalidade é trágica, nela não há liberdade nem novidade, nem bem, nem mal-ético. A alteridade é dramática, nela há liberdade e criação, há bons e maus; os primeiros dominam e alienam, os segundos servem e libertam; para uns, o outro é o reino escatológico, a alegria e a paz, para outros, o outro é o inferno, o odioso e a origem da guerra (1977, p.48).

Em muitos encontros do grupo de mulheres, tivemos a oportunidade de refletir na transformação da condição trágica em dramática, redimensionando os conflitos, procurando delinear novos contornos para a existência. A história de vida das mulheres, aquelas que trouxeram o relato de estupro, violência doméstica, fome, preconceito e racismo tem que trabalhar muito no alcance da dramaticidade. Muitas falaram em mover, chegaram ao grupo no pedido de socorro por meio de sucumbir a tragicidade, nem alegria e muito menos a paz, notá-las enunciando suas práticas sociais de solidariedade é um tesouro. Sei que na Análise do Discurso um universo lingüístico e inconsciente se abriu para ver além das palavras, isso é parte da cultura. Reconheço muito mais como partícipe desse processo, do que como pesquisadora, que estar em comunidade é um imenso esforço, menor do que já fizeram para sobreviver até ali, maior do que pensam poder.

Os estudos com a alteridade alcançaram um toque especial com o filósofo da Lituânia, Emmanuel Levinás (1906-1995), propondo um rompimento com o conceito de Ser de Parmênides (séc. V a.C.) até Heidegger (séc. XX). Em lugar do Ser, a Pessoa, uma presença no mundo, ligação que ordena a vida social. A pessoa que interioriza e exterioriza amor, sinceridade e responsabilidade, faz da relação de um ao outro, a sublimidade do para-o-outro, abrigando que o instrumento dessa conquista é o Rosto,

inviolável, esses olhos absolutamente sem proteção são a parte mais nua do corpo humano, e contudo oferecem a mais absoluta resistência à proteção, resistência absoluta na qual se apóia a tentação do assassino: a tentação duma negação absoluta.. Rosto e discurso estão ligados. O rosto fala. Fala, porque é ele que torna possível e começa todo o discurso, ver um rosto já é escutar: não matarás! E escutar: não matarás! É escutar: justiça social! (1982, p.78/79).

A análise do Rosto materializa de um lado a submissão, do outro, a riqueza, a mediação deve ser feita, segundo o filósofo, pela responsabilidade, estrutura fundamental da subjetividade. Responsabilidade é assumir que o Rosto/Pessoa me diz respeito, é da minha conta, está no mundo, não a meu serviço, mas clama por ser reconhecido como diferente. É uma bela e complexa filosofia que insisto, ainda carece de pesquisa de campo, falta viabilizá-la como práxis educativa, não só nas periferias, como em qualquer grupo social.

Falei até aqui das reflexões no campo da Filosofia, a situação da alteridade no caso da psicologia social, o tratamento dispensado a esse objeto ainda não foi bem elaborado para que permitisse entendê-la como produto e processo psicossocial. Existe, porém, recentemente, uma perspectiva aberta pela teoria das representações sociais, uma tentativa de aproximá-la do seu contexto intelectual.

A alteridade como problema psicossocial, é discutido por Denise Jodelet como um duplo aspecto: construção e exclusão social. A relação entre pessoas e grupos em uma sociedade plural implica a oposição entre o semelhante e o dissemelhante, fundada historicamente nessa evidência. Para estabelecer orientações quanto à alteridade, é preciso convocar o ponto de vista da diferença.

Falar de alteridade é pressupor a relação de um ego e de um alter, mas o outro pode ser sentido como um estranho, na medida em que os grupos ou o sujeito se fecham ao que é estrangeiro. A diferença tão presente nas discussões sobre alteridade, passa de construção social, para exclusão quando usada como subsídio das sociedades igualitárias, homogêneas, negando então a diferença (2002, p.52).

Isso é evidente na comunidade, quando o risco de haver um fechamento é grande, as pessoas se agregam formando um sistema de iguais, encapsulando-se, impedindo a entrada de outras. No meu modo de entendimento, a exclusão, nesse caso, tem também dois sentidos: a exclusão da sociedade em geral, aquela que está fora do

grupo, e o próprio grupo que não se socializa com outras comunidades, tornando-se um núcleo impermeável. Das duas maneiras, a desordem psicossocial é mortífera. É necessário para evitar essa catástrofe, fundamentar e reforçar as identidades comunitárias, mostrando os riscos da opressão e a exacerbação do sistema que propaga que o bom é ser igual. A comunicação com outras organizações sociais é fundamental para impedir que os processos cognitivo e psicológico implicados nas relações afetem os vínculos sociais.

b) **O Outro** – falar do outro, implica em alguns cuidados. Alguns autores atentam para o fato negativo da conceituação de Outro.

- A palavra “outro” geralmente se aplica àqueles que estão excluídos e implicitamente subordinados a um grupo de pessoas. O outro pode ser tanto o depreciado quanto o desejado. A princípio, o outro foi visto como diferente do europeu, os outros eram os não europeus, uma das maneiras de controlar o medo é através da degradação do outro (JOFFE, 2002).
- A filosofia grega tratou o outro como homem ontologizado, como um “ser que é”, eterno e imutável. O outro passou a ser entendido como alguém racionalizado, como um ente da razão. A partir de R. Descartes (1596-1650) surge o outro coisificado, sobretudo pelo aspecto dualístico, separando o ser humano de muitas dimensões importantes (ZIMMERMAN, 1986).
- Muitas experiências que provocam ansiedade são projetadas nos outros, definidos como diferentes, distantes, separados de nós. Dessa perspectiva não-familiar, o outro pode ser alguém incompreensível e que coloca em risco o mundo particular (MORANT; ROSE, 2002).

O outro destacado por esses autores não é o outro na profundidade e projeção que promove a solidariedade, não é o outro que desperta a existência para um caráter social, mas a expressão de uma vontade totalitária. Definir o outro, então, é de valia para que a realidade não seja um lugar de deuses.

A sociedade, dando primazia ao mundo dos negócios, corre o risco de favorecer a luta de todos contra todos, por intermédio do combate entre as várias esferas humanas. A solidariedade para estar na vida cotidiana, precisa que nós estejamos despertos para o fato de que o outro é aliado e não inimigo, disso depende nossa sobrevivência psíquica e social.

A ninfa Eco foi a Outra repudiada por Narciso, se tivesse ouvido sua voz, talvez ele não sucumbisse à própria imagem, se não percesse na imagem, a relação teria se fecundado e a vaidade seria apenas uma vontade de nos enfeitar.

2- TENSÃO FRATERNA:

O fato de ter destacado o Tema Fraternidade e ter discutido a Solidariedade, teve o propósito de destacar o fenômeno por mim notado no Grupo de Mulheres. Para as ciências humanas e sociais aplicadas, o termo mais apropriado seria a solidariedade em função de sua práxis social, no alcance de muitas pesquisas realizadas e livros publicados sobre o assunto. Quero destacar que foi também o que os enunciados do grupo trouxeram, consistindo um conceito de relevância.

Reservo-me as preferências teóricas, a linha de raciocínio e sentimento percorrido ao longo de uma vida profissional, que me deixam muito à vontade, depois de ter vivido muitos conflitos pessoais, de trilhar a estrada Psicanalítica. O que quero discutir nessa sessão, longe de ser técnica, é o advento social. Continuarei a reflexão sobre Solidariedade, porém sob o ponto de vista de uma das obras de Psicanálise Social de Freud: “Totem e Tabu” (1913/1914).

Essa obra inaugura no pensamento freudiano, o fundamento do social e da cultura. Muitas críticas foram feitas a ela, muitos psicanalistas a rejeitaram como extravagante. Grande parte desse repúdio veio em consequência do fato de que ela menciona a origem da Fratria. O que há de relevante em “Totem e Tabu” é que se trata de uma guinada em tudo que a Psicanálise já havia produzido, no sentido de que descentraliza o indivíduo do olhar do analista, em direção à sociedade. Outro ponto, esse talvez aquele mais provocador, é uma teoria pessimista, fazendo a humanidade nascer de um crime coletivo. Ao primeiro crime se sucedem vários outros, que parece

ser a prática normal da existência humana em sociedade. A compreensão dos fenômenos tabus e totêmicos constitui a via real para a exploração do vínculo social (ENRIQUEZ, 1990).

O trabalho desenvolvido com a obra fez surgir o estudo do narcisismo, e sua teoria se inclina para a Psicologia das massas e da pulsão de morte. O resultado de todas as pesquisas por essa via, foi o que talvez cause tanto impacto em todos nós: o empecilho à felicidade humana é o persistente desejo de assassinar.

A narrativa começa com o relato de um mito originário. Freud enuncia em caráter hipotético ou romanesco como a humanidade teria surgido. No início, havia a horda primitiva, composta pelo chefe, homens “menores” e mulheres. O chefe é onipotente. Tendo criado filhos e filhas, pega todas as mulheres para si e, proíbe que todos os outros homens se aproximem sexualmente delas. É seu dono e se encarrega de protegê-las. O pai tirano tem poder ilimitado, enquanto os outros são privados de liberdade sexual, excluídos da experiência de reprodução. Na periferia da horda, os filhos permanecem infantis, estéreis, medrosos de serem destruídos pelo chefe. Um grupo assim, segundo Bión, existe para satisfazer os desejos caprichosos do chefe.

O tempo primitivo só conheceu as relações de força e as relações sexuais não-controladas, e nesse contexto, os filhos não se sentiam irmãos, eram impotentes em sua condição, até que Freud inventa a solidariedade, os filhos da tirania se reconhecem como irmãos, o outro é o semelhante. O que veio a seguir foi a união, um complô, exprimem o ódio e admiração comuns contra o pai, numa profunda identidade uns com os outros. A fratria nasceu, então, na descoberta da semelhança, necessidades e sentimentos iguais. O pai é aquele que deve ser morto, pois sufoca, impõe, tem privilégios, é o portador das proibições. Os irmãos se juntam e assassinam o pai.

Após o crime, provavelmente veio o triunfo, mas em seguida, a culpa e a veneração. Houve também um sentimento de desamparo, de perda da proteção, reconhecendo nesse desconforto a dependência do pai. Sem a referência paterna, não há como sobreviver. Decidiram por um pacto de que haveria sempre entre eles um pai simbólico, uma lei que os possibilitasse ao convívio, gênese da civilização e da sociedade. Esse pai simbólico é o que nos guia, expressão de um governante, de um Estado provedor. Para Freud, os laços fraternos apareceram por meio do sentimento de

culpa pelo crime praticado. Passamos de relações de forças para relações de alianças e solidariedade, de um estado de natureza a um estado de direito. A criação do social é ocupada pela expressão de sentimentos: amor, admiração, amizade, culpa, ódio, inveja. Nessa abordagem, um grupo não se manifesta senão por meio desses sentimentos. A fratria não se harmoniza senão na garantia de leis e hierarquias.

Mais tarde, Freud escreveu o “Mal-Estar na Civilização” (1930), em que aparece estar convencido da impossibilidade de vivermos todos em uma comunidade solidária. A Europa já vivia os sinais do Nazismo e Fascismo, e as investigações com a pulsão de morte, revelavam a derrota do pacto civilizatório feito entre os irmãos da horda. A eminência da autodestruição humana, o desejo de aniquilamento, não o faziam crer nos equipamentos que a humanidade poderia criar para não sucumbir a tragédia.

Nesse momento histórico, de aspectos relacionais, quero destacar a vida comunitária como fraternidade, como caminho de conhecimento e união de mulheres e homens. Discutir as relações de gênero, hoje, implica em refletir a constituição do ser psíquico e social, procurando esclarecer o lugar do outro em nossas vidas, “outro” que tem sido alvo de constantes descon siderações como no caso das mulheres e tantas minorias. Creio que o Grupo de Mulheres possui as condições constitutivas de uma fratria,

lugar de passagem, de contestação, de simbolização da lei e legitimação de experiências de liberdade. Ao testar e contestar a autoridade... a fratria produz a orfandade simbólica de seus membros ao mesmo tempo em que lhes fornece algum amparo, alguma pertinência extra-familiar. Até que o próprio trato com a liberdade possa conduzir os sujeitos marcados pelas identificações fraternas, para outros campos de experiências fora da fratria (KEHL, 2000, p.46).

Ao propor a discussão de fraternidade, diferente dos laços consangüíneos e religiosos, quero examinar o campo da humanidade, da capacidade de conviver com o semelhante sendo diferente. Pelos depoimentos, pela dinâmica das relações entre as mulheres, discordo de Freud em um ponto: as lutas, os conflitos e as oposições são catárticos, no sentido aristotélico de libertação. A tragédia é a possibilidade de viver a morte e a finitude das formas, é o esfacelamento do espaço/tempo. Mas na orientação

aristotélica é catártica, desse ponto de ruptura, o ser humano contempla, pensa e transforma. Como elaborou Bión, possuímos a capacidade de edificar um “aparelho para pensar os pensamentos”, caminho para pensar as trágicas e emocionais experiências.

A fraternidade não significa ausência de agressividade, inveja ou contradições, por ora, e levada pelas mãos das mulheres do Veredas, me distingo do pessimismo para discursar sobre as Tensões Fraternas.

O morto, no mito primevo, era o estrangeiro, o pai tirano, talvez nos cause medo, angústia e assombramento, mas penso que a cerimônia da destruição fica na forma de conflitar, nos embates contraditórios, a comunidade aqui expressa é o lugar de sentimentos extremos que para mim nada mais são que desejos de autonomia e poder. Atrás dos discursos estão as renúncias ao desejo, a privação da transgressão, dentro de certas fronteiras, é claro. Isso nos faz querer matar ou morrer, transgredir ou fugir, mas o prevalecente é a ceia, o biscoito que S11 levou para saborear com suas companheiras, depois de um barulho qualquer. Alimento que compartilhei com muito prazer, sinal de que a catarse trágica havia dissipado todo ato anti-civilizatório.

Em 1962, em um texto intitulado “A Integração do Ego”, Winnicott procurou pensar a participação da mãe na estrutura psíquica, enquanto mãe (que pode ser qualquer cuidador) tem a missão, que foi conferida inclusive pela sociedade e pela cultura, de educar os filhos. A mãe de Winnicott é a responsável por desenvolver as potencialidades da criança. O lugar da mãe é o de ser humana, “suficientemente boa”, que provê experiências de ilusão e desilusão, sustenta o sim e o não, e tem falhas. Tem a função de preparar o caminho social.

Se no mito de Freud, a gênese da cultura manifesta um crime, destrutividade, em Winnicott a mesma agressividade pode ser percebida e transformada, buscando alamedas salutareas para essa força impulsiva. As frustrações podem ser solucionadas por meio das experiências emocionais com o outro/mãe, se o outro for admitido como diferente, mas primordial para o tornar-se pessoa. Os antagonismos entre onipotência e humanidade são o motor da fraternidade, a condição para o convívio construtivo e aperfeiçoante.

Em uma última abordagem da Fraternidade, quero trazer um pensamento que me impactou sobremaneira. O homem pós-cristão, aquele que declarou a “Morte de Deus”, o homem nietzschiano possui o complexo Orestiano, de acordo com W. Hamilton,

por causa da lealdade aos deuses e à memória do pai assassinado, a mãe deve ser destruída, a mãe que representa segurança, acolhimento, religião, autoridade, mas que se torna corrupta e depositária maligna de tudo o que deveria representar... A fim de superarmos a morte do pai em nossa vida, a morte de Deus, a mãe deve ser eliminada e devemos nos dedicar à Polis, à cidade, à política, ao vizinho (1905-1985, p.43).

Orestes tem a coragem de assumir a responsabilidade de ter matado a mãe; a sociedade e cada um de nós não poder se eximir da responsabilidade de que, se não há o pai ou a mãe, educadores do lar, tem que haver uma eleição simbólica, uma figura que possa conduzir homens e mulheres à condição social. Entendo nessa mensagem de Hamilton, o apelo do sistema capitalista e do mercado de trabalho que, além de ter tirado o Pai/Estado provedor, também levou a Mulher/Mãe para as teias do universo público. A esperança enunciada nas últimas palavras do autor indicam um caminho bastante fecundo, que é o caminho da cidade. No caso do grupo de mulheres, muitas delas ainda estão no lar, mas com sonhos de voar para a vida do trabalho remunerado; mesmo que isso não ocorra, se o caminho é a cidade e o vizinho, a saída é a fraternidade, coisa que elas já estão ensaiando, como vou discutir na próxima sessão.

O Grupo de Mulheres não se parece com a horda primitiva no ponto de que não temos uma estrutura rígida, de papéis primordiais: um chefe onipotente que dirige filhos, que pela desconfiança se evitam mutuamente, mas se assemelha em um detalhe que faz a diferença, buscam o governo, sentem necessidade de orientação e coordenação. Já tive oportunidade de conversar com as mulheres sobre isso, houve ocasião que precisei faltar ao compromisso e o grupo não conseguiu se reunir sem mim. Essa autonomia ainda não foi conquistada, foi sem dúvida um avanço terem se reunido para assistir ao filme e, têm esboçado desejo de fazerem um café da tarde em casa de uma delas, iniciativas que tendem a servir como primeiros passos de desprendimento do Grupo Veredas.

O desejo de paternalismo, de proteção, de assistencialismo é grande, experimentado em muitos momentos, porém a fraternidade desponta no horizonte como promessa de união, organização e extensão social. Quem queria só o assistencialismo, não conseguiu ficar no grupo, quem buscou mais que o pai ou a mãe, está tentando fazer a fratria. Estou convicta de que uma alternativa para a mudança nos papéis familiares pode ser a comunidade no sentido e vivência dos laços fraternos.

No final da reunião, distribuí um poema da Cecília Meireles, Emigrantes:

Esperemos o embarque, irmão.
 Chegamos sem esperança, só com relíquias de séculos
 na palma da mão.
 Pela terra endurecida,
 não há campos que aproveite.
 Mesmo os rios vão morrendo pela solidão.
 Não sofreis por teres vindo.
 Alguém nos mandou de longe para ver como ficava
 um rosto humano banhado de desilusão.
 Olhemos esses desertos onde é impossível
 deixar-se mesmo o coração.
 Ah, guardemos nossos olhos duráveis como as estrelas
 e seguramente secos como as pedras do chão.
 Iremos a outros lugares,
 onde talvez haja tempo,
 misericórdia, viventes,
 amor, ocasião.
 Esperemos, esperemos
 relógios além das nuvens
 movem as horas e as lágrimas
 para a salvação.

Disse a elas que essa poesia não carece de palavras para mim, mas que se quisessem, poderiam dizer algo se fosse da vontade de alguém.

— Eu custumo pensá que a minha casa é um inferno por causa das briga, a gente fica de mal, mais fica de bem. Foi importante sabê que fraternidade num é um lugar perfeito.

Houve um silêncio. Agradei a presença. Nos despedimos com a indicação da próxima reunião.

TEMA – RELAÇÕES SOCIAIS DE BAIRRO

Pensem nas crianças / Mudanças telepáticas /
 Pensem nas meninas / Cegas inexatas / Pensem
 nas mulheres / Rotas alteradas / Pensem nas
 feridas / Como rosas cálidas / Mas oh não se
 esqueçam / Da rosa da rosa / Da rosa de Hiroxima
 / A rosa hereditária / A rosa radioativa / Estúpida
 e inválida / A rosa com cirrose / A anti-rosa
 atômica / sem cor nem perfume / sem rosa sem
 nada.

Vinícius de Moraes

O tema dessa reunião foi aproveitado em um sábado que as mulheres chegaram contando que haviam participado de uma festa no bairro, uma quermesse, no final de semana anterior. Estavam entusiasmadas com as comidas, as brincadeiras e com as fofocas. Após um pequeno intervalo de descontração, iniciei o tema com uma pergunta. Não havia preparado nada em especial sobre o assunto, pois pretendia discutir um texto/crônica de Clarice Lispector, que ficou para outra ocasião. Foi então que enunciei a pergunta:

— Por falar em festa no bairro, como são as relações aqui no bairro?

- S1 — Bom, já vi de tudo um pouco. Tem vizinho qui briga pur cada bobage qui cê nem imagina, pur causa de som altu, fora di hora, gente qui briga por causa dos filho. A maioria veio morá quase na mesma época. Eu num tenho qui reclamá, mi dô bem cum todo mundo.
- S2 — O bairro é pequeno, a gente conhece todo mundo, mais só cumprimenta cum oi. Eu num vô na casa di vizinho.
- S3 — Aqui tem gente muito boa, mais tem fofoca demais, por isso eu evito cunversá cum certas pessoa, coisa de gente disocupada, eu trabalho, fico fora o dia intero, quando eu chego, quero ficá em casa.
- S4 — Eu tenho boas relação aqui no bairro. Quando eu fico de mau humor, eu fico chata, carente, daí eu num sei disfarçá. Uma vizinha chega, quando eu tô assim, num trato tão bem.

- S5 — A gente até podia tê mais amizade, o problema é qui os outro sai contano da sua vida, eu fico um poco incomodada.
- S6 — O bairro em si é bom, o duro que tudo é longe. Postim só nu Eroporto, aqui só mercadim qui vende caro, as criança pra estudá tem qui saí pra outro lugar. Cum vizinho eu num dô muita bola, porque criança briga mesmo na rua, então eu num dô confiança, porque si dexá, tem adulto que vem na porta reclamá dos filho da gente.
- S7 — Qui nem um exemplo, na quermesse nós tudo si conhecia, mais era poca gente que vinha conversá mesmo, as colega do Veredas qui mais ficava bateno papo.
- S8 — É verdade. Muita minina qui t'aqui eu cunhecia de vista, nós passamo a conversá dipois daqui.
- S9 — Eu saio na rua pra vendê minhas mercadoria, vô nas casa de muita gente aqui e di otros bairro, eu mi dô bem cum todo mundo. Nu acidente do H1 é qui eu vi como o povo é bão. As amiga do Veredas foi em casa várias veis, sabê se tava tudo bem. Quando eu pensei que o H1 fosse morrê, eu mi apeguei cum elas, entendeu? Cê tamém mi ajudô muito (se referindo a mim). Agora, eu num dô bola pra intriga de vizinho, si alguém vem me contá alguma coisa, eu fico queta, comigo a coisa num vai pra frente, porque eu num involvo mesmo com fofoca.
- S10 — Eu num vô na casa de ninguém, mais acho que é falta de tempo, a correria pur causa du trabalho.
- S11 — Eu acho qui nós é qui temo problema cum os outro, nós que criamo caso. Por que qui quando a gente qué o precisa das pessoa, a gente agrada, num é? Todo mundo sabe qui si eu pudesse, eu quiria minha casa cheia pra tomá café i cunversá. Divagarinho eu tô fazeno, algumas minina daqui já foro em casa pro café.
- S9 — Ih, ela feiz uma rosca que tava um delícia.
- S5 — É mesmo, hein gente, nós podia tomá um cafezinho, juntá di veiz em quando, né? Sabe que eu já pensei em trazê uma garrafa de café pras reunião?

- S11 — Si num fô pra fumá, né S5? (Risos)
- S5 — Claro que eu vô querê fumá, mais eu agüento esperá pra fumá depois. (Risos)
- S11 — Eu num tô certa, gente? O bairro é ótimo, nós é que somo o poblema. Quando nós participamo do disfile de 7 de setembro, quando o Cruz convidô, nós ficamo cum vergonha, mais fomo. Lembra a S2 colocô o marido dela pra carregá a bandera (Risos). Depois teve gente qui veio falá qui foi legal, gente qui nunca veio nu Veredas, veio puxá papo porque viu a gente. Foi legal. A gente é qui tem qui dá espaço pra tê amizade.

Obs.: Fiz uma proposta se elas aceitariam fazer um “dia da visita”. Expliquei que cada uma delas escolheria a casa de uma conhecida ou vizinha para fazer uma visita, nada muito demorado, poderia ser uma conversa de portão, aproveitando a passagem. Algumas concordaram. S11 voltou a falar do lanche em sua casa e me convidou. Disse que talvez em outra ocasião, mas as companheiras aceitaram de pronto. Houve o tal café, mas o dia da visita, foi realizado só por quatro mulheres.

Na reunião seguinte, pedi que contassem a experiência da visita. Das quatro, só haviam três mulheres no grupo nessa manhã.

- S1 — Foi bom, eu já quiria tê ido conhecê a casa da Su. Ela mi tratô bem, comprô pano de prato.
- S2 — Cê tava interessada em vendê, né? (Risos)
- S1 — Tamém, é sério qui eu quiria conhecê a Su. Nós só falava oi. Ela disse qui vai na minha casa, porque eu falei qui agora é ela qui tem qui í na minha casa.
- S3 — Eu tava passano nu portão da casa da vizinha da rua de cima da minha casa, ela tava lá fora, eu parei i conversei um poquinho. Parece qui ela ficô

sem graça, depois foi conversano comigo. Foi legal. Ela me convidô pra entrá, eu num quis, tava cum pressa. Eu falei qui qualqué dia eu volto lá.

- S4 — Eu num fui na casa da S*, eu cunvidei pra ela vê a varanda qui meu marido feiz im casa. Foi uma desculpa pra ela í lá em casa. Eu quiria qui ela tivesse liberdade di í otras veiz. Na hora dela í mbora, ela mi convidô pra í na casa dela, otro dia eu fui. Falei do nosso grupo pra ela i falei tamém do café qui vai tê. Cêis vão, né?

Obs.: Todas concordaram. Mais um comentário de justificativa.

- S5 — Eu num tenho jeito pra essas coisa. Eu fico cum vergonha.

Procurei dizer que estava tudo bem, que não era uma obrigação, que é preciso respeitar os próprios sentimentos. Foi uma sugestão que eu também participei, contei a minha experiência e mudamos de assunto.

O bairro Jardim Recanto Elimar possui uma precária infra-estrutura, alvo de constantes reclamações. É um lugar distante do centro e bem próximo aos bairros do Aeroporto I e II, local de maior movimento, com ofertas maiores de serviços. O grupo manifesta gostar do bairro, o que não quer dizer que gostem da vida que levam. Um dia lhes perguntei o que achavam da vida, foi uma reclamação só. Houve muito choro. Não sei se posso falar em contradição, o fato é que gostam do bairro, da casa construída com sacrifício, aquelas que têm moradia própria, quando são alugadas, o gosto pelo lugar também não é diferente, não ocorre o mesmo em relação às suas vidas particulares.

Nossa sociedade tão dividida, sectarizada pelo modo de organização e divisões sociais e o processo de urbanização, separou a vida pública da vida privada. No lar parece que nos permitimos revelar, escancarar as feridas, agredimos, fazemos uniões e desuniões com mais espaço e leveza, talvez na certeza de que o inferno pode ser o céu, de que mesmo em face dos desencantos, seguimos amando e sendo amados. Na vida social, ao contrário, os contornos do trabalho educativo tendem a aparecer mais, procuramos ser mais reservados no modo como enunciamos, somos mais

cuidadosos em manifestar os sentimentos. Na forma em que se dicotomiza os modos de relações sociais, também se alinha residência e bairro.

Meu interesse nesse módulo temático é mais um projeto que uma constatação. Um projeto de vida pública, no tocante ao corredor que leve a viver a vida comunitária por sobre os muros da comunidade. Interrogo se as ambições um dia terão fim, pois nem terminamos de levantar as paredes da comunidade e, já estou pensando em ultrapassá-las, afim de alcançar o horizonte mais distante. O projeto primeiro, aprendido a custo do trabalho, é de que não se deve limitar a comunidade em si, é preciso alcançar dimensões sociais mais amplas para que uma dada organização não permaneça na primeira fase da horda primitiva feito seus habitantes amorfos, como satélites girando em torno de um chefe, se tornaria um lugar de mulheres incapacitadas, infantilizadas em uma zona de conforto. Para ser um grupo que se aventure a outras comunidades, precisa ser flexível, capaz de reproduzir os benefícios a outras organizações, reconhecendo sobretudo que o grupo é apenas uma célula de um sistema mais amplo que é a sociedade.

As festas de bairro não são muito constantes no Elimar, quando surgem são bem freqüentadas. Pensei que pudesse ser propício falar das relações sociais do grupo com o bairro após a festa em que estavam bem próximas dos outros habitantes. Foi uma reunião de improviso, coisa muito comum no cotidiano dos grupos, pois eles possuem uma maneira própria de funcionar, por isso não houve uma preparação temática, porém significativa para mim que tive que lidar com o elemento surpresa, colocando em questão minha capacidade de criar alternativas.

O primeiro enunciado mostra os problemas típicos de uma população que vive o dia-a-dia do bairro, crianças brincando na rua, casas muito abertas e paredes finas, vizinhos que discutem com outros. O discurso de S1 é de uma pessoa que, estando de fora, fala de uma cidade do interior, onde a vida privada ainda se mistura com a vida pública – “Tem vizinho qui briga pur cada bobage qui cê nem imagina, pur causa de som alto fora di hora, gente qui briga pur causa dos filho”, penso que ela (S1) analisa o comportamento dos vizinhos como se ela não morasse lá ou não fizesse parte daquele universo, ou então posso pensar que ela adotou uma forma de reclamar. Pensei na dificuldade de se incluir em um bairro que de forma pejorativa, resolve seus

problemas, “briga pur qualquer motivo”. Revela um discurso atravessado por um conjunto de idéias incutidas na mentalidade de que briga de vizinho é “coisa de pobre” ou de “barraqueiro”, mas ela se inclui nisso – “Eu num tenho qui reclamá, mi dô bem cum todo mundo”.

S2 enuncia um bairro pequeno, mas de relações formais – “a gente conhece todo mundo, mais só cumprimenta cum oi”. O seu discurso atualiza um lugar em que as individualidades são bem marcadas, com tom de distanciamento – “Eu num vô na casa di vizinho”. Creio que S2 internalizou estar vivendo em um outro ambiente bem diferente do bairro descrito por S1, até parece uma metrópole e não “o bairro é pequeno”.

No enunciado de S3, há a expressão de um discurso afetado pelo sistema capitalista: crítica ao ócio e trabalho que encarcera, enunciado por – “coisa de gente disocupada, eu trabalho, fico fora o dia intero, quando eu chego, quero ficá im casa”, o discurso de S3 é atravessado também pelo discurso religioso “o trabalho dignifica o homem”. Observei que muitas palavras são femininas (boa, fofoca, disocupada, pessoa), o que me sugere estar fazendo referência à figura feminina, como fofoqueira e desocupada, notadamente um discurso que estigmatiza a mulher, um sistema que criou inúmeros chavões para depreciar a mulher e, que inconscientemente, passa a ser reproduzido como se não estivesse comprometido com a ordem machista. S3 normalmente pensa ter um discurso feminista, crê não aceitar discriminações, tenta se colocar em igualdade de condições com o marido (demonstrado por outros enunciados expostos anteriormente), mas aqui, bem como em outros momentos, revela o quanto podemos desconhecer nossos discursos e o quanto se carrega dos discursos do sistema.

Com S4, uma nítida ambivalência, duas vozes: uma que tem boas relações no bairro, outra que não trata tão bem a vizinha, uma rede heterogênea de aspectos que são adotados como discurso. Talvez fosse interessante pensar a figura do vizinho no mesmo âmbito do público e do privado, como o indivíduo que se quer manter à distância, como aquele que pode e tem acesso mais facilmente do que qualquer parente, até pela proximidade espacial, daquilo que é nosso.

Para a Psicanálise, não basta que o elemento da contradição seja feito pelo investigador, ou saber dos traços sociológicos e psicológicos implicados no discurso, é

necessário que o discurso sirva como conhecimento para o falante, aí sim para não ser um sujeito assujeitado, levado pelo sistema dominante como “massa de manobra”. S4 também discursa um descontrole feminino – “Quando eu fico de mau humor, eu fico chata, carente, daí num sei disfarçá”. A histeria, o descontrole, o nervosismo da mulher estão nas músicas, nas piadas, nas ruas, na síndrome pré-menstrual, e em nossa comunidade, vestígio de que há muito a avançar nas questões de gênero, aprofundando valores, discutindo os meios e os instrumentos de menosprezo, apontando as nossas falhas pessoais.

S5 abriga um incômodo tão grande com as relações do bairro que enuncia como se fosse uma terceira pessoa – “o poblema é qui os otro sai contano da sua vida”, em seguida, “eu fico um poco incomodada”, fala de alguém que não é ela e o incômodo é sentido por ela. A confusão pode estar associada ao desconhecimento das fronteiras da amizade ou de como ter uma vida social no bairro – “A gente até podia tê mais amizade”.

Para S6 o bairro é limitado, tanto quanto é limitada as relações sociais que tem lá. Os enunciados – “num dô muita bola”, “num dô confiança”, pressupõe uma indiferença que está muito distante daquela que revela em “si dexá tem adulto que vem na porta reclamá dos filho da gente”. S6 tem o discurso superprotetor em relação aos filhos, alavancado por um contexto de que sua filha mais nova (4 anos) foi molestada sexualmente por um adulto do bairro. Depois disso, além de vigiá-la, se tornou condescendente com tudo que a garota faz. É uma história que a afugenta, teme que a filha possa ter ficado com seqüelas do assédio, garantias que não podemos ter.

O exemplo de S7 atualiza um discurso de que as relações no bairro são impessoais, afirmando os laços restritivos – “na quermesse, nós tudo si conhecia, mais era poca gente qui vinha conversá mesmo”. O bairro parece ser só um lugar de moradia e não de relacionamentos. Enuncia que proximidade tem com as parceiras de comunidade – “as colega do Veredas qui mais ficava bateno papo”. Não há como negar que a comunidade desenvolva relações sociais, confirmação que veio no enunciado de S8 – “Nóis passamo a conversá dipois daqui”. Elas criaram uma cultura que favoreceu o estreitamento das relações e o fortalecimento da intimidade enunciada pelo “minina”. Sem esquecer que em nossa língua é comum dizer “as meninas e os

rapazes” pontuando o caráter de que a mulher permanece infantil enquanto os homens amadurecem. Se por uma ótica o “minina” pode ser entendido como traço de intimidade, por outro, pode ser sexismo.

S9 aproveita seu trânsito de vendedora no bairro para voltar ao assunto que é recorrente em sua vida nos últimos tempos: o acidente de moto que quase matou o marido. De fato, pude presenciar a solidariedade do bairro, sobretudo das companheiras do grupo que deram assistência diária – “é nu acidente de H1, é que eu vi como o povo é bão. As amiga do Veredas foi em casa várias vezes sabê si tava tudo bem”. Ela (S9) materializa um discurso conciliador, até político quando enuncia – “comigo a coisa num vai pra frente, porque eu num involvo mesmo cum fofoca”, vende bem nos dois sentidos, vende como vendedora, e vende a imagem de conciliadora.

A participação de S10 é feita por meio de um discurso próprio do mundo do trabalho que restringe o lazer e as relações, pressupõe o lugar da operária de esteira que trabalha com pressa, “na correria”, enunciado por – “Eu num vô na casa de ninguém, mais acho que é falta de tempo, a correria pur causa du trabalho”. O regime de trabalho nas fábricas é comandado por tempo e resultado de produção embutido na memória discursiva, fazendo com que S10 enuncie do lugar de operária, o modo como se relaciona com o trabalho e com as pessoas do seu bairro.

No discurso de S11, surge, a princípio, uma análise de quem toma a responsabilidade pela sociabilidade no bairro – “Eu acho qui nós é qui temo poblema cum os otro, nós qui criamo caso”. Mais adiante – “Porque qui quando a gente qué o precisa das pessoa, a gente agrada, num é?”. Uma pergunta que favoreceu compreender que ela tem intenção de agradar por meio de um discurso de que gostaria da casa cheia, quer oferecer um café, e que aos poucos vem tentando uma reunião social em casa. Percebo um discurso bem articulado de intencionalidades, um discurso que chama a atenção da platéia, parece também estar afinado com o tema das relações sociais de bairro proposto no início da reunião. Certamente esteve atenta o tempo todo para que fizesse esse enunciado. É evidente que sua posição é a de quem tenta agradar, assunto de sua pergunta.

O fato é que S11 teve a simpatia das companheiras que não só elogiaram a iniciativa de estender a reunião de mulheres para um programa doméstico, como também seus dotes culinários por S9 – “Ih, ela fez uma rosca qui tava uma delícia”. A situação dialógica acabou resultando em descontração, brincadeiras e risos, tudo no melhor modo de agrado.

Para finalizar sua atuação, S11 lembra o grupo de uma situação bem interessante que aconteceu no desfile de 7 de Setembro de 2004 quando foram convidadas a participarem do desfile como membros do Veredas. O ponto significativo do evento foi a presença dos maridos no desfile, uma adesão talvez forçada enunciado por S11 – “Lembra a S2 colocô o marido dela pra carregá a bandera”, os risos foram por conta do ridículo, porque ele não queria e S2 entregou a bandeira e o mandou seguir, e a vergonha que explicitamente sentiram de participarem de tamanha exposição. A comicidade parecia uma revanche, colocaram um homem em situação de constrangimento, mas também elas superaram a si mesmas encarando a sua própria vergonha.

De forma bem improvisada sugeri ao final da reunião, o dia da visita, como um desafio para todas nós, como tentativa metafórica de romper o lacre da comunidade. Pouco mais de um quarto do grupo aceitou o desafio e fez o dia da visita. Com a troca de experiências, percebi que provoquei constrangimento em S5 que enunciou – “Eu num tenho jeito pra essas coisa. Eu fico cum vergonha”. Eu não previ esse sentimento manifesto. Esse é o problema dos imprevistos que nem sempre estão acordados com a nossa sintonia. A expressão de S5 me deixou sem jeito no momento, depois recuperei a espontaneidade e foi possível dar continuidade à atividade, deixando para retomar o assunto em situação bem próxima.

PROPOSTAS REFLEXIVAS

Gostaria de retomar as palavras de S5 em nossa última reunião: “Eu num tenho jeito pra essas coisa. Eu fico cum vergonha”. Essa participação me suscitou questionamentos que poderão nos servir de anzol para pescar o peixe, quero dizer que

o enunciado pode coordenar algumas idéias, favorecendo a compreensão das relações sociais de bairro.

Antes quero partilhar um sentimento, minha sugestão de dia da visita não tinha a intenção de invadir a vida, tampouco colaborar que houvesse concorrência entre quem consegue realizar uma tarefa ou lição de casa, embora possa parecer que esse foi o meu objetivo. Digo que foi um desafio particular e conjunto. Particular porque dependeu de cada uma a realização da proposta, e conjunto porque estaríamos socializando as relações de bairro. É verdade que as experiências são individuais, e que às vezes o que o outro viveu, não nos serve como exemplo, mas quero chamar a atenção para o fato de que as ligações afetivas, calorosas, aquelas que tocam o sentimento geralmente começam com a narrativa de vivências ou experiências. A nossa comunidade conseguiu estreitar os vínculos de amizade, intensificar a participação porque contamos nossas histórias, partilhamos a dor e a alegria.

Quanto a S5, o que fez foi escancarar a diferença, expor sua timidez e dificuldades. Não há nenhum mal nisso, nem decepcionante que não tenha conseguido. No entanto, evoco o sentido expresso do que foi dito, como a vontade de ter feito algo proposto em sua comunidade, vontade de ser parte. Parte do grupo a S5 é, não porque pensa como as mulheres, tem problemas semelhantes, mora em um mesmo bairro, mas porque é diferente, reage de forma variada, contribui para que a comunidade seja rica em maneiras de ser.

Encerrei minha reflexão com a história da Mão e a Formiga, um conto que narra a investigação minuciosa de uma formiga ao corpo humano, descobrindo a interligação dos membros e corpo, se surpreendendo com o sistema, com a grandeza do universo, horizonte após horizonte. Essa história fala da capacidade de ampliar o espaço de atuação e a coragem de sair em busca de novos conhecimentos, mas na medida e condição de cada pessoa.

1- APROXIMAÇÕES TEÓRICAS:

A capacidade de formar comunidade sempre esteve presente desde a origem da humanidade. O ser humano constrói e se agrega entre outros motivos por

necessidade de conhecer o mundo, as pessoas e a si mesmo, mas desde que se preserve a uma certa distância, para que não corra riscos ou perigos. Na articulação entre as necessidades e as defesas, um grupo ou comunidade é o lugar tranquilizador donde se pode vislumbrar o mundo e, ao mesmo tempo, se manter seguro.

Vamos imaginar uma estufa cujos seres vivos não são plantas, mas uma comunidade de humanos, espaço de convívio, confortável e familiar, onde se inventam soluções que respondam aos mais variados desafios. Mesmo com uma partilha íntima no lado de dentro, o coletivo expresso no grupo é restrito, pois há o que está fora da comunidade. A organização e o encontro do que está dentro com o que está fora é o estabelecimento de vínculos de reciprocidade, pois aquilo que está mais afastado, que são os Outros, somos nós mesmos. Há uma identidade entre a sociedade e os grupos, uma transposição de complementaridades e antagonismos, resultando em interação social.

Não se trata de pintar um quadro edilício da sociedade, como se houvesse nela felicidade em abundância; se fosse assim não teríamos a necessidade das organizações, das instituições e das comunidades. A interação social oferece ganhos que é da ordem da instrumentalização de como lidar com os momentos de crise, como reagir à realidade, como edificar alianças para melhor estruturar a sobrevivência. A tolerância às frustrações, o encaminhamento das ansiedades, as manobras afetivas, as reações imprevisíveis, a doença e a morte dependem de uma ocupação e administração das relações sociais. Não tem como construir um jardim de flores perfumadas sem pôr a mão na terra, sem proximidade com as ervas daninhas e sem esforço. Se odiamos o esforço, a única coisa que nos fará encará-lo é a necessidade de continuar a espécie, de perpetuar a vida humana.

Conversar e refletir as relações sociais de bairro tem, por princípio, convidar os sentimentos a fazer um deslocamento, romper com o lacre da estufa gregária do grupo para se encontrar com as áreas problemáticas de fora. A comunidade de mulheres faz entre si pontes que aproximam e afastam, que aparecem e desaparecem, aqui temos fraternidade, mas e lá fora? É importante pensar o bairro como uma sociedade, um lugar para onde se dirigir,

lugar é geografia, um local para a política; comunidade evoca as dimensões sociais e pessoais de lugar. Um lugar se torna uma comunidade quando as pessoas usam o pronome “nós”. Falar desse jeito exige uma ligação particular, embora não local; um país [um bairro] pode constituir uma comunidade quando nele as pessoas, traduzem crenças e valores partilhados em práticas diárias concretas (SENNETT, 2005, p.165).

Muitas situações vividas hoje, como as incertezas, dificuldades nas relações de gênero, a superficialidade, a falta de emprego, são condições que podem levar as pessoas a buscar outra cena de ligação e profundidade, o que foi feito com o grupo de mulheres. Reflito que para não ser um lugar de refúgio das fraquezas apenas, espaço de rejeição a tudo que é estrangeiro, defesa contra o mundo confuso, temos que abrir as janelas dessa comunidade, que nada mais é que escalar as muralhas de uma situação mundial hostil, arquitetura de um mundo ilusório, mas que deve ser enfrentado.

Quando o grupo foi formado, tivemos que enfrentar a nós mesmas, os nossos parceiros, o conforto do lar, deixar os filhos momentaneamente, o mesmo caminho deve ser feito em direção ao bairro/sociedade, em dimensões maiores sem dúvida, mas com a mesma determinação e capacidade.

O senso de “nós”, expresso na linguagem comunitária e nos valores da família, mais que um pronome perigoso, pode ser a manifestação de um destino partilhado, contra o vazio do individualismo, dos fechamentos de nossos núcleos. O sistema social que se tornou sistema econômico nos levou a resistir às pessoas, fugir das ligações, até mesmo num bairro pequeno como é o Jardim Recanto Elimar, onde não conhecemos vizinhos, não partilhamos nossos lares, senão e olhe lá com os nossos, os seus que tomem conta os outros.

Não sou ingênua a ponto de dizer que só o sistema estragou a humanidade, o sistema só encontrou o terreno fértil de nosso narcisismo, a mesquinhez de nossos desejos de auto-fechamento para semear as sementes da desagregação. Como não nos ocorreu, por exemplo, resistir ou fugir da economia? Por exemplo, usando o voto, ou a organização do bairro, visitando a câmara de vereadores, fazendo valer os direitos e cumprindo os deveres, desligando a TV em casa para conversar, escutando os filhos, conhecendo um pouco mais a vida e os movimentos do bairro, da vizinhança, dos desconhecidos, concordando e discordando mais.

Saber da aceitação passiva, da inveja, do ciúme, das diferenças, das afinidades, dos encantos de nossa comunidade precisa nos fortalecer a procurar outras comunidades.

A ligação social nasce, de forma mais elementar, do senso de mútua dependência. Todos os jargões da nova ordem tratam a dependência como uma condição vergonhosa: o ataque à rígida hierarquia burocrática quer libertar estruturalmente as pessoas da dependência (SENNETT, 2005, p.166).

O autor não está falando do parasitismo social, da perpetuação da dependência ao assistencialismo que é um empecilho ao crescimento, à autonomia do sujeito. Está propondo pensar que nenhuma pessoa se revela tão auto-suficiente ou de modo algum tão independente quanto supõem os estereótipos culturais. Na honestidade da substancialidade humana, como diria Agnes Heller, uma pessoa saudável e adulta é capaz de depender de outras quando a ocasião exige, e saber em quem convém confiar.

Nas relações sociais, o medo da dependência de outra pessoa é falta de confiança em si, é despreparo para se lançar ao encontro. Na sociedade indiana antiga, Louis Dumont (1973) documentou que a dependência pessoal não trazia nenhuma sugestão de humilhação, diferentemente das sociedades comerciais de hoje, que favorecem “o cada um por si”. A vergonha da dependência tem como conseqüência a corrosão da confiança, e a ausência dos laços que ameaçam o funcionamento de qualquer empreendimento coletivo.

Veja que lança de duas pontas, as relações comerciais fazem com que haja um reconhecimento de que um só não basta para sustentar-se, se não houver um outro não há troca, compra e venda. De outro modo, essas mesmas relações capitalistas fundamentam um desprezo pela falta de iniciativa, pela dependência ou falta de dinamismo do corpo produtivo que são os trabalhadores. Parece ser confuso, porém a lógica é a suspensão da realidade, as rupturas sociais em larga escala, mais desigualdade, mais distanciamento social. Não foi diferente no grupo de mulheres que demonstrou que as relações com o bairro são impessoais e de poucos vínculos.

Em uma visão realista, as contradições podem ser entendidas como conflitos, aspecto mais favorável ao funcionamento comunitário,

as pessoas são mais ligadas ao conflito verbal que pela concordância verbal. Em conflito, elas têm de se esforçar mais para comunicar-se; como muitas vezes acontece nas negociações trabalhistas ou diplomáticas, aos poucos as regras básicas da luta unem os partidos em contenda (SENNETT, 2005, p.171).

As diferenças de opinião se tornam mais agudas e explícitas, fazendo uma cena de conflito que pode levar as pessoas a aprenderem a ouvir e responder umas às outras, mesmo quando essas diferenças parecem ameaçar algum acordo. Creio que os laços advindos de um conflito podem ultrapassar a solidariedade, como ação emergencial e localizada, para construir as ligações fraternas, encarando as diferenças e as dificuldades de comunicação. O confronto pode oferecer bases de articulação e negociação das diferenças, desde que os interesses pessoais exclusivos sejam trocados por necessidades de convívio e de crescimento. Penso já ter discorrido em demasia no poder do desejo, nenhum sistema se sustenta sem a adesão, o que é discutível é que estejamos preparadas para escolher, preparo que não virá senão através de políticas públicas, na educação, no trabalho comunitário, nas organizações institucionais. O meu desejo alinhavado com o das mulheres do grupo Veredas, é o desejo de voz, mesmo que por entre elas hajam muitas vozes, da ideologia dominante ou os sons do aparelho inconsciente, por isso a análise das vozes dos discursos respondem com coerência a esse estudo, embora o grupo ainda não tenha acesso a análise, o que terá em breve com o meu retorno ao término da defesa.

É imprescindível que o grupo saiba do percurso de seu discurso, que tenha conhecimento de que o seu contexto tem relevância e pode ser alterado na medida do que podem ou querem. Um sujeito consciente certamente se equipa de condições, a fim de poder optar pelo que quer fazer com seus problemas ou com a sua realidade. Com a desinformação, a exclusão educacional e tecnológica não há como dizer que as mulheres do grupo, têm escolhas ou possam optar.

Levinás acreditava na dimensão social de uma responsabilidade por outras pessoas. Em “Totalidade e Infinito” (1970), indicou que o senso de valor próprio

depende dos outros poderem contar comigo. É preciso agir responsabilmente com o outro, independente de gênero, raça e cultura. Para ele que viveu como judeu os horrores da Segunda Guerra Mundial, a ação de confiança e responsabilidade para com o outro, depende de uma entrega, que longe de despersonalizar ou aniquilar, leva à felicidade. Faço apenas uma ressalva a esse belo pensamento, de que é preciso avaliar ou contar também com o fato de nossas condições estruturais para efetivar essa entrega. Se uma pessoa está esfacelada, sem identidade, em risco emocional e material, tenho dúvidas de que tenha condições de se sentir responsável por alguém. Compreendo que o enunciado do autor tem a ver com seu contexto emergencial, com a eminência da morte de milhares de irmãos.

Em um sistema que irradia indiferença, onde as pessoas não se envolvem com nada e nem ninguém, não está sensibilizada pela questão da responsabilidade ou pelas necessidades que não sejam as próprias, o que é absolutamente indesejável não só para uma comunidade como para um bairro, cidade ou país. A mulher está em condições de entender as palavras de E. Levinás, tanto quanto de interpretar o sistema, pelo histórico processo de exclusão. Sennett (2005) faz uma pergunta como ponto radical de intersecção entre a responsabilidade e a entrega: Quem na sociedade precisa de mim?

Para a mulher, até bem pouco tempo, a resposta seria o lar, a formação dos filhos, o bem-estar da família, como prioridade, lugar em que se fazia mais necessária. Em grande parte, as mulheres do grupo também afirmariam essa resposta, embora tenha feito essa pergunta e elas silenciaram. Hoje, mulheres e homens de mercado de trabalho, onde gente é descartável e máquina recebe toda manutenção, a reflexão vai propiciar a avaliação dos riscos e das recompensas. Muitas vezes, penso se nos pertencemos, se moramos conosco mesmos, ou se somos carregados pelos acidentes do tempo e pelos fragmentos da história. Essa pergunta para ser contemplada na profundidade que merece, tem que provocar a narrativa, a voz que queremos imprimir na história. Essa pergunta convoca um outro olhar, para longe das paredes seguras da comunidade, seja do grupo, da família, ou do trabalho.

Sennett (2005) pressupõe que as mudanças se dão no chão, entre pessoas que falam por necessidade interior, mais que por levantes de massa. Os programas políticos, tampouco a educação, têm favorecido a compreensão das necessidades

interiores. Mas as mulheres de nossa comunidade, pelo passado doloroso, por experiências amargas, sabem o que é o chão e o quanto é difícil se levantar dele. Muitas de nós, produto das discriminações, sabotadas nas capacidades, reduzidas a reprodução ou divertimento masculino, sabe o que é o nível do chão, então tem que ser despertadas, atentadas de seus lugares, para que tenham no mínimo a possibilidade de escolher entre ficar no lugar que a cultura estabeleceu ou sair na conquista de um outro espaço.

Em uma conferência sobre Psicanálise e Família em Ribeirão Preto (2001), o psicanalista Paulo de Moraes M. Ribeiro propôs um modelo de estruturação psíquica, que me parece interligado com o tema das relações sociais de bairro, palmilhando uma maneira de se alcançar a esfera coletiva, inserção à comunidade mais ampla de homens e mulheres. Para ilustrar esse modelo, achou conveniente fazer uma metáfora com símbolos matemáticos:

Bebê (1) + Cuidadora/Mãe (1) = 0, 1, 2 ou 3

1 + 1 = 0 Narcisismo Primário

1 + 1 = 1 Fusão Simbiótica

1 + 1 = 2 Individuação

1 + 1 = 3 Tridimensionalidade

Esses símbolos mostram mais que a estruturação psíquica de um sujeito; favorecem o entendimento da passagem evolutiva do individualismo infantil para a dimensão coletiva, de um apego narcísico a uma alteridade. Um mais um é a relação Eu/Mundo que pode ter os mais diferentes resultados, dependendo de como houver condução e apresentação do mundo. A tridimensionalidade é ampliação e aceitação do externo, embora oscilamos entre querer e não querer o outro, a condição dessa estrutura depende fundamentalmente de um outro/diferente para efetivar-se. Creio que os sentimentos de hostilidade, agressividade, destrutividade são prerrogativas do humano e não de gênero, e não são suprimíveis, antes podemos percebê-los e administrá-los dependendo de nossas condições internas e externas. A

tridimensionalidade, leio como a tensão fraterna, a vereda por onde o grupo de mulheres parece estar tentando trilhar.

Por muito tempo, a mulher esteve escondida em um discurso patriarcal e dominador, ausente do mundo, pouco falou, pouco escreveu, pouco se expressou. A Psicanálise, apesar do sexismo de sua teoria da feminilidade, proporciona presença ao que está ausente, quando oferece ao sujeito que tenha um discurso, que possa falar, porque enunciando desoculta-se desejos e sinais da cultura, essa mesma teoria que discriminou, hoje serve para que a mulher possa se pronunciar, não permitindo mais o discurso da opressão. O trabalho da Psicanálise hoje é feito em uma teoria dos vínculos, dos afetos, pois sem eles a vida é estéril, vazia e sem graça. Creio que a grande aspiração é por uma convivência cada vez melhor com o outro, apesar da dificuldade em superar a síndrome da igualdade (KEHL, 1998).

Muitas mulheres se colocam ainda, e o Grupo de Mulheres se inclui aí, em posições que não comprometem a estrutura de poder masculina, são mantenedoras da ordem estabelecida. A experiência mostra que mais do que entender a sexualidade feminina, é preciso entender o processo de socialização da mulher, bem como a resistência que todas as pessoas têm à emancipação, no geral, mulheres e homens passam pelo medo catastrófico da mudança. A incapacidade diante das verdades é um problema a ser superado não só pelo gênero feminino, mas por todo ser humano que busca conhecer-se.

A mulher por tudo que enfrentou e ainda tem que enfrentar, pode estar melhor aparelhada para romper com a estufa comunitária, não porque historicamente o papel que lhe coube foi o da assistência social, mas porque teve que dar conta dos antagonismos da diferença,

qualquer que seja o tipo de estrutura, todo sistema social submete seus membros a um tipo especial de aprendizagem, chamado processo de socialização, através do qual os indivíduos introjetam os padrões culturais vigentes e adquirem a habilidade necessária ao desempenho satisfatório dos papéis que a sociedade lhes atribui. Desenvolve-se pois, em todas as sociedades, mecanismos de motivação, capazes de levar a bom termo o processo de socialização, de relevância funcional inconsciente para o sistema de interação social (SAFFIOTI, 1979, p.304).

Na luta por algo mais que os recônditos do lar, a mulher se inscreve na sociedade como alguém que não é melhor, nem pior que o homem, é apenas diferente, e diferença não é vergonha ou humilhação, motivo de discriminação ou de preconceito. O corpo não é nossa única linguagem, destino funesto, a mulher tem um discurso que mesmo atravessado pela ideologia ou pelo inconsciente, encontra um propósito, o propósito de se reconhecer e se fazer reconhecida como alguém que pode contribuir para uma vida melhor. A Psicanálise avançou no tempo tratando de pensar as relações de um jeito que seja, um sonho que se sonha a dois, de uma sexualidade que é partilhada a dois, de um Édipo e de uma Jocasta responsáveis mutuamente por seus destinos, de homens e mulheres que realçam experiências dolorosas, não em função do sexo biológico, mas pela dificuldade em lidar com esses conteúdos, de pessoas que para existirem na cultura, devem ser sujeitos do discurso e não assujeitados pelo sistema dominante ou pelos conteúdos inconscientes (NAPOLITANO, 2002).

2- CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS:

Nessa sessão, apresento as protagonistas por elas mesmas:

- Eu tive uma vida muito boa quando eu era soltera, hoje vivo um inferno na vida de casada. Num gosto de sê mulher, a gente só sofre na mão de filho e marido. Tô no grupo porque é bom pra mim.
- Minha mãe morreu loca de tanto sofrê. Hoje meu pai é bom, eu tenho mias fia qui é meu tesoro, um marido bão qui tem poblema de impotência. Eu num dô moleza pra ele, im casa ele sabe qui é a muié qui manda. Tenho muita fé em Deus. Tô aqui no Veredas porque tem muitas coisa que eu aprendi aqui.
- Eu tinha uma vida ruim de empregada doméstica desde os oito ano, quando conheci meu marido e fui morá cum ele. Nós tinha muito ciúme, brigava até de tapa. Hoje tá melhor. Eu qui preciso melhorá minha nervusia. Sô dona de casa e adoro sabê de tudo sobre anjo e horóscopo. Eu adoro minhas colega do grupo.

- Eu fui estropada por um irmão meu que depois se suicidô. Tinha uma vida horrível, depois eu casei, meu marido era inguinorante, me batia. Depois qui eu vim aqui, tive corage di denunciá ele na delegacia de mulher, ele me ameaça mais num mi bati mais. Só qui ele é muito bravo pras minina, só qui eu num deixo ele incostá a mão nelas. Minha vida hoje é muito melhor que quando eu era soltera.
- Minha vida é boa, mais eu num sei purque ainda eu tenho poblema cum a minha filha. Eu tento, mais é antipatia, ela parece qui mi disafia, tem um nariz mais impinado qui o meu. Meu marido é bom, apesar de pôr alguns defeito qui eu num gosto. A família de onde eu vim é maravilhosa. Eu freqüento a comunidade, porque eu falo coisa qui eu num falo cum ninguém, é muito bom pra mim.
- Antes eu num tinha força pra nada. Quando eu cheguei aqui, eu num gostava de mim. Todo mundo falava que eu era bunita, mas eu num acreditava. Na reunião, eu consegui tê força, mais ainda num sei lidá cum meus filho, num sei dizê não, fico nervosa à toa, choro à toa. Falo pro meu marido no sábado, “cê fica aí em casa qui agora eu vô fazê uma coisa qui eu gosto, eu vô no Veredas”.
- Eu casei grávida cum quinze ano. Sem juízo de tudo. Brigo muito cum meu marido, nós num si respeita. Um dia eu largo dele. Eu quiria trabalhá, graças a Deus eu consegui. Todo mundo mi falava qui quem veio pra cá i queria trabalhá, conseguiu. Eu tamém. Agora eu tô melhorano.
- Meu único poblema é num sabê perdoá, eu tenho uma mágoa qui mi sufoca. Perdi minha mãe na adolescência, fiquei cum meu pai qui logo si casô di novo. Tive meu minino logo quando eu cheguei no grupo, foi muito bom.
- Eu tamém tive minha filhinha aqui no grupo. Eu tinha dificuldade de engravidá, tinha perdido três gravidez. O qui eu mais quiria era ficá grávida di novo e tê um nenê. Eu consegui, sô feliz.
- Cê sabe qui eu falo poco. Eu tô aqui pra cunversá coisa qui marido num sabe compreendê. Eu trabalho de doméstica, num tenho poblema, só qui num converso cum meu marido.

- Nós passamo muita falta das coisa im casa. Eu num posso trabalhá porque eu cuida das criança. Eu choro muito, eu quiria aceitá a nossa condição, mas num aceito. Meu marido gosta de namorá i eu não, mais nós vivemo bem.
- Faiz deiz ano qui eu vivo como irmã cum meu marido, eu num sei até quando eu vô agüentá um homi parasita assim, eu gosto do grupo, aqui eu mi divirto, eu vejo que sô útil. Sô avó de dois netinho e gosto di cunversá.
- Eu custurava sapato im casa, tinha depressão. Eu vim pra cá, arrumei emprego na fábrica, agora é só alegria, de noite na cama, di dia na vida. Eu sei qui sô divertida, só num sei porque qui eu tinha uma época de tristeza, mais já passô.
- Eu tinha vontade de perguntá sobre coisa de mulher, mais num tinha ninguém. Só minha mãe qui num dá liberdade. Vim aqui e vi qui eu ia aprendê, fui ficano e agora eu quero trazê a mãe pra cá.
- Eu tenho muita dificuldade de confiá nas pessoa. Um dia a cumadre mi convidô pra vim no Veredas. Eu vim, tô tentano mi abrí. Meu marido tem depressão, eu num quero cuidá dele, sinto ele estranho. Gosto da minha casa, de ficá fechada lá sem fazê nada e num sê incomodada. Eu sei qui num divia de sê assim.
- Bom, eu num tenho poblema. Comigo tudo é tranqüilo. Na igreja eu tenho o alimento do espírito, aqui no grupo, o alimento da alma. Eu gosto de escutá as amiga, gosto de escutá as reunião da Sira, gosto quando vem alguém visitá e dá palestra. Tudo é bom.

A arqueologia desses discursos para mim são indizíveis, deixo para o leitor a tarefa de notar a beleza e a simplicidade do que está expresso nesses textos. Para mim são mais que a narrativa de histórias, são relações psicossociais.

Para encerrar a reunião do Tema Relações Sociais de Bairro, fizemos uma dinâmica. Orientei para que cada uma construísse uma escultura, uma obra de arte, em gestos e comportamentos que representassem o que sonhavam para o mundo ou gostariam de oferecer ao mundo. Após caras, bocas e risos, restou:

- | | |
|---------------------|---|
| - Justiça | - Mais união |
| - Menos Violência | - Sem safadeza na Política |
| - Mais Respeito | - Amor |
| - Acabar com a Fome | - Mais paz e menos guerra |
| - Segurança | - Mais dinheiro |
| - Amizade | - Que Deus estivesse no coração das pessoas |
| - Solidariedade | - Menos egoísmo |
| - Fraternidade | - Não faltasse emprego. |

Finalizamos com um trecho significativo de “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto:

Severino retirante, deixe agora que lhe diga: eu não sei bem a resposta da pergunta que fazia, se não vale mais saltar fora da ponte da vida; nem conheço essa resposta, se quer mesmo que lhe diga, é difícil responder, só com palavras, a vida, ainda mais quando ela é esta que vê, severina; mas se responder não pude à pergunta que fazia, ela, a vida, a respondeu com sua presença viva. E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica, vê-la brotar como há pouco em nova vida explícita; mesmo quando é assim pequena explosão, como a ocorrida; mesmo quando é explosão de uma vida severina. Severino, retirante, venha a nós se juntar, pois vamos comemorar, mais esta vida que acabou de chegar.

A palavra, símbolo da humanidade, pode conter o sofrimento e o entusiasmo, a vida e a morte, quero ressaltá-la como evento, narrativa e história. A palavra, essa mesma feminina, conta a história de uma alternativa, não a única, mas aquela que como evento, se efetivou no tempo e espaço. No deserto por entre escassez, desespero e agonia, há de ter vida, que mesmo severina francana, é brasileira, feminina vida que tanto respeito e admiração me inspirou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O OUTONO

A estação do outono é a passagem entre o verão e o inverno, que aqui terá o sentido de considerar ainda alguns aspectos a serem abordados como discussões conclusivas. Não se trata do fim, antes um modo diferente de encerrar um trabalho.

“Depois de tudo ainda ser feliz, mas já não há caminhos pra voltar”, muitas questões levantadas durante o trabalho foram sendo concluídas pela própria dinâmica da exposição. Não é que tudo estivesse previsto, as teorias e as técnicas são antigas, nada de novo se inscreveu no universo acadêmico nesses últimos tempos, senão a criatividade no modo como apresentamos a pesquisa. Penso ter percorrido um caminho com o Grupo de Mulheres, de tantas implicações para elas e para mim que a música soa como provérbio, “já não há caminhos pra voltar”, e não há porque fizemos história.

Tive o objetivo primeiro de levar algum alimento produzido pela intelectualidade às mulheres da periferia de Franca, construímos juntas uma linguagem, cujos discursos estão expressos em páginas de análises, e no percurso social; eis que retorna à academia, o conhecimento de um universo original: um Grupo de Mulheres. Só no fim, percebo essa dialética. Como numa saga de partida, realização e retorno, a academia acolhe esse trabalho.

Narrei nossas histórias, revelei como estrategicamente preparei o terreno comunitário, expus minhas dificuldades, meus dilemas e meus erros. Esse trabalho é profundamente emocional. Se articulei algumas teorias ou algum conhecimento, é porque a academia há muito vive em mim, se narrei as operações do grupo, é porque os sentimentos foram essencialmente aquilo que permaneceu delas em mim.

O primeiro obstáculo que as pessoas encontram durante a formação de um grupo é a própria resistência de ser grupo. A reação inúmeras vezes é de ter medo. Medo de encontrar-se com o outro, de senti-lo, confortá-lo, de ser amado ou rejeitado. Medo de refletir sobre a própria situação, uma espécie de imagem especular – narcisismo, a partir de um novo referencial e de ser submetido a questionamentos. O medo do conhecimento é um componente psicológico que paralisa o ser humano

individual e coletivamente. Esse temor pode levar à indiferença ou como dispositivo armado para manipular as pessoas.

Penso que as pessoas para saírem de dentro de si e juntar-se a outros, é necessário que acreditem em algo mais. Acreditem em sonhos, em desejos, em invenções, em realizações. Essa batalha foi empreendida pelo grupo e por mim mesma. Meu status ainda é o de liderança, mas já antevejo a chegada da coadjuvância quando organizam em sua autorização, o lanche na casa de uma delas. Em breve, creio que esse grupo seguirá sua existência sem mim.

Minha tese não possui o caráter demonstrativo, tampouco a prova de um fenômeno psicossocial, ainda que nas entrelinhas possa ser essa a leitura. Procurei refletir a vida das mulheres de um bairro, que na teia de sua intimidade, fiam cotidianamente os laços fraternos. Procurei dialogar, a partir do lugar social em que se encontra o grupo, os discursos comprometidos com o contexto psicocultural.

Os temas foram dispostos de maneira que fossem uma área de ópera, seguindo a linha da origem, interioridade e apoteose, o que foi uma novidade para mim que, fui sendo conduzida pelos enunciados, pelo movimento do grupo, sem que percebesse que a trajetória dramática teve o sentido de um deslocamento espaço-temporal. Início pela gênese da comunidade, sua formação e armadilhas, sigo para o seu interior e me encontro com o que há de precioso dentro dela: o gênero feminino, o individualismo, a solidariedade, incrementos básicos da Tensão Fraterna, e após as cerimônias desse encontro, imagino um projeto de viver a comunidade na profundidade de sua substancialidade com outros semelhantes, a sociedade de bairro, da cidade, do país...

Nessa ordem o compromisso ainda não terminou, como na ópera, os atos se desenrolam no espaço-tempo que não é o da realidade acadêmica, nem aquele que a minha necessidade e desejo perscrutam. O espaço-tempo é aquele do campo dos atores, o *setting* dos artistas, que em seu direito e competência desenrolam as cenas de acordo com suas possibilidades, e não da platéia. O tempo é de cada mulher e do grupo que, em sua permissão, avança e recua, sempre em marcha de suas condições e determinações interiores e exteriores.

O meu mundo é mais pleno depois do espetáculo que o grupo de mulheres ofereceu. Não sou a mesma depois de ter partilhado o lugar social em que se

encontram, talvez porque o exercício de esforço tenha sido sair de minha própria comunidade, dos meus valores, da minha particularidade para uma posição tão desfavorável, do ponto de vista psicossocial, quanto é a do grupo. Deitada em um berço esplêndido, dificilmente conseguiria analisar os discursos na dimensão de quem os produz, com a carga emocional de uma vida severina. Se os bosques têm mais vida, se deve ao fato de que um mundo se descortinou diante de mim com a AD.

No livro de Clarice Lispector, “A Maçã no Escuro”, um homem faminto tenta pegar no escuro uma maçã sem que ela caia, desafio de quem tem apenas uma chance de não perecer, foi assim minha empreitada com a Análise do Discurso. Entrei em um plano estilístico singular, cheio de mistério e de sugestão, faminta por experimentar algo tão diferente para mim. Entender que as palavras são carregadas de contextos, é algo que já sabia, mas que a Lingüística pode nortear a ação de entendimento das relações humanas, foi algo inusitado e muito envolvente, e mais ainda, desveladora do continente feminino nos discursos. Todos os momentos desse trabalho, tive a certeza de que a maçã, não a de Eva, mas da metáfora da nutrição, não tem nada a ver com culpa, mas com uma mentalidade que se programou para acreditar na supremacia masculina, e isso se me apresentou nos discursos.

A Análise do Discurso foi não só um instrumento metodológico, como também uma ferramenta de comunicação que me conduziu a ler nas minúcias a vida das mulheres do Veredas. A dimensão afetiva da comunicação, de domínio do charme, da estética e da sedução, não foram discutidos no texto, mas estão no intertexto do que aprendi dos discursos. Existe nas minúcias do trabalho um apelo aos valores, mobilizando os afetos em profundidade. Sem a inserção da dimensão afetiva, do olhar penetrante nos temas, não é possível encontrar a paixão, a verdade de que as mensagens em forma de enunciados, expressam paixões, sentimentos exacerbados, variados, oriundos da gênese culturalmente construída da mulher.

A comunicação afetiva, relacional, sedutora da mulher, é o espelho do que a história forjou como o avesso da racionalidade masculina. Quero ressaltar que o recurso da sedução e dos afetos não são prerrogativa do gênero feminino, mas das formas da sensibilidade, como diria I. Kant, sendo a sensibilidade algo inerentemente humano. Os afetos, a sedução e os sentimentos contidos nos discursos desse trabalho

não se encontram analisados no texto, porque representam a amplificação de uma constatação ainda a ser discutida: o fato de que o grupo, ao se colocar em evidência, seduz, faz um cortejo de procedimentos que podem manipular, convencer e obter adesão.

Os discursos negociam ideologias e aspectos inconscientes, o que não quer dizer que não haja um direcionamento por parte do sujeito falante, que toma para si uma infinidade de artifícios e posturas que levam a relação ou interação para o campo desejado. O caráter manipulador da palavra e do discurso são armadilhas estratégicas de um modo que se apóia no desejo de agradar, prender ou manipular os sentidos. A técnica de persuasão que implica em alguma medida na obediência, deve estar incluída por todo trabalho. A manipulação não passa de um elemento da pressão social, que está associada a outras exigências da sociedade. Essa pressão, no entanto, pode encontrar resistência, a despeito de seus esforços. O plano que pode trazer proteção em relação à manipulação da palavra, mensagens que distorcem a realidade, longe de ser o fechamento e o isolamento, que seria cair no abismo do individualismo, o que nos fará mais seguros é a consciência de que somos vulneráveis, mas também fortes, seres paradoxais.

Temos de um lado o espaço democrático, construído por um Grupo de Mulheres, possibilidade de poder falar, se pronunciar, dar vazão a uma vida sem oportunidade, ao mesmo tempo em que de posse da palavra, temos que contar com o risco de que os enunciados e os discursos por trás deles, sejam artefatos construídos, bem norteados, para ofuscar a verdade. No caso do meu trabalho, os temas foram sendo delineados, alguns por projetos, outros improvisados, mas todos oferecidos como parâmetros; os enunciados foram direcionados para um fim, mesmo sem uma intencionalidade objetiva, tudo que foi dito tinha o propósito de servir como referencial para análise.

Faltou até aqui, trabalhar com o grupo o aspecto dúbio da palavra, a manipulação e a sedução tão inerentes em uma comunidade fraterna. O recorte deve ser operado no âmbito da fraternidade, no que discuto como tensão, conjunto de valores que se antagonizam, a fim de conquistar conhecimento e convívio, aceitação da condição humana. O chefe da horda primitiva, em seu poder patriarcal, foi

sobremaneira manipulador, fazendo dos filhos, espectadores passivos de sua sedução e aprisionamento. O chefe, na garantia de proteção, promovia adesão e convencimento. Como emitir e receber mensagens é da ordem do humano, foi a consciência coletiva que os libertou do mando tirânico, mesmo que a sociedade tenha sido fundada com base em um crime, o autoritarismo e a tirania devem ser extintos, devemos matar em nós essa característica. O crime da horda é simbólico, tanto mais a maneira como direcionamos aspectos indesejáveis de nosso modo de ser. Desde então somos dotados da capacidade de interpretar a voz do sistema e alterá-lo.

O sistema capitalista, com sua capacidade de adesão, se tornou hegemônico no mundo, empurrou homens e mulheres para o mercado de trabalho, para o consumo, para a política de economia, alterando as relações em vários níveis. A família, até bem pouco tempo, continha papéis bem delimitados para seus membros. Hoje, com a revolução da cultura, homens e mulheres vêm modificadas as funções no lar e na sociedade. Muitas conquistas femininas foram feitas, outras tantas ainda teimam em estrangular o crescimento da mulher. O pai já não é mantenedor, a mulher já não é só mãe, os filhos já não podem ser só filhos, têm que ser irmãos, e de longe, esse é o ganho que a família conquistou em face de suas novas configurações. Os filhos num ato de união, em seu profundo sentimento de desamparo, têm que intensificar as ligações fraternas, única saída, resistência à organização manipuladora do sistema.

Acredito que a discussão simbólica, a terceira via por onde circulam a realidade e a fantasia, o real e o imaginário, abre um precedente de que se o Pai/Estado real fracassou, se a mãe já não oferece a companhia no lar, não é o fim da sociedade; o sistema simbólico pode ser acionado para que os filhos, em sua irmandade, instalem a ordem, e se dê continuidade à aventura humana na sociedade. Essa nova maneira de encarar os papéis e funções sociais na família, já tem trazido benefícios, novas leis de adoção, novos ritmos da maternagem e paternagem estão em curso. Não sou adepta de que por si só, as fraternidades dentro e fora da família serão desenvolvidas. Penso que pessoas não nascem feito abóboras, de qualquer jeito, em qualquer campo. As políticas públicas não são descartáveis em minha particular forma de trabalhar a fraternidade. Meu trabalho é uma alternativa, nem a melhor e nem pior, tampouco substitui uma

política de educação, de responsabilidade, de projetos administrativos, necessários ao andamento de uma sociedade justa.

Privilegiei a mulher por identidade e sensibilidade, mas penso que as comunidades solidárias são conquistas do ser humano, e que devem ter o enfoque por parte das políticas no universo infantil, do homem ou do idoso. A mulher do meu trabalho comunitário é alguém que expressa, que clama por um espaço para se fazer ouvir, não só porque culturalmente foi tida como sentimental, mas por necessidade de romper com algumas barreiras impostas por elas e pelo sistema. Outras pessoas na sociedade talvez tenham as mesmas necessidades, o mundo tem gritado por socorro, nosso município possui muitas frentes de trabalho social ainda por abrir.

O trabalho comunitário produziu em três anos uma considerável modificação na vida do Grupo de Mulheres. Não gostaria de discutir resultados como se fossem aportes científicos, mensuráveis ou categorizáveis como critério do que seja ciência ou não. Minha tese não teve como projeto discutir a epistemologia, mas o campo do conhecimento por onde transitam as relações humanas, repletas de sentido histórico, social e psicológico.

Assim, apontar as dimensões do que foi adquirido pelo grupo no processo e dinâmica do trabalho, tem aqui o propósito de expressar o valor da fraternidade e da intensificação das alianças entre nós e o conhecimento, valor que foi construído na teia dos sabores e dissabores da vida comunitária.

Não tenho a pretensão de que qualquer modificação que tenha ocorrido na vida das mulheres do grupo ou de cada uma em particular tenha sido fertilizada só por meio do convívio comunitário; mas tenho a convicção de que o nosso esforço em conjunto foi de grande impulso para algumas ações, que no futuro certamente produzirão mais e mais benefícios, colaborando para o crescimento e consciência de gênero:

- O fantasma do analfabetismo e semi-analfabetismo foi enfrentado por duas mulheres, uma que voltou para a escola e outra que se dispôs a freqüentá-la pela primeira vez. Quando trouxeram a notícia, a alegria foi geral e contagiante.

- Uma delas sofria constantemente de violência doméstica; durante o segundo ano do trabalho, denunciou o companheiro à delegacia da mulher. Muitas ameaças foram feitas, muito constrangimento foi atravessado por essa mulher, que resolutamente conseguiu se livrar dos maus tratos por meio da coragem de se expor e denunciar a violência que sofria. O grupo a ajudou muito, as companheiras lhe deram muita força e incentivo, que apesar do medo, preparou o solo para uma vida diferente com o marido e também para as outras companheiras que puderam pensar melhor as suas relações de gênero.
- Outra conquista veio no campo da política partidária. Por sua participação e reivindicação no bairro, junto ao centro comunitário, veio o convite, a uma integrante do grupo, para se filiar a um partido como proposta de maior participação e engajamento nas questões sociais do seu bairro. O grupo já havia manifestado que essa companheira seria uma boa candidata em eleições futuras por sua força e consciência.
- Algumas das parceiras eram, a princípio, muito retraídas, tinham muita dificuldade de se abrir, contar os problemas ou mesmo participar do grupo com suas contribuições. A pesquisa revelou por meio dos enunciados que devagar a barreira do silêncio foi sendo quebrada para dar lugar a uma voz participante e atenta ao trabalho.
- No aspecto físico, as modificações foram muito aparentes; no início das reuniões, haviam mulheres despenteadas, sujas e desleixadas nas roupas. Pouco a pouco, perceberam que hábitos de higiene e auto-cuidado são fundamentais para a conquista da auto-estima e qualidade de vida. Hoje, elas vão às reuniões com as mesmas roupas simples de outrora, mas limpas e apresentáveis.
- A biblioteca do Veredas passou a ser mais freqüentada. Elas buscam mais livros para os filhos e para si mesmas. Geralmente pedem livros e informações freqüentes sobre sexo. Penso que a causa desse interesse é o recorrente problema da falta de apetite sexual apontado durante a investigação, o que precisa ainda, de minha parte, uma atenção maior.

- A relação de respeito e admiração com o conhecimento foi algo que foi acontecendo sensivelmente. Ao contrário do que poderia parecer, que haveria um peso pela densidade dos assuntos abordados, as reuniões foram transcorrendo num clima de alegria e interesse. Penso que isso é significativo, uma vez que, apesar de haver uma demanda própria do grupo, eu propus reuniões dirigidas ao objeto da pesquisa, o que poderia ter sido rejeitado, porém o grupo já estava fortalecido minimamente nos vínculos, o que possibilitou que o trabalho fosse feito.
- Houve também quem conseguisse emprego e trabalho após a participação no grupo. Algumas pessoas tinham interesse em conseguir um emprego e não sabiam como, ou estavam acomodadas no lar. O desejo pôde ser expresso e enfrentado, favorecendo que duas mulheres fossem para a indústria de calçados, uma foi fazer bolo e salgado para vender, outra passou a fazer faxina em casa de família e, ainda outra, a fazer tricô e bijuterias para comercializar.
- Os maus tratos com os filhos e com os parceiros eram queixas constantes. A falta de paciência, a intolerância tiveram protagonismo durante esses anos de convívio, inclusive nos enunciados da pesquisa. É comum hoje falarem da consciência de não espancar os filhos, de tratar melhor o marido, mas também não permitir serem de tratadas por ninguém.
- Percebo que agora nomeiam melhor as emoções que se opõem como amor/ódio, inveja/admiração, ciúme/cuidado. Não que esses sentimentos não causem estragos; ainda são experimentados com culpa ou como algo destrutivo. Nomear é reconhecer, e isso é um grande passo para apaziguar os pensamentos confusos. Discorremos muito que reconhecer as emoções não precisa nos afastar um do outro, antes pode servir de aproximação, saber que partilhamos todas desses sentimentos.
- O companheirismo, a permuta, a solidariedade, a preocupação uma com a outra, as visitas entre elas, o café oferecido em diferentes residências são marcas preponderantes desse grupo, que se agregou através da

comunidade e se prolongou para além dela. Algumas mulheres que freqüentam o grupo formaram uma rede de comunicação e intercâmbio que alterou a rotina privada de cada uma. É verdade que nem todas elas freqüentam a vizinhança ou participam do cafezinho ou do piquenique, só que mesmo as que ainda não aderiram a essa prática, já manifestaram admiração por essa conquista.

Creio que há saltos qualitativos por alcançar. O grupo precisa se organizar em torno das precariedades do bairro e conseguir, por exemplo, uma farmácia ou uma escola que atenda de alguma forma a população de crianças do bairro. É preciso discutir muito a pobreza, a periferia como perspectiva de uma libertação das precárias condições de gênero. É urgente avançar a reflexão sobre sexualidade e relações de gênero como chave que abre a porta de uma apropriação da libido. Não foi possível despreconceitar os eternos chavões masculinos que o tempo vai mostrar como dispensáveis.

Escutá-las usando a palavra, mesmo que seja uma fala produzida pela ideologia do sistema, inscreve-as em uma outra ordem que não aquela de homens escrevendo a história da mulher. O gênero feminino tem algo a dizer de si e por si. O Grupo de Mulheres faz exatamente isso, nosso maior instrumento é falar e, falar de uma mulher para outra mulher. Diferente do Gineceu, a palavra pronunciada à outra mulher procura a consciência de que pertence a um gênero que carece de melhores condições de vida.

Outro ponto lembrado no outono desse trabalho é o desaparecimento da retórica dos currículos escolares. Nossa cultura não tem mais a habilidade de Analisar Discursos, arte de aprender a ler e a falar, argumentar e favorecer a comunicação, digo, não a oratória, arte de falar com belas palavras, sedução dos políticos e de muitos advogados, mas da leitura detalhada nas entrelinhas de um texto, oral, imagético ou escrito. A degradação dessa disciplina alienou ainda mais o sujeito, impedindo que tivesse a consciência do seu discurso. As mulheres do grupo serão comunicadas do teor da tese, suas palavras o vento não vai carregar, foram aproveitadas como trabalho acadêmico, e como projeto educativo. A educação brasileira da língua só trabalha

gramática e interpretação de textos, talvez fosse o momento de se buscar a AD como disciplina das academias, num processo de tomada de consciência engendrada pela educação.

- **A Mulher e a Fraternidade:**

Trato agora do assunto pontual de minha tese, motivo de muitas conversas, de muita reflexão, e de muita polêmica. Discutir a mulher e a fraternidade é discutir um discurso histórico recorrente e tão repetitivo, que impregnou o imaginário popular, serviu para piadas, para preconceitos, sexismo e depreciação. Ouso dar um outro sentido a esse discurso, a fim de favorecer não só o feminino, tanto mais aos interesses políticos e sociais da educação.

Um insistente pensamento atravessou séculos, a mulher é um ser de falta, a natureza lhe roubou algo tão precioso que a sociedade a inferiorizou por isso. Aristóteles rotulou a mulher de macho mutilado, Tomás de Aquino, como a portadora do pecado, cuja virtude deveria ser desenvolvida pelo confinamento ao lar, Freud, como a invejosa do pênis. É muito simples resolver os desatinos da cultura dominante com a explicação tão pouco convincente de que essas idéias têm como referência um contexto histórico-social. Não se trata de apontar o absurdo, nem foram esses os inúmeros avatares de desqualificação da mulher que o ocidente conheceu. O oriente ainda hoje cobre de negro o corpo de suas mulheres, quando não as emasculam o clitóris.

Refletir a fraternidade e a mulher implica em progredir a idéia da maternagem, da mulher como cuidadora, responsável pelos afetos e carinhos, alteridade absoluta que a natureza e a cultura também lhe impuseram, para uma produção de discurso sobre a falta. Quando os filhos da horda tornaram-se irmãos, houve união e motim, antes a consciência de que lhes faltava algo, o que lhes faltava era autonomia, privilégios, respeito, direito a crescer. Os laços fraternos são edificados por consciência da falta, qualquer interação pressupõe reconhecimento de que existe algo que não se tem.

A auto-suficiência e o individualismo puros são anti-fraternos, não negociam com a coletividade, se tornam núcleos retro-alimentadores. Se a admissão da falta é a condição para uma projeção externa, um encaminhamento ao social, a mulher é forte candidata. É verdade que a falta que lhe foi atribuída, foi a de não ter intelecto, nem vigor físico, não ter manejo político, não ter poder, não ter voz ativa, não ter. A mulher não tem, hoje sobretudo, como escapar a ser sujeito do discurso, aquele mesmo que foi usado para dominar e manipular, serve como programa social de um gênero que desamarra as categorias de transmissão ideológica para ser promotora da fraternidade.

É inegável que há uma crise social de autoridade, que a lei, princípio masculino, no interior das organizações, como na família, no Estado, na política, está caótica. O pai e a mãe, masculino e feminino tiveram que sair das posições tradicionais, é tempo de semear a fraternidade, aquela tensão que conduzida pela alteridade e pela solidariedade fortalece vínculos para dar novas soluções sociais e emocionais, é tempo da mulher, não a esposa do marido ou a mãe dos filhos, o gênero feminino que torna o que lhe falta o espelho do que agrega. Nesse sentido, no lar e na sociedade somos todos irmãos, alinhados em sobreviver à crise.

A partir do manejo da castração, um mundo se abre de possibilidades, uma infinidade de conquistas estão por vir, não mais como sombra da mãe, nem como carona do pai, nem como reserva do homem ou sua antagonista/parceira. Superar a castração aqui tem o sentido da adoção da falta como recurso para o encontro, nada mal para quem esteve tão ocupada com a vida privada. As mulheres, estrelas do Veredas e desse trabalho, certamente assumiram sua falta quando formaram comunidade, como na música de Chico Buarque, “O que será que me dá... e que me aperta o peito e me faz confessar, o que não tem mais jeito de dissimular...”, não dá pra disfarçar que as tensas ligações são o trampolim para a fraternidade.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ADORNO, T. W. *Minima Moralia*. São Paulo: Ática, 1992.
- _____; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Xérox. Rio de Janeiro, 2002.
- ALCÂNTARA, Machado, ANTÔNIO, C. D'Oliveira. *Contos – Laranja da China (1928)*. São Paulo: Abril, 1989.
- ALVES, Branca M. *Ideologia e Feminismo, a luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- AMARAL, Mônica do. *O Espectro de Narciso na Modernidade – de Freud a Adorno*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Edipro, 2002.
- _____. *Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- ARRUDA, A. (org.). *Representando a Alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ASSOUN, P. J. *Freud e a Mulher*. Rio de Janeiro: Zaher, 1997.
- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma Psicanálise do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARDWICK, Judith M. *Mulher, Sociedade, Transição*. São Paulo: Difel, 1981.
- BAUMAN, Z. *Comunidade – A Busca por Segurança no Mundo Atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo (1949)*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

- BERGSON, H. *O Riso – Ensaio sobre a Significação da Comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BIÓN, W. *Experiências com Grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- BOSI, E. *Lembranças de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- BRETON, P. *A Manipulação da Palavra*. São Paulo: Loyola, 1999.
- CAMPBELL, J. *Mitos, Sonhos e Religião*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- CAMPOS, R. H. de Freitas (org.). *Psicologia Social Comunitária: da Solidariedade à Autonomia*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CANFIELD, J., HANSEN, Mark V., MCNAMARA, H. *Histórias para aquecer o coração*. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- CARDOSO, Ireda A. *Mulher e Trabalho: Discriminações e Barreiras no Mercado de Trabalho*. São Paulo: Cortez, 1980.
- CARONE, I. Apresentação in *O Espectro de Narciso na Modernidade – de Freud a Adorno* (Mônica do Amaral). São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- CARTWRIGHT, Z. *Dinâmica de Grupo*. São Paulo: Herder, 1967.
- CASTILHO PEREIRA, W. C. *Nas trilhas do trabalho comunitário e social: teoria, método e prática*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CHAUÍ, M. *Introdução à História da Filosofia – dos Pré-Socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *Repressão Sexual – Essa nossa des(conhecida)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHINALI, Israild G. *De volta ao lar? Trabalho Feminino e Globalização – Tese de Doutorado em Serviço Social*. São Paulo: PUC, 1997.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1998.
- COSTA, Jurandir F. *Sem fraude, nem favor. Estudos sobre o Amor Romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- _____. *Razões Públicas, Emoções Privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

- DANTAS, Dulce Q. C. *Identificação e Identidade numa Perspectiva Psicanalítica*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1974.
- DOR, J. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- DUMONT, L. Homo Hierarchicus: O Sistema de Castas e suas Implicações (1973). In *A Corrosão do Caráter*. 2005.
- DURKHEIN, E. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1984.
- DUSSEL, E. *Para uma Ética de Libertação Latino-Americana*. São Paulo: Loyola, 1977.
- DUVEEN, G. A Construção da Alteridade. In *Representando a Alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ENRIQUEZ, E. *Da Horda ao Estado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- ENRIQUEZ, E. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- EPICURO DE SAMOS. *Doutrinas*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- FÁBULAS DE ESOPHO. São Paulo: Loyola, 1991.
- FORBES, J. *Você quer o que deseja?* São Paulo: Best Seller, 2004.
- FORRESTER, V. *O Horror Econômico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade II – O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FREITAS CAMPOS, Regina H. de (org.). *Psicologia Social Comunitária – da Solidariedade à Autonomia*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos* (1900). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *A Psicopatologia da vida cotidiana* (1922). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *Introdução ao Narcisismo* (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *O Mal-Estar na Civilização* (1930). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente* (1930). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921). v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914) – Artigos sobre Técnica. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Totem e Tabu*. (1912/1913). Rio de Janeiro: Imago, v.XIII, 1976.

GAY, P. *A Paixão Terna – A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud*. v. II. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1992.

GOETHE, W. F. *Fausto*. São Paulo: Abril, 1985.

GÓIS, C. W. de Lima. *Noções de Psicologia Comunitária*. Fortaleza: Viver, 2000.

GÓIS, C. W. de Lima. *Psicologia Comunitária, Atividade e Consciência*. Fortaleza: Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.

GUARESCHI, P A. Alteridade e Relação: Uma Perspectiva Crítica. In *Representando a Alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Relações Comunitárias – Relações de Dominação. In *Psicologia Social Comunitária, da Solidariedade à Autonomia*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GUIMARÃES ROSA, J. *Grande Sertão Veredas*. São Paulo: Loyola, 1985.

HAMILTON, W. Teologia da Morte de Deus. In *Mitos, Sonhos e Religião – Nas Artes, Filosofia e na Vida Contemporânea*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HELLER, A. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOUAISS. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IAMAMOTO, Marilda V. *Trabalho e Indivíduo Social*. São Paulo: Cortez, 2001.

IANNI, O. *A Era do Globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

JAKOBSON, R. (org.). *Língua, Discurso, Sociedade*. São Paulo: Global, 1983.

- JODELET, D. A Alteridade como Produto e Processo Psicossocial. In *Representando a Alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JOFFE, H. Degradação, desejo e “o outro”. In *Representando a Alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JOVCHELOVICH, S. Re(des)cobrimdo o Outro – Para um entendimento da Alteridade na Teoria das Representações Sociais. In *Representando a Alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JÚNIOR, Hilário F. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- KEHL, M. Rita. (org.). *Função Fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- KEHL, M. Rita. *Deslocamentos do Feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- KIRBY, A. *150 Jogos de Treinamento*. São Paulo: T & D, 1995.
- LANE, S. T. Maurer. Histórico e Fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil. In *Psicologia Social Comunitária, da Solidariedade à Autonomia*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LAPASSADE, G. *Grupos, Organizações e Instituições*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- LEVINÁS, E. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- _____. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- LISPECTOR, C. *A Maçã no Escuro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- LOFFE, H. Degradação, Desejo e “O Outro” in *Representando a Alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.
- MARCUSE, H. *Eros e Civilização*. (1955). São Paulo: Martins Fontes, 1990.

- MEIRELES, C. *Poesias Completas*. O Discurso. São Paulo: Abril, 1990.
- _____. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- MILLS, Theodore M. *Sociologia dos Pequenos Grupos*. São Paulo: Pioneira, 1970.
- MINAYO, M. C. de Souza. *O Desafio do Conhecimento, Pesquisa Qualitativa*. Rio de Janeiro: Hucitec, 1996.
- MINI HOUAISS – Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.
- MORANT, N.; ROSE, D. Loucura, Multiplicidade e Alteridade. In *Representando a Alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MURARO, R. M. *A Mulher no Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.
- _____. Breve introdução histórica in *O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- _____; BOFF, L. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. Cristina. (orgs.). *Introdução à Lingüística II – Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *Introdução à Lingüística III – Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2005.
- NAPOLITANO, S. *Gênero, Educação e Preconceito: Uma pesquisa no curso do Serviço Social através da abordagem Psicossocial*. Dissertação de Mestrado – UNESP – Franca/SP, 2002.
- NETO, João C. de Melo. *Morte e Vida Severina*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1985.
- NIETZSCHE, F. Wilhelm. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Hemus, 1981.
- NISBET, R. *Os Filósofos Sociais: Pensamento Político*. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.
- O Caso do Espelho. Disponibilizado em Xérox. Autor Desconhecido.
- OSHO. *O livro da transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

- OUTEIRAL, J. O.; GRAÑA, R. B. D. W. Winnicott. *Estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.
- PESSOA, F. *Poesias*. Porto Alegre: Le PM Pocket, 1996.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Abril, 1995.
- POSSENTI, S. *Os Humores da Língua – Análise Lingüística de Piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- PRETI, D. *Sócio-Lingüística, os níveis da fala*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.
- QUINTANA, M. *Poesias Completas*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia – Theodor W. Adorno (1903-1969)*. São Paulo: Paulus, 1991.
- _____. *História da Filosofia – Émile Durkheim*. São Paulo: Paulus, 1991.
- _____. *História da Filosofia – Max Weber*. São Paulo: Paulus, 1991.
- REY, G. *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira, 2002.
- RIBEIRO, Branca T. e GARCEZ, Pedro M. (orgs.). *Sócio-Lingüística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- RICOEUR, P. *Teoria da Interpretação*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1976.
- ROBERTS, J. M. *História do Mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- ROCHA, I.; RODRIGUES, P.; MARTINEZ, M. A. *Antologia Poética – Centro Permanente de Cultura*. Franca: UNESP, 1998.
- ROUDINESCO, E. *O Paciente, o Terapeuta e o Estado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

SARAMAGO, J. *O Canto da Ilha Desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAUTET, M. *Um Café para Sócrates*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

SAWAIA, Bader B. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In *Psicologia Social Comunitária – da Solidariedade à Autonomia*. Petrópolis: Vozes, 2003.

SENNETT, R. *A Corrosão do Caráter – Conseqüências Pessoais do Trabalho no Novo Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SOARES, Ana Cristina N. *Mulheres, Chefes de Família: Narrativa e Percurso Ideológico*. Tese de Doutorado em Psicologia. Ribeirão Preto: USP, 2002.

TURATO, E. Ribeiro. *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2003.

VERNANT, J. Pierre. *Indivíduo e Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VYGOTSKY, Lev S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WEBER, M. *Economía y Sociedad* (1917). México: Fondo de Cultura Económico, 1964.

WINNICOTT, Donald W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WITTEMBERG, I. Salzberger. *Psicanálise e Serviço Social: Uma Abordagem Kleiniana*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

ZIMMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. (org.). *Como trabalhamos com Grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ZIMMERMANN, R. *América Latina: o não ser*. Petrópolis: Vozes, 1986.

www.ibge.gov – Pesquisa sobre Gênero – Estatísticas de Trabalho e População Economicamente Ativa.

www.ipea.gov – Índices sobre Economia e Gênero.

www.zikaden.de/ungedruckt/Simon%20Martini.